



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PAULO JOSÉ ASSUMPÇÃO DOS SANTOS**

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?  
Uma experiência curricular no Ensino de História em escola inclusiva

RIO DE JANEIRO

2023

Paulo José Assumpção dos Santos

## ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

Uma experiência curricular no Ensino de História em escola inclusiva

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celeste Azulay Kelman

RIO DE JANEIRO  
2023

### CIP - Catalogação na Publicação

S237o Santos, Paulo José Assumpção dos  
Onde estão os surdos na História? Uma experiência curricular no Ensino de História em escola inclusiva / Paulo José Assumpção dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2023.  
273 f.

Orientador: Celeste Azulay Kelman.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, 2023.

1. Inclusão. 2. Surdos. 3. História. 4. Ensino de História. I. Kelman, Celeste Azulay, orient. II. Título.



**PPGE/UFRJ**  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

## **ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE TESE DOUTOR EM EDUCAÇÃO**

Aos 13 dias do mês de fevereiro de 2023, às 14:00 h, com base na Resolução CEPG nº 01/2020, reuniu-se em sessão remota e que foi gravada a Banca Examinadora da Tese intitulada: **Onde estão os surdos na História? Uma experiência curricular no Ensino de História em escola inclusiva** de autoria do doutorando **Paulo José Assumpção dos Santos** (participação por videoconferência), turma 2019 do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Banca Examinadora, constituída pelo(a) Professor(a) Profa. Dra. Celeste Azulay Kelman (UFRJ), Profa. Dra. Ana Ivenicki (UFRJ), Profa. Dra. Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (UFRJ), Prof.Dr. Gustavo Pinto de Sousa (INES) e Profa. Dra. Márcia Denise Pletsch (UFRJ), todos por videoconferência, considerou o trabalho:

Aprovado(a)

Aprovado(a) com recomendações de reformulação

Reprovado(a)

A Banca Examinadora considera ainda que a tese leva em conta o rigor teórico-metodológico, a relevância da temática, a qualidade da empiria e da escrita. Assim sendo, sugere a submissão do estudo na forma de artigos em periódicos científicos, capítulos de livros e apresentação em congressos das áreas de conhecimento envolvidas.

Eu, Celeste Azulay Kelman, Presidente da Banca, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada, representando todos os membros da Banca Examinadora.

ASSINATURA DO PRESIDENTE:

*Celeste A. Kelman*

Aos que fazem a inclusão ser um sonho possível.

Em memória de minha aluna surda Patrícia do Amaral da Silva (2004-2022).

## AGRADECIMENTOS

Há quem diga que escrever uma tese é empreitada solitária. Discordo. Mesmo nas muitas horas (e põe muitas nisso!) que passei diante do *notebook* concebendo esse trabalho, nunca estive só. Na escrita, dialoguei com dezenas de autoras e autores, ainda que estivessem distantes de mim no espaço e no tempo. A esses, a ética e as normas exigem que sejam devidamente referenciados. Mas há outros, igualmente importantes, cujos nomes não aparecerão em citações. São professores, familiares, amigos, instituições, que se constituíram em rede ao meu redor, por meio da qual encontrei as condições necessárias, a força e a inspiração para que esta tese pudesse ser desenvolvida. A esses, seguem os meus agradecimentos.

À Celeste Azulay Kelman, grande dama da educação de surdos, que disse “sim” ao que era apenas uma vaga ideia e ora se materializa nesta tese. Pela preciosa orientação, pelo aprendizado, pela parceria, pelas portas acadêmicas abertas e, em especial, por me ajudar a crer em meu potencial.

A José Edval e Neide, amados pais, que sonharam em me ver “doutor”. Por não medirem esforços para que eu pudesse ter a melhor formação possível, graças à qual consegui ir muito além de onde eles mesmos conseguiram.

À Luciane, *esposamiga*, que tanto me encoraja a seguir adiante. Por ter me tirado da zona de conforto e ser corresponsável pela realização de sonhos os quais eu já tinha como impossíveis: casamento, filho, mestrado, doutorado.

Ao João Paulo, que não está no Lattes, mas é minha melhor produção. Por ser o meu ânimo em meio às angústias deste trabalho e dos últimos anos. Com o pedido de desculpas pelo tempo que lhe foi subtraído.

Aos demais familiares e amigos, pelo apoio e incentivo.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que segue resistindo em um contexto de tantas adversidades. Pela formação de excelência e pela energia positiva que sentia emanar da “balbúrdia” do campus da Praia Vermelha.

Às professoras Ana Ivenicki, Ana Maria Monteiro, Marcia Pletsch, Solange Rocha e ao professor Gustavo de Sousa, que integraram as bancas do exame de projeto, da qualificação e da defesa da tese. Pelas preciosas contribuições ao desenvolvimento desta pesquisa.

Às professoras e professores Ana Ivenicki, Libania Xavier, Maria Vitoria Maia, Rodrigo Rosistolato e Thiago Ranniry, com quem tanto pude trocar e aprender, remota ou presencialmente, nas disciplinas do Doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), pela oportunidade, e à sua secretaria, pela diligência. Em especial, à Solange Rosa, sempre solícita no atendimento de nossas demandas.

Aos colegas doutorandos, por dividirmos conhecimento e nos confortarmos nas angústias. Foi uma honra ter estudado com Monica Astuto, que fará história como primeira doutora surda formada pelo PPGE.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez (GEPeSS), o qual integro e que tanto tem contribuído para o meu crescimento acadêmico. Gratidão a cada um de seus membros e, em particular, às queridas Thabata Oliveira, Aline Lage e Mariana Castro, por colaborações mais diretas a esta pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, colegas e alunos. Por terem abraçado a proposta e a ela devotado tempo e energia. A colaboração de vocês não se restringe às páginas que se seguirão. Juntos fortalecemos os alicerces da inclusão.

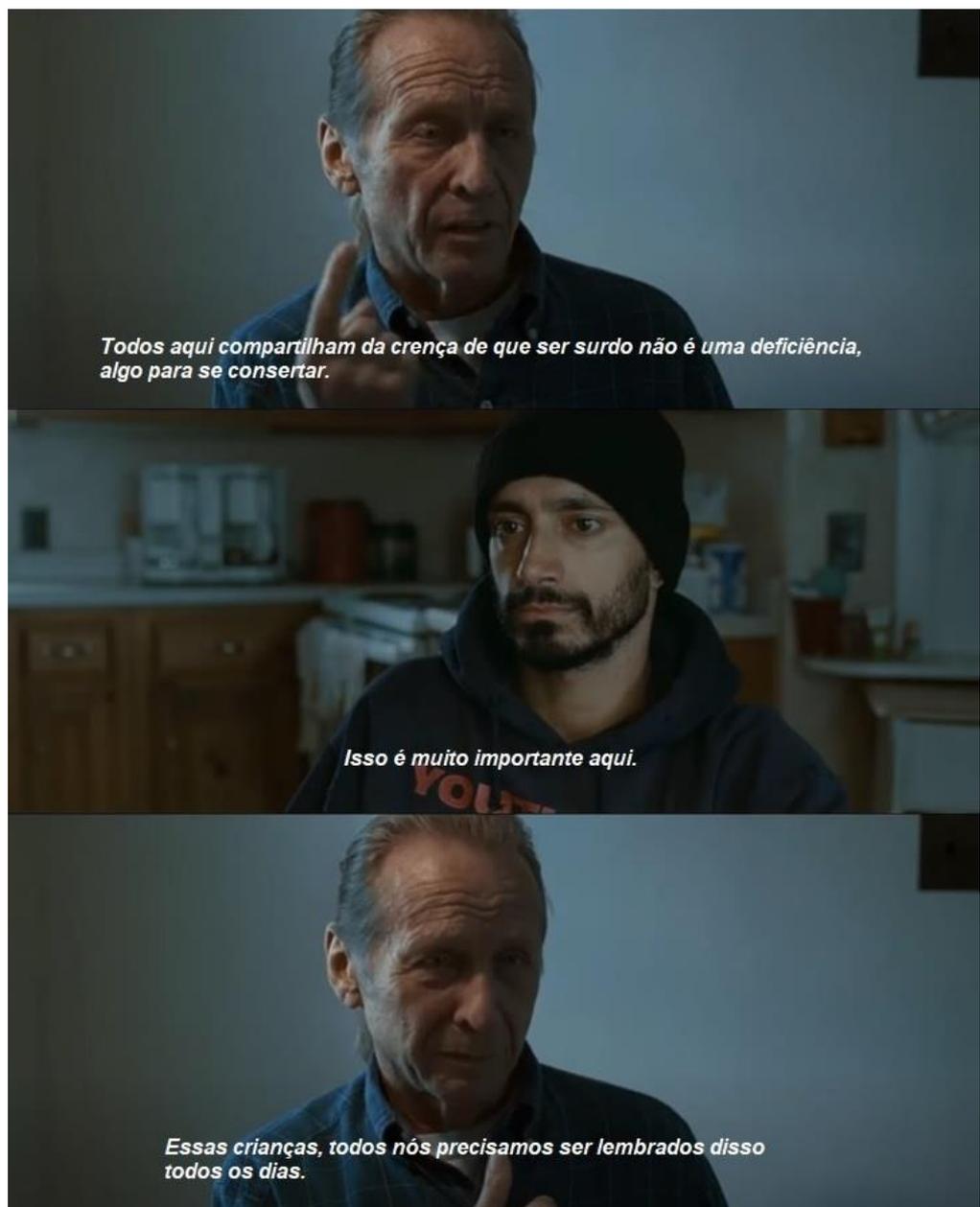
À Escola Municipal Santa Luzia, modelo de escola pública – democrática, coletiva, que se movimenta e preza a diversidade. À sua equipe diretiva, pelo apoio à pesquisa. A todos os seus profissionais e alunos, pelo estímulo e inspiração.

À Adriana Avelar, Marilene Alves e Renata Roseo, por intermediarem junto à prefeitura de Duque de Caxias a liberação de minha Licença Especial, sem a qual não seria possível atender qualitativamente às muitas demandas desta pesquisa.

À Patricia Liberato, exemplo de garra e superação, que gentilmente me presenteou com a interpretação em Libras do resumo desta tese. À Stela Correia e a todos os colegas TILSPs, que tanto me apoiam e ensinam sobre os surdos.

Por fim, a todos os meus alunos e ex-alunos surdos, a quem devoto meu trabalho e minha pesquisa. Se hoje sou um profissional mais qualificado e sensível às diferenças, devo muito a vocês.





Sequência do filme *O Som do Silêncio* (*Sound of Metal*)

## RESUMO

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. **Onde estão os surdos na História?** Uma experiência curricular no Ensino de História em escola inclusiva. Rio de Janeiro, 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O silêncio sobre os personagens e as ações dos surdos no currículo da disciplina História contribui para perpetuar na memória dos educandos uma percepção equivocada de irrelevância ou mesmo invisibilidade desses sujeitos na história das sociedades. Essa tese tem como objetivo geral realizar e analisar uma experiência curricular em escola pública com alunos surdos incluídos na qual são introduzidos elementos da história dos surdos, buscando-se identificar seu potencial para o incremento de práticas pedagógicas inclusivas, bem como para a promoção da representatividade e da alteridade em relação aos sujeitos surdos. São objetivos específicos: desenvolver, em conjunto com professores de História e outros profissionais que atuam na educação de surdos, ações pedagógicas destinadas ao ensino da história dos surdos, verificando os desafios decorrentes desse processo; identificar de que maneira a abordagem da história dos surdos pode tornar a disciplina História mais significativa para alunos surdos e contribuir para que esses educandos se percebam como sujeitos históricos; analisar como a abordagem de conteúdos relacionados à história dos surdos também afeta as concepções que estudantes ouvintes têm a respeito dos sujeitos surdos. Buscando responder à indagação contida no título, é apresentado um panorama da história dos surdos, no qual destaca-se o protagonismo desses sujeitos nos fatos e processos históricos a eles relacionados. A síntese foi construída a partir de pesquisa bibliográfica e procura respeitar a perspectiva dos próprios surdos. A invisibilidade dos surdos no currículo de História também é discutida, tendo por base referências a esses sujeitos contidas (ou não contidas) em documentos que norteiam o trabalho dos docentes dessa disciplina (BNCC, livros didáticos). Por outro lado, procura-se identificar de que maneira esse cenário vem sendo modificado a partir de pesquisas realizadas no Ensino de História para surdos em âmbito acadêmico. Alinhado a esses estudos, esta tese entende os surdos a partir da visão socioantropológica, campo epistemológico no qual a surdez é concebida como diferença linguística, implicando no reconhecimento das identidades e da interculturalidade surda. Estabelecidas as bases teóricas, o trabalho volta-se para a pesquisa de campo. A metodologia empregada é a pesquisa-ação, que envolveu um diálogo direto e indireto entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados – professores de História, profissionais da educação de surdos, alunos surdos e ouvintes –, levando à construção de conteúdos, recursos e estratégias didáticas os quais visaram introduzir a história dos surdos a estudantes e à comunidade escolar do lócus da pesquisa. Conclui-se que o ensino da história dos surdos tem potencial para mobilizar a reflexão docente sobre práticas educacionais inclusivas, a construção de uma consciência histórica pelos alunos surdos e o reconhecimento de seu protagonismo histórico-social por seus colegas ouvintes.

**Palavras-chave:** inclusão; surdos; História; ensino de História.

## ABSTRACT

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. **Where are the deaf in history?** A curricular experience in History Teaching in an inclusive school. Rio de Janeiro, 2023. Thesis (PhD in Education) - School of Education, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The silence about the characters and actions of the deaf in the History curriculum contributes to perpetuate in the students' memory a mistaken perception of irrelevance or even invisibility of these subjects in the history of societies. This thesis has the general objective of carrying out and analysing a curricular experience in a public school with deaf students included, in which elements of the history of the deaf are introduced, seeking to identify its potential for the increment of inclusive pedagogical practices, as well as for the promotion of representativeness and alterity in relation to deaf subjects. The specific objectives are: to develop, together with History teachers and other professionals who work with the education of the deaf, pedagogical actions aimed at teaching the history of the deaf, verifying the challenges arising from this process; to identify how approaching the history of the deaf can make the subject History more meaningful for deaf students and help these students to perceive themselves as historical subjects; to analyse how the approach to content related to the history of the deaf also affects the conceptions that hearing students have about deaf subjects. Seeking to answer the question contained in the title, an overview of the history of the deaf is presented, in which the protagonism of these subjects in the facts and historical processes related to them is highlighted. The synthesis was built from bibliographical research and seeks to respect the perspective of the deaf themselves. The invisibility of deaf people in the History curriculum is also discussed, based on references to these subjects, whether contained or not, in documents that guide the work of professors of this discipline (BNCC, textbooks). On the other hand, this thesis try to identify how the scenario has been modified based on research carried out about teaching History for the deaf in the academic field. Aligned with these studies, this thesis understands the deaf from the socio-anthropological point of view, an epistemological field in which deafness is conceived as a linguistic difference, implying the recognition of deaf identities and interculturality. Once the theoretical basis has been established, the work turns to field research. The methodology used is action-research, which involved a direct and indirect dialogue between the researcher and the researched subjects – History teachers, deaf education professionals, deaf and hearing students –, leading to the construction of contents, resources and strategies didactics which aimed to introduce the history of the deaf to students and the school community of the research locus. It is concluded that teaching the history of the deaf has the potential to mobilize teacher reflection on inclusive educational practices, the construction of a historical awareness by deaf students and the recognition of their historical and social role by their hearing peers.

**Keywords:** inclusion; deaf; History; History teaching.

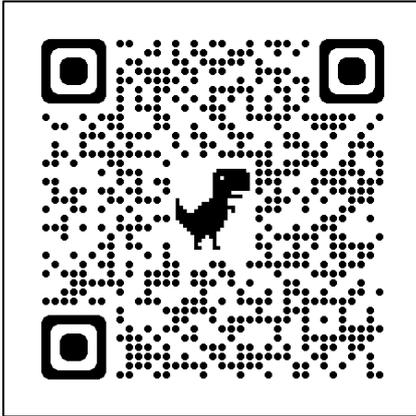
## RESUMÉ

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. **Où sont les sourds dans l'Histoire?** Une expérience curriculaire en enseignement de l'histoire dans une école inclusive. Rio de Janeiro, 2023. Thèse (Doctorat en éducation) - Faculté d'Éducation, Université Fédérale de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Le silence sur les personnages et les actions des sourds dans le cours d'Histoire contribue à perpétuer dans la mémoire des élèves une perception erronée de l'insignifiance voire de l'invisibilité de ces sujets dans l'histoire des sociétés. En ce sens, cette thèse a pour objectif général réaliser et analyser une expérience curriculaire dans une école publique avec des élèves sourds inclus, dans laquelle des éléments de l'histoire des sourds sont introduits, en cherchant à identifier son potentiel pour augmenter les pratiques d'une pédagogie inclusive ainsi que pour la promotion de la représentativité et de l'altérité par rapport aux sujets sourds. Les objectifs spécifiques sont les suivants: développer, en collaboration avec les professeurs d'Histoire et d'autres professionnels qui travaillent dans l'éducation des sourds, des actions pédagogiques visant à enseigner l'histoire des sourds, en vérifiant les défis découlant de ce processus; identifier comment l'approche de l'histoire des sourds peut rendre la matière Histoire plus significative pour les étudiants sourds et aider ces étudiants à se percevoir comme des sujets historiques ; analyser comment l'approche des contenus liés à l'histoire des sourds affecte également les conceptions que les élèves entendants ont des sujets sourds. Cherchant à répondre à la question contenue dans le titre, un aperçu de l'histoire des sourds est présenté, dans lequel le rôle principal de ces sujets dans les faits et les processus historiques qui leur sont liés est mis en évidence. La synthèse a été construite à partir de recherches bibliographiques et cherche à respecter la perspective des sourds eux-mêmes. L'invisibilité des personnes sourdes dans le cours d'histoire est également discutée, à partir des références à ces matières contenues (ou non contenues) dans les documents qui guident le travail des professeurs de cette discipline (BNCC, manuels). D'autre part, nous essayons d'identifier comment ce scénario a été modifié sur la base des recherches menées dans l'enseignement de l'Histoire pour les sourds dans le domaine académique. Cette thèse appréhende les sourds du point de vue socio-anthropologique, un champ épistémologique dans lequel la surdité est conçue comme une différence linguistique, impliquant la reconnaissance des identités et de la interculturalité sourdes. Une fois que les bases théoriques sont établies, le travail s'oriente vers la recherche empirique. La méthodologie utilisée est la recherche-action, qui impliquait un dialogue direct et indirect entre le chercheur et les sujets de recherche – professeurs d'Histoire, professionnels de l'éducation sourds, étudiants sourds et étudiants entendants –, conduisant à la construction de contenus, de ressources et de stratégies didactiques visant à faire découvrir l'histoire des sourds aux élèves et à la communauté scolaire du lieu de recherche. On conclue que l'enseignement de l'histoire des sourds a le potentiel de mobiliser la réflexion des enseignants sur les pratiques éducatives inclusives, la construction d'une conscience historique par les élèves sourds et la reconnaissance de leur rôle historique et social par leurs pairs entendants.

**Mots-clés:** inclusion; sourd; Histoire; enseignement de l'Histoire.

## RESUMO EM LIBRAS



<https://youtu.be/BgqhlnkvnN8>

Tradutora Intérprete de Libras e Língua Portuguesa: Patrícia Liberato Cavalcanti

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>GRÁFICO 1</b> – Programas de pós-graduação das dissertações.....	90
<b>GRÁFICO 2</b> – Publicações por ano.....	104
<b>GRÁFICO 3</b> – Publicações por autores.....	105
<b>IMAGEM 1</b> – Compartilhando a pesquisa de mestrado em eventos.....	25
<b>IMAGEM 2</b> – Tira em quadrinho <i>In Deaf Culture</i> .....	34
<b>IMAGEM 3</b> – Representações de mãos nas pinturas rupestres.....	35
<b>IMAGEM 4</b> – <i>Anunciação</i> , de Pinturicchio.....	43
<b>IMAGEM 5</b> – Alfabetos manuais.....	45
<b>IMAGEM 6</b> – Comparação entre as obras de Pierre Pélissier e Flausino Gama.....	56
<b>IMAGEM 7</b> – Capa da revista em quadrinhos <i>O Congresso de Milão</i> .....	58
<b>IMAGEM 8</b> – Alunos do INES sinalizando (1936) .....	60
<b>IMAGEM 9</b> – Cartaz da Campanha para Educação do Surdo Brasileiro.....	62
<b>IMAGEM 10</b> – Manifestação de estudantes na Universidade Gallaudet.....	67
<b>IMAGEM 11</b> – Charge <i>Milão 1880 X Rio 2011</i> .....	70
<b>IMAGEM 12</b> – Apresentação de pesquisadores do ensino de História para surdos egressos do ProfHistória.....	93
<b>IMAGEM 13</b> – Distritos do município de Duque de Caxias.....	117
<b>IMAGEM 14</b> – Etapas da pesquisa.....	131
<b>IMAGEM 15</b> – Divulgação da Semana dos Surdos 2021.....	145
<b>IMAGEM 16</b> – Trecho de videoaula de História com acessibilidade em Libras.....	164
<b>IMAGEM 17</b> – Texto “A criação do INES” .....	167
<b>IMAGEM 18</b> – Atividade contida em apostila sobre o Renascimento.....	168
<b>IMAGEM 19</b> – Texto “A primeira escola pública para surdos” e atividade.....	169
<b>IMAGEM 20</b> – Texto “A história dos surdos” .....	171
<b>IMAGEM 21</b> – Questões sobre o texto “A história dos surdos” .....	172
<b>IMAGEM 22</b> – Texto “Os surdos na Idade Média” .....	176
<b>IMAGEM 23</b> – Texto “Os surdos e a invenção do telefone” .....	176
<b>IMAGEM 24</b> – Texto “Os surdos no Renascimento” .....	177
<b>IMAGEM 25</b> – Texto “A Língua de Sinais Ka’apor” .....	177
<b>IMAGEM 26</b> – Texto “A luta pela paz e por direitos” .....	177
<b>IMAGEM 27</b> – Linha do tempo “Onde estão os surdos na História?” .....	178
<b>IMAGEM 28</b> – Apresentação de pesquisa sobre personagens históricos surdos....	203

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> – Referência a surdos nos conteúdos das coleções didáticas de História (Ensino Fundamental - Anos Finais) .....	77
<b>QUADRO 2</b> – Trabalhos acadêmicos sobre ensino de História para alunos surdos (2000-2022) .....	85
<b>QUADRO 3</b> – Publicações científicas sobre ensino de História para alunos surdos (2001-2022) .....	94
<b>QUADRO 4</b> – Profissionais participantes da pesquisa.....	122
<b>QUADRO 5</b> – Reuniões com os profissionais participantes da pesquisa.....	129
<b>QUADRO 6</b> – Temáticas das apostilas.....	143
<b>QUADRO 7</b> – Questionário de sondagem para professores (perguntas e respostas).....	151
<b>QUADRO 8</b> – Questionário de avaliação para profissionais participantes (perguntas e respostas) .....	155
<b>QUADRO 9</b> – Questionário de sondagem para alunos - surdos (perguntas e respostas) .....	183
<b>QUADRO 10</b> – Questionário de avaliação para alunos - surdos (perguntas e respostas) .....	183
<b>QUADRO 11</b> – Questionário de sondagem para alunos – ouvintes (perguntas e respostas) .....	193
<b>QUADRO 12</b> – Questionário de avaliação para alunos - ouvintes (perguntas e respostas) .....	197

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>ABNT</b>	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<b>ADA</b>	<i>Americans with Disabilities Act</i>
<b>AEE</b>	Atendimento Educacional Especializado
<b>ALERJ</b>	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
<b>ANPUH</b>	Associação Nacional de História
<b>APADA</b>	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição
<b>ASL</b>	<i>American Sign Language</i> (Língua de Sinais Americana)
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CEE</b>	Coordenadoria de Educação Especial
<b>CEP</b>	Conselho de Ética em Pesquisa
<b>CESB</b>	Campanha pela Educação do Surdo Brasileiro
<b>CFCH</b>	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>CNS</b>	Conselho Nacional de Saúde
<b>CPFPE</b>	Centro de Pesquisas e Formação Continuada Paulo Freire
<b>DESU</b>	Departamento de Ensino Superior
<b>DGP</b>	Diretório de Grupos de Pesquisa
<b>DPN</b>	<i>Deaf President Now!</i>
<b>DUA</b>	Desenho Universal para a Aprendizagem
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>Enem</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>ENPEH</b>	Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História
<b>ES</b>	Espírito Santo
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>FENEIDA</b>	Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos
<b>FENEIS</b>	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
<b>FURG</b>	Universidade Federal do Rio Grande
<b>GEPeSS</b>	Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Surdez
<b>GT</b>	Grupo de trabalho

<b>HQ</b>	História em quadrinhos
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IDEB</b>	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
<b>IDH</b>	Índice de Desenvolvimento Humano
<b>IHGB</b>	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
<b>INES</b>	Instituto Nacional de Educação de Surdos
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>Libras</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>LSF</b>	<i>Langue des Signes Française</i> (Língua Francesa de Sinais)
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>MOOC</b>	<i>Massive Open Online Course</i>
<b>NUPPES</b>	Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro Didático
<b>PPGE</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>PPGEH</b>	Programa de Pós-Graduação em Ensino de História
<b>PPP</b>	Planejamento Político Pedagógico
<b>ProfHistória</b>	Mestrado Profissional em Ensino de História
<b>Prolibras</b>	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras-Língua Portuguesa
<b>PUC-Rio</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
<b>RCLE</b>	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>RJ</b>	Rio de Janeiro
<b>SciELO</b>	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
<b>SENAC</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
<b>SEPE</b>	Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro
<b>SME-Caxias</b>	Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias
<b>SRM</b>	Sala de Recursos Multifuncionais

<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>TDICs</b>	Tecnologias de Informação e Comunicação
<b>TEA</b>	Transtorno do Espectro Autista
<b>TILSP</b>	Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa
<b>UE</b>	Unidade Escolar
<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>UEPB</b>	Universidade Estadual da Paraíba
<b>UERJ</b>	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<b>UFFS</b>	Universidade Federal da Fronteira Sul
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFPEL</b>	Universidade Federal de Pelotas
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UFRN</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
<b>UFRRJ</b>	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UFSM</b>	Universidade Federal de Santa Maria
<b>UNEB</b>	Universidade do Estado da Bahia
<b>UNESC</b>	Universidade do Extremo Sul Catarinense
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>UNIFESSPA</b>	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
<b>UNISAL</b>	Centro Universitário Salesiano de São Paulo
<b>WFD</b>	<i>World Federation of the Deaf</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>CAPÍTULO I – SURDOS NA HISTÓRIA: EXPLORANDO A CAVERNA DE DAIGLE</b> .....	34
1.1 PRIMEIRA GALERIA: ANTES DA REVELAÇÃO (DA ANTIGUIDADE AOS TEMPOS MODERNOS) .....	39
1.2 SEGUNDA GALERIA: REVELAÇÃO CULTURAL (1760-1880) .....	46
1.3 TERCEIRA GALERIA: ISOLAMENTO CULTURAL (1880-1960) .....	57
1.4 QUARTA GALERIA: DESPERTAR CULTURAL (1960-ATUALIDADE).....	64
<b>CAPÍTULO II – A (IN)VISIBILIDADE DOS SURDOS NO ENSINO DE HISTÓRIA..</b>	73
2.1 OS SURDOS COMO SUJEITOS DO CONHECIMENTO HISTÓRICO .....	73
2.2 PANORAMA DAS PESQUISAS NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS.....	83
<b>CAPÍTULO III – UM OLHAR SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	111
3.1 NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PANDEMIA... ..	113
3.2 O LÓCUS DA PESQUISA.....	115
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	121
3.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA .....	125
3.5 QUESTÕES ÉTICAS .....	129
3.6 ETAPAS DA PESQUISA.....	130
<b>3.6.1 Construção</b> .....	132
<b>3.6.2 Realização</b> .....	142
<b>3.6.3 Reflexão</b> .....	149
<b>CAPÍTULO IV – INCLUINDO OS SURDOS NA HISTÓRIA: RESULTADOS E REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA CURRICULAR .....</b>	150
4.1 FORMAÇÃO .....	151
4.2 ACESSIBILIDADE .....	162
4.3 REPRESENTATIVIDADE .....	173
4.4 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	182
4.5 ALTERIDADE .....	192

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>205</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>215</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>238</b>
<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>244</b>
<b>APÊNDICE 3 .....</b>	<b>253</b>
<b>APÊNDICE 4 .....</b>	<b>255</b>
<b>APÊNDICE 5 .....</b>	<b>262</b>
<b>APÊNDICE 6 .....</b>	<b>266</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>268</b>
<b>ANEXO 2 .....</b>	<b>272</b>

## INTRODUÇÃO

Esta tese foi gestada em um contexto enormemente aflitivo. Em 2020, um ano após o meu ingresso no Doutorado, fomos assolados por uma pandemia. O microscópico Sars-CoV-2 nos obrigou a fechar os espaços de trabalho, estudo, lazer, enfim, de convivência social. De repente, estávamos confinados em nossas casas. Nossas vidas foram postas de cabeça para baixo. O ambiente doméstico se transformou também em posto de trabalho, universidade, escola, área de lazer, academia... O confinamento e as tensões acumularam estresse. A vacinação, tardiamente iniciada em nosso país, nos deu um fôlego de esperança. Mas a adesão aquém do esperado da população às doses de reforço da vacina e o surgimento de novas variantes do vírus ainda embaçam a visão de uma luz no fim do túnel.

Mais do que uma contextualização impelida por minha formação em História, considero que tal contexto permite um exercício mais pleno de empatia em relação aos sujeitos surdos, para os quais volto o meu estudo. Se os meses de isolamento social nos causaram tamanha angústia, imagine tal isolamento por toda a vida. Muito antes da pandemia e depois que ela não estiver mais em nosso cotidiano, os surdos estiveram e estarão em isolamento social com muita frequência. Mesmo no meio de uma aglomeração. Em uma sociedade na qual a comunicação se dá majoritariamente pela oralidade, os surdos permanecem alheios a uma série de informações e, não raro, impossibilitados de interação. O isolamento do surdo já se dá no seio de sua própria família, considerando que pais de surdos são ouvintes em sua maioria (CASTRO, 2021). Nas escolas comuns, em contextos de inclusão, podem ser únicos em suas salas de aula e/ou invisibilizados na classe (KELMAN; BUZAR, 2012). Na ausência de um Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP), permanecem apartados das explicações dos professores e do papo com os colegas. Há ainda um isolamento em relação ao passado de seu grupo, considerando que a história dos surdos e sua luta secular por direitos, acesso às informações e por conexão com o restante da sociedade permanece pouco conhecida.

Foi justamente neste último ponto que a pesquisa aqui apresentada pretendeu intervir, ao levar a história dos surdos para a sala de aula, por meio de uma experiência curricular para a disciplina História em turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública com alunos surdos incluídos. Nessa experiência,

elementos da história dos surdos foram incorporados aos conteúdos curriculares da referida área do conhecimento. Seu planejamento foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica específica e junto a professores de História e a outros profissionais da educação que atuam mais diretamente com os ditos educandos – uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma TILSP. Atuei, acompanhei e analisei todo o processo, buscando identificar o potencial desta experiência curricular enquanto instrumento capaz de promover de forma mais efetiva a inclusão escolar de surdos por meio do ensino de História e a aprendizagem nessa disciplina.

A opção por realizar uma pesquisa centrada nos sujeitos surdos deriva de minha atuação docente junto a esses alunos, iniciada em 2006. Naquele ano, comecei a trabalhar em uma escola polo na educação de surdos no município de Duque de Caxias, localizado na região da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro (RJ). As escolas polo são aquelas que reúnem recursos humanos e materiais a fim de melhor atender a um grupo específico de educandos, uma vez que, nesses aspectos, nem todas as unidades escolares estariam capacitadas a inclui-los a contento. Lecionar para alunos surdos foi um divisor de águas em minha vida. Como docente, me obrigou a rever meu fazer pedagógico, redirecionando meu olhar para a necessidade de desenvolver estratégias de ensino acessíveis que impactaram inclusive o meu trabalho em turmas compostas exclusivamente por alunos ouvintes<sup>1</sup>. Entretanto, o trabalho com alunos surdos não se deu por escolha, mas ao acaso. Sem ter sido informado pela Secretaria Municipal de Educação ou pela direção da escola, descobri que teria alunos surdos instantes antes de entrar em suas turmas, a partir de uma conversa com meus (então) novos colegas professores. O temor e a sensação de incapacidade foram enormes. Longe de ser um fato isolado, tal situação repete-se à exaustão com outros profissionais e já expõe problemáticas referentes à inclusão (SANTOS, 2018b; SANTOS; CARVALHO FILHO; KELMAN, 2019).

Até aquele momento, havia conhecido apenas um surdo: Abel. Isso lá para o início da década de 1980. Ele era um sujeito muito simpático e divertido, mas que parecia esconder um segredo. Trabalhava em uma oficina mecânica e, nas horas vagas, cultivava um jardim no terreno ao lado do sobrado onde morava. Estudava em uma escola especial para surdos, cujo principal objetivo educacional era a reabilitação

---

<sup>1</sup> Nos estudos referentes à surdez, utiliza-se o termo “ouvinte” para designar as pessoas não-surdas.

para a fala. Abel namorava Clara, que não era surda. Além dos desafios referentes à comunicação, o namoro deles enfrentou também o preconceito. Apesar de ter sido minha primeira referência de uma pessoa surda, Abel não passava de um personagem fictício, interpretado pelo ator ouvinte Tony Ramos, na novela *Sol de Verão*, exibida pela Rede Globo, entre 1982 e 1983. Abel sinaliza para a questão da representatividade, que embora não estivesse em pauta naquele contexto histórico, provoca uma reflexão sobre como e se os surdos são retratados não somente nas obras de ficção, mas também em materiais de outra natureza, como aqueles com fins pedagógicos. Dado o alcance das telenovelas, é possível especular que o imaginário de toda uma geração a respeito dos surdos tenha sido pautado por esse personagem, carregando consigo uma série de estereótipos, sobretudo o de que, para serem plenos e felizes os surdos precisavam obrigatoriamente falar, como ocorre com Abel no final da trama.

Assim, iniciei meu trabalho junto a alunos surdos, com uma visão enviesada sobre eles e sem ter qualquer formação acadêmica prévia quanto a esses sujeitos (as temáticas das pessoas com deficiência e da inclusão ainda estavam distantes das licenciaturas em História na década de 1990). Ao longo de mais de uma década atuando como professor de História desses educandos, busquei compreendê-los de forma autodidata e desenvolvi uma série de estratégias específicas para ensiná-los mais apropriadamente. Também estabeleci com eles fortes vínculos afetivos. Em 2016, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGEH/UFRJ)<sup>2</sup>, elegi a educação de surdos como meu objeto de pesquisa. Além de aprofundar as reflexões teóricas acerca da temática, criei como produto final um caderno de orientações e sugestões para professores (e futuros professores) de alunos surdos incluídos (SANTOS, 2018b). Ainda no contexto do mestrado, em 2017, tornei-me membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Surdez (GEPeSS), fundado e coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Celeste Azulay Kelman, com base na Faculdade de Educação da UFRJ.

Se pensada como prole, a Dissertação e seu gêmeo siamês, o Produto, não tiveram uma concepção das mais tranquilas. Logo de início, a coordenação do PPGEH encontrou dificuldade para a designação de um professor orientador, uma vez que, àquela altura, no âmbito do programa não havia um especialista sobre as

---

<sup>2</sup> Um dos núcleos do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória.

temáticas que pretendia explorar, que envolviam a inclusão escolar e o ensino de História para pessoas com deficiência. Convidado, o professor Dr. Silvio de Almeida Carvalho Filho, do Instituto de História, aceitou o hercúleo desafio, que desempenhou com sabedoria e diligência ímpares. No entanto, reconhecendo suas limitações quanto ao conhecimento sobre a surdez, indicou a necessidade de uma coorientação, que coube à professora Celeste Azulay Kelman, especialista em educação de surdos. O episódio expôs o distanciamento então existente entre as questões que envolvem a temática da surdez e o ensino de surdos daquelas sobre as quais se debruçam os professores/pesquisadores que atuam nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. A própria historiografia brasileira ainda ignora os surdos enquanto sujeitos históricos.

Considero importante resgatar a pesquisa que realizei no Mestrado, pois o presente trabalho dela herda aspectos como o objeto – o ensino de História para surdos – e concepções epistemológicas. A saber, a perspectiva socioantropológica (OLIVEIRA, 2012; SKLIAR, 2016; PERLIN, 2016), na qual a surdez não é concebida como deficiência ou déficit, mas como diferença linguística, identitária e cultural. Outra definição basilar da pesquisa refere-se ao contexto educacional para surdos abordado: o inclusivo. Kelman (2011) enfatiza que incluir os alunos surdos em turmas comuns é apenas o início do processo de inclusão. De acordo com a autora, para que a inclusão se efetive, a escola precisa ter profissionais capacitados, recursos adaptados e produção de conhecimento teórico a partir da experiência (KELMAN, 2011). Nesse sentido, a pesquisa direcionou-se para investigar o que pode a disciplina História oferecer à promoção da inclusão escolar de alunos surdos.

Apesar do foco daquela e desta pesquisa ser o ensino de História para surdos no âmbito da Educação Inclusiva, é preciso assinalar que a educação de surdos se relaciona também com a Educação Especial e a Educação Bilíngue. A Educação Especial é definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) como uma modalidade de educação escolar direcionada ao atendimento de alunos com necessidades especiais (educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades). Ela deve ocorrer, preferencialmente, na escola regular, daí muitas vezes confundir-se com a Educação Inclusiva. No entanto, em seu pleno sentido, essa não se limita à educação de crianças e jovens com deficiências, mas pressupõe um movimento de garantia do direito de todos à educação. Compreende, dessa forma, o acesso, a permanência e a

aprendizagem sobretudo dos grupos sociais historicamente excluídos da escola. Importante ressaltar que a Educação Especial e a Educação Inclusiva não são opostas, mas complementares.

Salvo impossibilidades ou condições específicas dos educandos, a Educação Especial pode se dar em escolas ou classes específicas, como acontece nas instituições de ensino voltadas exclusivamente para o atendimento de surdos ou cegos, por exemplo. Na situação dos surdos, considera-se a diferença linguística. A partir da Lei n.º 9.394 (BRASIL, 2021), aprovada e sancionada por força da mobilização da comunidade surda sinalizante (que faz uso de língua de sinais), a educação de surdos apartou-se da Educação Especial, constituindo-se na modalidade Educação Bilíngue de surdos. Nela, os processos de ensino-aprendizagem desses alunos se dão a partir do uso da língua de sinais, no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como principal língua de instrução e informação.

De volta à dissertação, após as definições conceituais, apresentei o estado da arte das (então incipientes) pesquisas sobre o ensino de História para surdos. O movimento seguinte foi de escuta dos professores de História que identificaram uma série de desafios à inclusão de alunos surdos, dentre os quais, a formação docente deficitária; a distância entre as concepções de ensino de História e suas práticas; e a invisibilidade do aluno surdo (KELMAN; BUZAR, 2012), acentuada pela ausência da história das pessoas surdas dos livros didáticos e conteúdos curriculares da disciplina (constatação que se tornou embrião das questões aqui aprofundadas). Os depoimentos apontaram para a necessidade de criação de um material de suporte aos docentes, que se sentem perdidos e impotentes frente aos desafios elencados.

O *Caderno de orientações e sugestões para o ensino de História em classes inclusivas com alunos surdos*, produto do Mestrado, visa esclarecer, sensibilizar e orientar docentes e futuros professores. Esse material conta com uma breve história dos surdos (revista e expandida na atual pesquisa); sugestões de práticas de ensino e avaliações acessíveis; indicações para estudos e um conjunto de diretrizes para as práticas dos professores de História junto a educandos surdos: aprender e usar Libras; atender para a presença de alunos surdos a partir do planejamento das aulas; pesquisar sobre os surdos e o ensino (de História) para tais sujeitos; utilizar estratégias e recursos pedagógicos diferenciados; promover a participação e a integração entre todos os alunos; redobrar os cuidados com a didática; considerar o

aluno surdo entre os critérios para escolha do livro didático; ter respeito linguístico; compartilhar experiências e militar pela inclusão (SANTOS, 2018b).

Pode-se dizer que a gestação de todo esse trabalho ocorreu sem maiores intercorrências, vindo à luz alguns dias depois do previsto, em 3 de setembro de 2018, quando ocorreu a defesa da dissertação. O nascimento foi marcado por forte emoção (amplificada pela comoção em função do incêndio que havia consumido o Museu Nacional na noite anterior). A partir daí, os gêmeos Dissertação e Produto ganharam vida. A pesquisa foi divulgada em eventos acadêmicos e redes de ensino (IMAGEM 1); deu origem a artigos publicados e vem sendo utilizada como material de referência por professores e pesquisadores que atuam na educação de surdos. Atrevi-me ainda a submeter a dissertação em duas premiações: o 2º Prêmio Ações Afirmativas da UFRJ, no qual recebeu Menção Honrosa na categoria Dissertações, e a segunda edição do Prêmio ProfHistória de Dissertações, no qual foi agraciada com o 3º lugar. Essa última premiação ainda propiciou uma vindoura publicação do material no formato *e-book* pela Editora FGV. Qual pai não estaria orgulhoso de seus rebentos?



IMAGEM 1 – Compartilhando a pesquisa de Mestrado em eventos. Fonte: acervo e produção do autor.

A pesquisa agora se desdobra em uma outra, cuja inspiração remonta a um episódio ocorrido há alguns anos em sala de aula, quando lecionava para uma turma do nono ano do Ensino Fundamental com alunos surdos incluídos. O tema da aula era o nazifascismo. Após fazer um relato a respeito da perseguição e extermínio

perpetrados pelo regime nazista contra judeus, ciganos, homossexuais, pessoas com deficiência, entre outras minorias, fui interrompido em minha narrativa pelo intérprete de Libras. Uma das alunas surdas da turma tinha uma dúvida. A jovem gostaria de saber se os surdos também estavam entre os perseguidos. Gelei. Desconhecia aquela informação específica. Para não deixar a discente sem um retorno, respondi de forma vaga, usando generalizações. Mas confessei o meu desconhecimento sobre a peculiaridade do assunto e prometi pesquisar para respondê-la mais a contento. Remoendo a dúvida, uma outra despertou em mim. Mais do que uma curiosidade sobre um fato específico, talvez o que ela realmente quisesse saber era algo mais complexo: onde estão os surdos na História?

Em lugar algum, a julgar pelos objetos de conhecimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o componente curricular História (BRASIL, 2017). Isso reverbera nos livros didáticos dessa disciplina, uma vez que a seleção de seus conteúdos tem a BNCC por referência. Durante o último processo de escolha da coleção de livro didático, ocorrido em 2019, identifiquei apenas uma menção de destaque a respeito das pessoas surdas na História nas obras selecionadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), como será relatado mais adiante. Cabe destacar que os livros didáticos constituem-se no principal recurso pedagógico utilizado por professores que atuam na Educação Básica, particularmente, os de História. Além disso, suas coleções atuais são riquíssimas em imagens, que poderiam até ser exploradas metodologicamente pelos docentes com vistas à educação de surdos. No entanto, negligenciado esse aspecto e a presença dos surdos em suas páginas, acabam por contribuir apenas para perpetuar na memória de nossos alunos-leitores a invisibilidade ou a ideia equivocada de irrelevância dos sujeitos surdos na trajetória humana.

A ausência dos surdos no currículo escolar de História pode estar relacionada àquilo que Pollak chama de *silenciamento de memória* (1989). Não o silêncio da ausência de verbalização oral. Mas um silêncio imposto por uma memória coletiva, que alimenta e se alimenta da História. Memória dos ouvintes, dos grupos dominantes, que desqualificaram aqueles que não se encaixavam em um suposto modelo de normalidade. Uma raríssima exceção ao silêncio dos livros didáticos está na coleção *História – Sociedade e Cidadania* (BOULOS JÚNIOR, 2018). Em seu volume dedicado ao sétimo ano de escolaridade, o autor aborda a surdez de Ludwig van Beethoven (ibid., p. 67). Entretanto, trata-se apenas de um texto complementar, que se refere ao

tema como uma doença. Enquadrados pela memória (POLLAK, 1989) como vítimas, amaldiçoados, dignos apenas de piedade, assim vem sendo apresentados os surdos nas poucas referências históricas a eles relacionadas.

É bem verdade que a surdez vem ganhando mais visibilidade nos últimos anos. Internacionalmente, personagens e tramas sobre surdos estiveram presentes em filmes indicados ao Oscar, como *O Som do Silêncio* (*Sound of Metal*), em 2021, e *No Ritmo do Coração*<sup>3</sup> (*CODA*), em 2022. No Brasil, foi tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2017. Apesar disso, nós, docentes, permanecemos “notavelmente ignorantes” (SACKS, 2005, p. 15) em relação à surdez. Em entrevistas realizadas para minha pesquisa de Mestrado, meus colegas professores afirmaram desconhecer a história dos surdos e sua importância (SANTOS, 2018b). Esse desconhecimento pode ser explicado por uma formação docente deficitária, na qual estavam ausentes questões referentes à surdez. Há que se considerar ainda a carência de obras que versam sobre a história dos surdos de caráter historiográfico, ou seja, escritas por historiadores e utilizando métodos de pesquisa próprios ao seu campo de conhecimento. As principais referências existentes a respeito dessa temática, em língua portuguesa, são relativamente recentes e oriundas de outras áreas, particularmente, da Educação (CABRAL, 2005; CARVALHO, 2007; OLIVEIRA, 2012; ROCHA, 2007, 2018; SACKS, 2005; STROBEL, 2008).

De volta à pergunta da aluna surda, ela nos coloca diante de uma outra possível consideração: seria uma manifestação de consciência histórica (COSTA, 2009)? Ou seja, seria aquela indagação uma postura investigativa quanto ao passado de seu grupo minoritário? O que nos leva a uma série de outras questões: os alunos surdos incluídos em escolas regulares, cujo contato com outras pessoas surdas muitas vezes limita-se aos seus pares no espaço escolar, identificam-se como sujeitos surdos? Quais são as suas concepções a respeito da surdez? Percebem-se como deficientes e/ou linguística e culturalmente diferentes de seus colegas e professores ouvintes? Conhecem a cultura e a história dos surdos por outros meios? Consideram importante conhecê-las? Pode a disciplina História apresentá-las? Aliás, qual é a importância que

---

<sup>3</sup> O filme *No Ritmo do Coração* é uma versão estadunidense da película francesa *A Família Bélier* (*La Famille Bélier*), de 2014. Venceu o Oscar de Melhor Filme, principal categoria da premiação, e o de Ator Coadjuvante, o surdo Troy Kotsur. Até então, a única pessoa surda a receber um Oscar havia sido Marlee Matlin, em 1987, como Melhor Atriz por seu papel em *Filhos do Silêncio* (*Children of a Lesser God*). Matlin também atua em *No Ritmo do Coração*, interpretando a mãe surda da protagonista ouvinte.

os surdos dão à História, uma vez que estão excluídos de seus conteúdos? Por fim, incluir a história e a cultura dos surdos ao currículo de História pode despertar nos educandos interesse pela disciplina, ampliando assim o seu protagonismo em sala de aula e contribuindo para a construção de aprendizagem significativa (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980; LEMOS, 2011)?

E quanto aos outros educandos da sala de aula inclusiva? De que maneira os alunos ouvintes definiriam seus colegas surdos? O uso da alcunha *mudinho* comumente utilizada pelos primeiros para se referir aos segundos parece denunciar uma visão que, além de equivocada, reduz os sujeitos surdos ao espectro da deficiência. Que papel atribuem aos surdos na história na forma como ela costuma ser ensinada? Considerando que somente a convivência entre diferentes no contexto da inclusão não parece capaz de dirimir estigmas e preconceitos (PEREGRINO, 2015), pode a disciplina História, ao revelar a história dos surdos, propiciar que estes sejam entendidos sob outras perspectivas pelos ouvintes?

Mobilizado por essas questões, à guisa de hipótese, defendo que incluir os surdos no estudo da trajetória humana, suas dores e suas lutas, os grandes personagens e os anônimos, as diferentes formas com as quais foram vistos e tratados, pode ser um importante contributo para tornar o ensino de História mais significativo para o aluno surdo, além de favorecer a valorização deste grupo, tanto para si como para os outros, elevando a autoestima desses educandos. Ao identificar o protagonismo surdo na História, oportuniza-se a alteridade, posto que os alunos ouvintes, esses outros sujeitos da educação inclusiva, podem perceber seus colegas surdos por um outro viés, que não o da deficiência.

Neste sentido, sustento que se faz necessária a construção de um currículo específico para a disciplina História que promova a representatividade surda, destacando o protagonismo dos surdos na História. Lembrar, para citar alguns exemplos, que Beethoven, Francisco de Goya e Thomas Edison, gênios ímpares das artes e da ciência, eram surdos. Resgatar personagens surdos menos conhecidos, como a surdocega Hellen Keller, ativista pelos direitos das mulheres e das pessoas com deficiência; Eduard Huet, personagem-chave para o estabelecimento de instituições pioneiras na educação de surdos no Brasil e no México; e Ferdinand Berthier, intelectual francês que militou em favor das línguas de sinais e concorreu para a formação das primeiras associações de surdos, ainda no século XIX. Destacá-los não para recuperar a velha História positivista dos grandes vultos, mas para

mostrar referências para os surdos, positivar a sua participação na História. É preciso também levar para a sala de aula o associativismo surdo, o Orgulho Surdo e o Poder Surdo, esses últimos sobre os quais nos fala Sacks (2005). Discutir que os direitos surdos, como o reconhecimento oficial da Libras (BRASIL, 2002) e a educação bilíngue de surdos, não foram benesses dos governantes, mas frutos da mobilização da comunidade surda (PADOVANI NETTO, 2017a). Por fim, apresentar a história dos surdos sob seu próprio ponto de vista, como o faz Strobel (2008) ou como pode ser feito via as memórias de surdos das comunidades escolares.

Isto posto, foram objetivos da presente pesquisa:

- **Objetivo geral**

Realizar e analisar uma experiência curricular em escola pública com alunos surdos incluídos na qual são introduzidos elementos da história dos surdos, buscando-se identificar seu potencial para o incremento de práticas pedagógicas inclusivas, bem como para a promoção da representatividade e da alteridade em relação aos sujeitos surdos.

- **Objetivos específicos**

- Desenvolver, em conjunto com professores de História e outros profissionais que atuam na educação de surdos, ações pedagógicas destinadas ao ensino da história dos surdos, verificando os desafios decorrentes desse processo;
- Identificar de que maneira a abordagem da história dos surdos pode tornar a disciplina História mais significativa para alunos surdos e contribuir para que esses educandos se percebam como sujeitos históricos;
- Analisar como a abordagem de conteúdos relacionados à história dos surdos também afeta as concepções que estudantes ouvintes têm a respeito dos sujeitos surdos.

A pesquisa realizada justifica-se, primeiramente, como possibilidade de aperfeiçoar as práticas docentes junto a alunos surdos incluídos. Entre os profissionais que lecionam para esses educandos, me incluo. Conforme já referido anteriormente, ensino desde 2006 em uma escola polo de educação de surdos, localizada no terceiro distrito do município de Duque de Caxias (RJ). Uma vez que minha graduação no curso de bacharelado e licenciatura em História, realizado entre 1993 e 1997, não incluiu nenhuma disciplina relacionada à educação de surdos, minha

formação para atuar junto a esses docentes se deu na prática. A ela se agregaram leituras esporádicas e a troca de experiências com colegas de trabalho (professores e – sobretudo – intérpretes de Libras). O ingresso no Mestrado, em 2016, tornou-se um divisor de águas, momento no qual me aprofundei no debate teórico a respeito do ensino para surdos. Se, a partir desse ponto, me aperfeiçoei como profissional, muitas outras questões relacionadas à temática ainda me provocam inquietação. Dessa forma, impulsionei-me a prosseguir com meus estudos acadêmicos no Doutorado.

Mais do que uma mera continuidade do trabalho anterior, desejo seguir em dimensões não contempladas ou apenas esboçadas na dissertação (SANTOS, 2018b). Neste último caso, a questão-chave desta tese é: a possibilidade de inclusão da história dos surdos aos conteúdos curriculares da disciplina História. Seguindo orientações da banca examinadora de minha dissertação, procurei reverberar as vozes<sup>4</sup> dos alunos incluídos, ou seja, busquei entender melhor as demandas desses discentes a partir da perspectiva deles. Isso foi até cogitado no projeto de Mestrado, mas não viabilizado, dado o escopo mais limitado no tempo daquela pesquisa. Naquele trabalho, acabei me restringindo a tratar da questão do ensino de História para surdos sob a ótica dos docentes.

A presente pesquisa também intentou abrir uma frente, junto a professores de História, no processo de construção de estratégias e materiais didáticos a respeito da história dos surdos, ainda muito incipientes no campo da História. Tal construção ocorreu a partir do diálogo entre os saberes universitários e as demandas concretas de docentes e discentes de uma escola regular inclusiva. Ao ouvir e ver as vozes desses últimos, a pesquisa proposta além de fazer valer o lema “Nada sobre nós, sem nós”<sup>5</sup>, se propôs a suprir uma lacuna no campo do ensino de História para surdos. Dentre as 77 produções acadêmico-científicas a respeito dessa temática, identificadas em levantamento bibliográfico que será apresentado no Capítulo III, há apenas um estudo que explora efetivamente o que dizem e pensam os alunos surdos (VERRI; ALEGRO, 2006).

De um modo geral, as publicações levantadas têm como principal eixo de discussão as questões teórico-metodológicas que envolvem o ensino de História para

---

<sup>4</sup> O termo “vozes” aqui é empregado não no sentido de produção de som, mas de manifestações de pontos de vista, a exemplo de seu uso em Lodi (2013).

<sup>5</sup> Lema de luta das pessoas com deficiência por seus direitos, o qual reivindica que esses sujeitos tomem parte em todas as decisões que a eles se referem. De acordo com Sasaki (2011), teria surgido nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX.

estudantes surdos, inexistindo pesquisas a respeito de conteúdos curriculares específicos voltados a esses discentes. Nesse ponto reside o aspecto mais original da presente pesquisa: propor a inclusão da história dos surdos aos conteúdos curriculares da disciplina História.

A partir de uma perspectiva mais ampla, a pesquisa aqui apresentada pretende ser um contributo para a potencialização da inclusão de educandos surdos, com o incremento de conhecimentos e práticas específicas que lhes possibilitem tanto o acesso quanto a aprendizagem significativa dos conteúdos abordados. Para além de aspectos conceituais e factuais, é minha intenção concorrer para a formação de cidadãos conscientes de seu passado, capazes de valorizar e respeitar as diferenças humanas no presente. Acredito no potencial da inclusão escolar enquanto embrião de uma sociedade mais inclusiva em um futuro que não seja muito distante.

O estudo aqui apresentado buscou também dialogar com a reestruturação curricular da rede municipal de educação de Duque de Caxias, ocorrida concomitantemente ao período de minha pesquisa. Esse processo começou no mês de abril de 2019, com debates em grupos de estudos realizados nas unidades escolares da rede e o início dos trabalhos de professores redatores<sup>6</sup>, prosseguindo por meio de atividades remotas no período da pandemia da COVID-19 (2020 – 2021). Dentre essas atividades incluíam-se *lives* apresentadas por professores da área de Educação de diferentes universidades, buscando-se embasamento teórico para fundamentar a construção da nova matriz curricular da rede. O trabalho dos professores redatores se encerrou em dezembro de 2020, com a produção de um documento norteador para o planejamento dos docentes que atuam nos diversos segmentos e áreas curriculares das escolas do referido município (PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS, [2021]). Em 2022, a reestruturação curricular foi retomada, com a elaboração das matrizes curriculares das disciplinas escolares, a serem implementadas a partir do ano letivo de 2023.

Do ponto de vista acadêmico, a investigação aqui proposta se alinha com o projeto de pesquisa “Educação e surdez: processos formativos, ensino e

---

<sup>6</sup> Professores redatores eram docentes da rede de ensino de Duque de Caxias responsáveis pela sistematização e análise dos dados obtidos por meio dos debates realizados nas unidades escolares do município, bem como pela redação dos documentos resultantes desse trabalho. Foram selecionados por uma comissão específica, composta por representantes da Secretaria Municipal de Educação e por educadores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a partir de chamada pública feita aos interessados. Foram agrupados de acordo com seu segmento educacional e disciplina.

aprendizagem”, desenvolvido pela professora Dr.<sup>a</sup> Celeste Azulay Kelman, sobretudo no que tange à possibilidade de construção de conhecimentos específicos relativos à educação de alunos surdos, contextualizando-os como sujeitos histórico-sociais e produtores de cultura. Ainda nesse âmbito, a tese pretende se somar às reflexões sobre a surdez realizadas no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez (GEPeSS), que se caracteriza pela diversidade de áreas do conhecimento investigadas por seus membros, dentre as quais encontram-se, por exemplo, o ensino da Língua Portuguesa (CASTRO, 2018; CASTRO; SANTOS, 2019; ALMEIDA, 2020; CASTRO; KELMAN, 2021), da Geografia (OLIVEIRA; ARRUDA, 2018; OLIVEIRA; KELMAN; MAIA, 2018; OLIVEIRA, 2019), da Educação Musical (BRITO; KELMAN, 2018) e da Educação Física (EIRAS, 2019).

O texto da tese encontra-se organizado em quatro capítulos. No primeiro, procuro responder à indagação provocada pelo título, apresentando resultado de pesquisa bibliográfica a respeito do lugar dos surdos na História, com destaque para o protagonismo desses sujeitos nos fatos e processos históricos a eles relacionados. O capítulo tem início a partir de uma provocação do cartunista surdo Matt Daigle sobre a presença surda na História e segue dividido em quatro seções correspondentes à periodização histórica proposta pela pesquisadora surda Karin Strobel (2009). Sem a pretensão de escrever uma história totalizante, justifico o capítulo como uma visão panorâmica que busca tão somente fornecer algumas coordenadas que ajudem a localizar os surdos na História e assinalar alguns dos desafios e enfrentamentos por eles vivenciados.

Se os surdos são sujeitos históricos, por que permanecem invisíveis nos currículos desta disciplina? Esse é o mote que inicia o Capítulo II, o qual está dividido em duas sessões. Na primeira, além de buscar responder à questão mobilizadora, identifico e analiso referências/ausências aos surdos no currículo de História, a partir da investigação da BNCC e de coleções de livros didáticos da disciplina. Na segunda parte do capítulo, apresento um levantamento da pesquisa no ensino de História para surdos, entre produções acadêmicas e publicações científicas. Além de situar o leitor em relação ao que vem sendo pesquisado neste nascente campo, pretendo verificar de que maneira seus autores têm contribuído para garantir aos estudantes surdos o direito ao aprendizado histórico e ao seu lugar na trama da História.

Nos capítulos seguintes, trato das possibilidades de inserção da história dos surdos no ensino da História, a partir de uma experiência curricular realizada em

escola regular inclusiva com estudantes surdos. Dessa forma, o Capítulo III é dedicado à apresentação do desenho metodológico da pesquisa. Logo no início da seção, situo a abordagem da investigação, que é do tipo qualitativa, com emprego da pesquisa-ação, cujo conceito e características são explanados. Em seguida, trato de como a pesquisa foi afetada pela pandemia da COVID-19. A partir de então, discorro sobre os elementos que compõem a pesquisa: o lócus (uma escola pública da Baixada Fluminense), os participantes (profissionais e alunos), os instrumentos (questionários, materiais produzidos pelos profissionais e suas falas), as questões éticas (submissão a distintos comitês de Ética, documentos relacionados) e as etapas da pesquisa (*Construção, Realização e Reflexão*).

No quarto e último capítulo, realizo reflexões a respeito do projeto denominado *Onde estão os surdos na História?*, realizado ao longo do ano letivo de 2021 na E. M. Santa Luzia. As ações resultaram em dados, cuja análise indicou o estabelecimento de cinco categorias para discussão: (1) **formação**, que relaciona-se aos profissionais participantes da pesquisa, em especial, aos professores de História; (2) **acessibilidade** e (3) **representatividade**, relacionadas, em especial, aos materiais produzidos, no que diz respeito às estratégias que buscaram possibilitar o acesso dos estudantes à história dos surdos e ao como essa história foi abordada; e (4) **consciência histórica** e (5) **alteridade**, associadas aos participantes alunos – surdos e ouvintes –, nas quais procurei verificar se e como foram afetados pelo projeto, procurando responder às questões que mobilizaram a presente pesquisa.

## CAPÍTULO I – SURDOS NA HISTÓRIA: EXPLORANDO A CAVERNA DE DAIGLE



IMAGEM 2 – Tira em quadrinho *In Deaf Culture...*, de Matt Daigle. Fonte: <<https://culturasurda.files.wordpress.com/2011/12/in-deaf-culture.jpg?w=682>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

A imagem que abre este capítulo, de aparente ingenuidade, carrega em si uma insuspeita provocação. Estamos diante de uma tira em quadrinho de Matt Daigle, cartunista surdo estadunidense. Daigle é autor de diversas séries em quadrinhos que abordam a vida cotidiana e a cultura dos surdos de forma bem-humorada. Dentre seus trabalhos destacam-se *Deaf Reel*, onde faz paródia com filmes consagrados pela cultura pop inserindo-os no contexto da surdez; *That Deaf Guy*, no qual apresenta os desafios vividos por uma família composta por pai surdo e mãe e filho ouvintes; e *In Deaf Culture...*, que pode ser definido como cenas que expressam o universo dos surdos. Nessa última, se insere a imagem em questão.

A tira apresenta o cenário de uma caverna, na qual encontra-se uma dupla de personagens. Dois homens ou um homem e uma mulher (se considerarmos o rabo-de-cavalo associado ao feminino). Eles são representados portando casacão, mochila e capacete com lanterna, donde podemos inferir que se trata de espeleólogos. Ao fundo da cena estão pinturas rupestres, representando animais, como cervos, cavalos e bisões, e quatro mãos, semelhantes às aquelas encontradas na Caverna de Altamira, Espanha, ou na *Cueva de Las Manos*, Argentina (IMAGEM 3). Com semblante animado, o personagem de casacão verde aponta para a mão pintada que se encontra ao centro da imagem. Ela se diferencia das outras mãos por seu contorno singular. A silhueta lembra a configuração de mão<sup>7</sup> em Língua de Sinais Americana (*American Sign Language – ASL*) denominada *ILY* (abreviação de *I Love You*, “Eu Te amo”, em inglês). Abaixo da imagem, uma legenda que expressa a fala do personagem: “*Look, it is a ILY hand shape!*”<sup>8</sup>. A pintura da configuração de mão em *ILY* seria, na imaginação do autor, um indício da presença dos surdos na Pré-História.



IMAGEM 3 – Representações de mãos nas pinturas rupestres. À esquerda, em Altamira (Espanha), e, à direita, na *Cueva de las Manos* (Argentina). Fontes: <<https://imagenes.elpais.com/resizer/D61eHJnguRyeW4w8RkGFYx2MGes=/980x0/arc-anglerfish-eu-central-1-prod-prisa.s3.amazonaws.com/public/GMZG36YVDXVMEHVLBVLBPHWSHY.jpg>> e <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cueva\\_de\\_las\\_Manos#/media/Ficheiro:SantaCruz-CuevaManos-P2210651b.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cueva_de_las_Manos#/media/Ficheiro:SantaCruz-CuevaManos-P2210651b.jpg)>. Acesso em: 27 jul. 2022.

A existência de surdos na Pré-História, conforme Daigle quer sugerir, é algo que pode ser apenas especulado, uma vez que os vestígios daquele período não permitem identificá-la. Contudo, é de se supor que a surdez acompanhe a humanidade desde os seus primórdios. Basta considerarmos a vida arriscada dos bandos de nômades caçadores-coletores, às voltas com animais selvagens e terrenos inóspitos, como atestam fósseis fraturados e os registros nas paredes de grutas e

<sup>7</sup> Um sinal em língua de sinais é constituído por cinco parâmetros, sendo um deles a configuração de mão. Os demais são: movimento, locação, orientação de mão e expressões não manuais. Entende-se por configuração de mão forma que a mão assume para realizar um sinal (FERNANDES, 2018).

<sup>8</sup> A frase pode ser assim traduzida para a Língua Portuguesa: “Veja, é um sinal de *ILY*!”.

cavernas. Não seria errôneo supor a ocorrência de acidentes que poderiam resultar na surdez dos indivíduos. Mas como viviam? De que maneira eram socialmente tratados? Permanece o mistério. Por outro lado, as evidências indicam que o uso de uma linguagem gestual pode ter sido a primeira forma de comunicação entre os hominídeos (LLORENTE, 2021). Se tal inferência também não é capaz de testemunhar sobre a vida dos surdos nos tempos pré-históricos, tem potencial para colocar em xeque a primazia da oralidade.

Contudo, o que entendo como uma provocação de Daigle não reside em especulações sobre um período histórico específico (embora o artista insista no tema<sup>9</sup>). Ela vai além! A imagem contém uma importante afirmação: os surdos estão na História. Em uma dimensão daquilo que é vivido, isso parece uma obviedade. Porém, o mesmo não pode ser dito em relação à História enquanto narrativa das ações humanas no tempo. Nesse caso, por muito tempo, os surdos foram negligenciados como sujeitos do conhecimento histórico. Daí o misto de espanto e contentamento dos personagens de Daigle ao descobrirem um sinal da presença dos surdos na trajetória humana. Visto como um manifesto, o quadrinho de Daigle proclama o lugar dos surdos como sujeitos históricos e reivindica um olhar mais atento às marcas por eles deixadas na História.

Para o presente capítulo, convido o leitor a explorar a caverna de Daigle, percorrendo distintas conjunturas a fim de identificarmos o protagonismo dos surdos na História. Antes de prosseguir, assim como em qualquer exploração, cuidados se fazem necessários. Em primeiro lugar, apesar do flerte com uma história mais generalista, não tenho a pretensão de realizar uma utópica “história geral dos surdos”. A proposta aqui é apresentar um panorama capaz de situar o leitor em uma visão mais geral da trajetória dos surdos na História, detendo-se tão somente em personagens e contextos tidos como fundamentais. Esses constituem-se em uma seleção de muitas que são possíveis a partir de determinados critérios. No caso deste texto, opto por aquilo que Lopes (2011) denomina como história dos surdos. De acordo com as concepções da autora, trata-se de uma abordagem que considera necessariamente o

---

<sup>9</sup> Em outra charge da série *In Deaf Culture...*, Matt Daigle mostra a descoberta de um surdo pré-histórico por dois alpinistas. A identificação como surdo se faz possível porque o personagem aparece congelado com seus olhos voltados para as mãos posicionadas em configuração de língua de sinais. Abaixo da imagem, há a seguinte legenda: *Frozen deaf caveman found by climbers* (Homem das cavernas surdo congelado encontrado por alpinistas). A tira em quadrinhos pode ser visualizada em: <<https://culturasurda.files.wordpress.com/2011/12/matt-daigle.jpg>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

ponto de vista desses sujeitos e entende a sua trajetória histórica como construção identitária, em contraponto à história da surdez, que enfatiza a deficiência e a busca por uma adequação dos indivíduos a uma norma hegemônica.

Cabe frisar que aqui não será narrada a história dos surdos, mas **uma** história dos surdos, de modo a não cairmos na cilada da história única. Adichie (2019) alerta para o perigo das narrativas pautadas em apenas uma perspectiva, em geral, dos povos e grupos dominantes, que acabam por conformar estereótipos. Perlin (2002) e Strobel (2009), pesquisadoras surdas, afirmam que a história dos surdos, quando considerada, foi inicialmente narrada pelos ouvintes. As autoras entendem que os ouvintes exerceram uma colonização linguística e cultural sobre os surdos. Em seus trabalhos, elas tomam para si a tarefa de apresentar a história dos surdos pelo viés dos próprios surdos. Por conseguinte, embora eu possa ser tido como membro da comunidade surda<sup>10</sup>, reconheço que sou ouvinte e, portanto, a história dos surdos aqui apresentada já é demarcada por um lugar de fala distinto dos sujeitos de meu discurso. No entanto, procurarei privilegiar as concepções dos surdos sobre sua história.

Apesar de esquecida pela historiografia, a história dos surdos vem sendo estudada por diversos autores, surdos e ouvintes, sobretudo aqueles filiados (direta ou indiretamente) ao campo educacional. Dentre as pesquisas que versam sobre a história dos surdos, com as quais dialogo, estão abordagens mais tradicionais e generalistas (CABRAL, 2005; CARVALHO, 2007; OLIVEIRA, 2012; SACKS, 2005); recortes mais pontuais em temas específicos (BARROS, 2014; KELMAN & SANTOS, 2020; LAGE & CRUZ, 2022; LAGE & KELMAN, 2019a; 2019b; LOPES, 2011; PADOVANI NETTO, 2017a, 2021a; PINHO & MENEZES, 2013; REILY, 2007; ROCHA, 2007, 2009, 2018; SOFIATO & REILY, 2011; SOUZA & RODRIGUES, 2021); obras não exclusivas a respeito da surdez (LOBO, 2008; MAZZOTTA, 2011) e aquelas que se situam na perspectiva surda (BERTHIER, 1840; PERLIN, 2002; SPELLING; CEZAR; SILVA, 2019; STROBEL, 2007, 2008, 2009).

Por ter sido pesquisada e narrada quase que exclusivamente por educadores, a história dos surdos acaba por confundir-se com a história da educação de surdos,

---

<sup>10</sup> Embora em um sentido mais restrito o conceito de comunidade surda se refira ao conjunto dos surdos, ele também engloba todos aqueles que com eles se relacionam mais diretamente e, em particular, militam por sua causa, como familiares, amigos, tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (TILSPs) e professores (ALBRES, 2010).

sendo, portanto, pautada por questões específicas dessa área. Já temos um importante conhecimento acumulado a respeito das diferentes metodologias de ensino utilizadas na educação das pessoas surdas ao longo da história, de educadores que as criaram e/ou desenvolveram e do histórico de instituições educacionais de surdos. Contudo, ainda sabemos pouco sobre a vida cotidiana de surdos e suas sociabilidades no passado, para citar alguns exemplos. Assim, a história dos surdos permanece com uma série de lacunas.

Além das lacunas, a história dos surdos é atravessada por mitos e disputas narrativas. Sofiato e Reily (2011), ao abordarem o mito na história dos surdos, tratam esse conceito como uma bricolagem, ou seja, uma composição de experiências, relatos e narrativas cuja função é explicar a origem de algo. Embora nem sempre corroborados pelos fatos quando investigados de modo mais aprofundado, não se trata de farsas ou mentiras. As autoras trazem o caso da suposta primeira publicação de um dicionário em língua de sinais brasileira: o livro *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, pelo surdo Flausino José da Costa Gama, em 1875 (SOFIATO; REILY, 2011). A ele, podemos agregar outros, como a atribuição de que membros surdos da família imperial teriam motivado D. Pedro II a criar a primeira instituição de ensino para surdos do Brasil ou a proibição do uso de língua de sinais na educação de surdos pelo Congresso de Milão (1880). Mais adiante, tratarei de esclarecer esses fatos.

Quanto às disputas narrativas no âmbito da história dos surdos, elas não se encerram quando tomadas pelos próprios surdos aos discursos produzidos pela ótica dos ouvintes. Em sua tese, Rocha (2009) defende que a história dos surdos vem sendo permeada pela oposição surdo *versus* ouvinte, fundamentada em concepções de Harlan Lane e Carlos Skliar, autores basilares nos estudos socioantropológicos sobre a surdez. De acordo com Rocha, essa perspectiva acaba por se tornar uma *história-tribunal*, na qual personagens tidos como opressores dos surdos são condenados, incorrendo em anacronismos e apagamentos históricos (ROCHA, 2009). Tal viés também consideraria como surdos apenas os usuários/defensores de língua de sinais, excluindo outras identidades surdas. Entendo, no entanto, que, acautelando-se das incorreções históricas, é perfeitamente legítimo que os surdos assumam um ponto de vista decolonial ao se assenhorarem da narrativa de sua história.

Percebe-se que a “caverna” aonde iremos nos embrenhar possui uma topografia complexa, com múltiplas galerias a explorar. Contudo, ofereço uma condução a mais didática possível ao percurso, considerando que a narrativa aqui apresentada pode se tornar um instrumental para orientar educadores que se desafiem a abordar a história dos surdos junto a seus alunos. Dessa forma, este capítulo busca atender a objetivos da presente pesquisa no que concerne à introdução de elementos relacionados à história dos surdos em ações pedagógicas destinadas ao ensino de História nos contextos de inclusão com educandos surdos. Uma vez que essa temática ainda não faz parte do repertório de saberes dos professores da disciplina (SANTOS, 2018b), se faz necessário que esses docentes (re)conheçam a história dos surdos como fundamento para a construção do trabalho aqui proposto.

### 1.1 PRIMEIRA GALERIA: ANTES DA REVELAÇÃO (DA ANTIGUIDADE AOS TEMPOS MODERNOS)

As periodizações históricas costumam ser arbitrárias e generalizantes, considerando apenas referenciais de quem as estabeleceu e tomando características específicas como representativas de um todo. No entanto, elas podem ser úteis no sentido da didatização das narrativas sobre o passado, apresentando-o de uma forma menos caótica do que se mostra na realidade. Isso posto, a história dos surdos será aqui abordada em um formato temporalmente linear, seguindo uma proposta de periodização proposta por Strobel (2009), respeitando-se a perspectiva surda. Ao considerar marcos temporais, representações e fatos relacionados à trajetória dos sujeitos surdos na história, a autora sugere três períodos: Revelação Cultural (1760-1880), que corresponde à época em que começa a se constituir uma cultura surda, a partir do estabelecimento das primeiras instituições de ensino públicas para surdos e das ações de seus egressos; Isolamento Cultural (1880-1960), quando ocorre a proscricção das línguas de sinais em contextos educacionais; e Despertar Cultural (a partir da década de 1960), fase de valorização das línguas de sinais e da conquista de direitos pela comunidade surda. Mais adiante, tratarei de explorar essas “galerias” mais apropriadamente e com as devidas ressalvas. Por ora, adentramos a “caverna de Daigle” em um período não considerado por Strobel.

À semelhança de outra caverna, a de Platão, quando lançamos nosso olhar sobre o passado, não é possível apreendê-lo em si, mas apenas as suas sombras, ou melhor, as representações a respeito desse tempo. Perlin (2002) trata do período que

corresponde às idades Antiga, Média e Moderna na divisão clássica da História como uma época em que os surdos não puderam narrar a si mesmos, sendo representados a partir da ótica dos ouvintes como amaldiçoados, marginalizados, inválidos, excluídos, doentes, necessitados de cura e de proteção.

Um dos registros mais antigos sobre surdos foi feito pelo grego Heródoto (484 a.C.-425 a.C.), tido como o pai da História. Em sua obra *Histórias*, na qual inaugura a narrativa histórica baseada em pesquisa e alicerçada em acontecimentos – os fatos históricos –, esse escritor relata que Creso (596 a.C.-546 a.C.), rei da Lídia, teve dois filhos, um deles seria surdo-mudo. Uma “desgraça de nascença”, segundo o autor, que ainda a atribui a um castigo dos deuses pela soberba do governante (permanência de elementos mitológicos das narrativas tradicionais). Enquanto Heródoto descreve Átis, o outro filho de Creso, como um jovem superior aos de sua idade, o personagem surdo-mudo sequer é nomeado (HERÓDOTO, *Histórias*, Livro I, *Clio*, XXXIV). Seu único feito importante teria sido salvar a vida do pai, milagrosamente emitindo um grito que deteve a ação de um soldado inimigo prestes a assassinar o rei (HERÓDOTO, *Histórias*, Livro I, *Clio*, LXXXV). Por meio da narrativa de Heródoto, é possível inferir sobre o lugar e as expectativas que seriam por séculos atribuídas aos surdos no mundo ocidental: socialmente invisibilizados, cuja única possibilidade de destacar-se era por meio da aquisição da fala.

Narrativas de infanticídio de bebês surdos entre chineses, espartanos e gauleses na Antiguidade, com relatos de crianças sendo sacrificadas e lançadas de penhascos são corroboradas por autores como Carvalho (2007) e Oliveira (2012). Ferdinand Berthier, intelectual surdo francês que no século XIX apresentou a sua história da educação de surdos, afirmava que tais fatos seriam “concebíveis” (BERTHIER, 1840, p. 7), revelando um cuidado no tratamento da questão ao encará-la como uma possibilidade naquele contexto histórico, mas que carece de fontes seguras para sua comprovação. Tais práticas de fato existiram em relação aos nascidos com alguma deficiência, sobretudo física, sob justificativas de ordem social, econômica ou religiosa. Contudo, o mais provável é que as crianças surdas tenham escapado do extermínio, uma vez que a surdez só pode ser percebida tardiamente, conforme pondera Cabral (2005), quando se inicia a aquisição da língua.

Outro ponto controverso sobre os surdos na Antiguidade está na afirmação de que no Egito e na Pérsia, as pessoas surdas teriam sido veneradas, identificadas como interlocutoras dos deuses por utilizarem uma “linguagem misteriosa”. Uma

informação animadora quando buscamos o protagonismo surdo na História e que oferece pistas para rastreamos as origens das línguas de sinais. Embora citada por Cabral (2005), Carvalho (2007), Pinho & Menezes (2013), Strobel (2008) e, novamente, por Berthier (1840), nenhum deles apresenta fontes que a sustentem. Há até contradições entre os autores. Enquanto Cabral (2005) entende que se trata de um indício de consideração dos surdos como sujeitos educáveis, Strobel (2009), observa uma ambivalência na situação: apesar de socialmente respeitados, não teriam uma vida ativa e nem seriam educados.

Ainda na Antiguidade, as visões de mundo grega e judaico-cristã, que moldaram o pensamento ocidental, também influenciariam decisivamente nas concepções sobre a surdez e o lugar social dos sujeitos surdos. Para os hebreus, a surdez era vista como castigo divino e dessemelhança com Deus, implicando em segregação social, conforme descrições encontradas no Talmude e no Antigo Testamento da Bíblia. Na Grécia, apesar de Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) reconhecer formas de comunicação alternativas à fala, como os gestos e a pantomima, prevaleceu a teoria de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), segundo a qual a aquisição da linguagem e a educação só podiam ser obtidas pela fala e pela audição. Logo, os surdos passaram a ser entendidos como incapazes de aprender e, por consequência, como seres irracionais.

Com o advento do cristianismo (a partir do século I), mesmo tidos como filhos de Deus e objetos da caridade, mantiveram-se os estigmas, reforçados pela crença de que aos surdos estaria interdita a salvação da alma, uma vez que seriam impossibilitados de ouvir a pregação dos preceitos religiosos e confessar os seus pecados. Por outro lado, Agostinho de Hipona, também conhecido como Santo Agostinho (354-430), em uma de suas referências aos surdos nas suas *Confissões*, assim questiona: “Diga-me, nunca viste alguém conversar com os surdos por gestos, e os próprios surdos entre si também por gestos, perguntam, respondem, ensinam ou indicam tudo o que querem, ou quase tudo?” (SANTO AGOSTINHO, 397/2007, p. 165) Embora entendesse a surdez como um castigo divino, Agostinho, cuja filosofia foi de grande influência ao nascente catolicismo, acreditava na possibilidade dos surdos aprenderem e transmitirem conhecimento pelos gestos.

Na Idade Média europeia (séculos V-XV), com base no Código Justiniano (534), os surdos foram categorizados em cinco grupos: os surdos e mudos de nascença; os que ficavam surdos e mudos durante a vida; os que nasciam surdos, mas não eram

mudos; os que ficavam surdos sem perder a fala e os que eram mudos sem serem surdos (CARVALHO, 2007). Dependendo da categoria em que se encontravam, podiam ter mais ou menos direitos. Para ter direito à propriedade, a contrair núpcias e a formalizar contratos, para citar alguns exemplos, o surdo precisava necessariamente falar. A exclusão legal e social recaía sobretudo entre os congênitos e os que não falavam.

Datam do medievo os primeiros registros relacionados à educação de surdos, com poucas informações sobre os métodos de ensino empregados, não raro consistindo em relatos de curas milagrosas tão característicos do imaginário do período. John de Beverley, bispo da cidade de York, que viveu entre os séculos VII e VIII, é creditado por diversos autores como o primeiro educador de surdos conhecido (CABRAL, 2005; CARVALHO, 2007; REILY, 2007; OLIVEIRA, 2012). De acordo com Reily (2007), o venerável Beda (673-725), monge e teólogo inglês, narrou a história de Beverley, que se interessou em educar um jovem surdo, o qual teria aparecido em sua igreja, ensinando-o secretamente a ler, a escrever e a falar. Tudo teria culminado com o surdo rezando o *Pai Nosso* durante uma Missa. Apesar de elementos fantásticos, tais fatos demonstram o início de uma quebra no paradigma vigente, segundo o qual a educação de surdos não seria possível, e prenunciavam elementos que a caracterizariam nas épocas imediatamente subsequentes: o papel fundamental de religiosos como educadores e seu objetivo calcado em concepções de cura e normalização dos sujeitos (LOPES, 2011).

No contexto da explosão artística do Renascimento (séculos XIV-XVI), encontramos o pintor italiano Bernardino di Betto Biagi (1454-1513), mais conhecido como Pinturicchio. A outra alcunha que recebeu, *il Surdicchio*, revela sua condição: Pinturicchio era surdo desde a adolescência (CARVALHO, 2007). Esse artista teria sido colega de Rafael Sanzio (1483-1520), na oficina de Pietro Perugino (1448-1523). Pinturicchio pintou afrescos e painéis em diversas capelas e igrejas italianas (IMAGEM 4), incluindo o Vaticano, com obras que decoram a Biblioteca e a Capela Sistina. Segundo Carvalho (2007), em seu tempo, era o pintor favorito da Cúria Romana. Apesar disso e da qualidade de seu trabalho, Pinturicchio não é citado pela historiografia entre os grandes artistas do Renascimento. Também não teria sido o único artista surdo do período. Carvalho (2007) cita ainda Christoforo de Predis (1440-1486), mestre das iluminuras. O autor ainda afirma que Leonardo da Vinci (1452-1519)

incluiu os gestos do corpo e da língua gestual em seus estudos sobre a fisionomia (CARVALHO, 2007).



IMAGEM 4 – *Anunciação*, de Pinturicchio. Afresco pintado na Capela Baglioni, Itália (1500-1501). Os personagens parecem se comunicar por gestos. Um autorretrato do pintor aparece à direita. Fonte: <<https://mydailyartdisplay.uk/tag/pinturicchio/>>. Acesso em: 03 ago. 2022.

A valorização do ser humano e de suas capacidades propostas pelo Humanismo e o desenvolvimento do método científico, com importantes descobertas no campo da anatomia, incluindo os estudos do aparelho auditivo por Gabriele Falloppio (1523-1562) e Bartolomeo Eustachi (c.1500-1574), possibilitaram que a surdez fosse repensada, abrindo caminho para o acesso das pessoas surdas à educação e a alguns direitos. O intelectual italiano Girolamo Cardano (1501-1576), cujo primogênito era surdo, teorizou que a surdez não era uma condição mental e que, contrariando o paradigma aristotélico, os surdos possuíam capacidade para aprender por outros meios que não a fala e a audição (OLIVEIRA, 2012). No campo jurídico, o jurista espanhol Lasso defendeu que aos surdos deveriam ser assegurados direitos hereditários, desde que aprendessem a falar (CABRAL, 2005; OLIVEIRA, 2012). Dessa forma, a educação de surdos nobres ganhou impulso, uma vez que passou a ser concebida como instrumento para a manutenção de bens nas famílias da aristocracia.

O monge beneditino Pedro Ponce de León (1520-1584) é apontado como o primeiro a educar surdos de modo sistemático e efetivo (CABRAL, 2005; CARVALHO,

2007; MAZZOTTA, 2011; LOBO, 2020; OLIVEIRA, 2012; REILY, 2007). Berthier questionava esse pioneirismo, que creditava a Jean Pasck e a Girolamo Cardano (LAGE; KELMAN, 2019a). Segundo Reily (2007), os primeiros alunos surdos de Ponce de León foram os irmãos Francisco e Pedro Fernández de Velasco y Tovar, filhos do condestável<sup>11</sup> de Castela. Eles teriam também duas irmãs surdas, educadas em convento (REILY, 2007), sobre as quais ainda carecem informações que poderiam indicar semelhanças e diferenças na educação de meninos e meninas surdas. Importante ressaltar que não era incomum a surdez congênita em famílias nobres, o que Reily (2007) atribui aos casamentos consanguíneos.

Com o sucesso da educação de Francisco e Pedro Fernández, os quais demonstraram elevada instrução, chegando a discursar em público (LAGE; KELMAN, 2019a), Ponce de León passou a receber no mosteiro de San Salvador de Oña (Espanha), onde vivia, outros filhos surdos de nobres a fim de que fossem educados. Além da articulação da fala, seus métodos de ensino incluíam o uso de sinais e de datilologia<sup>12</sup> para chegar à escrita. Os sinais e o alfabeto manual já eram de conhecimento de Ponce de León por serem utilizados como forma alternativa de comunicação por monges que faziam o voto de silêncio. Foram registrados desde a Idade Média como forma de serem transmitidos e compreendidos no interior dos mosteiros e entre esses estabelecimentos (REILY, 2007). No entanto, Reily (2007) defende que Ponce de León também teria feito uso de sinais caseiros dos próprios alunos, uma vez que o vocabulário dos sinais dos monges era limitado ao cotidiano dos mesmos, não contemplando os usos da palavra próprios à nobreza.

O modelo de educação de surdos inaugurado por Ponce de León, propagou-se pela Europa e perdurou por toda a Idade Moderna (séculos XV-XVIII). Os jovens nobres surdos eram enviados aos mosteiros. Ainda que contassem com mais de um educando, o ensino era individualizado e os alunos mantidos a maior parte do tempo separados, de modo a se evitar o uso de algum tipo de comunicação por sinais. No entanto, fora dos olhares de seus preceptores, sinalizavam entre si, o que expressa uma tensão entre poder e resistência existente naquele contexto educacional (LOPES, 2011). Quanto aos surdos pobres, não tinham acesso à educação, considerando os

---

<sup>11</sup> Título honorífico cuja designação variou de acordo com o tempo e com o país. No caso, refere-se aos descendentes do mais alto comandante militar de Castela, um dos reinos formadores da Espanha.

<sup>12</sup> Utilização de alfabeto manual para exprimir nomes ou palavras, correspondendo à soletração nas línguas orais.

custos elevados das aulas, que só poderiam ser arcadas por famílias ricas, e o próprio sentido econômico então atribuído à educação de surdos.

Na esteira de Ponce de Léon, outros clérigos se incumbiram/foram incumbidos da educação de surdos, dentre eles o padre espanhol Juan Pablo Bonet (1573-1633). Bonet foi secretário da família Velasco e, assim como Ponce de Léon, educou um de seus membros surdos, sem o mesmo sucesso. No entanto, a importância de Bonet está em seu livro *Reducción de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*<sup>13</sup>, publicado em 1620. Nele, o clérigo apresentava seus métodos de ensino. Embora tivesse como objetivo a aquisição da fala pelos surdos e condenasse o uso da linguagem gestual, defendia a datilologia como meio para o aprendizado da leitura pelos surdos, incluindo em sua obra um alfabeto manual, o qual guarda semelhanças com aquele utilizado atualmente no Brasil (IMAGEM 5).

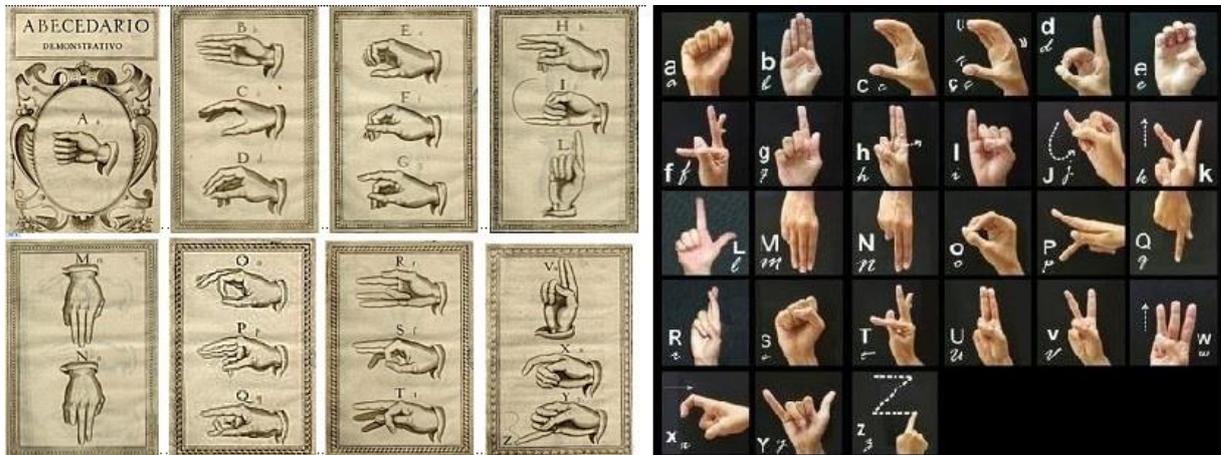


IMAGEM 5 – Alfabetos manuais. À esquerda, ilustrado por Juan Pablo Bonet em *Reducción de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*. À direita, colagem de fotografias compondo o alfabeto manual em Libras. Fontes: <<https://historiaragon.com/2017/01/05/juan-de-pablo-bonet/>> e <<http://librasesudossurdos.blogspot.com/2011/04/qual-diferenca-entre-alfabeto-manual-e.html>>

O alfabeto manual apresentado por Bonet seria o mesmo publicado anteriormente pelo franciscano Melchor Sánchez de Yebra, o qual pode ser registro de uma forma de comunicação usada por judeus na Espanha (LAGE; CRUZ, 2022). Reclamam outras suspeitas sobre Bonet, como ter se apropriado de métodos de ensino criados por Ponce de Léon e por Manuel Ramírez de Carrión (LAGE; KELMAN, 2019a; REILY, 2007), outro educador de surdos, seu contemporâneo, tido como surdo por Berthier (LAGE; KELMAN, 2019a) – dado importantíssimo, mas que ainda carece de respaldo. De todo modo, a publicação de Bonet é considerada um marco na história da educação de surdos, de acordo com Carvalho (2007), repercutindo a questão entre

<sup>13</sup> O título pode ser assim traduzido: *Redução das letras e arte para ensinar os mudos a falar*.

a intelectualidade europeia e influenciando outros educadores, como o reverendo inglês John Wallis (1616-1703), o médico suíço Konrad Amman (1669-1724), o professor português Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780) e o abade francês Charles Michel de l'Épée (1712-1789).

## 1.2 SEGUNDA GALERIA: REVELAÇÃO CULTURAL (1760-1880)

Prepare sua câmera! O que se verá nesta galeria é um espetáculo. Instituições de ensino para surdos são abertas em diferentes países; surdos de distintas camadas sociais passam a ter acesso à escolarização; professores surdos são formados, tornando-se educadores e referências para outros surdos; intelectuais surdos publicam e difundem suas próprias ideias; as línguas de sinais começam a ser reconhecidas, inclusive como meios fundamentais à educação de surdos; comunidades surdas são constituídas e estabelecem-se as primeiras associações de surdos, levantando as primeiras bandeiras das causas desse grupo. Não se trata de uma descrição do atual contexto histórico, mas de uma visão panorâmica do período referente à história dos surdos que Strobel (2009) denomina Revelação Cultural.

Embora Strobel não apresente as balizas temporais do período, entendo que tem como marcos o início do trabalho de educação pública de surdos pelo abade francês Charles Michel de l'Épée, em 1760, e o II Congresso Internacional sobre a Instrução dos Surdos-Mudos, realizado em Milão, em 1880, no qual o uso de línguas de sinais é rejeitado no contexto da educação de surdos. A autora assim define o período:

Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso do Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos (STROBEL, 2009, p. 12).

Outros estudos parecem corroborar essa concepção da autora. Sacks (2005) denomina o mesmo período como “era dourada”, com escolarização, cidadania e posições socialmente importantes para os surdos. Segundo o autor, em 1850, metade dos professores de surdos nos Estados Unidos eram surdos (SACKS, 2005). A tese de Lage (2019) e seus trabalhos em parceria com Cruz (2022) e Kelman (2019a; 2019b), vêm evidenciando o papel de destaque, pioneirismo e até visionário de educadores (de) surdos do período, como Auguste Bébien (1789-1839) e, sobretudo, Ferdinand Berthier (1803-1886). Rocha (2018) compartilha dados que dão conta da

existência de mais de 250 instituições de ensino para os surdos espalhadas por diversos países nas décadas finais do século XIX. Mas não nos deixemos inebriar pela bela visão, trata-se de um contexto histórico marcado por uma ferrenha disputa no campo educacional dos surdos e pela permanência de estigmas relacionados à surdez, alguns avalizados pela própria Ciência de então.

Durante este período, a história dos surdos, mais especificamente, a história da educação de surdos passou a ser atravessada pela polarização entre duas propostas pedagógicas distintas. De um lado, a Escola Francesa, defendendo o chamado Método Combinado, que envolvia o uso de língua de sinais nos processos educacionais, associando-o à escrita. Do outro, a Escola Alemã, defendendo o Método Oral, o qual apoiava-se na articulação da fala e na leitura labial (ROCHA, 2018). Foram denominadas a partir das duas instituições de ensino para surdos que originalmente adotaram seus respectivos métodos: o Instituto Nacional de Surdos-Mudos<sup>14</sup> de Paris (atual Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris), fundado a partir das iniciativas educacionais do abade de l'Épée, e a escola para surdos de Leipzig, fundada pelo alemão Samuel Heinicke (1727-1790), em 1778.

Considerado “pai da educação pública para surdos” (LÓPEZ, 2018), o abade de l'Épée começou a ensinar pessoas surdas por caridade, assumindo a instrução religiosa de um casal de gêmeas surdas em substituição a um amigo clérigo falecido. De l'Épée utilizava em sua metodologia de ensino o alfabeto manual, que conhecia desde a infância<sup>15</sup>, e a associação com imagens para o aprendizado da leitura e da escrita. Posteriormente, criou os Sinais Metódicos, hibridização dos sinais que aprendia com os seus alunos, os quais considerava incompletos, com aqueles por ele criados, numa tentativa de aproximar a comunicação por sinais da gramática francesa (REILY, 2007). O sucesso da empreitada levou de l'Épée a receber outros estudantes surdos, culminando na criação de uma escola, em 1760.

Essa instituição educacional, primeira para pessoas com deficiência (MAZZOTTA, 2011), foi inicialmente mantida pelo próprio abade e tinha caráter filantrópico, atendendo a alunos de distintas camadas sociais, democratizando assim o acesso de surdos ao ensino, até então restrito à nobreza. Também diferente dos

---

<sup>14</sup> O termo “surdo-mudo” está em desuso hoje, pois os surdos não são mudos, uma vez que, via de regra, não possuem comprometimento no aparelho fonador. No entanto, Campello (2020) faz a defesa da retomada do termo, ressignificando-o a partir de critérios linguísticos e identitários.

<sup>15</sup> Segundo López (2018), o alfabeto manual era difundido entre os jovens estudantes franceses na segunda metade do século XVIII.

educadores que o antecederam e de seus contemporâneos, de l'Épée compartilhava seus métodos de ensino e abria as portas de sua escola aos interessados em conhecê-los (REILY, 2007). Era comum o sigilo dos educadores a respeito da metodologia que empregavam, uma vez que a educação de surdos se constituía em um negócio rentável. Após a morte de l'Épée, em 1789, sua escola foi assumida pelo governo revolucionário francês, tornando-se, em 1791, no Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Essa instituição de ensino manteve-se como referência para a criação de estabelecimentos de ensino similares na França e no mundo, de grande contribuição para a constituição da Língua de Sinais Francesa (LSF), para a formação de professores e intelectuais surdos e contribuindo também para o surgimento do que seria posteriormente conhecido como cultura surda (LOPES, 2011).

Ainda em vida, de l'Épée travou um debate com educadores de surdos que divergiam de seus métodos pedagógicos, sustentando a oralidade como meio e meta para a educação daqueles indivíduos. O primeiro foi Jacob Rodrigues Pereira, filho de judeus portugueses, que desenvolveu seu trabalho com surdos na França. Detalhes de seus métodos são desconhecidos, pois os mantinha em segredo (CARVALHO, 2007). O outro foi Samuel Heinicke, criador e diretor do Instituto de Mudos e Outras Pessoas Afligidas por Defeitos de Fala do Eleitorado do Saxe, em Leipzig, Alemanha. Defendia que a educação de surdos deveria ser semelhante à de crianças ouvintes, com o aprendizado da fala precedendo a escrita e partindo do ensino do concreto ao abstrato (CARVALHO, 2007). Seu Método Oral, divulgado à época em artigos de jornais, tornou-se paradigmático, rivalizando com aquele desenvolvido por de l'Épée. Importante salientar que ambos os métodos não eram puros como se acredita a eles. Em outras palavras, o método da Escola Francesa não abandonou o propósito de aquisição da fala, enquanto a Escola Alemã recorria a sinais e datilologia como recursos pedagógicos.

Em 1779, o francês Pierre Desloges (1747-1799) publicou o primeiro livro conhecido de autor surdo (CARVALHO, 2007): *Observations d'un sourd et muet sur un cours élémentaire d'éducation des sourds et muets*<sup>16</sup>. Pela primeira vez também, uma pessoa surda encontrava meios para se colocar publicamente a respeito de questões que lhe diziam respeito, assumindo um papel de protagonismo. Desloges tornou-se surdo aos 7 anos, tendo aprendido tardiamente a língua de sinais com um

---

<sup>16</sup> O título pode ser assim traduzido: *Observações de uma pessoa surda e muda sobre um curso elementar na educação de surdos e mudos.*

surdo italiano, o qual “serviu grandes casas” (LAGE; KELMAN, 2019a). Em seu livro, Desloges faz uma contundente defesa da língua de sinais e de seu uso na educação de surdos. De fato, trata-se de uma resposta do autor ao abade Claude Charles Deschamps (1699-1779), crítico da Escola Francesa. Desloges ainda demonstrou que a LSF foi criada pelos próprios surdos e não pelo abade de l'Épée, conforme se atribuía (CARVALHO, 2007). Sem se limitar às questões que envolviam os surdos, Desloges também escreveu textos sobre outras temáticas, como a Revolução Francesa, da qual foi contemporâneo (CARVALHO, 2007).

Na trilha aberta por Desloges, destacou-se aquele que é provavelmente o personagem surdo mais importante do século XIX: Ferdinand Berthier. Surdo congênito, Berthier ingressou no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris aos 8 anos. Dentre seus mestres, figurou Roch-Ambroise Auguste Bébien (1789-1839), defensor da potencialidade intelectual dos surdos, contrapondo-se a concepções então vigentes, e do status de língua às línguas de sinais, antecipando-se a constatações que só seriam muito posteriormente aceitas. Bébien foi pioneiro nos estudos sobre a escrita das línguas de sinais, com a publicação de *Mimographie or Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des surds-muets*<sup>17</sup>, em 1825, como forma de difundir e regularizar a LSF, bem como utilizá-la na educação de surdos (LAGE; KELMAN, 2019b).

Berthier seguiu e expandiu o pensamento de Bébien, pautando seu trabalho acadêmico, sua obra literária e sua militância na defesa da língua de sinais e da integração social dos surdos. Seu “currículo” foi extenso: primeiro professor surdo do Instituto de Paris<sup>18</sup>, cavaleiro da Legião de Honra, presidente da Sociedade Central de Surdos-Mudos e correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em uma surpreendente relação com o Brasil. Escreveu uma dezena de livros, entre os quais o premiado<sup>19</sup> *Les sourds-muets avant et depuis l'abbé de L'Épée*<sup>20</sup>, publicado em 1840, no qual, sob a ótica surda, narra criticamente a história da

---

<sup>17</sup> O título pode ser assim traduzido: *Mimografia ou Ensaio sobre escrita mímica, adequado para regularizar a linguagem dos surdos-mudos*. O termo *mímica* é uma das referências da época à língua de sinais, também denominada linguagem de sinais, língua dos gestos, língua natural dos surdos e pantomima (LAGE; KELMAN, 2019b).

<sup>18</sup> Doravante, denominarei Instituto de Paris ao Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, que recebeu diferentes denominações ao longo do tempo, sendo o atual Instituto de Jovens Surdos de Paris.

<sup>19</sup> Laureado com a Medalha de Honra da Sociedade de Ciências Morais, Letras e Artes de Seine-et-Oise.

<sup>20</sup> O título pode ser assim traduzido: *Os surdos-mudos antes e depois do abade de L'Épée*.

educação dos surdos. Contribuiu ainda para a formação das associações de surdos, por meio de um evento que criou e organizou: os Banquetes Surdos (LAGE; KELMAN, 2019a, 2019b).

De acordo com Souza (2021), os Banquetes Surdos nasceram como resistência a um contexto de dificuldades para os surdos do Instituto de Paris. Sob a influência de Jean Marc Itard (1775-1838)<sup>21</sup>, médico-chefe da instituição, a surdez foi deslocada do âmbito da pedagogia para a medicina, com propósitos de cura e reabilitação da fala, o que levou os professores surdos a serem demitidos ou rebaixados à condição de instrutores. Sob o pretexto de homenagear a memória do abade de l'Épée, mas com o propósito político de congregar os surdos em prol de suas causas, Berthier e seus colegas de instituto, Claudius Forestier (1810-1891) e Alphonse Lenoir (1804-1886), organizaram o primeiro Banquete, em 30 de novembro de 1834 (SOUZA, 2021).

Os Banquetes Surdos, realizados anualmente, reuniam uma elite masculina de surdos, com convidados ouvintes, dentre os quais o escritor Victor Hugo (1802-1885) e Eugène Garay de Monglave (1796-1878), que se tornaram interlocutores na defesa das pautas surdas junto à classe política francesa. Nos encontros, realizavam-se debates sobre as questões relacionadas aos surdos, sendo marcados pela pluralidade de ideias (LAGE; KELMAN, 2019b), o que já assinala a diversidade surda, mas não evitou cisões. Nesse sentido, Cantin & Cantin (2021) tratam da realização de banquetes paralelos, organizados por Jules Imbert (1815-1885) e Joseph Antoine Cochefer (1849-1923), os quais opunham-se ao caráter conservador e de fundo religioso dos banquetes originais, além de defenderem a participação de mulheres surdas. Dos Banquetes Surdos e da necessidade de apoio mútuo, surgiu, em 1838, a Sociedade Central de Surdos-Mudos (LAGE; CRUZ, 2022), embrião do associativismo surdo. Um dos frutos desse ativismo emergente foi a conquista do direito ao voto pelos surdos na França, em 1848 (SOUZA, 2022).

Além de Berthier, outros egressos do Instituto de Paris tiveram um papel-chave na história dos surdos, alguns deles tornando-se responsáveis pelo estabelecimento

---

<sup>21</sup> Itard ganhou notoriedade com o caso do “menino selvagem de Aveyron”, no qual tratou e estudou uma criança encontrada vivendo como animal em uma floresta. O médico atribuiu tal comportamento à falta de educação e socialização da criança. Seus estudos teriam grande impacto em áreas como Educação, Psicologia e Antropologia. No entanto, atribuem-se a Itard a realização de procedimentos violentos em surdos por conta de seus intentos de encontrar uma cura para a surdez (CARVALHO, 2007; MAZZOTTA, 2011).

de instituições de ensino para pessoas surdas em diversos países. Dentre esses, Louis Laurent Marie Clerc (1785-1869) e Eduard Huet<sup>22</sup> (1822-1882). Laurent Clerc fundou o Asilo de Connecticut de Hartford para a Instrução das Pessoas Surdas e Mudas, nos Estados Unidos, em 1817, junto com o educador estadunidense Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), o qual havia realizado estudos no Instituto de Paris com o intuito de conhecer métodos de ensino para surdos (CARVALHO, 2007). Enquanto Huet criou a primeira escola para surdos do Brasil, o Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos, em 1856 (ROCHA, 2018). Institucionalizado em 1857 pelo governo do império, o colégio passou a ser o Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos, atualmente denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

De acordo com seu biógrafo (DELGADO, 2002), Huet era de família nobre e ficou surdo aos 12 anos, em consequência do sarampo. O fato de ser poliglota (mesmo após a surdez aprendeu espanhol), indica que teve uma formação esmerada. Antes de vir ao Brasil, ocupou o cargo de diretor do Instituto de Surdos-Mudos de Bourges, na França (LAGE; CRUZ, 2022). O ano atribuído à sua chegada ao Rio de Janeiro é 1855,<sup>23</sup> quando enviou solicitações ao governo imperial e à Câmara dos Deputados para a criação de uma escola para surdos (ROCHA, 2018). Estabelecida a instituição, Huet assumiu a dupla função de diretor e professor, desligando-se dela em 1861 (LAGE; CRUZ, 2022). Os motivos não são claros, mas podem estar relacionados à precariedade com a qual funcionava o instituto (poucos professores, sem espaço próprio) e atritos com instâncias governamentais (LOBO, 2020). Em 1865, foi convidado pelo governo do México para organizar uma escola para surdos naquele país, a qual também dirigiu (DELGADO, 2002).

---

<sup>22</sup> Há uma controvérsia a respeito do primeiro nome de Huet. Isso porque, nas fontes documentais, aparece apenas como E. Huet (em algumas, E. D. Huet), seja nas referências a ele, seja em sua própria assinatura. De acordo com editorial da *Revista da Feneis*, n.º 13 (2002), durante algum tempo, ele passou a ser denominado Ernest Huet, inclusive dando nome ao Ginásio Industrial do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 1963. Segundo Rocha (2018), pesquisas mais recentes (não referenciadas) indicam que seu nome seria Eduard, aqui utilizado. Outras denominações que encontrei: Edouard Adolf Huet Merlo (LAGE; CRUZ, 2022), Ernesto Hüet (MAZZOTTA, 2011) e H Ernest Huet (LOBO, 2022).

<sup>23</sup> Outra controvérsia. Rocha (2018), apresenta informações do Almanak Laemmert que fazem referência ao Colégio Francez, dirigido por um certo Huet, em 1845. Seria o surdo Huet ou um homônimo? Quem seriam os alunos desse colégio? Surdos? Questões intrigantes que clamam por possíveis esclarecimentos.

A história do INES<sup>24</sup> está associada a uma série de mitos, que seguem disseminados inclusive em pesquisas sobre a história da educação de surdos no Brasil. O primeiro deles é de que a criação do instituto se deu por iniciativa do imperador D. Pedro II, a partir de uma questão pessoal: o genro e o neto seriam surdos (BARROS, 2014). Tal afirmação parece calcada em uma perspectiva dos ouvintes, que subtrai de Huet o protagonismo nos fatos. É bem verdade que já havia proposta para o estabelecimento da educação pública para surdos no Brasil desde o Período Regencial, com o projeto de lei do deputado baiano Cornélio Ferreira França (1802-1878), de 1835, não efetivado (LAGE; CRUZ, 2022). Embora possa ser atribuída a Huet, a partir da criação de seu colégio, a gênese do INES se dá em um contexto de políticas públicas voltadas à organização da instrução primária no Brasil (ROCHA, 2018) e ao estabelecimento de instituições especializadas para o atendimento das pessoas com deficiência (MAZZOTTA, 2011). Lage e Cruz (2022) sugerem ainda ligações com a mobilização surda que ocorria na França.

Cabe ainda esclarecer que apesar do interesse pessoal de D. Pedro II na educação e de seu apoio à institucionalização do INES, há problemas com as informações de que seu genro e neto seriam surdos. Em *O Castelo de Papel*, biografia da princesa Isabel e de seu consorte, o conde d'Eu, Mary Del Priore (2013) não faz menção à suposta surdez do príncipe. Contudo, Becker (2015) afirma que a surdez teria sido atribuída ao conde d'Eu por seus detratores, apesar de reconhecer que o nobre tivesse deficiência auditiva, indicando inclusive possíveis causas: o histórico da família Orléans, a qual pertencia, e a exposição ao barulho da artilharia, uma vez que era militar. Strobel (2007) defende que a identidade surda do conde d'Eu foi mascarada pela historiografia. Quanto ao neto, o mais velho, Pedro Augusto, nasceria apenas em 1866, portanto, bem depois da criação do INES.

Outro equívoco é que a Língua de Sinais Brasileira (Libras) teria surgido no INES (CARVALHO, 2007), como uma adaptação da LSF trazida por Huet. É bem verdade que o instituto teve papel de grande relevância na organização e na difusão de uma língua de sinais brasileira, assim como é evidente a influência da LSF na Libras, dadas as muitas semelhanças entre sinais de ambas. No entanto, é preciso considerar que a comunicação por sinais entre surdos no Brasil ocorria independente e até anteriormente àquela instituição. Em uma de suas viagens pelo Brasil, no ano

---

<sup>24</sup> Adoto o nome atual do instituto, mesmo me referindo a épocas em que tinha outras denominações, de modo a não fazer o leitor se perder nas nomenclaturas.

de 1823, a inglesa Maria Graham (1785-1842) relata encontro que teve com duas irmãs surdas, primas de um proprietário de engenho no Rio de Janeiro:

Faziam-se compreender por sinais, muitos dos quais, posso mesmo dizer, a maior parte, seriam perfeitamente inteligíveis para os alunos de Sicar ou Braidwood (GRAHAM, 1956, p. 312).

Falam-se mutuamente, e fazem se entender por sua jovem prima, menina inteligente, que está sempre à mão, para interpretá-las. Elas inventaram também sinais convencionais para os nomes das flores e plantas do jardim, sinais conhecidos por toda a família. Fiquei encantada com a rapidez e a precisão com que conversavam sobre qualquer assunto de seu conhecimento (GRAHAM, 1956, p. 316).

Diversos pontos desse relato merecem nossa atenção. Quando Graham diz que os sinais utilizados seriam “inteligíveis para os alunos de Sicar ou Braidwood”, ela refere-se aos estudantes surdos do abade Roche-Ambroise Cucurron Sicard (1742-1822), que sucedeu de l'Épée na direção do Instituto de Paris, e Thomas Braidwood (1715-1806), fundador de escolas para surdos na Escócia. Ao fazer referência a esses educadores, Graham parece demonstrar que a educação de surdos era um tema que circulava mesmo entre os ouvintes. A consideração “inteligível” pode ser um indício de que as moças utilizavam alguma das línguas de sinais das quais os surdos europeus eram usuários. O que também pode indicar que teriam recebido algum tipo de educação formal, talvez com preceptores. Interessante observar que eram compreendidas pela família, recorrendo à figura de uma intérprete talvez por conta da presença de uma visitante.

Lage e Cruz (2022), ao também referenciar o relato de Graham, apontam para a ausência de um recorte socioeconômico nos estudos sobre a história da educação de surdos. Nesse sentido, a criação do INES se dá para o atendimento às crianças e adolescentes pobres que não tinham acesso à educação. Embora não estivesse fechado àqueles oriundos de famílias com maior poder aquisitivo, uma vez que havia a possibilidade de estudar no instituto mediante o pagamento de mensalidades ou com recebimento de bolsas de estudo pagas pelo governo (ROCHA, 2018). Era vedada, no entanto, a matrícula de escravos. Segundo dados demográficos apresentados por Rocha (2021), o censo relativo à população surda no Brasil, de 1880, indicava a existência de 1.311 surdos em condição de escravidão. Pouco se sabe ainda sobre as pessoas surdas escravizadas. Rocha (2018, 2021) localizou documento de 1871, no qual uma alforriada surda, nomeada apenas como Rachel, pleiteava uma vaga no instituto. Apesar do parecer favorável, o instituto, misto desde

a sua fundação, teve sua sessão feminina descontinuada em 1872. O INES só voltaria a ter alunas novamente em 1932 (LOBO, 2020).

O principal objetivo educacional do INES em seus primeiros tempos era habilitar os surdos para a vida social, de modo a retirá-los de uma condição de isolamento do restante da sociedade, baseando-se no tripé formação acadêmica, formação laboral e aquisição da linguagem. Os surdos tinham aulas de disciplinas como Português, Aritmética e História do Brasil. Dado o caráter não laico do Estado, também aprendiam Doutrina Cristã. Oferecia-se ainda o ensino agrícola aos meninos e costura/bordado às meninas, expressando assim uma vinculação à principal atividade econômica do país e a atribuições sociais de gênero. A disciplina linguagem articulada e leitura sobre lábios consta nos programas do instituto desde os seus primórdios, embora nem sempre houvesse professor habilitado para lecioná-las ou concordância se era aplicável a todos os alunos (ROCHA, 2018). Não havia ensino de língua de sinais, embora esta fosse metodologicamente utilizada.

Por muito tempo como única instituição de ensino para surdos no Brasil, o INES não tardou a se tornar uma referência. Durante a gestão do médico sanitariano Tobias Rabello Leite (1868-1896), livros estrangeiros sobre a educação de surdos enviados por colaboradores, como Berthier (LAGE; CRUZ, 2022), foram traduzidos e enviados às províncias (ROCHA, 2018). Em 1875, uma obra “original” foi publicada no Brasil: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*<sup>25</sup>, de autoria do surdo Flausino José da Costa Gama. Trata-se de um ex-aluno e repetidor do instituto. A figura do repetidor está ligada ao Método Lancaesteriano, no qual alunos que se destacavam tornavam-se monitores dos demais. O repetidor realizava esse papel de monitoria, repetindo as lições dadas pelo professor para os que estavam sob sua responsabilidade, além de acompanhá-los em outros espaços e atividades da instituição de ensino (SOFIATO; REILY, 2011).

Dentre os primeiros repetidores do INES estava uma surda, Maria Pereira de Carvalho, que foi aluna de Catherine Huet<sup>26</sup>, esposa de Eduard, responsável pela educação das alunas do instituto (LAGE; CRUZ, 2022). Flausino já era de uma outra geração. Sua atuação foi bastante elogiada por Tobias Rabello Leite (1827-1896), que

---

<sup>25</sup> Foi reeditada em 2011 como o volume I da Série Histórica publicada pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos. O outro volume que compõe a série traz as atas do Congresso de Milão (1880).

<sup>26</sup> Existem poucas informações sobre a esposa de Huet. Delgado (2002) se refere a ela pelo nome Catalina Brodeke e afirma que era alemã. Distúrbios conjugais teriam sido apontados como motivo para o afastamento de Huet da direção do INES (ROCHA, 2018). Seria ela surda também?

identificava nos repetidores referências para os estudantes surdos e prova do sucesso do trabalho desenvolvido no instituto (ROCHA, 2018). Apesar disso e de exercer funções similares a de um professor, Flausino não chegou a ser alçado a essa condição. Aliás, no Instituto de Paris, de onde a instituição brasileira repetira o método (com o perdão do trocadilho), repetidores costumavam ser promovidos a professores, como ocorreu com Berthier, por exemplo. Por aqui, isso nunca ocorreu e décadas decorreriam até que o instituto tivesse professores surdos em seus quadros.

Quanto à *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, Sofiato e Reily (2011) desmontam o mito de que seria o primeiro dicionário em língua brasileira de sinais. Trata-se de uma cópia literal do livro *Iconographie des signes faisant partie de "l'Enseignement primaire des sourds-muets"*,<sup>27</sup> publicado em 1856 por Pierre Pélissier (1814-1863), outro professor surdo do Instituto de Paris (IMAGEM 6). Não entrarei aqui na questão do plágio, embora àquela época já poderia ser legalmente entendido como tal (SOFIATO; REILY, 2011). O que importa é destacar que, por se tratar de uma reprodução de sinais pertencentes à LSF não pode ser atribuído a ele uma relação com a língua de sinais dos surdos brasileiros, ainda que guardem semelhanças. Ainda assim, concordo com as autoras de que há mérito no trabalho de Flausino, considerando a quase ausência de obras de referência em línguas de sinais e na educação de surdos publicadas no Brasil de então.

---

<sup>27</sup> O título pode ser traduzido como: *Iconografia dos signos que fazem parte da "Educação primária para surdos-mudos"*.

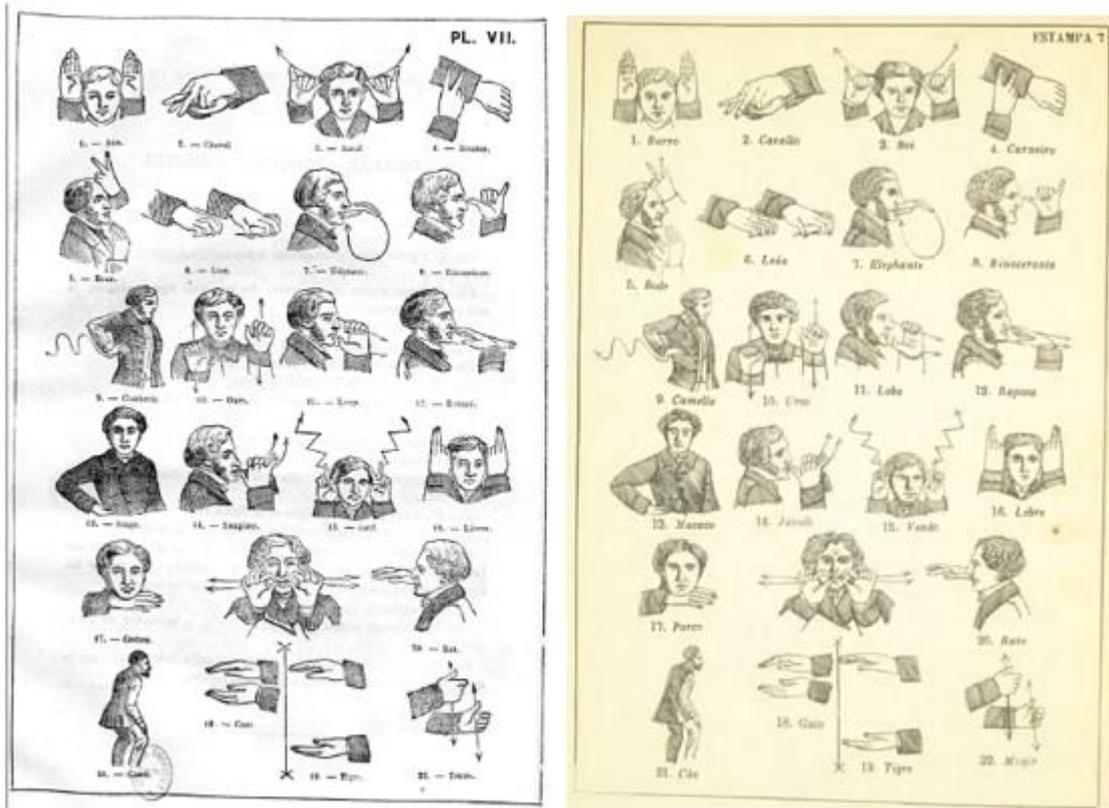


IMAGEM 6 – Comparação entre as obras de Pierre Pélissier e Flausino Gama. À esquerda, página de *Iconographie des signes faisant partie de "l'Enseignement primaire des sourds-muets"*, na qual são representados sinais em LSF que designam animais. À direita, página da *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, contendo as mesmas representações de sinais que designam animais. Fontes: PÉLISSIER, 1856, p. 20; GAMA, 1875, p. 29.

Apesar do protagonismo e das realizações de Berthier, Huet, Flausino, Pélissier e tantos outros, ganhavam força concepções científicas que mantinham os surdos enquadrados no âmbito da anormalidade. O próprio Berthier denunciava que, em seu tempo, surdos eram relegados às categorias de idiotas e alienados (LAGE; KELMAN, 2019a). O discurso médico endossava estigmas, sobretudo aos surdos congênitos: imbecis, violentos, de má índole. Teses eugênicas condenavam matrimônios entre surdos (LOBO, 2020). Fora da cura e da reabilitação da surdez não haveria esperança para esses indivíduos. Tais ideias tornaram-se predominantes nos debates educacionais e instituições de ensino para surdos. Elas fizeram pender a balança para o Método Oral, que, por ser visto como o mais apropriado à normalização das pessoas surdas, foi consagrado no II Congresso Internacional sobre a Educação de Surdos, em Milão (1880). Nesse trecho, a caverna parece desmoronar.

### 1.3 TERCEIRA GALERIA: ISOLAMENTO CULTURAL (1880-1960)

O II Congresso Internacional sobre a Educação de Surdos, conhecido como Congresso de Milão, é tido como um dos mais importantes marcos na história dos surdos e da educação de surdos. Esse fato inaugura o período denominado por Strobel (2009) de Isolamento Cultural, assim por ela definido:

... fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral (STROBEL, 2009, p. 12).

O Congresso de Milão reuniu 255 participantes de diferentes países (Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália e Suécia) com o intuito de debater e definir os rumos da educação de surdos. No entanto, os próprios surdos pouco espaço tiveram para participar desses debates e da tomada de decisões. Eram apenas três representantes (CABRAL, 2005). Há um outro mito relacionado à história dos surdos, que chega a ser repetido na definição de Strobel (2009) de que o Congresso de Milão proibiu o uso das línguas de sinais pelos surdos. O que as resoluções daquele congresso revelam de fato é a recomendação de que o Método Oral Puro deveria ser a metodologia de ensino **preferencial** para a educação de surdos, consistindo na articulação da fala e na leitura labial, evitando-se o uso simultâneo de língua de sinais (CABRAL, 2005). No entendimento da maioria dos congressistas – lembrando: ouvintes –, as línguas de sinais eram prejudiciais ao aprendizado e à integração social dos surdos.

Se não proibiu textualmente o uso de línguas de sinais pelos surdos, o Congresso de Milão na prática as censurou nos ambientes de ensino para esses sujeitos, além de ter contribuído para rebaixá-las a um status linguístico mais próximo à mímica e à pantomima. O impacto das resoluções do Congresso de Milão sobre os surdos foi tremendo, constringendo-os, quando não privando-os, de se expressarem por um meio mais adequado a eles. Representações feitas pelos surdos a respeito do Congresso de Milão em tempos mais recentes mostram o quanto aquele evento os afetou. Trago o exemplo da capa da história em quadrinhos *O Congresso de Milão* (ALMEIDA; CEZAR, 2018), produzida por surdos<sup>28</sup>, na qual um personagem com a

---

<sup>28</sup> A HQ compõe uma série de histórias em quadrinhos de autoria de estudantes surdos do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Kelly Priscilla Lóddo Cezar. Outra edição com conteúdo histórico é *A mulher surda na Segunda Guerra Mundial* (SPELLING; CEZAR; SILVA, 2019). O conteúdo de ambas foi supervisionado pelo historiador surdo Danilo Silva, também da UFPR. Essas histórias em quadrinhos apoiam suas narrativas em uma

expressão facial assombreada, que se supõe ser uma pessoa surda, aparece com as mãos acorrentadas (IMAGEM 7). Acima dele, imagens que indicam proibição do uso de sinalização, tendo ao fundo sinistras silhuetas humanas – provavelmente ouvintes. No imaginário surdo, o Congresso de Milão equipara-se a outros momentos sombrios da História, como a escravidão. Longe de ser uma visão maniqueísta, entendo essa representação como manifestação de repúdio à opressão.



IMAGEM 7 – Capa da revista em quadrinhos *O Congresso de Milão*. Fonte: ALMEIDA; CEZAR, 2018. Disponível em: < <https://www.letraria.net/o-congresso-de-milao/>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Mesmo tendo sido paradigma para a educação de surdos por quase um século, as resoluções do Congresso de Milão não tiveram efeito imediato e encontraram resistência. Nos Estados Unidos, em 1910, a Associação Nacional de Surdos, realizou sua nona convenção e o Terceiro Congresso Internacional de Surdos. Nesses eventos, o presidente da associação, George W. Veditz (1861-1937), apresentou um conjunto de resoluções sobre a educação de surdos que criticava o Método Oral Puro, defendendo que as metodologias de ensino para surdos incluíssem o uso de língua de sinais e adequassem ao perfil de cada aluno (LEBEDEFF, 2017).

Veditz, surdo desde os oito anos, exerceu papel de relevância na história dos surdos. Além de presidir a Associação Nacional de Surdos dos Estados Unidos, travou debate com Alexander Graham Bell (1847-1922) – suposto inventor do telefone<sup>29</sup>, professor de surdos obcecado pela correção da surdez e lobista do Método Oral no

---

linguagem mais visual, com a quase ausência de textos escritos, além de contarem com sinalário em Libras.

<sup>29</sup> Por muito tempo, foi creditada a Bell a invenção do telefone, o qual teria derivado de seus estudos sobre o som na reabilitação de surdos. Em 2002, após questionamentos e pesquisas, o feito passou a ser atribuído ao italiano Antonio Meucci (PEDROSA, 2021).

Congresso de Milão. Veditz também cunhou a expressão *povo do olho* para se referir aos surdos (LEBEDEFF, 2017), antecipando em muitas décadas uma perspectiva antropológica da surdez. Entendendo o potencial aberto pelo então nascente cinema, desenvolveu um projeto no qual foram realizados os primeiros registros em filme da Língua de Sinais Americana (ASL).<sup>30</sup> Por meio do código QR a seguir, é possível acessar as imagens da entusiasmada defesa das línguas de sinais e do direito aos surdos de fazer uso delas feita por Veditz, em 1913.



No Brasil, o Método Oral Puro só foi adotado no INES a partir de 1911, com a aprovação do novo estatuto da instituição. Segundo Padovani Netto (2021a), o documento estabelece a adoção do método em todas as disciplinas. No entanto, Rocha (2018) afirma que foi adotado apenas na disciplina Linguagem Articulada, com resultados que não se mostraram positivos. Mesmo desaprovada em sala de aula, a língua de sinais era utilizada por estudantes nos corredores e pátios das escolas para surdos, ainda que clandestinamente. Uma foto originalmente publicada no jornal *A Noite Ilustrada*, em período já posterior (1936), traz um flagrante de alunos sinalizando em um ambiente externo do INES (IMAGEM 8).<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Iniciais do nome original desta língua, em inglês: *American Sign Language*.

<sup>31</sup> A imagem foi reproduzida na capa de edição comemorativa da revista Espaço (INES, 1997), uma das publicações do INES. O número foi inteiramente dedicado à história daquela instituição de ensino, por conta de seus 140 anos. Fruto da pesquisa da professora Dr.<sup>a</sup> Solange Rocha, docente e ex-diretora da casa. O material foi posteriormente expandido nos livros *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos* (ROCHA, 2007) e *Instituto Nacional de Educação de Surdos: uma iconografia dos seus 160 anos* (ROCHA, 2018).

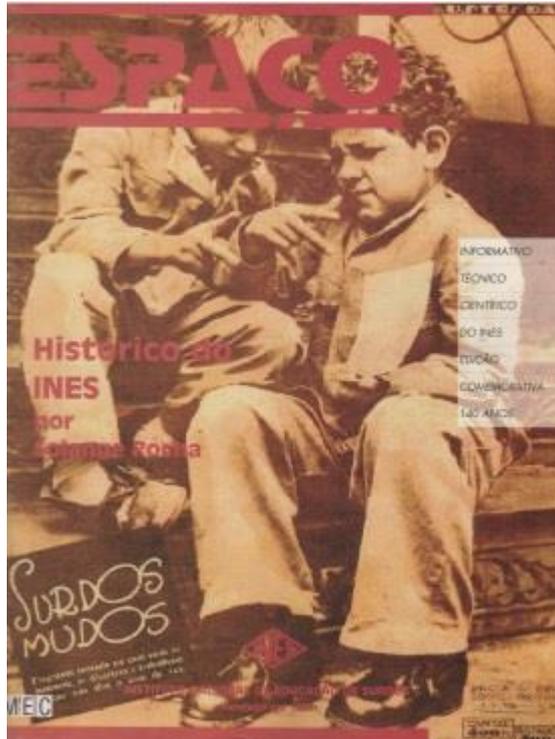


IMAGEM 8 – Alunos do INES sinalizando (1936). Capa de edição comemorativa da revista *Espaço*, a partir de capa do periódico *A Noite Ilustrada* (01/09/1936). Autor da fotografia: Otaviano de Menezes Bastos. Fonte: INES, 1997.

Lopes (2011) identifica esse período como o de consolidação da primeira das três filosofias da educação de surdos: o Oralismo. As outras são a Comunicação Total e o Bilinguismo, constituídas na segunda metade do século XX. A autora os interpreta como processos de normalização dos surdos pelos ouvintes, que, em diferentes contextos históricos, formaram e produziram verdades sobre esses sujeitos. De acordo com essa concepção, no Oralismo a normalização dos surdos só seria possível tendo a fala como meio e meta. O currículo do Oralismo conferia papel menor ao aprendizado de conteúdos disciplinares, enfatizando a mimetização da fala. Profissionais da área médica foram ganhando cada vez mais espaço nos ambientes educacionais e métodos de correção foram utilizados, muitas vezes produzindo dor e frustração. Por outro lado, surdos e seus familiares eram convencidos de que se tratava do único caminho para conduzi-los à normalidade. Violência e poder, domínio do corpo e da alma caracterizaram o Oralismo (LOPES, 2011).

A violência contra os surdos nas instituições de ensino se manifestava de diversas maneiras. Em sua tese, Strobel (2008) traz à superfície as memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) de ex-alunos de um internato para surdos em Curitiba (Paraná), os quais, em meados do século XX, foram negligenciados e abusados por aqueles que deveriam cuidar de sua educação. Rocha (2018) faz referência a revoltas

de estudantes do INES, uma delas em 1950, que resultou na destruição de áreas do instituto, como o gabinete do diretor e a seção disciplinar, indicando uma possível reação a maus-tratos. Na Alemanha, durante o regime nazista (1933-1945), professores e diretores de escolas para surdos denunciavam e entregavam aqueles que tinham surdez congênita às autoridades a fim de que fossem submetidos a procedimentos de esterilização (SILVA; SPELLING, 2018).

Neste ponto, já se dispõe de elementos para responder àquela pergunta feita por minha aluna surda, conforme relatado na introdução da presente tese. Sim, os surdos foram vítimas do nazismo. Em um primeiro momento, foram aceitos em organizações do regime, como os *Stormtroopers* (Tropas de Assalto) e a Juventude Hitlerista, porém em agrupamentos específicos, ou seja, mantidos excluídos em uma ilusória inclusão (THE DEAF, 2004). Posteriormente, por força da ideologia eugenista do regime, casamentos entre surdos foram proibidos e os congênitos eram esterilizados. A eutanásia foi realizada em crianças surdas que também tivessem alguma deficiência associada, sobretudo de natureza intelectual (SILVA; SPELLING, 2018). Tal medida extrema era justificada pela propaganda do regime, que imputava às pessoas com deficiência riscos de degeneração racial e prejuízos econômicos ao Estado (THE DEAF, 2004)

Atualmente, atribui-se à cor azul como aquela que simboliza a surdez. O motivo estaria em um suposto fato relacionado ao contexto do nazismo, segundo o qual surdos seriam obrigados a portar uma faixa azul de modo a serem identificados. No entanto, não há registros que sustentem essa informação. De fato, nos campos de concentração da Alemanha nazista, triângulos com cores diferentes eram colocadas nos uniformes dos prisioneiros, categorizando-os: amarelo para judeus, vermelho para prisioneiros políticos, rosa para homossexuais, roxo para Testemunhas de Jeová, entre outros. O triângulo azul identificava os imigrantes. Não havia uma cor específica para surdos ou pessoas com deficiência (NOGUEIRA, 2019). Pode-se inferir que estamos diante de outro mito relacionado à história dos surdos, uma tradição inventada (HOBBSAWN, 2008) pela comunidade surda contemporânea ao buscar em evento traumático do passado um elemento capaz de justificar e dar peso simbólico às causas defendidas por esse grupo.

No contexto Pós-Segunda Guerra Mundial, ocorreu o I Congresso Mundial de Surdos, na cidade de Roma, em 1951. Um de seus resultados foi a fundação da Federação Mundial de Surdos (*World Federation of the Deaf – WFD*), que agregaria

federações de diversos países, que, por sua vez, reuniam associações locais de surdos. O propósito dessa organização, ainda existente, é lutar pelos interesses dos surdos em nível global (CARVALHO, 2007), num movimento no sentido oposto ao isolamento assinalado por Strobel (2009). No entanto, àquele momento, suas bandeiras não indicavam divergências quanto ao que os ouvintes entendiam como sendo o melhor para os surdos. Pensamento que não era incomum entre os surdos que viveram naquele contexto. Rocha (2018) faz referência a Jorge Sérgio L. Guimarães (1933-1973), cronista surdo brasileiro, que destacou em um de seus textos a campanha da *WFD* em favor do Oralismo, defendendo que somente desta forma os surdos seriam “aptos e aceitos na sociedade” (ROCHA, 2018, p. 112).

No Brasil, o governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) realizou campanhas voltadas à educação de pessoas com deficiência, as quais, segundo Mazzotta (2011), constituíram-se em marcos do início das iniciativas oficiais em âmbito nacional no atendimento educacional aos que seriam público-alvo da Educação Especial. A primeira dessas campanhas foi a Campanha pela Educação do Surdo Brasileiro (CESB), estabelecida pelo decreto n.º 42.728, de 3 de dezembro de 1957. O objetivo principal da CESB era promover a educação e assistência dos surdos nacionalmente por meio de ações desenvolvidas pelo governo federal ou em convênio com entidades públicas e privadas (MAZZOTTA, 2011). O cartaz do evento (IMAGEM 9) sintetiza bem o sentido da educação de surdos proposto pela CESB: a normalização desses sujeitos por meio da aquisição da fala, em plena consonância com o Oralismo.



IMAGEM 9 – Cartaz da Campanha para Educação do Surdo Brasileiro. Fonte: <<https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=2070825>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

A gestão da CESB estava baseada no INES, tendo à frente Ana Rímoli de Faria Dória (1912-1991), diretora daquela instituição. Local e data não foram aleatórios. Em 1957, o INES completava cem anos e, embora já não fosse a única instituição de ensino para surdos do Brasil, firmara-se como referência nacional. Durante a direção de Ana Rímoli, foi aberto o Curso Normal Especializado para a Educação de Surdos, formando professores que atuariam junto a esses educandos em instituições de ensino por todo o país. Também foram publicados e enviados livros para escolas de diferentes estados, materiais que dariam suporte aos educadores de surdos, alguns dos quais escritos pela própria Ana Rímoli. No ano do centenário, além de ser rebatizado para o atual nome, inaugurou-se no instituto o Centro de Logopedia, para tratamento de distúrbios da fala, demarcando sua filiação a uma perspectiva médico-terapêutica da surdez. O INES organizou ainda a Olimpíada Nacional de Surdos, de grande repercussão na imprensa, que a apelidou de Olimpíada Silenciosa, e recebeu a visita de Helen Keller (ROCHA, 2018).

Helen Keller (1880-1968) é uma importante referência para as pessoas surdas, embora, conceitualmente, pertença a uma outra identidade, a dos surdocegos<sup>32</sup>. Ficou surda e cega aos 19 meses, provavelmente devido à escarlatina ou meningite. Durante a infância, utilizava sinais caseiros para se comunicar com sua família. Ao ingressar no Instituto Perkins para Cegos, em Massachusetts (EUA), ficou sob a responsabilidade de Anne Sullivan (1866-1936), professora com deficiência visual que lhe ensinou outras formas de comunicação<sup>33</sup>, como o Tadoma e a língua de sinais tátil.<sup>34</sup> Aprendeu a ler diversas línguas em braile, formou-se em Filosofia, publicou livros e artigos, além de realizar palestras ao redor do mundo, tornando-se celebridade. Politicamente engajada, militou em várias causas: foi pacifista, sufragista, socialista, defensora dos direitos humanos e das classes trabalhadoras (CARVALHO, 2007). Helen Keller personifica um movimento de libertação das pessoas com deficiência da tutela dos demais, que ganhava forma e, no caso dos surdos, renascia.

---

<sup>32</sup> De acordo com Cambruzzi e Costa, “ser surdocego não significa ser um surdo que não vê nem tampouco um cego que não ouve, mas sim uma pessoa que apresenta uma combinação das perdas dos sentidos de distância: audição e visão” (CAMBRUZZI; COSTA, 2016 *apud* LUPETINA, 2020, p. 44).

<sup>33</sup> Em 1962, essa história foi retratada no filme *O Milagre de Anne Sullivan (The Miracle Worker)*, de Arthur Penn, que ganhou uma nova versão feita para a televisão no ano 2000.

<sup>34</sup> O Tadoma e a língua de sinais tátil são formas de comunicação utilizadas por surdocegas. A primeira se dá pela percepção das vibrações produzidas durante a fala, com as mãos do surdocego posicionada na região que compreende os lábios, o queixo e o pescoço do interlocutor. A segunda, utiliza uma língua de sinais que ao invés de ser vista é sentida pelo surdocego por meio do tato (LUPETINA, 2020).

#### 1.4 QUARTA GALERIA: DESPERTAR CULTURAL (1960-ATUALIDADE)

Adentramos na última galeria da caverna de Daigler. Ao contrário do que ocorreria se estivéssemos em uma caverna real, aqui o fundo parece mais iluminado. Isso porque nos aproximamos de nosso próprio tempo e de situações que nos parecem mais familiares. Novamente trago Strobel para definir esse período que estamos prestes a explorar, por ela denominado Despertar Cultural: “a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos” (STROBEL, 2009, p. 12).

Mais uma vez, a autora não faz referência a algum fato específico que demarca o início do período, mas é possível atribuí-lo à publicação de *Estrutura da Língua de Sinais*, pelo linguista estadunidense William Stokoe (1919-2000), em 1960. Desde 1955, Stokoe lecionava Inglês para estudantes surdos na Universidade de Gallaudet (CARVALHO, 2007), instituição privada de ensino superior exclusiva para pessoas surdas, única no mundo. Localiza-se no estado de Maryland (EUA), próximo a Washington, D.C., e foi fundada em 1857, mediante aval do Congresso Nacional estadunidense. Seu nome homenageia Edward Miner Gallaudet (1837-1917), educador de surdos e primeiro reitor daquela universidade. Filho de Thomas Gallaudet, foi um entusiasta do uso de língua de sinais na educação de surdos, tendo inclusive feito a sua defesa como representante dos EUA no Congresso de Milão (CABRAL, 2005).

O estudo de Stokoe procurava demonstrar que a ASL não era uma adaptação simplificada do Inglês, mas uma língua própria, com sintaxe e gramática específicas, tão complexa quanto as línguas orais, delas diferenciando-se, fundamentalmente, por ser de outra modalidade: visuoespacial. Por extensão, sua teoria aplica-se às demais línguas de sinais, que passam a ser reconhecidas como tal, abrindo caminho para que fossem reabilitadas no âmbito da educação de surdos. Mas antes de atribuir todo o mérito a Stokoe, é preciso destacar que esse reconhecimento das línguas de sinais o precede. Lage e Kelman (2019b) assinalam que já estaria presente nos estudos de Auguste Bébien e dos próprios surdos, como Pierre Desloges e Ferdinand Berthier, ofuscados pela ascensão do Método Oral e do impacto do Congresso de Milão. O fato de ser ouvinte e em posição acadêmica possibilitou a aceitação da teoria de

Stokoe. Não sem dificuldades. Carvalho (2007) relata o ceticismo e a hostilidade que teria sofrido da parte de seus pares acadêmicos, inclusive em Gallaudet.

Embora seja inegável reconhecer o trabalho de Stokoe como uma quebra de paradigmas linguísticos, educacionais e culturais em relação aos surdos, cabe frisar que as línguas de sinais também foram ganhando (ou recuperando) espaço por força das críticas ao Oralismo e da mobilização das comunidades surdas. O fraco desempenho acadêmico dos surdos levou ao desenvolvimento de outras metodologias e estratégias pedagógicas. Ainda na década de 1960, o surdo Roy Kay Holcomb (1923-1998), que fora aluno em Gallaudet, elaborou a Comunicação Total. Nela, múltiplos meios de comunicação eram usados no processo ensino-aprendizagem de surdos, inclusive a língua de sinais. De acordo com Lopes (2011), não há consenso entre os estudiosos da surdez a respeito do status de filosofia da educação de surdos para a Comunicação Total, que poderia ser entendida como um desdobramento do Oralismo, uma vez que mantinha o aprendizado da língua oral como objetivo principal. Na avaliação da autora, se trata de uma forma menos branda de dominação dos sujeitos surdos pelos ouvintes (LOPES, 2011).

O movimento de reconhecimento das línguas de sinais desembocou no Bilinguismo, filosofia educacional atualmente aceita como a mais apropriada aos surdos, inclusive defendida pelos próprios. Trata-se do uso de duas línguas no processo educativo desses sujeitos. Diferente do chamado bimodalismo (o uso de duas línguas simultâneas) já presente na Comunicação Total, no Bilinguismo a língua principal é a língua de sinais. Por meio dela se acessa a língua socialmente majoritária em sua modalidade escrita. Nesta filosofia, a língua de sinais é entendida como língua natural<sup>35</sup> dos surdos, devendo ser, portanto, a sua língua principal e desenvolvida o mais cedo possível. Mais do que um conjunto de métodos e técnicas de ensino, o Bilinguismo pode ser entendido enquanto reconhecimento político da diferença surda e abre a perspectiva para uma educação bicultural desses sujeitos. Lopes (2011) aponta para essa característica da perspectiva culturalista da surdez: os surdos são sujeitos que vivem na fronteira entre duas culturas – a da comunidade surda, quando convivem e se relacionam com seus pares, e a da cultura majoritária ouvinte.

---

<sup>35</sup> O conceito “língua natural” é consagrado nos estudos sobre a surdez. Não deve ser entendida como se já nascesse com o indivíduo, mas sim no sentido de que é aquela utilizada pelos surdos em suas interações sociais.

O reconhecimento das línguas de sinais, do Bilinguismo como filosofia educacional mais adequada, da existência de uma cultura surda, enquanto forma diferenciada de perceber o mundo e nele viver, e, sobretudo, de que os surdos podem falar<sup>36</sup> por si mesmos vêm impulsionando mobilizações das pessoas surdas mundo afora nas últimas décadas. Um de seus marcos foi o *Deaf President Now!*<sup>37</sup> (DPN), uma greve dos estudantes da Universidade Gallaudet, ocorrida entre os dias 6 e 13 de março de 1988. A DPN foi narrada de modo apaixonado pelo neurologista Oliver Sacks (2005), em sua investigação a respeito da cultura surda. A manifestação foi diretamente motivada pelo resultado da eleição para reitor da universidade ocorrida naquele ano. A escolha da ouvinte Elizabeth Ann Zinser pelo Conselho Científico de Gallaudet, entre outros dois candidatos surdos qualificados, indignou os universitários, que passaram a exigir um reitor surdo (KELMAN; SANTOS, 2020).

Os ânimos se acirraram ainda mais diante da declaração de Jane Basset Spilman, ouvinte e presidente do conselho: “os surdos ainda não estão preparados para um reitor ouvinte” (SACKS, 2005, p. 138-139). Os manifestantes fecharam o campus, ergueram barricadas e realizaram ações como um rali de aviões e uma marcha pelas ruas de Washington até o Capitólio. Surdos e simpatizantes da causa acorreram de várias partes dos EUA para se juntar aos manifestantes. Pressionada, Zinser renunciou e Irving King Jordan foi eleito o primeiro reitor surdo de Gallaudet. Em sua primeira manifestação pública após a eleição, Jordan declarou: “Os surdos podem fazer tudo o que os ouvintes fazem, exceto ouvir” (SACKS, 2005, p. 171).

Para além de uma causa específica, entendo que o DPN não foi uma mobilização isolada. Ela filia-se a um movimento mais amplo, da luta das minorias sociais por cidadania e empoderamento nos EUA, já em curso desde o contexto das manifestações pelos direitos civis, a partir da década de 1950. Nesse sentido, a frase “*We still have a dream*”,<sup>38</sup> contida em faixa da marcha em Washington durante a DPN, fotografada pelo surdo Yonn K. Lee (IMAGEM 10), parece dialogar com o famoso discurso proferido por Martin Luther King Jr. (1929-1968). É preciso sinalizar que a segregação racial naquela sociedade também afetou a comunidade surda, como revela a existência da *Black ASL*, língua de sinais utilizada por negros surdos nos

---

<sup>36</sup> Entendo aqui fala não como verbalização oral, mas como possibilidade de expressar algo.

<sup>37</sup> O lema principal da greve dos estudantes da Universidade Gallaudet, que nomeou o movimento, pode ser traduzido como: “*Reitor surdo agora!*” Nos EUA, utiliza-se o termo *president* para os reitores das universidades.

<sup>38</sup> A frase pode ser traduzida como: “Nós ainda temos um sonho”.

EUA, que se diferenciou da ASL devido ao isolamento social e educacional imposto por um longo tempo a essa população (SELLERS, 2020).



IMAGEM 10 – Manifestação de estudantes na Universidade Gallaudet. Autor: Yoon K. Lee. Ano: 1988. Fonte: <<http://thepurloinedletter.blogspot.com/2006/10/dpns.html>>. Acesso em 16 ago. 2022.

Os resultados da DPN foram além da eleição de King Jordan. Todos os reitores de Gallaudet que o sucederam são surdos. Em 1989, ainda sob o calor dos acontecimentos, essa universidade promoveu a Conferência e Festival Internacional *The Deaf Way*, que contou com a participação de mais de 6 mil pessoas de diversos países, entre os quais, brasileiros (GIL, 2021). A mobilização e o evento proporcionaram mais visibilidade aos surdos na sociedade estadunidense, contribuindo, entre outras coisas, para a aprovação do *Americans with Disabilities Act* (ADA), em 1990. Correspondente à Lei dos Direitos Civis, de 1964, ela proíbe a discriminação contra as pessoas com deficiência nos EUA. Também estabeleceu normas para acessibilidade em espaços públicos, incluindo a presença de tradutores e intérpretes de língua de sinais (WHAT, 2022). Contudo, três décadas após o DPN, cerca de 70% dos surdos estadunidenses estavam desempregados ou subempregados (MILLER, 2018). Se a greve virou história, a mobilização dos surdos para provar que podem fazer tudo o que os ouvintes fazem ainda precisa permanecer vigilante.

Apesar de Strobel (2009) se referir a este período como um “despertar”, é fato que os surdos não estavam “adormecidos”. No Brasil, as primeiras associações de surdos, voltadas para o auxílio mútuo, remontam ao início do século passado. Padovani Netto (2017a) aponta a Associação Brasileira de Surdos-Mudos, fundada no Rio de Janeiro, em 1930, como pioneira. Porém, Rocha (2018) identifica outra associação homônima, criada bem anteriormente, em 1913, a qual contava até com uma revista de divulgação, a EHPHATA<sup>39</sup>, cujos redatores eram professores e alunos do INES. A fim de agregar nacionalmente instituições e associações de surdos existentes no país foi constituída, em 1977, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA). Inicialmente, possuía um caráter assistencialista e era administrada por ouvintes (BARROS, 2014).

O contexto da redemocratização do Brasil, que ganhou força na década de 1980, possibilitou a mobilização das minorias sociais no país. A luta das pessoas com deficiência, incluindo os surdos, assumiu um viés político, rejeitando fortemente modelos de medicalização, assistencialismo e tutela aos quais estavam submetidos (BARROS, 2014). Divergências entre os diferentes grupos, sobretudo quanto a demandas específicas, levaram os surdos a construir um movimento autônomo, tendo como instituição agregadora a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS (PADOVANI NETTO, 2017a). Essa entidade foi uma reformulação da FENEIDA, ocorrida em 1987, após uma disputa eleitoral pela direção da entidade que opôs uma chapa composta por ouvintes a uma composta por surdos, com vitória dessa última (GIL, 2021). A mudança não se restringiu ao nome (o qual demarcou um afastamento do espectro da deficiência e o empoderamento dos surdos), mas também levou ao estabelecimento de um novo estatuto e de novos objetivos, voltados à mobilização por direitos. A primeira presidente da FENEIS foi a pesquisadora e ativista surda Ana Regina e Souza Campello.

Naquele momento, encabeçava a pauta reivindicatória dos surdos o reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua dos surdos sinalizantes<sup>40</sup> do país. As primeiras conquistas ocorreram na década de 1990. Em 1991, o estado de Minas Gerais foi o primeiro a reconhecer em lei a Libras

---

<sup>39</sup> O título da publicação faz referência a um vocábulo de origem aramaica, que significa “abra-te” e teria sido proferida por Jesus Cristo para realizar a cura de um surdo, segundo o Evangelho de Marcos (Mc 7, 31-37).

<sup>40</sup> Surdos sinalizantes são aqueles que fazem uso de uma língua de sinais para se comunicar.

como meio de comunicação. Dois anos depois, a então senadora Benedita da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), apresentou projeto de lei para o reconhecimento legal da Libras a nível nacional. Finalmente, em 2002, foi sancionada a Lei n.º 10.436 (BRASIL, 2002), conhecida como Lei de Libras, que reconhece oficialmente seu status como língua e garante aos surdos brasileiros o direito de fazerem uso dela. Posteriormente, essa lei foi regulamentada pelo Decreto n.º 5.626, de 2005, o qual inclui a disciplina Libras como obrigatória nos cursos de licenciatura, além de estabelecer normas e medidas para a acessibilidade dos surdos e para a formação de professores/instrutores de Libras e tradutores intérpretes de Libras-Língua Portuguesa (BRASIL, 2005).

Mesmo vitoriosos com o reconhecimento oficial da Libras, os surdos não se desmobilizaram, logo redirecionando o foco de sua luta para uma outra pauta que lhes é muito cara: a defesa e a implementação da educação bilíngue para pessoas surdas. A inclusão escolar que se tornou paradigma na legislação e nas políticas públicas brasileiras desde a Constituição Federal de 1988, preocupa muito a comunidade surda sinalizante que vê na escola regular um retrocesso, uma vez que não tem Libras como língua principal e afastaria os surdos de seus pares. O projeto do Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2011-2020, tinha como uma de suas metas a universalização do ensino para pessoas com deficiência nas escolas regulares, o que deixou em alerta os surdos, ainda assombrados pelo Congresso de Milão.



IMAGEM 11 – Charge *Milão 1880 X Rio 2011*. Autor: Fabio Sellani. Ano: 2011. Fonte: <[http://fabiosellani.blogspot.com/2011\\_05\\_16\\_archive.html](http://fabiosellani.blogspot.com/2011_05_16_archive.html)>. Acesso em: 17 ago. 2022.

A charge do ilustrador surdo Fabio Sellani (IMAGEM 11) busca estabelecer similaridades entre os dois contextos históricos, que são representados em quadros sobrepostos. Em ambos, personagens surdos (identificados por mãos que sinalizam) são expulsos de uma edificação que representa a instituição escolar. O personagem por trás da porta, do qual só conseguimos ver sinistros olhos e boca, além de partes dos membros, personifica os ouvintes, ocultos nas sombras (representação similar à da imagem 7). Os nomes citados nas legendas são Alexander Graham Bell e Martinha Claret – então diretora nacional de Políticas Educacionais Especiais do Ministério da Educação (MEC), que teria anunciado o fechamento do INES e do Instituto Benjamin Constant – IBC<sup>41</sup> (MEC, 2011). Apesar do tom maniqueísta, a imagem sintetiza uma apreensão legítima dos surdos.

A reação das lideranças surdas foi a criação do Movimento Surdo em Favor da Educação e Cultura Surda, que organizou uma série de manifestações pelo país,

<sup>41</sup> O Instituto Benjamin Constant é uma instituição de ensino específica para cegos e deficientes visuais. Foi fundado em 1854, no mesmo contexto de criação do INES (MAZZOTTA, 2011).

culminando naquelas que ocorreram em Brasília, entre os dias 19 e 20 de maio de 2011. Sob o lema “Nada sobre nós sem nós”, cerca de 4 mil pessoas, entre surdos e outros membros da comunidade surda, realizaram atos como a ocupação do prédio do MEC, onde se reuniram com representantes do ministério e congressistas; um acampamento no gramado do Congresso, no qual homenagearam a resistência dos antigos estudantes do INES à censura ao uso de língua de sinais; além de uma ruidosa passeata pela Esplanada dos Ministérios, chamando a atenção dos ouvintes e subvertendo a associação com o silêncio comumente atribuída aos surdos (BARROS, 2014; PADOVANI NETTO, 2017a).

Além da garantia de que o INES não seria fechado, a educação bilíngue foi posteriormente incluída na versão final do Plano Nacional de Educação, ainda em vigor, em sua Meta 4:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas (BRASIL, 2014).

Em 2021, após uma intensa campanha da comunidade surda pelas redes sociais e sua participação em audiências públicas, foi aprovada e sancionada a Lei n.º 14.191 (BRASIL, 2021) que estabelece a Educação Bilíngue de surdos como uma das modalidades de ensino dispostas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996). Muito celebrada pelos surdos sinalizantes, essa sua mais recente conquista lhes confere o direito à educação em escolas ou classes bilíngues, além de ter entre seus objetivos o desenvolvimento de currículos específicos e a recuperação de suas memórias históricas. Contudo, como tornar efetivo o que a legislação estabelece? De que maneira a Educação Bilíngue se encaixa (ou não se encaixa) na escola regular inclusiva? Ela não cria uma contradição nos princípios da inclusão que norteiam a educação no Brasil? E as identidades surdas não sinalizantes que deixaram de ser contempladas?

Diante de tantas questões e desafios, não chegamos ao fim da caverna, mas a um horizonte de expectativas para os surdos. Voltando os olhos para o que foi percorrido, já sabemos onde estão os surdos na História. Porém ainda há muito a ser esquadrihado. Para os historiadores, e não me refiro somente aos que pesquisam a história da educação, impõe-se o desafio de desbravar novas galerias, examinando novas fontes, preenchendo lacunas e propondo novas interpretações. Aos

professores de História, fica o convite para conhecer e experienciar essa história com seus alunos surdos e, no contexto inclusivo, com os ouvintes também. Tarefa nada fácil, reconheço, que deve se iniciar a partir de uma nova indagação: por que a história dos surdos, tão potente e relevante, permanece invisibilizada no currículo da disciplina História?

## **CAPÍTULO II – A (IN)VISIBILIDADE DOS SURDOS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Onde estão os surdos na História ensinada nas escolas? Aliás, eles estão presentes nessa História? E se não estão, como se explica tal ausência, uma vez que seu protagonismo na História já foi aqui demonstrado? Pensar os surdos como objetos do conhecimento histórico escolar relaciona-se a uma das dimensões do currículo de História, aquela que se refere aos conteúdos programáticos das disciplinas. No entanto, o currículo engloba também outros aspectos, como o planejamento pedagógico, o processo-ensino aprendizagem e os procedimentos de avaliação (MOREIRA; CANDAU, 2007). Desta forma, para além de investigar se o ensino de História tem destacado os personagens surdos e suas ações no tempo, há que se verificar também se busca viabilizar o acesso e a aprendizagem quanto a esses e a outros saberes.

No presente capítulo, procuro esquadrihar essas questões a partir da análise de dois levantamentos distintos, porém complementares. O primeiro, mais focado na busca pela presença e representação dos surdos nos conteúdos da disciplina História, investiga referências a esses sujeitos na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) e em coleções de livros didáticos de História destinados aos Anos Finais do Segundo Segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano de escolaridade). Já o segundo envolve o diagnóstico e as propostas pedagógicas relacionadas ao ensino de História para surdos apresentados pelas pesquisas acadêmicas, abrangendo textos produzidos nos âmbitos das graduações e pós-graduações, além de publicações em livros, periódicos científicos e eventos acadêmicos.

### **2.1 OS SURDOS COMO SUJEITOS DO CONHECIMENTO HISTÓRICO**

A fim de verificar se e como os sujeitos surdos são abordados nos conteúdos programáticos da disciplina História, procurei inicialmente aquele que é o documento norteador dos currículos das disciplinas escolares no Brasil: a BNCC. Na seção dedicada à História não há qualquer referência aos surdos dentre os “objetos de conhecimento”. Na BNCC, objetos de conhecimento são os conteúdos, conceitos e processos dos componentes curriculares (disciplinas), entendidos como meios para que os alunos atinjam determinadas habilidades. Essas, por sua vez, correspondem às aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos educandos. Cada objeto de conhecimento deve levar a uma ou mais habilidades (BRASIL, 2017).

Em seu conjunto, a BNCC trata das pessoas surdas de forma indireta em sua parte introdutória, onde orienta que os currículos locais (das redes estaduais e municipais de ensino, além dos planejamentos político-pedagógicos de cada escola) considerem a necessidade de práticas pedagógicas diferenciadas com foco na inclusão de educandos com deficiência. Os surdos só são abordados explicitamente no documento na parte dedicada à área de conhecimento de Linguagens. Nessa seção, é assinalada a necessidade de respeito às particularidades linguísticas da comunidade surda e ao uso da língua de sinais em espaços escolares, tendo como marco histórico a Lei de Libras, promulgada em 2002 (BRASIL, 2017). Entendo que tal respeito deveria estar sinalizado de forma a abranger todas as áreas de conhecimento e que a conquista dos marcos legais relacionados a direitos dos surdos (e das pessoas com deficiência) deveriam constituir-se em objetos de conhecimento da História.

Com efeito, o direcionamento curricular apresentado para a disciplina História na BNCC ignora não somente os surdos, mas também outros sujeitos entendidos dentro da perspectiva da deficiência, bem como suas singularidades e demandas específicas, fazendo eco ao que já afirmavam Verri e Alegro:

Enquanto a pesquisa histórica propõe retirar do esquecimento aqueles que não têm tido voz na história oficial, o ensino de História não tem se preparado para as possibilidades inexploradas que a relação com o “outro com necessidades educacionais especiais” pode propiciar no processo de ensino e aprendizagem. (VERRI; ALEGRO, 2006, p. 98)

É preciso assinalar, no entanto, que a inclusão dos sujeitos esquecidos e silenciados pela historiografia, conforme afirmam as autoras, é relativamente recente e percorreu um longo caminho. A História, enquanto registro sobre o passado remonta à Antiguidade clássica e é herdeira das narrativas orais, as quais, por sua própria natureza, já eram excludentes quanto aos surdos, uma vez que os impossibilitava tanto de narrar como de acessar o que estava sendo contado. Por séculos, no mundo ocidental, a História foi entendida como *magistra vitae* (mestra da vida), cujo propósito seria apresentar os feitos dos sujeitos exemplares do passado (em geral, governantes) de modo a servirem de paradigma para a conduta dos homens no presente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019).

No século XIX, a História se constituiu como ciência e como disciplina escolar. As narrativas históricas construídas com base em documentos oficiais escritos e por meio de métodos científicos específicos foram estabelecidas como matéria de

referência para a História ensinada nas escolas. No contexto de consolidação dos Estados-nacionais, a História passou a desempenhar um importante papel na formação das identidades nacionais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019), inculcando a ideia de pertencimento a uma dada nação em função de um passado em comum. Imperadores, reis e chefes militares permaneceram como seus protagonistas, no entanto, com um outro viés: o de construtores da nação. A História passou a assumir também um caráter civilizatório, no qual a Europa aparecia como modelo e centro de convergência da trajetória humana, desconsiderando-se a singularidade, a historicidade e os saberes de outros povos.

Foi somente no século XX que as chamadas minorias passaram a ser reconhecidas como agentes da História e abordadas como objetos do conhecimento histórico. Entendo como minorias os grupos sociais historicamente sub-representados, alijados de direitos e que sofreram/sofrem algum tipo de discriminação e estigmatização (JALES, 2021). Nessa lógica, encontram-se os surdos, as mulheres, os negros, os povos indígenas, a população LGBTQIA+, as pessoas com deficiência, entre outros. A abertura da História às minorias se deu a partir da emergência de correntes historiográficas, como o marxismo e a chamada Escola dos *Annales*<sup>42</sup>.

Os marxistas criticavam a perspectiva burguesa e o sistema capitalista a ela atrelado, pleiteando o lugar de protagonismo das classes trabalhadoras e dos povos colonizados na História. Já os historiadores ligados aos *Annales* e suas gerações subsequentes legitimaram e promoveram a visibilidade das minorias na pesquisa histórica a partir da defesa de novos objetos para essa área do conhecimento, da influência de movimentos históricos (descolonização, mobilizações pelos direitos civis) e das contribuições de outras ciências, como a linguística e a antropologia (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019).

No entanto, essas novas concepções historiográficas não foram de imediato incorporadas ao currículo da disciplina História. No Brasil, durante a primeira metade do século XX, apesar das crescentes críticas ao caráter meramente erudito da História ensinada, prevaleceu uma concepção tradicional, eurocentrada e pautada nos

---

<sup>42</sup> Escola dos *Annales* é o termo cunhado para designar um movimento de transformação na historiografia que questionava a hegemonia da política no campo da História, defendendo abordagens a partir de outras perspectivas e incorporando novas fontes aos estudos históricos (FERREIRA; FRANCO, 2013). O nome vem do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, fundado em 1929 pelos historiadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), no qual as primeiras pesquisas do movimento começaram a ser publicadas.

grandes eventos políticos. A ditadura militar (1964-1985) e sua ojeriza pelo conhecimento histórico, enxugou os conteúdos de História, espremidos entre os de Geografia com a junção das duas disciplinas nos Estudos Sociais (BITTENCOURT, 2008). A censura impediu que estudos de viés marxista, que incorporavam as classes trabalhadoras e as minorias à História, já presentes na pesquisa acadêmica brasileira, chegassem às salas de aula. Com a redemocratização do país, entre o final da década de 1970 e os anos de 1980, a História recuperou o *status* de disciplina escolar autônoma e seu currículo pôde ser pautado por temáticas que passaram a destacar a diversidade e a diferença (NADAI, 1992/1993).

Um marco importante para a incorporação da(s) história(s) das minorias ao currículo da disciplina História foi a promulgação da Lei n.º 10.639 (BRASIL, 2003) e, sua ampliação, a Lei n.º 11.645 (BRASIL, 2008), que tornaram obrigatório o ensino da história e da cultura dos africanos, dos afrodescendentes e dos povos indígenas. Essa política pública tornou-se modelar ao ser estabelecida por força da própria mobilização dos grupos sociais que pleiteavam por representatividade e pela identificação do papel que desempenharam na História (COELHO; COELHO, 2013). Também contribuiu para a ampliação de uma perspectiva multicultural da escola, que pode ser entendida como um conjunto de ações que buscam reconhecer e valorizar a pluralidade de identidades que convivem nesse espaço (IVENICKI, 2020).

Repercutindo as leis 10.639/03 e 11.645/08, a primeira versão da BNCC, cujo processo de construção envolveu especialistas, consultas públicas pela internet e debates nas escolas (dos quais participei), entre os anos de 2015 e 2017, apresentou uma proposta inovadora para a abordagem dos conteúdos de História. O eixo dos objetos de conhecimento foi deslocado para a África e as Américas, enfatizando a história de povos não-europeus. Entretanto, essa versão foi alvo de muitas críticas, revelando disputas por hegemonia e dificuldades de afastamento de concepções mais tradicionais no campo do ensino de História (MENDES, 2020). Em sua versão final, as diretrizes curriculares para História acabaram por voltar-se a uma abordagem linear e mais eurocentrada. Ainda assim, negros e indígenas tiveram a sua representatividade assegurada no documento. Por outro lado, o mesmo não ocorreu com outras minorias, dentre as quais os surdos.

Considerando que a BNCC conforma os livros didáticos das disciplinas escolares no Brasil e que esse documento mantém os surdos na invisibilidade, causa surpresa encontrar referências aos surdos nas coleções de História destinadas aos

Anos Finais do Ensino Fundamental. A opção pela consulta aos livros didáticos deve-se fundamentalmente ao fato de que são os principais recursos pedagógicos utilizados pelos professores de História, quando não o único (COUTINHO; GOMES, 2020), servindo de pauta para o planejamento dos conteúdos abordados em sala de aula. As obras aqui pesquisadas foram todas selecionadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em sua última edição para a escolha das coleções a serem adotadas do 6º ao 9º ano de escolaridade, realizada em 2019.

Das onze coleções selecionadas pelo PNLD, não tive acesso a duas: *Geração Alpha*, de Valéria Vaz, Ana Lúcia Lana Nemi, Anderson Roberti dos Reis e Débora Yumi Motooka, e *Convergências*, de Caroline Torres Minorelli e Charles Hokti Fukushigue Chiba, ambas da editora SM. As demais foram lidas, com foco na busca por referências textuais a surdos, incluindo termos correlatos, como surdez, ensurdecimento, deficiente auditivo e deficiência auditiva. Das nove coleções consultadas, cinco continham algum tipo de referência aos surdos, embora, na separação por volumes (um para cada ano de escolaridade), isso só ocorra em seis de um total de 36 livros. O resultado da pesquisa segue sintetizado abaixo (QUADRO 1).

<b>QUADRO 1 – Referência a surdos nos conteúdos das coleções didáticas de História (Ensino Fundamental - Anos Finais)</b>				
<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR(ES)</b>	<b>EDITORA</b>	<b>ANO</b>	<b>REFERÊNCIA A SURDOS</b>
<b><i>Araribá Mais</i></b>	Obra coletiva	Moderna	2018	No capítulo dedicado à Revolução Industrial (8º ano), o texto cita o ensurdecimento como um dos acidentes de trabalho que vitimava operários.
<b><i>Estudar História: Das origens do homem à era digital</i></b>	Patrícia Ramos Braick e Anna Barreto	Moderna	2018	A surdez é mencionada como uma invalidez de ex-combatentes da 1ª Guerra Mundial (9º ano).
<b><i>História: Escola e Democracia</i></b>	Flávio de Campos, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff	Moderna	2018	Não há referência.
<b><i>História Sociedade &amp; Cidadania</i></b>	Alfredo Boulos Júnior	FTD	2018	No livro do 8º ano há um texto complementar com questões sobre a surdez de Beethoven.
<b><i>História.Doc</i></b>	Ronaldo Vainfas; Jorge Ferreira; Sheila	Saraiva	2018	Breve menção a soldados da 1ª Guerra Mundial que teriam ficado momentaneamente

	de Castro Faria e Daniela Bueno Calainho			surdos durante batalhas (9º ano).
<b>Historiar</b>	Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues	Saraiva	2018	Não há referência.
<b>Inspire</b>	Reinaldo Seriacopi e Gislane Azevedo	FTD	2018	Surdos são citados em duas questões complementares, uma no livro do 7º ano e outra no do 9º ano. Ambas envolvem a temática da acessibilidade.
<b>Teláris</b>	Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino	Ática	2018	Não há referência.
<b>Vontade de Saber</b>	Marco Pellegrini, Keila Grinberg e Adriana Machado Dias	Quinteto	2018	Não há referência.

Fonte: produção do autor.

Com base na forma como os surdos são representados nessas referências, é possível dividi-las em duas categorias: uma que enfoca a deficiência e a outra que tem como foco a inclusão. A primeira compreende todas as menções encontradas, exceto aquelas contidas na coleção *Inspire*. Nelas, a surdez é destacada e não os sujeitos surdos. De fato, aparece como consequência do ambiente insalubre das primeiras fábricas (ARARIBÁ, 2018); da violência de um evento extremo, como a Primeira Guerra Mundial (BRAICK; BARRETO, 2018; VAINFAS *et al*, 2018) e de uma doença que afetou um dos maiores gênios da música: Ludwig Van Beethoven (BOULOS JÚNIOR, 2018).

A referência ao ensurdecimento dos primeiros operários feita na coleção *Araribá Mais* é acompanhada por uma atividade na qual se propõe aos alunos que pesquisem sobre acidentes de trabalho e suas causas, estabelecendo um diálogo interessante entre passado e presente, mas sem explorar especificamente a questão da surdez. Ela também é citada como parte de um conjunto de patologias que levariam à invalidez dos indivíduos em Braick e Barreto (2018), porém os autores desenvolvem um pouco mais, tratando da vulnerabilidade social e do associativismo das pessoas com deficiência no pós-Primeira Guerra Mundial. Já na coleção organizada pelo historiador Ronaldo Vainfas, a surdez é tratada tão célere quanto sua brevíssima citação como um efeito momentâneo do barulho de explosivos, contradizendo uma das propostas para a coleção, apresentada no texto introdutório, segundo a qual se

buscaria dar visibilidade a grupos ausentes do ensino de História (VAINFAS *et al*, 2018).

Boulos Júnior (2018) traz a referência mais extensa à surdez dentre todas as identificadas nos livros didáticos pesquisados. Trata-se de uma atividade complementar de caráter interdisciplinar com o componente curricular Ciências. Em página inteira, o autor reproduz trechos de um texto originalmente publicado na revista *Superinteressante*, de divulgação científica. O texto aborda a surdez de Beethoven (1770-1827), suas consequências para a vida do músico e uma possível causa: a otosclerose. Seguem-se três atividades: uma pergunta sobre as causas da otosclerose e duas pesquisas com produção textual a respeito das diferenças entre doenças genéticas e doenças hereditárias e atitudes cotidianas que podem levar à perda de audição. Por fim, há duas indicações de *sites*, um sobre poluição sonora e outro sobre prevenção à surdez. Vale a pena reproduzir o texto da atividade para uma reflexão.

**A misteriosa surdez de um gênio:** Pobre Beethoven. Embora a genialidade do compositor tenha sido reconhecida muito cedo, sua personalidade sempre foi mal interpretada. A imagem que entrou para a posteridade é a de um senhor recluso e rabugento. Nada a ver, entretanto, com o rapaz de bem com a vida que ele demonstrava ser na juventude. A mudança de humor tem explicação: por volta dos 26 anos de idade, Beethoven começou ficar surdo.

[...]

Antes de perder completamente a audição, Beethoven recorreu a vários médicos [...]. Tudo em vão. [...] O compositor morreu, em 1827, sem que ninguém lhe apresentasse um tratamento eficiente, muito menos a cura. E a causa de seu infortúnio até hoje é motivo de controvérsia.

[...] o brasileiro Ricardo Bento, professor [...] da Faculdade de Medicina da USP, [...] acredita que ele sofria de otosclerose clássica – uma doença que leva à má formação das estruturas internas dos ouvidos. “Ela é altamente incidente na Europa até hoje”, afirma Bento, autor de um estudo intitulado *A Surdez de Beethoven: O Desafio de um Gênio* [...] (LUCIRIO, 2016 *apud* BOULOS JÚNIOR, 2018 p. 67).

Beethoven é provavelmente o personagem histórico surdo mais conhecido. Em entrevistas com professores de História, que realizei durante a minha pesquisa do Mestrado (SANTOS, 2018b), todos os depoentes citaram o músico como o único surdo famoso que conheciam. Seguindo o rastro de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), Beethoven foi uma criança prodígio, compondo suas primeiras peças com apenas 11 anos. Aos 22, deixou sua cidade natal Bonn (Prússia, atual Alemanha) e foi para Viena (Áustria), onde sua carreira como compositor e concertista deslanchou. Quatro anos depois começou a se queixar de zumbidos no ouvido e,

progressivamente, foi perdendo a audição. Submeteu-se a diversos tratamentos e recursos corretivos existentes à época, desde estimulações elétricas ao uso de cornetas acústicas. Por não conseguir mais acompanhar seus músicos, abandonou a regência, mas permaneceu compondo até o fim de sua vida. Sua *Sinfonia n.º 9*, tida como uma das mais sublimes músicas de todos os tempos, foi composta quando já estava completamente surdo (BENTO, 2009).

No texto reproduzido por Boulos Júnior, Beethoven é eclipsado pela surdez. A ênfase está na deficiência e na doença que a causou. O uso de expressões como “pobre Beethoven” e “infortúnio”, além da associação com o mau humor do músico, reforçam uma visão negativa, pejorativa e até anacrônica da surdez. Nesse sentido, retomam referências comuns a concepções patológicas sobre a surdez elaboradas no século XIX. O sanitarista Tobias Rabello Leite (ex-diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, atual INES), usou a expressão “companheiro de infortúnio” para referir-se ao repetidor Flausino José da Gama em relação a seus colegas surdos (ROCHA, 2018), enquanto o professor francês Jean-Jaques Valade Gabel (1801-1879) tipificava os surdos como sujeitos irritáveis e violentos (LOBO, 2008).

Desta forma, embora não seja o autor do texto em questão, mas responsável por sua seleção, Boulos Júnior, acaba filiando sua obra a uma perspectiva da surdez denominada clínico-terapêutica. Essa concepção enfatizava a deficiência, entendendo os surdos como seres incompletos, que precisariam recorrer a pedagogias ou procedimentos corretivos de modo a se adequarem a padrões de normalidade (OLIVEIRA, 2012). Historicamente predominante até as décadas finais do século XX, a visão clínico-terapêutica foi superada pela socioantropológica, na qual os surdos são compreendidos fora do espectro da deficiência e a partir de diferenças linguísticas, identitárias e culturais (OLIVEIRA, 2012; SKLIAR, 2016).

Não se trata aqui de negar a surdez ou os sofrimentos e dificuldades que ela pode acarretar aos indivíduos. O próprio Beethoven revelou em cartas e manuscritos que a surdez o atormentava, não obstante tenha expressado que poderia se adaptar a essa condição caso não fosse um profissional da música (BENTO, 2019). O que questiono é a forma como a surdez é representada. Considerando a afirmação de Silva (2014) de que a representação produz identidades, o texto e as atividades apresentados por Boulos Júnior consolidam estigmas relacionados à surdez, com resultados que podem fomentar preconceitos e afetar negativamente a autoestima de estudantes surdos.

Ainda que a proposta do autor tenha sido prioritariamente estabelecer diálogos entre disciplinas (História/Ciências) e tempos históricos (passado/presente), oportunizando um debate sobre questões da atualidade e do cotidiano dos alunos (poluição sonora, riscos à saúde), Boulos Júnior traz à cena a surdez, sem, contudo, tratá-la apropriadamente. Outras abordagens, mais alinhadas com a promoção da visibilidade, da inclusão e de um viés desassociado da deficiência em relação aos sujeitos surdos seriam possíveis. Dentre elas, contextualizar a vida das pessoas surdas no tempo de Beethoven e comparar com histórias paralelas de outros surdos que se destacaram socialmente (o músico foi contemporâneo da criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, de Pierre Desloges e Ferdinand Bérthier, para citar alguns exemplos). Seria possível ainda provocar reflexões sobre a própria obra de Beethoven: teria sido tão sublime caso seu criador não fosse surdo? Não há resposta ao “se”, mas valeria especular sobre a surdez não como um demérito, mas como potencialidade.

Uma outra categoria de referência aos surdos nos livros didáticos de História para os Anos Finais do Segundo Segmento do Ensino Fundamental pode ser observada na coleção *Inspire* (SERIACOPI; AZEVEDO, 2018). Das obras pesquisadas, essa é a única que aborda as pessoas com deficiência,<sup>43</sup> enfatizando a temática da inclusão desses sujeitos, em todos os seus quatro volumes. Contudo, sempre na seção *Fechando a Unidade*, na qual os autores buscam promover debates a respeito de temas atuais, a partir de trechos de documentos históricos de diferentes tipos (em geral, fontes escritas). Apesar de se relacionar com o assunto do capítulo, essa seção constitui-se em atividade complementar (nem sempre trabalhada pelos professores). Dessa forma, a exemplo dos textos e das atividades apresentadas por Boulos Júnior (2018), surdos e pessoas com deficiência aparecem como adendo, à margem do texto principal.

As referências diretas aos surdos na coleção *Inspire* são feitas nos livros destinados ao 7º e ao 9º ano de escolaridade. No volume do 7º ano, a partir do tema “deslocamentos populacionais”, os autores propõem uma atividade em grupo na qual

---

<sup>43</sup> Não obstante nesta tese os surdos serem abordados sob um outro viés, entendo que ainda é pela perspectiva da deficiência que são considerados pelos autores dos livros didáticos, muito provavelmente tomando por base o que dispõe dispositivos legais no campo educacional. Na LDB, por exemplo, até a inclusão da modalidade Educação Bilíngue de Surdos, em 2021, os surdos encontravam-se implicitamente incluídos na categoria de educandos com deficiência, um dos públicos-alvo da Educação Especial (BRASIL, 1996).

os alunos devem redigir uma carta com propostas de acessibilidade para a mobilidade urbana de pessoas com deficiência, incluindo os surdos. Nesse caso, em nota do Manual dos Professores, o trabalho desempenhado pelos Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (TILSPs) é lembrado. Já no livro do 9º ano, mais uma vez como proposta de atividade em grupo, pede-se aos alunos que verifiquem as condições da escola para a inclusão de “deficientes auditivos” (como os surdos são referidos) e que indiquem recursos necessários à inclusão. Devem ainda redigir uma carta endereçada à Secretaria de Educação de seu município apresentando os problemas levantados e propondo soluções. Nas notas do Manual do Professor, os autores sugerem uma sondagem sobre o conhecimento da turma a respeito de Libras e, para fins de sensibilização, a exibição de um vídeo *Deficiente auditiva alerta para as barreiras de acessibilidade*<sup>44</sup> (SERIACOPI; AZEVEDO, 2018).

Em termos históricos, pode-se afirmar que a inclusão escolar no Brasil, posta em debate pelos autores da coleção *Inspire*, é um fenômeno relativamente recente, temporalmente localizado do último decênio do século XX aos tempos atuais. Muito embora existam registros históricos de experiências educacionais inclusivas em outros locais desde, pelo menos, o século XIX. Oliveira (2012) e Cabral (2015) fazem referência a uma escola experimental na Baviera (atual Alemanha), criada em 1821 pelo educador Jean Baptiste Graser (1766-1841), onde ocorria a integração entre alunos surdos e ouvintes, recebendo esses últimos apoio pedagógico específico. Contudo, em 1854, a permissão de funcionamento da escola foi suspensa, alegadamente por sua proposta acarretar prejuízos aos alunos ouvintes. Em 1834, a direção do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris apresentou uma proposta de educação conjunta para surdos e ouvintes. Apenas em 1848, o Ministério da Educação francês aprovou o estabelecimento das chamadas escolas integradas, encerradas por questões econômicas (CABRAL, 2015).

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, promovida pelo governo da Espanha e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1994, é considerada o marco histórico para a inclusão de pessoas com deficiência na escola regular. Dela resultou a Declaração de Salamanca (1994), documento que preconizava a Educação para

---

<sup>44</sup> Os autores indicam o seguinte *link* para acessar o vídeo: <http://livro.pro/ewg.5qj>. No entanto, em todas as tentativas de acessá-lo fui direcionado a uma página na qual se lê uma mensagem informando que o *link* é inválido.

todos, e que influenciou leis e políticas públicas inclusivas em diversos países, dentre os quais o Brasil. Muito embora, em nosso caso, a Constituição de 1988 já indicasse que o ensino deveria se dar preferencialmente nas escolas ou classes comuns ou regulares. Dessa forma, nas últimas décadas, a matrícula de alunos com deficiência vem aumentando na rede regular de ensino. Em 2021, os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) revelavam que 87% dos educandos da Educação Especial (alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades) encontravam-se matriculados em turmas regulares.

A iniciativa dos autores da coleção *Inspire* é bastante louvável ao chamar a atenção para esses alunos que vêm ocupando os seus espaços por direito na escola comum e para a necessária reflexão a respeito de como têm sido incluídos. Porém, ela ainda não resolve o problema da invisibilização dos sujeitos surdos na História. Se nas outras coleções os surdos sequer são citados ou são encobertos pela surdez, em *Inspire* só existem no presente, sendo lhes negado um passado, uma vez que permanecem fora dos eventos e processos históricos narrados nos volumes da coleção. A subtração da historicidade compromete a elaboração de uma consciência histórica, elemento fundamental para o fortalecimento da capacidade de aprendizagem e para o desenvolvimento dos sujeitos (MARTINS, 2019).

Essa invisibilidade dos surdos como sujeitos históricos nos conteúdos curriculares de História, expressa tanto pelas ausências como pelas referências nos livros didáticos, pode ser atribuída a diversos fatores. Além dos processos de constituição da História enquanto disciplina escolar e da emergência da inclusão, envolvem também a mudança de paradigmas em relação à surdez. A presença dos surdos nas salas de aula de História nos obriga a questionarmos sobre sua ausência no currículo da disciplina em todas as suas dimensões. Se os educandos surdos ainda não são considerados como agentes da História nos documentos e materiais didáticos, suas necessidades educacionais específicas têm sido observadas e respeitadas?

## 2.2 PANORAMA DAS PESQUISAS NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS

Ainda que invisíveis como sujeitos históricos nas referências curriculares da disciplina História, os surdos, enquanto educandos, bem como as peculiaridades do processo ensino-aprendizagem no qual estão envolvidos e sua inclusão nas escolas

regulares já vêm sendo estudados há mais de duas décadas por pesquisadores no campo do Ensino de História. A expansão dessa pesquisa, sobretudo nos últimos seis anos tornam datada parte da afirmação de Verri e Alegro (2006), citada no início do capítulo. Já é questionável afirmar que há um despreparo do ensino de História para as possibilidades abertas a partir da relação com os alunos com “necessidades educacionais especiais”. Ao menos no que se refere aos alunos surdos. Se em 2006 era possível identificar apenas quatro estudos sobre o ensino de História para surdos realizados no Brasil, atualmente, eles já somam mais de 70, entre produções acadêmicas, publicações em periódicos e apresentações em eventos nas áreas da História e da Educação.

Desde 2016, quando iniciei meus estudos acadêmicos a respeito do ensino de História para surdos, venho realizando levantamento sobre o que já foi defendido e/ou publicado em relação a essa temática. A pesquisa é empreendida por meio eletrônico, consultando os portais BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e eduCAPES, a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), o Google Acadêmico (*Google Scholar*), os periódicos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e os anais de eventos na área de História e Ensino de História, como os encontros da Associação Nacional de História (ANPUH), o Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História (ENPEH), o Congresso do ProfHistória e o Simpósio Eletrônico Internacional de Ensino de História. As buscas são realizadas utilizando os descritores “Ensino de História”, “Surdos” e “Surdez”. Por entender a surdez a partir de uma perspectiva socioantropológica (SKLIAR, 2016), só passei a utilizar o descritor “Deficientes Auditivos” quando me deparei com pesquisas que assim se referiam aos sujeitos surdos. Contribuíram ainda para a localização das publicações as referências bibliográficas dos próprios textos encontrados e informações fornecidas nos currículos da Plataforma Lattes de seus autores.

O resultado do levantamento bibliográfico até o presente momento será apresentado em dois quadros. O Quadro 2 se refere aos trabalhos acadêmicos, produzidos no âmbito dos cursos universitários de graduação e pós-graduação, entre os anos 2000 e 2022, englobando as monografias e/ou trabalhos de conclusão de curso (TCC), as dissertações e as teses. Já o Quadro 3 elenca as publicações científicas apresentadas em periódicos, livros e anais de eventos, tais como artigos, capítulos, comunicações e resumos expandidos. O recorte temporal se inicia com a produção mais antiga identificada (2000, para os trabalhos acadêmicos; 2001, para

as publicações científicas) e segue até 2022, quando se concluiu a redação desta tese.

<b>QUADRO 2 – Trabalhos acadêmicos sobre ensino de História para alunos surdos (2000-2022)</b>					
<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>TIPO</b>	<b>LOCAL</b>	<b>SÍNTESE</b>
2000	Experiência no ensino de História para alunos surdos	Rosy M. C. Bernardelli	Monografia	UEL	Trabalho não encontrado. Citado por Verri & Alegro (2006) e Silva (2012).
2014	O ensino de História para alunos com surdez	Lilian Signorini Lafuente	TCC	UFPEL	Estudo comparativo de práticas de professores de História em diferentes modelos de escola para surdos no município de Pelotas (RS): uma escola específica e uma escola regular inclusiva.
2014	O ensino de História para as alunas e alunos com deficiência auditiva no município de Guarabira (PB): uma experiência inclusiva (?)	Heloísa Tamiris Oliveira Tezolin	TCC	UEPB	Análise do processo de inclusão e da aprendizagem de alunos surdos no interior da Paraíba. A interrogação do título se deve aos problemas identificados, dentre os quais a sensação de incapacidade dos docentes.
2015	Cultura e educação sociocomunitária: uma perspectiva para o ensino de História e surdez	Alex Sandrelanio dos Santos Pereira	Dissertação	UNISAL	Estudo definido pelo autor como etnográfico em escola inclusiva na região metropolitana de Salvador (BA). São desenvolvidas ações de visibilização dos surdos na comunidade escolar e aproximações com a associação de surdos local.
2016	Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil	Eduardo Felipe Felten	Dissertação	UNB	Considerando a necessidade de criação/adequação de sinais-termos de História, é desenvolvido um glossário bilíngue Português-Libras. São utilizados critérios que buscam uma aproximação mais fidedigna entre o significado dos conceitos e os sinais propostos.
2016	Sinais do tempo: construção de significados de tempo histórico para alunos surdos em uma perspectiva de	Camilla Oliveira Mattos	Dissertação	UFRRJ	A autora propõe uma abordagem de ensino para surdos a partir do letramento em História, mobilizando Libras e conhecimentos prévios dos alunos. Seu produto final é uma proposta de sequência didática na qual busca se construir o

	letramento histórico em Libras				conceito de tempo histórico por diferentes meios, como fontes imagéticas e atividades de campo.
2017	O ensino de História para surdos na educação bilíngue: um estudo de caso no Centro Educacional Sons do Silêncio (CESS) em Salvador/BA	Naiara da Silva Dias dos Santos	Monografia	UNEB	Análise de práticas pedagógicas e processos avaliativos em escola bilíngue para surdos de Salvador (BA). Dentre as práticas bem-sucedidas identificadas estão o ensino mediado diretamente por Libras, o uso da pedagogia visual e a equidade entre o Português e a língua de sinais nas avaliações.
2018	Ensino de História e estudantes surdos: concepções das professoras e intérpretes em duas escolas públicas de Criciúma	Bruna Corrêa de Oliveira	Dissertação	Unesc	Análise das concepções, práticas e relações de/entre professores e intérpretes em escolas regulares de Criciúma (SC). Conclui-se que a falta de capacitação dos docentes os leva a delegarem aos intérpretes a função de ensinar aos surdos, com prejuízos à aprendizagem significativa de História.
2018	Ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas: práticas e propostas	Paulo José Assumpção dos Santos	Dissertação	UFRJ	Composta por duas dimensões. Na primeira, mais teórica, apresento o estado da arte da pesquisa no ensino de História para surdos, um diagnóstico desse ensino em escola inclusiva da periferia do Rio de Janeiro e uma descrição/análise de experiências. Na segunda, propositiva, ofereço um caderno de orientações e sugestões aos docentes.
2018	Ensino para diferentes sujeitos: o acesso de alunos surdos às aulas de História	Ernesto Padovani Netto	Dissertação	UFPA	Diagnóstico das vivências dos alunos nas aulas de História em escola regular de Ananindeua (PA), indicando estratégias de ensino mais apropriadas à aprendizagem de surdos. O autor produz um canal no YouTube <sup>45</sup> , no

<sup>45</sup> Trata-se do canal *História em Libras*, que pode ser acessado pelo link: [https://www.youtube.com/channel/UC4Cto15lwbs2tln\\_CWqsPiA](https://www.youtube.com/channel/UC4Cto15lwbs2tln_CWqsPiA). Existe um canal homônimo, produzido pela professora Karina Werlingue, o qual pode ser visto em <https://www.youtube.com/channel/UCwtNyZ8vhEPcKaVEEq8DvQA>. Nele, a docente apresenta conteúdos de História em Libras, com narração simultânea em Língua Portuguesa. Diferente do canal do professor Ernesto Padovanni, que segue uma abordagem temática da História, os vídeos seguem a tradicional narrativa de temporalidade linear e não contam com suporte acadêmico. Contudo, a autora

					qual apresenta conteúdo de História em Libras.
2018	O ensino de História em uma escola bilíngue para surdos como ponto de partida para a descrição de um cenário	Bianca Langhinrichs Cunha	Dissertação	FURG	Estudo sobre ensino de História em escola bilíngue do Rio Grande do Sul, a partir de entrevista com professora e observação de sua prática. Conclusões convergem com outros estudos (professores sem formação específica, defasagem de aprendizagem dos alunos surdos em relação aos demais).
2018	Práticas pedagógicas do professor de História de Ensino Médio em turma regular com a presença de aluno surdo	Heloisia Lima Perales	Dissertação	UFRN	Pesquisa colaborativa com professora de História de escola pública inclusiva em Natal (RN). Ao longo do trabalho, a professora percebe sua ignorância em relação à educação de surdos e busca reconstruir suas práticas, entendendo que isso pode ser positivo também aos demais alunos.
2018	Um olhar sobre o Ensino de História em classes de alunos surdos do Ensino Fundamental: o caso da escola Alfredo Dub	Ana Gabriela da Silva Vieira	TCC	UFPEL	Trabalho definido pela autora como “estudo de caso de pesquisa-ação” em escola especial bilíngue de Pelotas já abordada por Lafuente (2014). A autora reflete sobre metodologias e práticas de ensino. Dentre suas conclusões, aponta para a ideia do professor ouvinte como aprendiz do aluno surdo.
2019	A História muda: o uso de imagens no ensino de História para surdos	Paulo Eduardo de Mattos Stipp	Dissertação	UNICAMP	A partir da crítica à predominância da oralidade no ensino de História, o autor desenvolve uma sequência didática na qual o conhecimento histórico é construído a partir da leitura de fontes visuais. Defende-se a “cultura visual” como elemento comum a surdos e ouvintes e a aprendizagem como experiência individual.
2020	Cidadania e igualdade como projeto: o Ensino de História em uma escola inclusiva	Carla Renata Vieira Rodrigues	Dissertação	UFRN	Não trata da surdez em específico, mas os surdos estão entre os sujeitos da pesquisa. De modo a promover a aprendizagem significativa e a maior integração entre os diferentes alunos da escola inclusiva, é desenvolvido um

dedica um de seus vídeos à história dos surdos ([https://www.youtube.com/watch?v=U\\_DM\\_1vG3eU&t=184s](https://www.youtube.com/watch?v=U_DM_1vG3eU&t=184s)).

					material didático específico para o ensino de História em turmas do 6º ano.
2020	Ensinando História para educandos surdos em uma escola inclusiva: um ensino possível	Paulo Roberto Martins da Silva	Dissertação	UFRJ	A partir do diagnóstico do ensino de História em escolas inclusivas do sul fluminense e refletindo sobre sua prática, o autor cria uma sequência didática sobre a 1ª República do Brasil. Dessa forma, recorre-se à pedagogia visual como metodologia para a construção do conhecimento histórico por alunos surdos.
2020	Imagens, Ensino de História e Surdez: como a história é vista nas imagens históricas pelos surdos	Tuanny Dantas Lameirão	Dissertação	UFRRJ	Análise do processo de letramento histórico e sua relação com diversos tipos de imagens nas aulas de História a partir de entrevistas com ex-alunos surdos de diferentes estados brasileiros. São indicados direcionamentos para o uso das imagens na educação de surdos.
2020	Os surdos e o uso de práticas digitais na Amazônia: experiências e desafios no ensino de História	Jonata Souza de Lima	Dissertação	UFPA	Análise sobre a inclusão nas aulas de História e de Estudos Amazônicos em escola regular de Bragança (PA), tendo como eixo o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDICs). Com base em seus estudos e reflexões, o autor desenvolve vídeos com conteúdos sobre a história local em Libras. <sup>46</sup>
2021	Ensino de História para surdos: perspectivas e possibilidades	Maicon Sotoriva	TCC	UFFS	O autor analisa o ensino de História para surdos a partir de pesquisa bibliográfica. Conclui que a escola regular é sensível à inclusão de alunos surdos, mas seus profissionais ainda desconhecem como esses educandos aprendem e quais são os métodos mais apropriados para ensiná-los.
2021	Ensino de História para surdos: Porongos, vamos jogar?	Laionel Mattos da Silva	Dissertação	UFMS	A partir de sua prática em escola bilíngue para surdos de Novo Hamburgo (RS), o autor desenvolve um jogo analógico bilíngue (Português-Libras) sobre a Guerra dos Farrapos. Intenta-se superar

<sup>46</sup> Os vídeos produzidos por Lima podem ser acessados no canal do autor no YouTube: <https://www.youtube.com/c/EnemLibraseReda%C3%A7%C3%A3o>

					metodologias de ensino apoiadas na oralidade, construindo conhecimento histórico pela ludicidade.
2022	Por outras formas de falar: estratégias pedagógicas para discentes surdos(as) no Ensino de História	Indinéia Ramos Paixão	Dissertação	UNEB	Estudo de caso e pesquisa participante envolvendo uma professora de História e uma aluna surda de instituto federal de ensino da Bahia. A autora discute estratégias pedagógicas e propõe um curso de formação para professores do tipo MOOC <sup>47</sup> (autoestudo, disponível em meios eletrônicos).

Fonte: produção do autor.

Como pode ser observado no quadro acima, a produção acadêmica que tem como objeto o ensino de História para surdos, concentra-se na última década, a partir de 2014, com pelo menos um trabalho concluído por ano. Há um hiato de quase uma década e meia entre a primeira produção detectada (BERNARDELLI, 2000) e as seguintes (LAFUENTE, 2014; TEZOLIN, 2014). No entanto, isso não significa necessariamente que não existam trabalhos acadêmicos realizados no referido período. Nesse caso, a explicação estaria no fato de eventuais produções não estarem disponíveis em meios eletrônicos. A própria monografia de Bernardelli (Op. cit.) não foi encontrada na busca que realizei pela internet. Esse trabalho figura no levantamento por terem sido identificadas referências a ele em dois artigos (VERRI; ALEGRO, 2006; SILVA, 2012).

De todo modo, o período compreendido entre 2001 e 2013 não corresponde a um vácuo nas pesquisas sobre o ensino de História para surdos. Pelo menos nove trabalhos sobre o tema foram então publicados, como será visto mais adiante (QUADRO 3). Cabe indagar, no entanto, o porquê das produções acadêmicas se concentrarem nos últimos anos. É possível creditar às políticas públicas voltadas à inclusão social dos surdos no Brasil, com destaque para a Lei de Libras (BRASIL, 2002) e o Decreto n.º 5.626 (BRASIL, 2005), que a regulamentou. Esse último estabeleceu o prazo de uma década para a implantação da disciplina Libras, como obrigatória nos cursos de formação de professores, o que nos leva ao tempo em questão. Mais do que o aprendizado da língua de sinais, essa disciplina vem

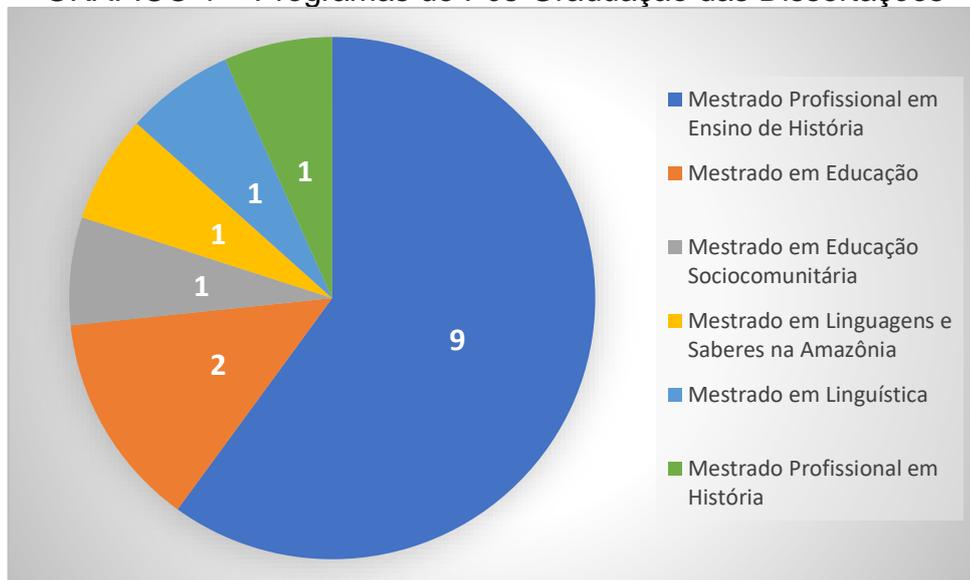
<sup>47</sup> Do inglês *Massive Open Online Course*, que pode ser traduzido como Curso Online Aberto e Massivo, ou seja, uma modalidade de curso oferecida em ambiente virtual de aprendizagem e aberta a todos os interessados.

sensibilizando os docentes de História em sua formação para as questões que envolvem os sujeitos surdos.

A crescente inclusão de estudantes surdos nas classes comuns verificada nos últimos anos também pode ser creditada como fator para o incremento das pesquisas acadêmicas sobre a temática do ensino de História para surdos. Com base nos dados do INEP, Baiense (2022) identificou um aumento gradual e expressivo nas matrículas de alunos com deficiência (dentre os quais os surdos estariam incluídos) nas redes regulares de ensino, notadamente, as estaduais e municipais, ao longo da segunda metade da década de 2010. A presença desses educandos tem mobilizado docentes a uma necessária reflexão sobre processos inclusivos e práticas pedagógicas e à busca por formação continuada em cursos de pós-graduação, como se depreende de parcela significativa das justificativas apresentadas pelas produções acadêmicas aqui destacadas.

Ressaltando os dados a respeito dos trabalhos de pós-graduação *stricto sensu*, é possível notar a ausência de pesquisa a nível de Doutorado, o que se constitui em um primeiro aspecto de originalidade da presente tese. Sobre as 15 dissertações encontradas, ampliando os dados contidos no quadro, identifiquei seis tipos de programas nos quais elas foram desenvolvidas. São eles: Mestrado em Educação, Mestrado em Educação Sociocomunitária, Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia, Mestrado em Linguística, Mestrado Profissional em Ensino de História e Mestrado Profissional em História. A distribuição do quantitativo de dissertações por cada um desses programas segue apresentada no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 – Programas de Pós-Graduação das Dissertações



Fonte: produção do autor.

Conforme se observa pelo gráfico, as dissertações já defendidas sobre ensino de História para surdos concentram-se no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória, totalizando nove produções (MATTOS, 2016; SANTOS, 2018b; PADOVANI NETTO, 2018a; STIPP, 2019; LAMEIRÃO, 2020; RODRIGUES, 2020; SILVA, 2020; SILVA, 2021; PAIXÃO, 2022). Esse mestrado profissional em rede teve suas primeiras turmas abertas em 2014 e, atualmente, é formado por 38 universidades públicas de diferentes estados brasileiros<sup>48</sup> mais a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Dentre os objetivos do ProfHistória está a formação continuada de professores que atuam na Educação Básica, com vistas à reflexão teórica de suas práticas e ao incremento da qualidade do ensino de História neste segmento educacional.

Em relação à temática do ensino de História para surdos, além das dissertações já defendidas, o ProfHistória conta ainda com pelo menos mais uma pesquisa, intitulada *Ensino de História e Surdez: na perspectiva do professor de História e do aluno surdo incluso em escola regular*, que vem sendo desenvolvida por Alexandro Xavier Nunes, no campus Xinguara da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), orientado pelo professor Dr. Bruno da Silva e coorientado pela professora Dr.<sup>a</sup> Lucelia Cardoso Cavalcante. Na última edição do Simpósio Nacional de História, promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH), em 2021, chegou a se compor uma mesa com egressos e mestrandos do programa que apresentaram suas pesquisas sobre o ensino de História para surdos

---

<sup>48</sup> As universidades públicas que compõem o ProfHistória em 2022 são: Universidade de Pernambuco (UPE), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal do Norte do Tocantins – Araguaína (UFNT), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade Regional do Cariri (URCA).

no simpósio temático *ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História: resultados, potencialidades e desafios – 3ª edição*.

Um dos diferenciais mais significativos dos mestrados profissionais é a realização de produtos pedagógicos. No caso do ProfHistória, essa dimensão propositiva vem oferecendo importantes contribuições às práticas docentes no ensino de História para surdos. Em minha passagem pelo programa, desenvolvi o *Caderno de Orientações e Sugestões para o Ensino de História em Classes Inclusivas com Alunos Surdos*, destinado a oferecer suporte aos professores de História que atuam com alunos surdos em classes inclusivas (SANTOS, 2018b). Mattos (2016), em seu trabalho pioneiro, propõe sequências didáticas nas quais mobiliza o letramento em Libras para promover o aprendizado da noção de temporalidade (conceito-chave da disciplina). Padovani Netto (2018a) criou o canal *História em Libras*, cujo mérito vai além da veiculação de conteúdo histórico de forma acessível aos surdos, inserindo esses sujeitos na narrativa apresentada e, dessa forma, levando-os a se perceberem como sujeitos históricos. Stipp (2019) e Silva (2020) contribuem com outras séries de sequências didáticas onde a leitura de imagens é proposta como meio para a construção do conhecimento histórico, indo ao encontro da pedagogia visual. Silva (2021) aposta no lúdico, com a criação de um jogo didático para a aprendizagem de conteúdos relacionados à história local do Rio Grande do Sul. Rodrigues (2020) apresenta um manual com propostas de atividades inclusivas para classes do sexto ano de escolaridade, não se detendo nos alunos surdos, mas também considerando outros grupos com necessidades educacionais especiais.

Essas informações colocam o ProfHistória como um núcleo aglutinador e ponta de lança nos estudos referentes ao ensino para surdos no campo disciplinar da História. Vale destacar que os mestrados e os mestres formados pelo programa são professores que atuam nos segmentos da Educação Básica, o que revela uma preocupação desses docentes com o chão da escola, de onde emerge a necessidade pelo desenvolvimento de práticas e saberes pedagógicos mais apropriados aos educandos surdos, em geral, incluídos em classes regulares. Em um movimento de baixo para cima, viabilizado pelo ProfHistória, esses professores/pesquisadores, têm promovido a visibilidade dos sujeitos surdos no campo da História em seu âmbito acadêmico.

Em 2018, junto aos egressos do ProfHistória Camilla Mattos, Ernesto Padovani, Paulo Silva e Tuanny Lameirão, criei um grupo no aplicativo do *Whatsapp* denominado

*História para surdos*. Posteriormente, a ele se reuniram outros mestres e mestrandos do programa: Alexandro Nunes, Indinéia Ramos, Laionel Silva, Leonardo Monllor<sup>49</sup> e Renata Rodrigues. Por meio desse grupo realizamos, desde então, contatos frequentes; trocas de informações a respeito do ensino de História para surdos, incluindo novidades sobre nossas pesquisas; compartilhamos publicações e divulgamos eventos na temática. Também buscamos elaborar ações conjuntas para propagar os trabalhos por nós desenvolvidos, como a organização de uma apresentação coletiva em uma das reuniões remotas do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Surdez (GEPeSS)<sup>50</sup>, do qual sou membro, ocorrida no mês de junho de 2020 (IMAGEM 12).



IMAGEM 12 – Apresentação de pesquisadores do ensino de História para surdos egressos do ProfHistória. Reunião remota do GEPeSS (29/06/2020). Fonte: acervo do autor.

De acordo com informações obtidas em contato com os autores das dissertações supracitadas ou por meio de seus respectivos currículos apresentados na plataforma Lattes, Pereira e Mattos também são atualmente doutorandos de programas de Pós-graduação em Educação (respectivamente, na *Universidad San Lorenzo*, do Paraguai, e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), enquanto

<sup>49</sup> Leonardo Vigolo Monllor é mestrando do ProfHistória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desde 2020. Sua pesquisa, intitulada *As coleções de História do Programa Nacional do livro didático na perspectiva da educação inclusiva* apenas tangencia o ensino de História para surdos, porém dialoga fortemente com a questão da inclusão, tema comum aos professores/pesquisadores do grupo.

<sup>50</sup> O GEPeSS é vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pertence ao Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DGP-CNPq).

Padovani Netto concluiu seu doutoramento em História Social da Amazônia, pela Universidade Federal do Pará, em 2022. Desconheço a temática da tese desenvolvida por Pereira. Por outro lado, Mattos e Padovani Netto ainda dialogam com a educação de surdos em suas pesquisas, embora fora da seara do Ensino de História, na qual permanecem.

<b>QUADRO 3 – Publicações científicas sobre ensino de História para alunos surdos (2001-2022)</b>				
<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>TIPO</b>	<b>SÍNTESE</b>
2001	O início do trabalho de História na 5ª série	Tania Maria Elias	Artigo	Relato de experiência de professora do INES, no qual constrói com alunos surdos da 5ª série (atual 6º ano) os conceitos de sociedade, cultura e História. Como estratégias, explora a curiosidade dos estudantes, recorre aos seus conhecimentos prévios e realiza leitura de imagens e associações entre essas e pequenos textos.
2003	Reflexões de uma professora de História sobre o desenvolvimento linguístico em alunos surdos e ouvintes	Mônica Ugrinowitsch	Artigo	Escrito no contexto de emergência do Bilinguismo, a autora avalia sua experiência docente com alunos surdos e propõe um olhar de reconhecimento e aceitação da diferença linguística desses educandos. Enfatiza a necessidade de avaliação diferenciada da produção escrita dos surdos, na qual a verificação da ocorrência de aprendizagem deve se sobrepor ao domínio de normas gramaticais da Língua Portuguesa.
2005	Reflexões sobre o ensino de história para alunos surdos	Lia Cazumi Yokoyama	Comunicação	Propõe uma nova pauta para os pesquisadores do tema: deslocar-se das questões linguísticas para o desenvolvimento de métodos e técnicas no campo da História. Reivindica a necessidade dos professores serem mais sensíveis aos surdos e às suas especificidades, superando práticas tradicionais no ensino de História, denominadas “comportamento teórico-metodológico oral auditivo”.
2006	Anotações sobre o processo de ensino e aprendizagem de história para alunos surdos	Célia Regina Verri & Regina Célia Alegro	Artigo	Problematiza o ensino de História para surdos e demanda que os docentes busquem compreender como os surdos aprendem, o que interfere em sua aprendizagem e como ajudar para que entendam melhor. Com base em respostas de questionários apresentados a alunos surdos, propõe diretrizes para o ensino desses educandos: didática diferenciada, uso de imagens, textos resumidos e de forma direta,

				tolerância linguística em relação à escrita.
2007	História silenciosa	Danielle Sanches	Artigo	Relato de experiências da autora, com encaminhamentos para práticas de ensino apropriadas a alunos surdos, tais como aulas necessariamente ministradas em Libras, contextualizadas (a partir da realidade concreta), uso de estratégias/recursos diversificados (imagens, dramatizações, linha do tempo, filmes). Assinala que essa diversidade pedagógica também facilita a aprendizagem dos ouvintes.
2009	A exclusão do incluído: a busca pelo equilíbrio	Vanda Sarmento Borges Mesquita; Ana Cristina Oliveira da Silva; Crislane Azevedo; Maria Inês Sucupira Stamatto	Artigo	Autores entrevistam professores, TILSPs, alunos surdos e alunos ouvintes de escola pública regular nordestina. Com base nos depoimentos, expõe problemas que levam à exclusão no contexto de inclusão: professores que se mostram incapazes, intérpretes que assumem o papel de docentes dos surdos e reclamações dos estudantes ouvintes (entendem a didática diferenciada como algo que lhes traz prejuízo).
2009	Ensino de História para alunos de Ensino Médio: desafios e possibilidades	Gabriele Vieira Neves	Artigo	Relato e análise de projetos desenvolvidos pela autora. Considera como desafios a necessidade do professor (ouvinte) dominar uma língua que não é a sua e desenvolver estratégias para mobilizar o interesse e a participação dos surdos. Indica como possibilidades suas próprias práticas: uso de outros sentidos (visão, tato, paladar); monitoria; estímulo à escrita e interações entre alunos e professores por meio de um blog; avaliações em Libras.
2012	O ensino de História para surdos: análise da situação de escolas especiais e de escolas regulares	Carlos Cesar Almeida Furquim Pereira & Rosimar Bortolini Poker	Artigo	Estudo comparativo entre uma escola regular inclusiva e uma escola específica para surdos de São Paulo, com base em questionários apresentados a professores. Não fazem a defesa desse ou daquele modelo, indicando que ambos ainda seriam insatisfatórios: professores da escola específica não dominavam conteúdos e métodos da História, enquanto os da escola regular desconheciam didáticas para o ensino de surdos.
2013	O Atendimento Educacional (AEE) e o Processo de Inclusão: Diálogo entre a História, a	Ernesto Padovani Netto	Trabalho completo em anais de evento	Texto não encontrado na pesquisa, apenas referenciado pelo próprio autor em seu currículo Lattes.

	Literatura e a prática escolar na educação de surdos			
2014	A construção dos conceitos de identidade e história: um estudo com imagens com alunos do sexto ano do Colégio Estadual do Instituto de Educação de Surdos – ILES	Berenice Silva	Artigo	Produto da participação da autora em curso de formação continuada oferecido pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Autora reflete sobre as relações entre a surdez e o ensino de História, além de apresentar relato sobre sua experiência com alunos de escola específica para surdos, na qual construíram conceitos mediados por diferentes fontes (relatos dos alunos, fotografias, vídeos).
2014	A utilização do Prezi em sala de aula: uma proposta de inclusão no ensino de História	Raphael Henrique Dias Barroso	Artigo	Autor defende o uso do Prezi (programa de exibição de <i>slides</i> ) como recurso metodológico visual para o ensino em classes com alunos surdos. Dentre os argumentos apresentados na defesa estão a predominância da memória e raciocínio visuais nos surdos e a facilitação da associação imagem-palavra-conceito. Sua interface dinâmica permitiria comparações e justaposições, podendo responder melhor a interesses manifestados pelos alunos.
2014	Ensino de História: uma prática inclusiva para alunas e alunos com deficiência auditiva no município de Guarabira/PB	Heloísa Tamiris Oliveira Tezolin & Simone Joaquim Cavalcante	Artigo	Publicação da pesquisa desenvolvida por Tezolin e apresentada em seu TCC (ver QUADRO 2).
2016	Desafios do professor de História com aluno surdo	Heloisa Lima Perales	Artigo	Projeto de pesquisa que resultou na dissertação da autora (ver QUADRO 2).
2017	À margem da historiografia e sem acesso às aulas de História: cultura e identidade surda na luta pelas conquistas de direitos	Ernesto Padovani Netto	Artigo	O texto discute as práticas tradicionais no ensino de História (baseadas na oralidade) e o desconhecimento das identidades surdas pelas comunidades escolares como fatores de exclusão dos alunos surdos. Aponta para o necessário reconhecimento dessas identidades, apresentando uma narrativa sobre a história dos surdos, com foco em sua mobilização enquanto grupo social no Brasil.
2017	Consciência histórica e identidade surda: uma busca pelo	Ernesto Padovani Netto	Capítulo de livro	Texto não encontrado na pesquisa, apenas referenciado pelo próprio autor em seu currículo Lattes.

	direito ao ensino de História			
2017	Ensino de História, oralidade, alteridade e surdez	Ernesto Padovani Netto	Trabalho completo em anais de evento	O autor problematiza o ensino de História para surdos a partir do argumento de que há um distanciamento entre esse ensino e o interesse dos alunos. Considera o modelo tradicional de ensino (baseado na oralidade e na escrita) inadequado e desconectado das vivências dos educandos surdos, os quais não se reconheceriam no que o professor ensina. Aponta para a necessidade de se repensar/modificar a forma como a História vem sendo ensinada aos surdos.
2017	Ensino de história para alunos surdos: a construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas	Patrícia Bastos de Azevedo & Camilla Oliveira Mattos	Artigo	Síntese da pesquisa desenvolvida por Mattos, que seria apresentada na dissertação da autora (ver QUADRO 2).
2017	Ensino de História para diferentes sujeitos: a construção de conceitos históricos para alunos surdos	Ernesto Padovani Netto	Trabalho completo em anais de evento	Texto não encontrado na pesquisa, apenas referenciado pelo próprio autor em seu currículo Lattes.
2017	Ensino de História para surdos: práticas educacionais em escola pública de educação bilíngue	Carlos Cesar Almeida Furquim Pereira	Artigo	A partir da análise de práticas do autor com alunos surdos de escola bilíngue de São Paulo é destacado o papel do ensino de História para esses educandos: promover a visibilidade das pessoas surdas, considerando e respeitando sua forma de expressar-se; prepará-las para compreender o mundo de modo autônomo e crítico (formação cidadã) e despertar sua percepção enquanto sujeitos históricos.
2017	Ensino de história para alunos surdos: práticas educacionais em escola pública de educação de surdos de São Paulo	Carlos Cesar Almeida Furquim Pereira	Artigo	Se trata do mesmo texto do artigo anterior do autor, com diferenças extremamente sutis.
2017	História em silêncio: as dificuldades a percorrer no ofício do professor de História no ensino de alunos surdos em Itaboraí	Guilherme Brenner Oliveira Gregorio; Diogo de Souza Cecilio; Ester Vitória	Artigo	Apresentação de pesquisa realizada pelos autores no município de Itaboraí (RJ). Apresentam conclusões genéricas, menos apoiadas na empiria do que no artigo de Neves (2009), no qual se baseiam. Destacam, no entanto, a carência de intérpretes naquela rede

		Basilio Anchieta		e convidam os professores a auxiliarem seus alunos surdos a reconhecerem que sua comunidade tem história.
2017	O ensino de História em Libras e sua viabilidade	Tatiane Sá; André Melo; Marcos Lamoço; Raíssa Souza	Artigo	Os autores apresentam resultados e análise de pesquisa sobre sinais específicos de História em Libras. Após consultarem o <i>Dicionário Brasileiro de Sinais</i> (produzido pelo INES) e os aplicativos de tradução <i>ProDeaf</i> e <i>Hand Talk</i> , concluem que há ausência desses sinais, indicando a necessidade de criação dos mesmos, além de estudos que resultem na produção de glossários/sinalários de História em Libras.
2018	Desafios do ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas	Paulo José Assumpção dos Santos	Trabalho completo em anais de evento	A partir do tema da redação do Enem de 2017 <sup>51</sup> , aponto desafios ao ensino de História para surdos, tendo por base pesquisas sobre o tema e reflexões a partir de minha experiência: formação docente deficitária, pesquisas incipientes, pouco conhecimento de Libras, dependência/dificuldades na relação com TILSPs e práticas pedagógicas inadequadas. Dentre os possíveis enfrentamentos já assinalo a inclusão da história dos surdos aos conteúdos de História.
2018	Experiências no espaço escolar: intervenções pedagógicas para alunos surdos no ensino de História	Ernesto Padovani Netto	Trabalho completo em anais de evento	Recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2018	O ensino de História no contexto de uma escola inclusiva: entre o tradicional e as possibilidades de acessibilidade	Ernesto Padovani Netto	Capítulo de livro	Outro recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2018	O ensino de História para alunos surdos: uma experiência de escola bilíngue na cidade de Pelotas-RS	Ana Gabriela da Silva Vieira	Capítulo de livro	Recorte da pesquisa da autora apresentada em seu TCC (ver QUADRO 2).
2018	Práticas de ensino de História e Geografia para surdos nas séries iniciais	Patrícia Menezes	Artigo	Não foi possível acessar o texto completo. De acordo com as informações de seu resumo, se trata de relato de experiências da autora com estudantes do INES, apresentado originalmente em

<sup>51</sup> “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”.

				evento da instituição. A autora identifica a ausência de materiais didáticos específicos para surdos e a necessidade de construí-los. Desta forma, desenvolve material bilíngue com uso de dicionário em Libras (Capovilla) e imagens criadas pelos alunos.
2019	Canal História em Libras: De produto do ProfHistória a um projeto do governo do Pará	Ernesto Padovani Netto	Trabalho completo em anais de evento	O autor apresenta o produto didático desenvolvido em sua pesquisa de mestrado, um canal no <i>YouTube</i> para veiculação de vídeos com conteúdos de História em Libras (ver QUADRO 2). Analisa as repercussões do produto no meio acadêmico e entre alunos surdos e ouvintes. O formato do canal deu origem a um projeto de videoaulas de diferentes disciplinas em Libras desenvolvido por secretaria de governo do estado do Pará, conforme informado no trabalho.
2019	Desafios do ensino de História para alunos surdos em uma escola inclusiva da Baixada Fluminense	Paulo José Assumpção dos Santos; Silvio de Almeida Carvalho Filho; Celeste Azulay Kelman	Artigo	Análise de entrevistas realizadas com professores de História de escola regular inclusiva da Baixada Fluminense (RJ) para a pesquisa que resultou em minha dissertação (ver QUADRO 2). Escrito em coautoria com os orientadores.
2019	Ensino de História para os surdos: um estudo de caso na Escola Especial Keli Meise Machado	Laionel Mattos da Silva	Trabalho completo em anais de evento	Apesar do título, o autor não realiza uma abordagem específica sobre o ensino de História. De fato, realiza uma descrição do lócus de sua pesquisa de Mestrado (ver QUADRO 2). Ainda assim, trata de questões que tangenciam esta tese, como um histórico da educação de surdos no Brasil, a problematização da escola inclusiva para surdos e a necessidade de um currículo que inclua a cultura e a identidade surda.
2019	Ensino para diferentes sujeitos: as aulas de História e a inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino	Ernesto Padovani Netto	Livro	Publicação do texto integral da dissertação do autor (ver QUADRO 2).
2019	Ensino de História para surdos: uma experiência na escola inclusiva	Ernesto Padovani Netto	Artigo	Não foi possível acessar o texto completo. Segundo informações de seu resumo, se trata de um recorte da dissertação do autor (ver QUADRO 2).
2019	O Roteiro Imagético no ensino de História	Paulo José Assumpção dos Santos &	Trabalho completo em	Recorte da pesquisa que realizei no Mestrado. No texto, descrevemos e analisamos o "Roteiro Imagético",

	para alunos surdos	Silvio de Almeida Carvalho Filho	anais de evento	método de ensino no qual a leitura de um conjunto de imagens torna-se o eixo para a construção narrativa de uma aula sobre o Segundo Reinado. Faz-se uso, portanto, da pedagogia visual, um dos pilares da educação de surdos.
2019	O <i>youtuber</i> como professor de História: diálogos entre a História Pública e a História Digital na educação de surdos	Ernesto Padovani Netto	Artigo	Recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2019	Respeitando as diferenças: a Sala de Recursos Multifuncionais como espaço de construção de materiais didáticos de História para alunos surdos	Ernesto Padovani Netto	Trabalho completo em anais de evento	Outro recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2019	Surdos e ouvintes: uma experiência inclusiva a partir das redes sociais na escola Luiz Nunes Direito	Ernesto Padovani Netto	Artigo	Mais um recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2020	A História em silêncio: o ensino de História para alunos surdos em Santarém/PA	André Dione Fonseca; Hector Renan da Silveira Calixto; Lino Arlem Azevedo Baia	Artigo	Análise de como ocorre o ensino de História para surdos em escola inclusiva do Pará. Tendo como parâmetro as referências legais à educação de surdos, os autores concluem que não há conformidade entre o que as leis estabelecem e as práticas da escola dita inclusiva: aulas ministradas aos surdos em Português, sem TILSP; distanciamento entre os professores de História e os professores do AEE. Apesar da ampliação das pesquisas, afirmam haver lacunas na discussão sobre ensino de História para surdos.
2020	Aspectos teóricos na relação entre linguagem, surdez, letramento e ensino de História	Camilla Oliveira Mattos & Patrícia Bastos Azevedo	Artigo	Autoras retomam discussão já presente na dissertação de Mattos (ver QUADRO 2). Partem do argumento de que o ensino de História é uma prática de letramento que se dá por meio da oralidade, da leitura e da escrita, defendendo que precisa ser repensado no caso dos surdos. Nesse caso, a construção do conhecimento pode e deve se dar por meio da Libras, sendo a tradução insuficiente para o aprendizado.

2020	Como ensinar os alunos surdos em contextos inclusivos	Paulo José Assumpção dos Santos	Artigo	Apresentação do produto didático que desenvolvi no mestrado em revista de divulgação científica.
2020	Diálogos entre o ensino de História e o uso do português escrito: reflexões em uma escola de surdos	Ana Gabriela da Silva Vieira	Artigo	Recorte da pesquisa da autora apresentada em seu TCC (ver QUADRO 2).
2020	Docência em História no Ensino Médio, em turma regular, com a presença de aluno surdo	Heloisa Lima Perales & Crislane Barbosa Azevedo	Artigo	Síntese da pesquisa realizada por Perales e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2020	Em outras palavras: Um currículo intercultural no ensino de História para alunos surdos.	Celeste Azulay Kelman & Paulo José Assumpção dos Santos	Artigo	Neste texto, que escrevi em coautoria com Kelman, nos aproximamos das questões que mobilizam a presente tese. Problematicamos a ausência da história dos surdos nos conteúdos de História e propomos um currículo intercultural que a incorpore. Utilizamos o Método Documentário (BOHNSACK, 2013; LIEBEL, 2013) como proposta de abordagem de um episódio relacionado à história dos surdos: <i>o Deaf President Now</i> .
2020	Ensino de história para educandos surdos em escolas inclusivas: uma prática possível	Paulo Roberto Martins da Silva	Trabalho completo em anais de evento	Recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2020	Histórias além do escrito: o currículo para surdos e as práticas digitais no cotidiano escolar	Jonata Souza de Lima & Érico Silva Muniz	Artigo	Recorte da pesquisa desenvolvida por Lima e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2020	Orientações para o ensino de História em classes com alunos surdos incluídos	Paulo José Assumpção dos Santos & Celeste Azulay Kelman	Artigo	Apresentação do conteúdo do produto didático que desenvolvi durante o mestrado em evento eletrônico na área do ensino de História.
2020	Os desafios do ensino de História para surdos	Eduardo dos Santos Chaves	Artigo	Apesar de apresentar desafios superados (afirmação de que existiriam poucas pesquisas sobre o tema) ou já indicados em outras pesquisas (formação deficitária dos professores, responsabilização dos TILSPs pelo ensino dos alunos surdos), o autor oferece importantes reflexões. Dentre elas, aponta para a confusão na compreensão de conceitos históricos pelos educandos surdos em função de sinais em

				Libras a eles já atribuídos (História e Memória, por exemplo, tem o mesmo sinal, mas significados diferentes).
2020	Tecnologia e Ensino de História: uma proposta pedagógica para alunos surdos inclusos do Ensino Médio	Deivid França da Silva	Trabalho completo em anais de evento	Problematiza os livros didáticos de História como materiais de estudo para alunos surdos por não serem acessíveis. Propõe que a eles sejam acrescentadas mídias em DVD com os conteúdos apresentados em Libras, apoiando-se no que estabelecem a legislação. Ainda sugere que as instâncias governamentais criem e disponibilizem pela internet vídeos com temas da História em Libras (o que já vem ocorrendo conforme indicado por outras pesquisas).
2020	Usos da cultura digital na educação de surdos: a BNCC e as práticas no ensino de História	Érico Silva Muniz & Jonata Souza de Lima	Artigo	Recorte da pesquisa desenvolvida por Lima e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2021	Ensino de História para surdos através da análise de charge histórica: Primeira República	Paulo Roberto Martins Silva	Trabalho completo em anais de evento	Recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2021	Ensino de História para surdos: Massacre de Porongos, uma nova ressignificação	Laionel Mattos da Silva	Trabalho completo em anais de evento	Recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2021	Ensino de História para Surdos no Brasil: reflexões sobre a formação docente e particularidades linguísticas	Eduardo Felten & Leonardo Grokoski	Capítulo de livro	Reflexões sobre o ensino de História para surdos com ênfase em questões linguísticas. Autores discutem a formação de professores, particularmente a disciplina Libras nas licenciaturas (entendida como insuficiente na forma como vem sendo oferecida). Retomam a questão-chave da dissertação de Felten (ver QUADRO 2), defendendo a necessidade de criação de sinais-termo de História, problematizando os existentes.
2021	Ensino de História para surdos: ProfHistória na vanguarda	Laionel Mattos da Silva e outros	Capítulo de livro	Autores destacam o papel do ProfHistória no desenvolvimento do ensino de História para surdos, com a ampliação das pesquisas, o protagonismo da temática, a sistematização das práticas e o esforço para o estabelecimento de um campo teórico específico. Refletem ainda sobre problemas como as aulas não serem ministradas em Libras pelos professores das escolas inclusivas e a necessidade de

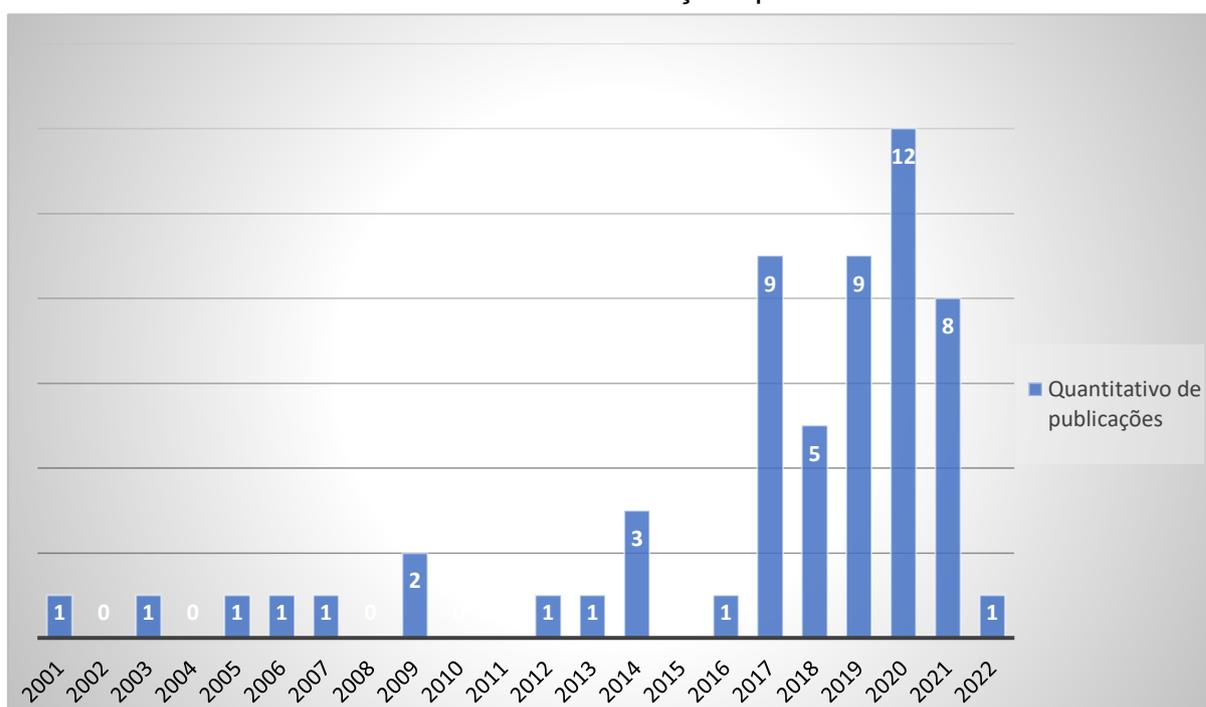
				desenvolvimento/uso de metodologias específicas.
2021	Letramento visual e outras estratégias para o ensino de História para pessoas surdas	Indinéia Ramos Paixão	Trabalho completo em anais de evento	Recorte da pesquisa desenvolvida pela autora e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2021	Onde estão os surdos na História?	Paulo José Assumpção dos Santos & Celeste Azulay Kelman	Artigo	Apresentação do projeto de pesquisa que resulta na presente tese e de seus primeiros resultados em revista de divulgação científica.
2021	Possibilidades de ensino de História para alunos(as) surdos(as): vídeos e exercícios	Ernesto Padovani Netto	Trabalho completo em anais de evento	Recorte da pesquisa realizada pelo autor e apresentada em sua dissertação (ver QUADRO 2).
2021	“Tenho um aluno surdo, e agora?” no ensino de História	Paulo José Assumpção dos Santos	Trabalho completo em anais de evento	Apresentação de minha pesquisa desenvolvida no ProfHistória em simpósio temático sobre o programa. Exponho o processo de criação, faço uma síntese da dissertação e do produto didático dela decorrente e finalizo com as repercussões do trabalho realizado (divulgação em eventos acadêmicos, desdobramentos em outras pesquisas, publicações, premiações).
2022	Trajatória da educação de surdos e os desafios e possibilidades para o ensino de História	Bruna Silva Hott; Gabriel de Paula Paraíso Alves; Juan Matias das Neves; Andréa Oliveira Almeida	Artigo	Texto retoma questões já abordadas por outros autores, sem maiores novidades. Apresentam as filosofias históricas da educação de surdos, indicam desafios (dificuldades em relação a conhecimentos prévios dos alunos, tempo diferenciado para a aprendizagem, ausência de sinais-termos em Libras para conceitos de História, problemas com a disciplina Libras na formação acadêmica) e destacam as estratégias que propus em minha dissertação, relidas em diálogo com outros autores.

Fonte: produção do autor.

A respeito dessas produções, cabem algumas observações preliminares. O recorte temporal se inicia em 2001 por esse ser o ano de publicação do texto mais antigo localizado. Novamente, cabe a observação de que isso não exclui a existência de produções anteriores. Elas apenas não foram encontradas em meios eletrônicos pelos critérios de busca por mim utilizados. Tampouco foram referenciadas em outros trabalhos que compõem o levantamento bibliográfico aqui apresentado.

Totalizando 57 publicações, entre as quais um livro, cinco capítulos de livro, 34 artigos e 17 outros trabalhos (comunicações e publicações em anais de eventos), tal quantitativo talvez possa impressionar. Contudo, ainda é inferior às pesquisas empreendidas a respeito do ensino para surdos em outros campos disciplinares. Para citar um exemplo, Carvalho, Cavalcanti e Silva (2019) localizaram 133 artigos sobre o ensino de Língua Portuguesa para estudantes surdos publicados em periódicos científicos entre 2012 e 2017. Por outro lado, já não é mais possível falar em carência de estudos quanto ao ensino de História para os referidos educandos, conforme ainda insistem algumas pesquisas (CHAVES, 2020; SILVA *et al*, 2021), sobretudo se consideramos o incremento das publicações nos últimos anos (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2 – Publicações por Ano

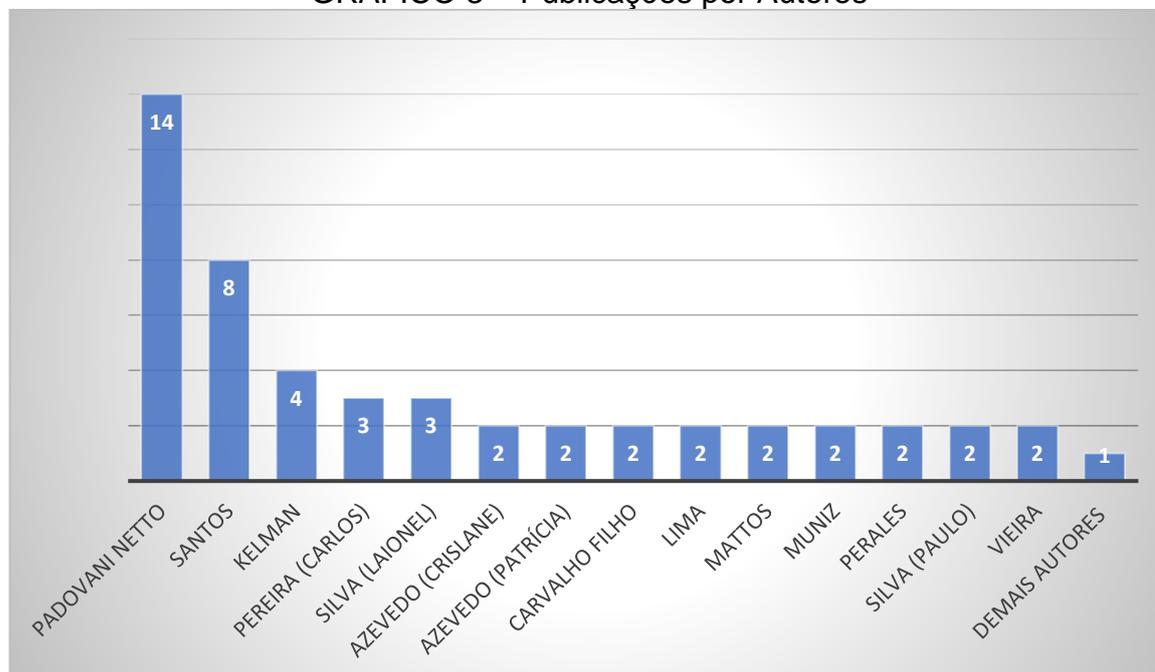


Fonte: produção do autor.

Os trabalhos publicados sobre o ensino de História para surdos seguem ininterruptos desde 2016. Ao contrário do período anterior a esse ano, com poucas e temporalmente dispersas publicações. A produção dos últimos sete anos corresponde a mais de três vezes daquela realizada entre 2001 e 2014. Um dos possíveis motivos para o aumento e constância no decurso temporal compreendido entre 2016 e o tempo presente pode ser revelado pelo cruzamento desses dados com a realização de pesquisas acadêmicas. O Gráfico 3 revela que os autores mais prolíficos são os mesmos das dissertações/monografias sobre a temática ou seus orientadores

(exceção a Pereira). Dessa forma, estariam compartilhando os resultados de suas investigações como requer a pesquisa científica e atendendo à demanda dos professores que atuam em classes com alunos surdos e sentem-se despreparados para ensiná-los (SANTOS, 2018b).

GRÁFICO 3 – Publicações por Autores



Fonte: produção do autor.

Em seu conjunto, as pesquisas levantadas, tanto as produções acadêmicas como as publicações, possuem algumas características gerais. Embora sejam estudos sobre o ensino de História, nem todos os autores possuem a formação ou atuam no campo da História, como Perales (2016; 2018; 2020), que é professora de Libras, e Kelman (2019; 2020; 2021), da área de Educação. No caso de Kelman, assim como de Azevedo (2017; 2020) e Poker (2012), para citar alguns exemplos, elas aparecem como coautoras, em parte, em função de terem orientado (ou coorientado) as pesquisas acadêmicas que resultaram em publicações, não raro suprindo a carência de especialistas na temática nos cursos de graduação e pós-graduação em História e Ensino de História.

Quanto aos autores com formação em História, maioria nas pesquisas sobre o ensino de História para surdos, a partir das informações dos textos é possível traçar um perfil mais geral. Todos são ouvintes, o que acaba por revelar a ausência dos surdos nos âmbitos de discussão acadêmica na área da História, fruto de entraves à inclusão educacional desses sujeitos, a despeito das leis e políticas públicas

inclusivas conquistadas pela mobilização surda nas últimas décadas. Contudo, não se pode dizer que o lugar de fala dos autores esteja comprometido, uma vez que afirmam possuir algum grau de conhecimento ou experiência sobre/com surdos. Em sua maioria, são professores em escolas inclusivas ou específicas para surdos, mas há também TILSPs, graduandos cursando a disciplina Libras e familiar de surdos.

Em relação aos referenciais teóricos dos trabalhos aqui elencados, se os estudos no Ensino de História operam em um lugar de fronteira (MONTEIRO; PENNA, 2011), no qual saberes de duas áreas distintas do conhecimento se articulam – a História e a Educação –, é possível afirmar que as teorias e conceitos mobilizados nas pesquisas sobre o ensino de História para surdos se dão em uma “tríplice fronteira”. Isso porque, conforme pude observar nas pesquisas e publicações, à História e à Educação se adiciona um terceiro campo: os Estudos Surdos. Lopes (2011), define os Estudos Surdos como um conjunto de reflexões e problematizações acerca da surdez oriundos de diferentes áreas do saber acadêmico. Reúne pesquisas e pesquisadores, surdos e ouvintes. A produção dessa corrente não tem caráter pedagógico no sentido de dizer quem é o surdo ou quem ele deve ser. Ao contrário, pretende evidenciar perspectivas e demandas dos próprios surdos. No Brasil, os Estudos Surdos estabeleceram-se no final do século XX, em paralelo à mobilização da comunidade surda por seu reconhecimento e de sua língua. Fortemente influenciados pelos Estudos Culturais, os Estudos Surdos contribuíram para que os surdos passassem a serem entendidos como grupo étnico minoritário.

A perspectiva socioantropológica sobre a surdez, que emerge com os Estudos Surdos, predomina na abordagem de todas as pesquisas encontradas. Sua principal referência no Brasil é o pesquisador argentino Carlos Skliar. Fundamentados nesta perspectiva, as pesquisas sobre o ensino de História para surdos compreendem esses sujeitos a partir de aspectos linguísticos, identitários e culturais. Assim sendo, esses estudos deslocam a deficiência para o contexto escolar no qual os alunos surdos estão inseridos, bem como compartilham práticas e propõe abordagens pedagógicas inovadoras de modo a explorar o potencial dos referidos educandos. Apenas Tezolin (2014) e Tezolin & Cavalcante (2014) ainda se referem aos surdos como “deficientes auditivos”, porém, como não apresentam definições conceituais para o termo, parece mais um uso equivocado do mesmo pelas autoras.

A diversidade regional das pesquisas, com trabalhos realizados em diferentes estados e regiões do Brasil, possibilita construir um panorama da educação de surdos

no país, via de regra, a partir da análise de depoimentos dos sujeitos nela envolvidos mais diretamente: alunos (surdos e ouvintes), professores e TILSPs. Embora parte das pesquisas se refira às escolas específicas para surdos, destacam-se aquelas que descrevem e analisam os desafios encontrados nas escolas regulares inclusivas. É bem verdade que nem todos esses desafios se referem a questões específicas do ensino de História, mas sempre interferem no processo ensino-aprendizagem dessa disciplina.

Dentre os desafios mais citados pelos autores estão a falta de uma formação específica para os professores, sobretudo aqueles graduados no século passado, os quais sentem-se despreparados para trabalhar com alunos surdos; o desconhecimento total ou parcial de Libras por esses docentes, impossibilitando que ensinem na língua dos estudantes e até mesmo inviabilizando o estabelecimento da relação professor-aluno; a permanência de uma didática e de métodos de ensino eminentemente orais, portanto, inapropriados aos estudantes surdos; distanciamentos, tensões e confusão de papéis entre profissionais, com o ensino dos surdos delegado aos TILSPs e aos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE)<sup>52</sup>; carência de sinais-termos para os conceitos de História; falta de materiais didáticos acessíveis aos surdos e de recursos específicos nas escolas.

O diagnóstico feito pelas pesquisas têm um duplo caráter: o de denúncia dos fatores que levam à exclusão dos surdos nas aulas de História e da necessidade de superá-los. Ultrapassando o que já se tornou comum em pesquisas sobre a inclusão educacional no Brasil, que em geral limitam-se a indicar os seus problemas, os estudos aqui destacados realizam um segundo movimento: o de apresentar ou propor iniciativas que visam potencializar os processos inclusivos com estudantes surdos. Tais iniciativas vão desde práticas já realizadas pelos autores a propostas de novas metodologias e estratégias de ensino fundamentadas nos referenciais teóricos da “tríplice fronteira”, tendo por base a díade Bilinguismo e pedagogia visual (ainda que nem sempre sejam assim identificadas pelos autores).

---

<sup>52</sup> O AEE reúne as atividades e os recursos pedagógicos e de acessibilidade prestados aos alunos público-alvo da Educação Especial (educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação), sob responsabilidade de um professor especialista (BRASIL, 2018). No caso dos surdos, deve ser oferecido de modo bilíngue (Libras-Língua Portuguesa). Informalmente conhecido como Sala de Recursos (confundindo-se o serviço com o espaço onde ocorre), foi estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e regulamentado pelo Decreto n.º 6.571, de 17 de setembro de 2018.

Conforme já tratado nesta tese, o Bilinguismo se refere ao uso de duas línguas nos processos educacionais, Libras e Língua Portuguesa, sendo a primeira considerada a principal, língua de instrução e de acesso à segunda, respeitando-se a singularidade linguística dos alunos surdos (LODI; MÉLO; FERNANDES, 2015). Com base no Bilinguismo estão o letramento histórico em Libras (MATTOS, 2016; AZEVEDO; MATTOS, 2017); a proposta de construção de um glossário bilíngue de História do Brasil (FELTEN, 2016; FELTEN; GROKOSKI, 2021); a criação de materiais didáticos de História acessíveis em Libras (PADOVANI NETTO, 2018a, 2019a, 2019c; LIMA, 2020; SILVA, 2021); a realização de avaliações bilíngues (SANTOS, 2018b) e a atenção à tolerância linguística quanto à produção escrita de educandos surdos (UGRINOWITSCH, 2003; VERRI; ALEGRO, 2006).

Já a pedagogia visual, outro pilar metodológico da educação de surdos, refere-se ao uso de imagens de diferentes tipos como meios de acesso às informações e à construção do conhecimento por aqueles educandos, considerando a eminência da visualidade na apreensão do mundo pelas pessoas surdas (KELMAN, [2012]; LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2014; LEBEDEFF, 2017). Dentre as dimensões propositivas das pesquisas sobre ensino de História para surdos que dialogam com a pedagogia visual, além dos trabalhos de Mattos (2016), Silva (2021) e Stipp (2019) para o ProfHistória acima citados, do mesmo programa temos a pesquisa de Lameirão (2020). Se não chega a construir um produto didático, essa autora oferece diretrizes para o uso de imagens com alunos surdos, seguindo caminho anteriormente trilhado por Yokoyama (2005). Há ainda o roteiro imagético que apresento em minha dissertação (SANTOS, 2018b), a leitura de imagem pelo Método Documentário (KELMAN; SANTOS, 2020)<sup>53</sup> e a utilização pedagógica das Tecnologias da

---

<sup>53</sup> O método documentário, baseado em preceitos dos historiadores da arte Erwin Panofsky e Max Imdahl, preconiza quatro níveis para a análise de imagens, assim denominados: pré-iconográfico, iconográfico, técnico-estrutural e iconológico-icônico (LIEBEL, 2013). No pré-iconográfico, busca-se o sentido denotativo da imagem, a partir de uma descrição pormenorizada da mesma, relatando todos os elementos visíveis que nela se fazem presentes. No nível seguinte, o iconográfico, esses elementos são interpretados a partir de seus possíveis sentidos subjetivos e figurativos. O terceiro nível, técnico-estrutural, procura refletir sobre a imagem em sua totalidade com base na identificação de sua composição formal, que pode se apresentar em três dimensões: a planimétrica, a coreografia cênica e a projeção perspectiva. A primeira, refere-se à relação entre os elementos da imagem tendo por base posições geometricamente estabelecidas; a segunda, refere-se à ambientação da cena social retratada e a terceira, à espacialidade e corporalidade dos objetos presentes (BOHNSACK, 2013). Por fim, considerando-se a composição formal, a imagem é abordada em seu último nível, o iconológico-icônico, no qual ela é analisada enquanto fonte histórica.

Informação e Comunicação (TDICs), como o programa de apresentação de *slides* Prezi (BARROSO, 2014).

Em relação à história dos surdos e a sua inclusão como objeto de conhecimento no ensino de História, tema central da presente pesquisa, os estudos levantados pouco têm a oferecer. A história dos surdos, quando abordada, é apresentada apenas para fins de estabelecer um histórico da educação de surdos, sem maiores aprofundamentos e repetindo clichês. Já as possibilidades dessa história figurar entre os conteúdos da disciplina são ainda muito pouco exploradas.

Na primeira dissertação que teve como objeto o ensino de História para alunos surdos, Pereira (2015), por meio da pesquisa-ação, investiga a inclusão de surdos em uma unidade escolar de ensino regular na cidade de Madre de Deus (BA), e sua relação com a cultura surda local, promovendo projetos que buscavam dar mais visibilidade àqueles sujeitos por meio da integração escola-comunidade. Dentre as ações realizadas destacam-se as “aulas de campo” de História, nas quais os alunos (surdos e ouvintes) conheceram a associação (não oficializada) de surdos da região, e a produção pelos discentes de registros das atividades feitas, com o propósito de criação de documentos capazes de subsidiar a memória da presença surda na escola. Ainda que não se ocupe de elementos de uma história mais geral dos surdos, Pereira abriu possibilidades para abordagens capazes de estabelecer uma interface entre história local, história do tempo presente, memória e sujeitos surdos.

No conjunto das pesquisas realizadas no âmbito do ProfHistória, Mattos (2016), Padovani Netto (2018a) e Santos (2018b) incluem a história dos surdos em seus produtos. Dessa forma, em uma de suas sequências didáticas, Mattos (2016) faz uso de fotografias antigas do INES, de modo a mediar a construção do conceito de tempo histórico. Padovani Netto (2018a) e Santos (2018b) abordam episódios relacionados à história dos surdos inseridos em temáticas mais amplas, os movimentos sociais e o Brasil do Segundo Reinado, respectivamente, na tentativa de sinalizar a presença surda na História. Em nenhum dos casos, os autores realizam uma discussão mais detalhada sobre a inclusão desses conteúdos e de que maneira afetam os alunos (surdos e/ou ouvintes).

Ainda assim, Padovani Netto, em seus estudos correlatos, ao problematizar o ensino de História para surdos, oferece alguns subsídios que justificam a importância de se incluir a história dos surdos no currículo da disciplina História. O autor chama a atenção para o fato de que o educando surdo não se reconhece naquilo que o

professor de História lhe ensina e que a falta de conhecimento a respeito dos surdos pelos ouvintes é um fator de exclusão (PADOVANI NETTO, 2017a). Nessa lógica, entendo que o ensino da história dos surdos pode ser um meio para conhecê-los, estabelecer vínculos identitários e promover empatia. Padovani Netto ainda presta importantes contribuições ao conhecimento a respeito da história dos surdos traçando a trajetória dos movimentos sociais desse grupo no Brasil (PADOVANI NETTO, 2017d) e ampliando o debate sobre a história da educação desses sujeitos (PADOVANI NETTO, 2021a).

Quanto às minhas pesquisas, além do que já foi acima citado, a questão da inclusão da história dos surdos já figurava, de forma embrionária, entre os problemas que mobilizaram a dissertação, embora a mesma tenha seguido por outras direções. Ainda assim, o tema apareceu como categoria de análise das entrevistas que realizei na ocasião junto a professores de História. Chamava atenção o desconhecimento desses docentes em relação à história dos surdos (todos citaram apenas Beethoven como único personagem histórico conhecido) e as reservas que levantaram à possibilidade de ensinar a história dos surdos aos alunos (houve quem considerasse desinteressante à maioria dos estudantes e quem condenasse por ser uma “ode aos surdos”). Tais falas acabavam por negar aos surdos o conhecimento sobre o passado de seu próprio grupo e entravam em contradição com o que os entrevistados revelavam ser o objetivo principal do ensino de História: formar cidadãos críticos.

A historiografia negligenciou os sujeitos surdos; o ensino de História começa a incorporá-los. Promover a visibilidade da história dos surdos é o desafio que se impõe a esta pesquisa, sendo muitos os percalços a enfrentar: na ausência de referências aos surdos nos livros didáticos, sobretudo por um viés que não o da deficiência, materiais precisam ser construídos; docentes precisam ser sensibilizados em relação a uma história que ainda desconhecem. Possibilidades existem, muitas das quais já aventadas na produção acadêmica sobre o ensino de História para surdos que vem se ampliando. Esses estudos serão o referencial para a análise da experiência curricular que desenvolvi em uma escola regular com surdos incluídos da Baixada Fluminense, na qual a história dos surdos foi abordada como objeto de conhecimento e também foi tema de um evento que mobilizou a comunidade escolar. O processo de construção dessa experiência e a metodologia empregada na pesquisa serão apresentados no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO III – UM OLHAR SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA**

Anteriormente, esta tese investigou a presença dos surdos na História, destacando personagens e movimentos coletivos, protagonistas de uma luta secular por reconhecimento, respeito e direitos. Matéria-prima para os currículos de História, a historiografia desconsiderou os sujeitos surdos e suas ações, o que resultou na ausência desse grupo entre aqueles que se tornaram objeto de conhecimento da disciplina. Quando não, permaneceram sendo abordados sob o espectro da deficiência, perspectiva já superada. A partir destas constatações e considerando o direito dos alunos surdos ao conhecimento sobre o passado de seu grupo, proponho a inclusão da história dos surdos aos conteúdos da disciplina História. De modo a demonstrar uma possibilidade de viabilização dessa proposta, realizei uma experiência curricular em escola regular, polo na educação de surdos, localizada no município de Duque de Caxias (RJ).

A fim de propor, desenvolver, acompanhar e analisar coletivamente essa experiência, optei por realizar uma pesquisa com abordagem qualitativa, conforme caracterizada por Lüdke e André (2018) e Ivenicki e Canen (2016). Dessa forma, a escolha parte do pressuposto de que a investigação realizada não se limita a dados quantitativos, procurando produzir sentidos às ideias e ações dos sujeitos envolvidos. Sujeitos esses com os quais, na condição de pesquisador, inserido no campo da pesquisa, estabeleço uma relação horizontal – nunca distante, superior ou neutra –, na qual as trocas e as interações são constantes, resultando em mútuas transformações. A descrição do processo da pesquisa e as reflexões sobre como somos por ela afetados são o foco principal do estudo. Por fim, embora as pesquisas qualitativas prescindam de hipóteses, este trabalho tem um argumento como fio condutor, a saber, a defesa de que o ensino da história dos surdos pode contribuir para a valorização desses sujeitos e para que sejam percebidos por um viés que não o da deficiência.

Ivenicki e Canen (2016) enumeram exemplos de metodologias qualitativas: estudos de caso de cunho etnográfico, análise documental, pesquisas sobre estado da arte de certas temáticas, pesquisa histórico-documental, pesquisas participantes e pesquisa-ação. Essa última é assim definida pelos autores:

... o pesquisador convive em campo com os sujeitos pesquisados, buscando detectar seus problemas e levantando, junto aos mesmos,

soluções, agindo e pesquisando sobre suas ações de modo a ser agente transformador da realidade (IVENICKI; CANEN, 2016, p. 11).

Parto desse pressuposto para optar pelo emprego da pesquisa-ação como metodologia da investigação aqui proposta. Antes de ser pesquisador, sou professor da Educação Básica, atuando em uma escola regular com alunos surdos incluídos desde 2006. Conheço de perto os problemas que envolvem a inclusão desses sujeitos, os quais sempre me inquietaram e mobilizaram para a sua superação. Não à toa, ao ingressar no Mestrado, realizei uma pesquisa que resultou em contributo à formação de professores no sentido de tornar mais efetiva a inclusão de educandos surdos nas aulas de História. Com o atual estudo, não poderia ser diferente e a pesquisa-ação, método que se distingue por oferecer possibilidades de intervenções transformadoras nos contextos estudados, revela-se a mais apropriada. Desta forma, aqui se intentou um diálogo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, dentro dos limites que se impuseram à pesquisa, levando à construção e realização de algumas ações capazes de viabilizar o ensino da história dos surdos, além de pretender despertar novas perspectivas entre os participantes.

De acordo com Tripp (2005) e Gatti (2008), a origem da metodologia da pesquisa-ação é imprecisa. Atribui-se a Kurt Lewin o papel de criador, em 1946. De fato, foi o primeiro a nomeá-la como tal, porém, segundo Tripp (2005), as características desse tipo de investigação já estariam presentes em trabalhos anteriores. As dificuldades para identificar essa gênese residem em dois fatos. O primeiro deles é que “as pessoas sempre investigaram a própria prática com a finalidade de melhorá-la” (TRIPP, 2005, p. 445), principal traço definidor da pesquisa-ação. Além disso, essa metodologia por vezes confunde-se com outras similares, às quais pode englobar, como a pesquisa-diagnóstico, a pesquisa participante, a pesquisa empírica e a pesquisa experimental (TRIPP, 2005).

Independentemente de sua origem, a pesquisa-ação vem sendo aplicada em estudos de diferentes áreas, do desenvolvimento comunitário aos negócios bancários, passando pela administração, agricultura, ensino etc. Segundo Tripp, no campo educacional, “é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (2005, p. 445).

No Brasil, as principais referências para os pesquisadores que se utilizam da pesquisa-ação educacional são René Barbier e Michel Thiollent. Esses autores

apresentam perspectivas distintas quanto à metodologia. Para Barbier, a pesquisa-ação tem um viés mais existencialista, por tratar de temas relacionados à afetividade humana, enquanto para Thiollent, tem uma função social, voltada à transformação da realidade material da vida. Contudo, em ambos a pesquisa-ação tem por finalidade modificar a forma como pesquisador e pesquisados concebem a realidade na qual estão inseridos, assim como promover uma mudança dessa própria realidade (TANAJURA; BEZERRA, 2015).

Tripp (2005) identifica cinco modalidades de pesquisa-ação: a pesquisa-ação técnica, na qual a mudança é proposta pelo pesquisador e baseia-se em uma prática já existente; a pesquisa-ação prática, na qual as mudanças são sugeridas a partir dos problemas identificados em uma dada realidade, porém são escolhidas ou projetadas pelo pesquisador; a pesquisa-ação política, que propõe uma mudança da cultura institucional e/ou das suas limitações, muitas vezes barreiras projetadas apenas por ideias preconcebidas. Desse modelo, derivam-se os dois restantes: a pesquisa-ação socialmente crítica, que aponta para mudanças no sentido de justiça social, e a pesquisa-ação emancipatória, a qual intenciona mudanças no *status quo* em escala mais ampla. Embora tenha objeções a categorias tão monolíticas, acredito que a pesquisa aqui apresentada se situa na categoria da pesquisa-ação política, entendendo que pretendeu romper com as limitações de um currículo que não foi concebido para todos os sujeitos aos quais se destina.

### 3.1 NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PANDEMIA...

A decretação da pandemia da COVID-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, resultou em uma drástica mudança em nosso cotidiano, sobretudo após a adoção de medidas de isolamento social por diversas instâncias governamentais. Com o fechamento das instituições de ensino às aulas presenciais, nossas atividades de ensino e pesquisa, além do contato com pares e alunos, forçosamente restringiu-se à virtualidade, pelas telas de computadores e *smartphones*.

No que tange à presente pesquisa, foi necessária a revisão da metodologia inicialmente proposta, que incluía reuniões presenciais com os participantes, observações de aulas e ações *in loco*. A novidade e as incertezas do desenrolar dos fatos relacionados à pandemia, de início, nos imobilizaram, acarretando drásticas mudanças nos calendários letivos das universidades e redes de ensino, o que incluiu

a UFRJ e as escolas públicas do município de Duque de Caxias, *loci* planejados para nossa investigação, gerando dúvidas em relação ao seu próprio prosseguimento. Com as atividades acadêmicas e escolares permanecendo remotas pelo restante do ano de 2020, optei por adiar minha pesquisa de campo, reprogramando-a para 2021, na esperança de um contexto sanitário mais seguro e menos incerto que os resultados positivos nas pesquisas envolvendo diferentes vacinas contra o Sars-CoV-2 pareciam então indicar.

Apesar do início da vacinação no Brasil, o cenário que se vislumbrou no primeiro semestre de 2021 foi trágico, com altíssimos índices de casos e mortes por COVID-19, revelando-se o pico da pandemia no país. O que não impediu que a prefeitura do município de Duque de Caxias autorizasse o retorno às aulas presenciais em sua rede de ensino já no mês de fevereiro. Diante da intransigência do prefeito Washington Reis em rever tão temerária decisão, professores da rede, entre os quais me incluo, aprovaram e aderiram à Greve pela Vida, movimento proposto pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEPE-Núcleo Caxias), que consistia na manutenção das atividades remotas de ensino com recusa ao comparecimento nos postos de trabalho. Foi nesse contexto que iniciei a pesquisa “de campo”, interagindo virtualmente com seus participantes, por meio de reuniões via *Google Meet* ou pela aplicação de questionários construídos no *Formulários Google*, conforme será detalhado adiante.

Com a imunização dos profissionais da educação do município de Duque de Caxias, que receberam a segunda dose da vacina contra a COVID-19 em julho de 2021, e um quadro sanitário que oferecia menos riscos, a Greve pela Vida foi suspensa. Retomamos as atividades presenciais em agosto de 2021. Ainda assim, foi mantida a observância aos protocolos sanitários, dentre os quais o rodízio da frequência de alunos (respeitando-se um limite para o quantitativo de pessoas em sala de aula); a opção de muitas famílias por não enviar os seus filhos à escola, mantendo-os no ensino remoto; a obrigação da anuência médica para o retorno dos alunos público-alvo da Educação Especial (incluindo os surdos) e a restrição de atividades presenciais nas escolas ao mínimo necessário. Dessa forma, a pesquisa de campo deste estudo foi realizada, em quase sua totalidade, em um campo mais virtual, uma vez que as ações e intervenções propostas ocorreram sobretudo por vias remotas e digitais.

### 3.2 O LÓCUS DA PESQUISA

No projeto original da presente pesquisa, ela seria realizada em duas unidades escolares com alunos surdos incluídos da rede municipal de educação de Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense, área periférica da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Uma delas é a Escola Municipal Santa Luzia, na qual leciono desde 2006. Conhecendo e possuindo bom diálogo com a equipe diretiva e os demais profissionais dessa escola, não encontrei dificuldades para apresentar a proposta de pesquisa e convidá-los à participação. O mesmo não se deu em relação à outra unidade escolar (UE). Contatos iniciais com uma professora e a direção dessa escola foram estabelecidos desde o ano de 2020, os quais mostraram-se então promissores. Com o início efetivo da pesquisa de campo em 2021, retomei o contato com essas mesmas profissionais da UE, por meio do aplicativo *WhatsApp*. No entanto, uma primeira baixa: a professora informou que, por razões pessoais, não poderia mais participar da pesquisa. À diretora, enviei convites para a reunião remota de apresentação do projeto de pesquisa pelo *Google Meet*, a serem repassados à sua equipe e aos professores de História da UE. Nenhum deles compareceu e também não obtive qualquer retorno posteriormente. Por entender as dificuldades, as tarefas acumuladas e as perdas<sup>54</sup> que o contexto pandêmico então trazia a todos nós, optei por seguir adiante, de modo que a pesquisa acabou por limitar-se a apenas uma escola. Lamentei, no entanto, a diversidade de possibilidades e perspectivas que deixaram de existir.

O município de Duque de Caxias, onde ocorreu a pesquisa de campo, possui uma população estimada em 929.449 habitantes, sendo o oitavo município mais populoso do estado (IBGE, 2021).<sup>55</sup> Possui o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado do Rio de Janeiro e está entre os 20 maiores do país, o que não se reflete na qualidade de vida da sua população, uma vez que ocupa a 49ª e a 1.574ª posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no estado e no país, respectivamente (IBGE, 2021). Em termos educacionais, está entre as cidades brasileiras com a pior taxa de escolarização (IBGE, 2021). Em 2021, o Índice de

---

<sup>54</sup> Ainda naquele início de 2021, a outra UE convidada a participar da pesquisa foi abalada pelo falecimento de uma de suas profissionais, vítima da COVID-19.

<sup>55</sup> Dado o atraso no recenseamento da população brasileira, que deveria ter ocorrido em 2020, é preciso ter cautela com os dados informados pelo IBGE. Em relação à população, por exemplo, o número total de habitantes refere-se a uma estimativa feita em 2021, enquanto a densidade demográfica ainda é calculada tendo por base as informações do Censo 2010.

Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), avaliado e divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), para os Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano de escolaridade) da rede pública municipal foi de 3,8, abaixo da meta (4,6), o que faz de Duque de Caxias o 75º entre os 92 municípios do Rio de Janeiro no referido indicador (INEP, 2022).<sup>56</sup>

A educação de surdos na rede municipal de Duque de Caxias está organizada a partir da Coordenadoria de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação (CEE/SME). Essa coordenadoria é responsável pela execução do Programa de Educação de Surdos, cujas ações incluem assistência às escolas e a promoção de formação continuada, na qual destaca-se o Curso de Libras, oferecido a docentes e à comunidade em geral (ALMEIDA, 2020). Embora surdos possam ser matriculados em qualquer uma das suas 178 unidades escolares, de acordo com o que estabelece a legislação, a rede municipal de Duque de Caxias possui três escolas polo para a educação de surdos: Escola Municipal Professora Olga Teixeira de Oliveira, localizada no Primeiro Distrito do município; Escola Municipal Professor Walter Russo de Souza,<sup>57</sup> no Segundo Distrito; e Escola Municipal Santa Luzia, no Terceiro Distrito (CALIXTO; RIBEIRO, 2016). Conforme já explicado anteriormente, escolas polo são unidades regulares de ensino que reúnem recursos humanos e materiais a fim de melhor atender a um grupo específico de educandos, no caso, os surdos. Para que o leitor possa localizar os lugares citados, apresento um mapa da divisão administrativa do município de Duque de Caxias (IMAGEM 13).

---

<sup>56</sup> Novamente cabem ressalvas aos índices apresentados. Eles têm como referência o ano de 2021 e foram comprometidos pela adoção da aprovação automática adotada por diversas redes de ensino, sensibilizadas pelos prejuízos educacionais ocasionados pela pandemia da COVID-19.

<sup>57</sup> A E. M. Walter Russo é considerada polo de transição, ou seja, atende aos alunos surdos nas classes bilíngues dos Anos Iniciais, preparando-os para a inclusão nos Anos Finais em um dos outros polos.

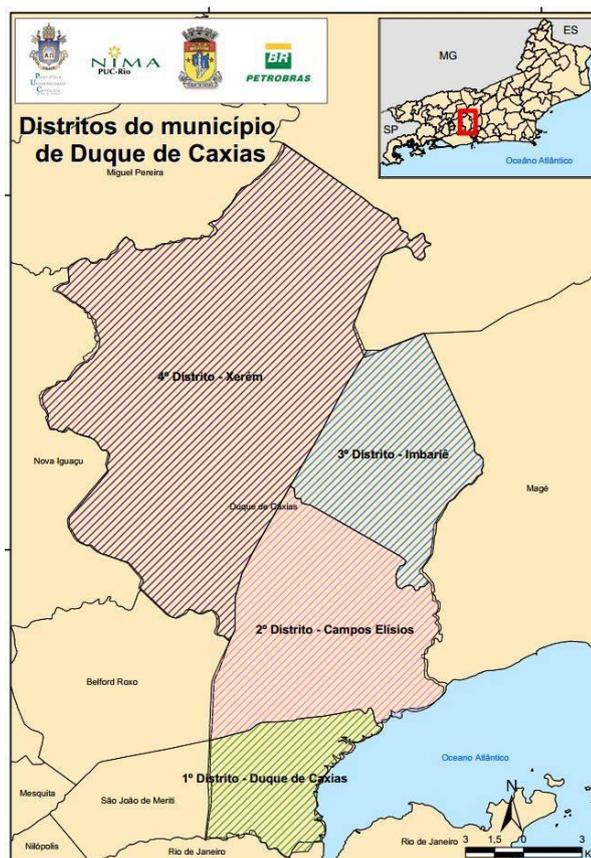


IMAGEM 13 – Distritos do município de Duque de Caxias. Fonte: <[http://www.nima.puc-rio.br/sobre\\_nima/projetos/caxias/mapas\\_novos/Distritos\\_do\\_Municipio\\_de\\_Duque\\_de\\_Caxias.pdf](http://www.nima.puc-rio.br/sobre_nima/projetos/caxias/mapas_novos/Distritos_do_Municipio_de_Duque_de_Caxias.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2020.

O Programa de Educação de Surdos do município de Duque de Caxias segue a perspectiva bilíngue, adotada de modo pioneiro já no final do século XX, cujo marco foi o I Encontro de Surdos de Duque de Caxias. Promovido pela SME-Caxias, em maio de 1999, o evento teve como destaque a palestra ministrada pelo fonoaudiólogo Carlos Bernardo Skliar (CALIXTO; RIBEIRO, 2016), responsável pela introdução da visão socioantropológica nos estudos sobre a surdez realizados no Brasil. Com base na perspectiva bilíngue, os estudantes surdos das escolas polo da rede estudam em classes bilíngues nos Anos Iniciais. Nelas, os alunos aprendem Libras e é por meio dessa língua que têm acesso à Língua Portuguesa e aos conhecimentos acadêmicos. Além de conviverem com seus pares, contam ainda com os assistentes educacionais surdos, profissionais que prestam apoio ao ensino e são referências linguísticas.

A partir do sexto ano de escolaridade, os educandos surdos são incluídos nas classes regulares. Nessas turmas, a acessibilidade se dá fundamentalmente por meio do Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP), denominado na escola como “intérprete”, responsáveis por mediar as aulas e a comunicação. Via de regra, há apenas um TILSP por turma. Completa o atendimento

aos alunos incluídos o trabalho realizado em contraturno nas chamadas Salas de Recursos Multifuncionais (SEM) pelos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), cujos objetivos são assim indicados na legislação:

- I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;
- II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;
- III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e
- IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino. (BRASIL, 2011)

A opção por realizar o estudo na E. M. Santa Luzia dialoga com a abordagem qualitativa e a pesquisa-ação, uma vez que, como pesquisador não-neutro, proponho, por meio da pesquisa, o desenvolvimento de ações com potencial para o aperfeiçoamento do ensino de História nas classes com surdos incluídos na própria unidade escolar onde atuo. Cabe destacar ainda que se trata de uma escola referencial na educação de surdos. Por esse motivo, já foi objeto de outras pesquisas acadêmicas, incluindo aquelas realizadas por integrantes do GPeSS, sob orientação ou coorientação da professora Celeste Azulay Kelman (ALMEIDA, 2020; CASTRO, 2021; SANTOS, 2018b), então coordenadora desse grupo de pesquisa e orientadora da presente tese. Antes, Almeida (2014), em sua dissertação, analisou as concepções de bilinguismo dos profissionais que atuaram no AEE da E. M. Santa Luzia. Nas teses de Almeida (2020) e Castro (2021), essa UE aparece como uma das escolas investigadas em estudos comparativos sobre o ensino de Língua Portuguesa para surdos; enquanto em minha dissertação (SANTOS, 2018b), realizo um diagnóstico da inclusão de educandos surdos a partir de depoimentos de professores de História da escola, destacando ainda as suas práticas. Foram publicados ainda artigos derivados dessas pesquisas ou inéditos a respeito da educação de surdos na E. M. Santa Luzia (ALMEIDA; KELMAN, 2018; CORRÊA *et al.*, 2002; SANTOS; CARVALHO FILHO; KELMAN, 2019; CASTRO, KELMAN, 2022).

A Escola Municipal Santa Luzia, encontra-se no bairro Parque Equitativa, região que abriga sítios e residências amplas, indicando um poder aquisitivo mais elevado de seus moradores, contrastando com os bairros vizinhos, mais pobres, de onde vem uma parcela significativa do corpo discente da escola. Além da escola, o Parque Equitativa também conta com outros equipamentos públicos, como posto de saúde e praça. De acordo com informações contidas no histórico da E. M. Santa Luzia

(PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS, 2017), a escola foi criada em 1959, pela professora Yara de Souza Borges. Oriunda da classe média da cidade do Rio de Janeiro, Dona Yara, como passou a ser conhecida pela comunidade escolar, assumiu tal iniciativa no intuito de alfabetizar as crianças que frequentavam a paróquia de Santa Luzia, localizada no bairro, cuja população encontrava-se desassistida pelo poder público. A escola foi municipalizada na década de 1960. Ainda de acordo com o histórico, a E. M. Santa Luzia recebeu o seu primeiro aluno surdo, ou melhor, uma aluna surda, cuja identidade não foi creditada, em 1990. A inclusão de alunos surdos nos Anos Finais do Ensino Fundamental ocorreu uma década depois. Tal fato foi relatado por professores da escola e pelo aluno incluído, Davi Mendes, em artigo para a revista *Forum*, uma publicação do INES (CORRÊA *et al.*, 2002).

A E. M. Santa Luzia funciona, desde 1986, em um prédio que abrigou um colégio da rede privada, posteriormente ampliado. Possui quatorze salas de aula, quadra, refeitório, banheiros, secretaria, sala dos professores, sala da equipe diretiva, sala de leitura, sala de informática, entre outras dependências. Além de problemas estruturais crônicos, como infiltrações e alagamentos, a escola ainda sofreu recentes perdas materiais devido a dois incêndios, um ocorrido em 2020 e outro em 2022. Em relação à acessibilidade do espaço para os surdos, há sinalizações em língua de sinais indicando as salas, os banheiros e outros lugares da escola. As salas das classes especiais de surdos (turmas bilíngues dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental) possuem ambiente com quadros, tabelas e ilustrações diversas que auxiliam na aquisição de informações e no aprendizado. Porém, o interior das salas de aula das classes regulares, nas quais os alunos surdos estudam incluídos do sexto ao nono ano de escolaridade, é desprovido de recursos tecnológicos e visuais.

A escola atende a alunos do Ensino Fundamental, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da Educação Especial. De acordo com o horário de funcionamento da UE, esses segmentos e modalidades de ensino estão assim distribuídos: Anos Iniciais do Ensino Fundamental (primeiro ao quinto ano de escolaridade), no turno da manhã; Anos Finais do Ensino Fundamental (sexto ao nono ano de escolaridade), à tarde; e Educação de Jovens e Adultos (EJA), à noite. As classes de surdos (até o quinto ano de escolaridade) e aquelas destinadas a alunos com deficiência física e/ou intelectual, transtornos e síndromes, bem como as turmas do AEE funcionam nos dois turnos diurnos.

Em 2021, ano no qual realizei a dimensão empírica desta tese, a E. M. Santa Luzia contava com 37 alunos surdos, em um universo de 758 matriculados, correspondendo a 4,8% dos estudantes da escola. Dada a semelhança com o percentual de surdos na população brasileira, estimado em 5% (IBGE, 2010), não seria absurdo pensarmos essa UE como um microcosmo do país. Os alunos surdos encontravam-se em 10 das 34 turmas da escola: 18 nas classes especiais dos Anos Iniciais, um incluído em turma do 4º ano, 16 incluídos nas turmas dos Anos Finais e outros dois incluídos na EJA.<sup>58</sup> Ainda em 2021, devido à pandemia da COVID-19, os alunos surdos só retornaram às aulas presenciais na escola a partir do segundo semestre, tendo permanecido no ensino remoto desde o ano anterior. Ainda assim, a frequência desses discentes ocorreu de modo escalonado (semana sim, semana não), uma vez que as turmas foram divididas em dois grupos que se alternavam de modo a garantir o distanciamento social em sala de aula. Por decisão dos responsáveis, alguns alunos surdos continuaram sendo atendidos pelo ensino remoto por todo o ano letivo.

Desde 2015, a partir da implantação de um projeto piloto, a disciplina Libras foi incluída na grade curricular dos alunos dos Anos Finais, sendo ministrada por instrutores surdos, acompanhados por um professor ouvinte ou TILSP. Embora ainda não tenham sido feitos estudos específicos a esse respeito, observa-se uma interação maior entre educandos surdos e ouvintes na escola. Por outro lado, ainda são poucos os profissionais da UE que são usuários de Libras, em geral, aqueles que trabalham mais diretamente com os alunos surdos (professores das classes especiais, do AEE e TILSPs). Cabe ainda destacar que, apesar de ser na prática uma escola polo na educação de surdos em Duque de Caxias, não há nenhum documento que regulamente tal status da E. M. Santa Luzia, o que nos faz especular uma estratégia do poder público para se evadir das devidas responsabilidades com esse tipo de escola. Por outro lado, o próprio Planejamento Político Pedagógico (PPP) da UE não contempla as especificidades curriculares fundamentais à educação de surdos, limitando-se em seu texto a abordar a questão por meio de um anexo no qual são

---

<sup>58</sup> De modo pormenorizado, seguem as turmas com alunos surdos e seus respectivos quantitativos desses educandos: turma 303 (3º ano) - 5 alunos; turma 402 (4º ano) - 1 aluno (incluído); turma 403 (4º ano) - 7 alunos; turma 503 (5º ano) - 6 alunos; turma 602 (6º ano) - 4 alunos; turma 702 (7º ano) - 4 alunos; turma 802 (8º ano) - 7 alunos; turma 902 (9º ano) - 1 aluno; turma 304 (EJA/Etapa II) - 1 aluno; turma 904 (EJA/Etapa V) - 1 aluno. As informações foram fornecidas pela secretaria da escola.

arroladas atribuições e normas de conduta ética dos TILSPs (PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS, 2017).

### 3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa realizada contou com a participação de profissionais e de alunos da Escola Municipal Santa Luzia. Foram profissionais participantes: dois professores de História que lecionam nas classes inclusivas com alunos surdos nos Anos Finais do Ensino Fundamental, uma TILSP e a professora do AEE de surdos. Os professores de História foram convidados para serem co-construtores, executores e avaliadores da experiência curricular proposta. Por entender que esses profissionais necessitam do apoio de especialistas ao atuarem em processos inclusivos, fez-se fundamental a presença da TILSP e da professora do AEE entre os participantes da pesquisa. Desta forma, procurou-se respeitar o princípio da codocência (KELMAN, 2005; COSTA; KELMAN, 2018), originalmente concebida para tratar da relação professor regente-intérprete, aqui ampliada a todos os profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem de alunos surdos. A codocência pressupõe que esses profissionais devem trabalhar conjuntamente, de forma colaborativa, do planejamento à avaliação, passando pela efetivação das aulas.

No projeto original desta pesquisa, cogitei a presença de um profissional surdo entre os participantes. Considerei que uma proposta educacional voltada para surdos não poderia prescindir da perspectiva dos próprios surdos. *“Nada sobre nós, sem nós”*, como diz o histórico lema das lutas históricas das pessoas com deficiência, também adotado pelos surdos. De fato, realizei o convite a um profissional surdo que aceitou.<sup>59</sup> No entanto, o mesmo compareceu a apenas dois encontros iniciais com o grupo de profissionais participantes, não se envolvendo posteriormente com a pesquisa. Não ficaram devidamente esclarecidas as razões para esse afastamento, mas a dificuldade de comunicação pode estar entre elas. No primeiro encontro remoto com os profissionais participantes, por exemplo, à exceção da professora do AEE, nenhum dos presentes dominava Libras e ainda não contávamos com um TILSP. Uma observação importante: todos os TILSPs da escola foram convidados a participar da pesquisa. Apenas uma aceitou, juntando-se ao grupo de profissionais participantes a partir da segunda das reuniões realizadas.

---

<sup>59</sup> Por questões éticas, a fim de que esse profissional não seja identificado, a função que ocupa na escola não será informada.

O perfil dos profissionais participantes da pesquisa será apresentado a seguir (QUADRO 4). Eles recebem pseudônimos, a fim de resguardar suas identidades, uma vez que o anonimato é demandado pelas normas éticas sob as quais esta pesquisa está sujeita. Os pseudônimos escolhidos fazem referência a cientistas surdos, cujas biografias também seguem apresentadas. Mais do que uma homenagem, acredito estar coerente com a proposta da pesquisa de revelar o protagonismo surdo na História. Além disso, a opção por cientistas também se dá como uma forma de demarcar a defesa da Ciência, considerando o contexto que atravessou a pesquisa, no qual o negacionismo se arvorava.

QUADRO 4 – Profissionais participantes da pesquisa		
Pseudônimo	Perfil	Homenageado(a)
<b>Carolina</b>	TILSP, ouvinte. Graduada em Letras-Libras. Proficiente em Tradução e Interpretação de Libras/Língua Portuguesa, certificada pelo Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras-Língua Portuguesa – Prolibras (2007). Seu primeiro contato com Libras deu-se em contexto religioso. Fez o curso de Libras oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias (SME-Caxias), em 2006. Começou a interpretar profissionalmente em 2007, no curso de formação de professores do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (Duque de Caxias). Atuou nas redes de ensino do estado e do município do Rio de Janeiro, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e na Universidade Estácio de Sá. Fora de ambientes educacionais, foi intérprete da Assembleia	 <p><b>Carolyn McCaskill:</b> segunda mulher surda negra a obter um PhD na Universidade Gallaudet,<sup>60</sup> em Administração de Educação Especial. Nasceu no Alabama (EUA), filha de pais ouvintes, os quais tiveram outras duas filhas surdas. Durante a infância, estudou em escola para surdos negros, devido à segregação racial que existia em seu estado natal. Pesquisa sobre a história dos surdos negros estadunidenses e da <i>Black ASL</i>. Dentre seus trabalhos, destaca-se o livro-vídeo <i>The Hidden Treasure of Black ASL: Its History and Structure</i>.<sup>61</sup> Foi laureada com o Prêmio Humanitário Surdo da ONG <i>National Action Networks</i>, em 2013.</p>

<sup>60</sup> A primeira surda negra a obter um PhD na Universidade Gallaudet foi Angela McCaskill, irmã mais nova de Carolyn (DEAF, 2019).

<sup>61</sup> O vídeo *The Hidden Treasure of Black ASL: Its History and Structure* encontra-se disponível no YouTube e pode ser acessado pelo link: <https://youtube.com/playlist?list=PLj06bPbAU0PqPVBXxOK2fLiond82P1Sag>

	Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Desde 2019 é contratada da rede municipal de ensino de Duque de Caxias. Ainda presta serviços na condição de <i>freelancer</i> para a ALERJ e para a empresa IBT Libras.	Atualmente, leciona e ocupa cargos de gestão em Gallaudet. Fontes: STORM, 2021; SYLVAN, 2021.
<b>Carlos</b>	Professor de História, ouvinte. Graduado em História. Frequentou o curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras), oferecido pela SME-Caxias à comunidade escolar na E. M. Santa Luzia, sem concluir. Egresso da área da Saúde, iniciou sua carreira no magistério no ano de 1993, atuando, inicialmente, em escola da rede privada. É professor da rede municipal de ensino de Duque de Caxias há 28 anos, lecionando na E. M. Santa Luzia desde 1998. Trabalhava exclusivamente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que funciona no turno da noite na E. M. Santa Luzia, onde acompanhou o início da inclusão de alunos surdos em classes regulares daquela modalidade de ensino. Nos últimos anos, também vem trabalhando com turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, no turno da tarde, algumas delas com alunos surdos incluídos.	 <p><b>Charles-Jules-Henri Nicolle:</b> médico e biólogo francês. Nasceu em 1866, na cidade de Rouen, tendo ficado surdo aos 18 anos. Após exercer a medicina e atividades de pesquisa sobre bacteriologia em sua terra natal, em 1902, foi nomeado diretor do Instituto Pasteur, de Túnis, cargo no qual permaneceu por mais de três décadas. Lá, contribuiu para o desenvolvimento de vacinas contra doenças como a difteria e o sarampo. Em 1909, descobriu que o tifo era transmitido por piolhos, possibilitando a prevenção dessa doença, epidêmica até então e associada a guerras e desastres. Por conta desse feito, foi premiado com o Nobel de Medicina, em 1928. Faleceu em 1936, na Tunísia. Fontes: CARVALHO, 2007; SMITH; BORGMAN, s.d.</p>
<b>Ana</b>	Professora de História, ouvinte. Pós-graduada em História Social do Brasil e graduada em Estudos Sociais. Possui MBA em Gestão Escolar. Participou de um curso de Pedagogia em Cuba (1999) e de oficinas de inclusão de deficientes intelectuais, oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Frequentou por um tempo o curso de Libras oferecido pela SME-Caxias nas	 <p><b>Annie Jump Cannon:</b> astrônoma e sufragista estadunidense. Nasceu em</p>

	<p>dependências da E. M. Santa Luzia, mas não o concluiu. Iniciou sua carreira no magistério em 1995. Ingressou na rede pública de educação de Duque de Caxias em 1998, sendo designada para atuar na E. M. Santa Luzia. Acompanhou o início do processo de inclusão de alunos surdos em classes comuns da escola nos Anos Finais, atuando nas mesmas desde 2001.</p>	<p>1863, no estado de Delaware. Ficou progressivamente surda após uma infecção contraída na infância. Graduiu-se em Física e Astronomia. Atuou com um grupo de mulheres como assistente de pesquisa no <i>Harvard College Observatory</i>, onde revolucionou a classificação das estrelas. Recebeu diversos prêmios ao longo da carreira, obtendo um reconhecimento tardio de sua própria instituição, apenas em 1938, supostamente devido à condição de surda. Criou o <i>Annie Jump Canon Award</i> para premiar mulheres astrônomas. Também atuou politicamente pelos direitos femininos, como sufragista e membro do Partido Nacional da Mulher. Faleceu em 1941. Fontes: CARVALHO, 2007; SMITH; BORGMAN, s.d.</p>
<p><b>Teresa</b></p>	<p>Professora do AEE de surdos, ouvinte. Especialista em Educação Especial, com ênfase na surdez. Possui licenciatura em Matemática. Fez o curso de Libras oferecido pela SME-Caxias. Ingressou na rede municipal de ensino de Duque de Caxias em 2000, como professora dos Anos Iniciais. Desde 2003, atua na educação de surdos, nas classes bilíngues e no AEE. Em 2016, assumiu o cargo de implementadora da Coordenadoria de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias (CEE/SME).</p>	 <p><b>Gladis Teresinha Taschetto Perlin:</b> educadora brasileira; primeira surda do país a receber o título de Doutora (2003). Foi uma das primeiras integrantes do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUPPES/UFRGS), que impulsionou os Estudos Surdos no Brasil. Suas pesquisas tornaram-se referência obrigatória para a compreensão dos surdos a partir de uma perspectiva identitária. Atualmente, leciona na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Fontes: GLADIS, s.d.; PERLIN, 2015.</p>

Fonte: produção do autor.

Quanto aos participantes alunos, a pesquisa contou com 24 estudantes, sendo 6 surdos e 18 ouvintes, com idades entre 11 e 19 anos, matriculados em turmas dos

Anos Finais do Ensino Fundamental. A participação ocorreu de forma remota, como respondentes de dois questionários do *Google Forms*, que serão descritos adiante, no item referente aos instrumentos de pesquisa. Havia a expectativa por um quantitativo maior de alunos participantes, considerando que o convite foi extensivo a todos os 249 discentes dos Anos Finais, tendo sido feito por meios eletrônicos, com acessibilidade em Libras. Para o segundo questionário, no final do ano letivo de 2021, também fiz o convite pessoalmente aos alunos do ensino presencial. Espero que a baixa adesão à pesquisa possa estar vinculada à exclusão digital de parcela relevante do nosso alunado, tanto pela falta de acesso à internet, como pela dificuldade em lidar com tecnologias digitais mais voltadas à pesquisa e à educação. De todo modo, em uma pesquisa qualitativa, mais do que quantidade, importam as contribuições de seus participantes e os sentidos que podem ser atribuídos às suas ações e falas (expressas oralmente ou não). Nesse sentido, contar com alunos como participantes da pesquisa foi fundamental para, a partir de suas demandas e perspectivas, direcionar ações e compreender seus eventuais impactos. Afinal, é para os educandos que a escola deve necessariamente convergir.

Cabe ressaltar ainda o meu papel na metodologia adotada. De acordo com Thiollent, na pesquisa-ação “os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (2011, p. 20). Na mesma direção, Glat e Pletsch (2011) destacam que, nessa metodologia, cabe ao pesquisador duas atribuições fundamentais: mediar e estimular reflexões propositivas. Dessa forma, e também por já fazer parte do quadro de professores de História da E. M. Santa Luzia, não sou apenas um observador, mas um sujeito imerso no lócus da pesquisa (ainda que virtualmente, por diversos momentos), interagindo com os demais participantes, propondo e realizando ações e intervenções, refletindo e provocando reflexões, sendo corresponsável pelas transformações advindas da pesquisa.

### 3.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Constituem-se nos principais instrumentos desta pesquisa: quatro questionários, dois para cada grupo de participantes, um de caráter diagnóstico e outro avaliativo, entregues, respectivamente, no início e no final da pesquisa empírica; a análise das falas dos profissionais participantes durante reuniões remotas realizadas pelo aplicativo *Google Meet*, as quais foram gravadas com a permissão dos presentes;

e os documentos produzidos por esses mesmos participantes, como planejamentos e materiais didáticos. O conjunto desses instrumentos, que serão detalhados adiante, procura compor a triangulação necessária à validação da pesquisa. A eles foram agregados outros durante o processo da pesquisa, a saber: análise das falas e comentários da *Semana dos Surdos*, evento proposto pelos participantes e que envolveu toda a comunidade escolar; a observação de aulas e do cotidiano da escola, a partir de meu retorno às atividades presenciais, no segundo semestre de 2021.

Os questionários foram elaborados utilizando-se o aplicativo *Formulários Google* (*Google Forms*, no original). A opção por esse aplicativo deveu-se à possibilidade de ser respondido remotamente, por meio do compartilhamento de um *link*, algo necessário para viabilizar o prosseguimento da pesquisa em um contexto de distanciamento social. Outro motivo para a escolha são os gráficos e planilhas gerados pelo próprio sistema dos formulários a partir das respostas dos participantes, os quais em muito facilitam a organização dos dados coletados para posterior análise.

O primeiro dos quatro questionários da pesquisa destinava-se aos professores de História participantes, cujos itens e questões buscavam contemplar os seguintes objetivos: apresentar o projeto de pesquisa em suas linhas gerais; verificar o interesse do docente pela participação na pesquisa; levantar dados para contato e elaboração de um perfil profissional/acadêmico de cada participante; diagnosticar conhecimentos prévios sobre surdez, ensino para surdos e história dos surdos; identificar a disponibilidade e as necessidades quanto à participação na pesquisa (APÊNDICE 1). O questionário foi disponibilizado aos docentes pelo aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*, a partir de fevereiro de 2021, com fechamento para respostas no final do mês seguinte. Responderam os dois dos três professores de História que atuam com turmas dos Anos Finais na E. M. Santa Luzia (o terceiro sou eu). Apesar de também ter sido enviado a profissionais de outra unidade escolar<sup>62</sup> da rede municipal de educação de Duque de Caxias, não houve resposta de seus professores.

O segundo formulário eletrônico (APÊNDICE 2) foi destinado aos alunos surdos e ouvintes da E. M. Santa Luzia, sendo com eles compartilhado, entre os meses de maio e junho de 2021, pelo grupo “Santa Luzia – 2º Segmento & EJA”, do *Facebook*, e pelos tópicos de História das salas de aula virtuais da escola no aplicativo *Google Classroom*. O grupo do *Facebook* foi criado em maio de 2020 para apresentação de

---

<sup>62</sup> Novamente, por questões éticas, mais detalhes sobre essa escola não serão informados.

atividades remotas e interação com os alunos durante o restante daquele ano letivo, no qual as aulas presenciais foram suspensas desde a decretação da pandemia da COVID-19. Por permanecer ativo e contar ainda com diversos alunos da escola entre seus integrantes, optei por utilizar esse grupo como meio para disponibilizar o questionário. Quanto ao *Google Classroom*, foi escolhido por ser a plataforma utilizada pela escola para a postagem de conteúdos e atividades aos alunos que se encontravam no ensino remoto durante o ano de 2021. Também foi amplamente usada pelos professores que aderiram à Greve pela Vida, entre os quais os professores de História participantes desta pesquisa. O *link* para o formulário também foi compartilhado pela professora do AEE de surdos aos alunos por ela atendidos remotamente, educandos incluídos nas classes dos Anos Finais.

A fim de tornar o formulário acessível a esses alunos surdos, foram anexados a cada item do formulário vídeos com as informações e as questões em Libras. Também tiveram versões em Libras o vídeo que gravei fazendo o convite para participação na pesquisa, veiculado pelo grupo do Facebook, e o Termo de Assentimento (APÊNDICE 3), documento indispensável ao cumprimento das normas éticas necessárias à pesquisa. A interpretação em Libras foi gentilmente realizada pela professora Dr.<sup>a</sup> Mariana Gonçalves Ferreira de Castro, docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e membro do GEPeSS.

Esse formulário é dividido em duas seções. Na primeira, onde faço uma breve apresentação da pesquisa, há um *link* para o Termo de Assentimento em Língua Portuguesa e em Libras. Para prosseguir para a seção seguinte é necessário marcar o aceite em participar da pesquisa. Na segunda seção, há questões de múltipla escolha e dissertativas cujo objetivo é investigar as concepções preliminares de alunos a respeito dos sujeitos, da cultura e da história dos surdos, informações fundamentais para o planejamento das ações relacionadas à experiência curricular aqui proposta.

O uso do formulário eletrônico para os alunos também se justifica por respeitar as normas para pesquisa estabelecidas pelo Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire (CPFPPF), da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias (SME-Caxias), as quais permitem que os discentes matriculados em suas unidades escolares sejam entrevistados apenas por escrito.

Ao final do ano letivo, a partir do mês de novembro, um outro questionário, de caráter avaliativo, foi encaminhado aos alunos (APÊNDICE 4). Além dos canais de

comunicação já utilizados anteriormente, pude apresentá-lo pessoalmente aos alunos, convidando para que o respondessem. Também solicitei que o *link* fosse encaminhado pelos grupos de *WhatsApp* das turmas dos Anos Finais. Apesar da divulgação, a participação dos alunos foi extremamente baixa, sobretudo em comparação com o anterior. Enquanto o primeiro contou com 16 respondentes, nesse último, foram apenas nove. Por outro lado, ampliou-se a participação de surdos, de apenas dois para seis, sobretudo graças à colaboração da professora do AEE participante desta pesquisa. Em relação às questões – algumas semelhantes às do formulário anterior – visavam identificar mudanças nas concepções dos educandos acerca dos sujeitos surdos e do papel por eles desempenhado na História, a partir da experiência curricular realizada. A exemplo do primeiro questionário para alunos, buscou-se garantir a acessibilidade para surdos com todas as informações e perguntas também sendo apresentadas em Libras por meio de vídeos. Dessa vez, a interpretação ficou por conta da TILSP Stela Gomes Correia.

Em relação às reuniões com os profissionais participantes da pesquisa, optou-se para que fossem realizadas por meios remotos, de modo a mantermos os cuidados então necessários quanto ao distanciamento social exigido no contexto da pandemia da COVID-19. Lembrando ainda que tanto eu quanto os demais professores participantes havíamos aderido à Greve pela Vida, desta forma permanecemos fora do posto de trabalho, nos dedicando exclusivamente ao trabalho remoto durante todo o primeiro semestre letivo de 2021. A plataforma utilizada para as reuniões foi o aplicativo *Google Meet*, por ser o mais popular e de mais fácil uso, além de possuir a opção de legenda em Língua Portuguesa, o que poderia garantir um mínimo de acessibilidade caso contássemos com um participante surdo e não tivéssemos um TILSP.

As reuniões remotas ocorreram mensalmente, entre março e junho de 2021, sendo realizadas na última quarta-feira de cada mês, na faixa de horário entre as 18h e 20h, conforme acertado entre os participantes. No mês de julho, devido ao recesso escolar, não houve reunião. Durante o segundo semestre, com o retorno dos professores participantes às atividades presenciais na escola, surgiram dificuldades para conciliarmos a disponibilidade de horário. Dessa forma, a frequência dos encontros acabou por reduzir-se, sendo realizadas apenas duas reuniões, uma no mês de agosto e a outra em outubro. Estava previsto pelo menos mais uma reunião até o final de 2021, cuja pauta seria a avaliação dos resultados das ações propostas

e realizadas, completando assim um ciclo da pesquisa-ação. Entretanto, novos conflitos de agenda inviabilizaram esse encontro. No Quadro 5, apresento uma síntese das reuniões empreendidas, as quais serão descritas no item “Etapas da pesquisa”.

<b>QUADRO 5 – Reuniões com os profissionais participantes da pesquisa</b>				
<b>N.º</b>	<b>DATA</b>	<b>DURAÇÃO</b>	<b>PARTICIPANTES PRESENTES</b>	<b>PAUTA</b>
1	31/03/2021	02:00	Ana, Carlos e Teresa	Apresentação do projeto de pesquisa
2	28/04/2021	01:30	Ana, Carlos, Carolina e Teresa	Introdução à história dos surdos
3	26/05/2021	02:00	Ana, Carlos, Carolina e Teresa	Ensino de História para surdos (aula do curso <i>Surdez: Comunicação, Educação e Inclusão</i> )
4	30/06/2021	01:45	Ana, Carlos e Teresa	Avaliação dos primeiros encontros e planejamento de ações
5	11/08/2021	01:20	Carlos e Carolina (participação da Orientadora Pedagógica da UE)	Avaliação do 1º questionário respondido pelos alunos e planejamento de ações
6	13/10/2021	01:20	Carlos, Carolina e Teresa	Avaliação da <i>Semana dos Surdos</i> e planejamento de ações

Fonte: produção do autor.

Dada a impossibilidade de realizarmos uma reunião final de avaliação, prevista no projeto de pesquisa, construí mais um questionário no *Google Forms* (APÊNDICE 5). Por meio das questões, busquei estimular a reflexão dos profissionais participantes quanto ao envolvimento nas ações desenvolvidas e às dificuldades encontradas. Procurei ainda que descrevessem eventuais materiais criados e atividades realizadas, indicando as reações de alunos surdos e ouvintes, se possível, com relatos de episódios. As questões procuravam também que os respondentes avaliassem a importância do projeto para sua formação continuada e apontassem para a continuidade, ampliação e ações futuras relacionadas ao ensino da história dos surdos. O documento foi respondido por todos os profissionais participantes da pesquisa.

### 3.5 QUESTÕES ÉTICAS

Por se tratar de uma pesquisa que envolve interação entre seres humanos, tornou-se necessária a submissão do projeto de pesquisa que resulta nesta tese ao Conselho de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP/CFCH/UFRJ), conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde – CNS (BRASIL, 2012; 2016). Devido ao contexto pandêmico e à necessidade de distanciamento físico, o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE (APÊNDICE 6) e o Termo de Assentimento (APÊNDICE 3), documentos que informam e registram a anuência dos participantes, tiveram seu encaminhamento e devolutiva feitos por meios remotos. No caso dos profissionais participantes, os arquivos com o RCLE foram a eles enviados por *WhatsApp*, retornando digitalizados após preenchidos e assinados. Em relação aos alunos participantes, seguiram anexados aos questionários do *Google Formulários* acima explicados, dois *links*, um para o arquivo do Termo de Assentimento, no formato PDF, e outro para sua versão em Libras. Os questionários só puderam ser respondidos mediante ciência do termo de um responsável pelo estudante, bem como sua concordância.

Em fevereiro de 2021, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Conselho de Ética e Pesquisa do CEP/CFCH/UFRJ, de acordo com o parecer n.º 4.536.058 (ANEXO 1), com as seguintes considerações do parecerista: “A pesquisa é meritória, possui amparo teórico e encontra-se bem justificada”. Posteriormente, também foi aprovado por outra instância: o Centro de Pesquisas e Formação Continuada Paulo Freire (CPFPPF). Esse setor da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias tem entre suas atribuições a concessão de autorização e orientações para as pesquisas realizadas nas escolas públicas de responsabilidade da referida secretaria. A autorização está documentada no parecer n.º 08/21 – CPFPPF/SME-DC, de 19 de março de 2021 (ANEXO 2).

### 3.6 ETAPAS DA PESQUISA

Dada a possível aplicabilidade da pesquisa-ação nas mais diversas áreas do conhecimento e nas demandas específicas de cada investigação, é possível organizar o desenvolvimento da pesquisa em diferentes etapas, todas, no entanto, se relacionando em circularidade. Tripp (2005), por exemplo, apresenta o *ciclo da investigação-ação*, baseado em considerações do pioneiro do campo, Kurt Lewin, e compreendido por quatro etapas. A primeira etapa consiste no planejamento de ações para a solução do(s) problema(s) identificado(s) e que levem à mudança pretendida; na segunda ocorre a execução das ações planejadas; a terceira refere-se ao monitoramento e descrição das ações e de seus efeitos; enquanto a quarta

corresponde à avaliação dos resultados das ações empreendidas, caso os objetivos mobilizadores da investigação não tenham sido atingidos, reinicia-se o ciclo.

Ao considerar a flexibilidade da pesquisa-ação assinalada por Gatti (2008) e Glat e Pletsch (2011), bem como as considerações de Tripp (2005), simplifico o modelo desse autor, organizando a presente pesquisa em três etapas, que serão assim denominadas: *Construção*, *Realização* e *Reflexão* (IMAGEM 14). A *Construção* correspondeu às reuniões remotas com os profissionais participantes da pesquisa, que consistiram na sensibilização e na formação dos docentes envolvidos, passando ao planejamento de ações que visavam inicialmente incluir a história dos surdos como objeto de conhecimento do currículo da disciplina História na E. M. Santa Luzia. A etapa da *Realização* diz respeito à implementação das ações anteriormente planejadas, com destaque para a criação de materiais com conteúdos didáticos específicos, contudo, extrapolando os próprios limites da aula de História, por meio da realização de um evento, a *Semana dos Surdos*, que envolveu a comunidade escolar como um todo. Por fim, a etapa da *Reflexão* refere-se à avaliação das ações, de seus resultados e do processo como um todo, empreendida por meio dos dois questionários avaliativos encaminhados e respondidos pelos grupos de participantes dessa pesquisa (profissionais e alunos), conforme exposto no item “Instrumentos da pesquisa”. A análise que será apresentada no próximo capítulo também compõe essa etapa.

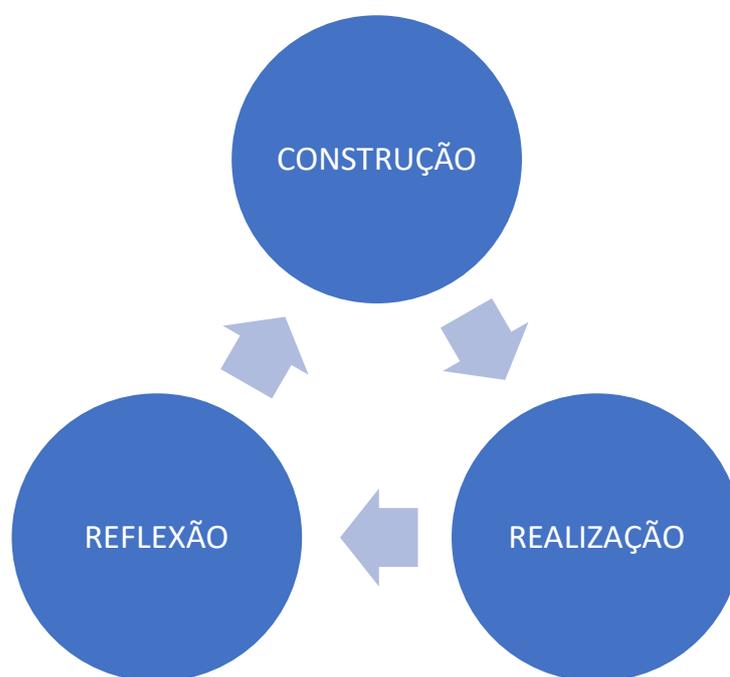


IMAGEM 14 – Etapas da pesquisa. Fonte: produção do autor.

Apesar de estarem em uma sequência temporal, iniciada em março de 2021, com o início das reuniões remotas, e finalizada em março do ano seguinte, com o envio das respostas do último questionário pelos profissionais participantes, algumas atividades ocorreram de modo simultâneo. Foi o caso da avaliação, que se deu de forma processual e não somente ao final da pesquisa de campo; ou o planejamento, que permaneceu sendo feito mesmo com algumas ações já ocorrendo. Vale destacar que a etapa da *Construção* não foi desprovida de reflexões, tendo as ações planejadas a partir de considerações prévias dos participantes e de avaliações das ações já em andamento. Importante frisar também que, por se tratar de um ciclo, a etapa da *Reflexão* não significa o encerramento de um processo, mas aponta potencialidades para novas construções e realizações.

### **3.6.1 Construção**

Uma das características mais marcantes das pesquisas de abordagem qualitativa e da pesquisa-ação em particular é a descrição detalhada dos processos investigativos (IVENICKI; CANEN, 2016). Desta forma, seguem descritas as etapas da presente pesquisa, iniciando-se pela etapa da Construção, constituída pelas reuniões realizadas remotamente pelo *Google Meet* com os profissionais participantes. Outras reuniões correlatas também ocorreram, conforme explicarei mais adiante. A seguir, são relatados os encontros realizados.

#### **3.6.1.1 Encontro de apresentação (31 de março de 2021)**

Para este primeiro encontro foram convidados: professores de História e membros das equipes técnico-pedagógicas da E. M. Santa Luzia e de outra escola da rede municipal de educação de Duque de Caxias. Também receberam convite os TILSPs e um profissional surdo da E. M. Santa Luzia. Os convites foram feitos antecipadamente por meio de contatos e grupos do aplicativo de mensagens *WhatsApp* e por *e-mail*. Para essa divulgação, contei ainda com a intermediação de uma TILSP da E. M. Santa Luzia e de três profissionais da outra UE. No entanto, só compareceram ao encontro, realizado pelo aplicativo *Google Meet*, profissionais da E. M. Santa Luzia: os dois professores de História que atuam em turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de surdos e o profissional surdo. Assim, definindo-se o grupo inicial dos

profissionais participantes da pesquisa (a eles se juntaria uma TILSP, a partir da segunda reunião).

Logo em seu início, a reunião precisou ser interrompida, uma vez que não haveria acessibilidade em Libras para o profissional surdo. Dessa forma, para que aguardássemos a chegada da professora do AEE, única dentre os ouvintes participantes com domínio em Libras, tivemos que recomeçar uma hora depois. No entanto, o profissional surdo acabou não retornando. Ressalto como teria sido importante sua permanência como participante da pesquisa, de modo a termos a perspectiva dos sujeitos aos quais se volta primordialmente essa pesquisa. A dificuldade para tê-lo em nossas reuniões revela um dos entraves da pesquisa. Sem suporte financeiro, não foi possível contratar um TILSP para as reuniões. A saída foi apelar ao voluntariado, como tentamos nesse encontro inicial. No entanto, esse “jeitinho” não é apropriado, pois acoberta um problema crônico e acaba por desvalorizar a própria profissão dos TILSPs.

A pauta desta reunião inicial foi apresentar o projeto de pesquisa aos convidados. Antes, no entanto, foi realizada uma sensibilização, a partir da leitura de uma fotografia da greve dos estudantes surdos de Gallaudet (1988), já abordada no Capítulo II, utilizando-se o Método Documentário, conforme proposto por Kelman e Santos (2020). O objetivo da atividade foi sondar o conhecimento dos presentes a respeito da história dos surdos e instigá-los a um envolvimento com a temática. Houve poucas falas dos professores de História, sobretudo de Carlos<sup>63</sup>, que se apresentou como alguém que estava ali para ouvir e aprender. Essa participação menos efetiva dos docentes reforçou a necessidade de dar um sentido de encontro de formação às nossas reuniões iniciais, conforme já indicado nas respostas ao primeiro formulário para professores.

Com o aceite de todos os presentes para participarem da pesquisa, decidiu-se que a pesquisa seria desenvolvida na escola como um projeto pedagógico, denominado “Onde estão os surdos na História?”. Os participantes concordaram com a proposta de se reunirem ao longo do ano letivo, em encontros de periodicidade mensal, sempre na última quarta-feira de cada mês, dia da semana disponível a todos. Optou-se pela manutenção do formato remoto desses encontros, uma vez que estávamos no auge da pandemia, na Greve pela Vida e inseguros quanto à

---

<sup>63</sup> Começo aqui a apresentar os profissionais participantes da pesquisa sob os pseudônimos apresentados no Quadro 4.

possibilidade de nos encontrarmos presencialmente. Houve concordância unânime quanto à gravação das reuniões, para fins de análise posterior. No entanto, por dificuldades técnicas, esta reunião não foi gravada. Criamos ainda um grupo no aplicativo *WhatsApp* para nos comunicarmos de modo mais ágil e para o compartilhamento de materiais de estudo ou de nossas futuras produções.

### 3.6.1.2 Encontro de formação I (28 de abril de 2021)

Neste encontro, apresentei uma introdução à história dos surdos, destacando fatos e questões relevantes por períodos históricos. O tema foi escolhido por ser fundamental ao projeto e não conhecido pelos professores de História participantes. Para melhor direcionar a apresentação, fiz uso de um conjunto de *slides* que preparei pelo programa *Microsoft PowerPoint*.<sup>64</sup> A reunião contou com a presença da TILSP Carolina, além dos participantes da reunião anterior, os professores de História Carlos e Ana e a professora do AEE Teresa. O profissional surdo inicialmente convidado a compor o grupo não compareceu. No entanto, ele solicitou pelo *WhatsApp* mais explicações a respeito da pesquisa, aceitando posteriormente dela participar.

Em relação aos TILSPs, antes desta segunda reunião, reenviei convites por meio do *WhatsApp* aos quatro desses profissionais da escola que trabalham nas turmas dos Anos Finais. Três deles alegaram que não haviam recebido o convite para a reunião inicial, se interessaram pela pesquisa, porém não poderiam participar por questões de ordem pessoal/profissional. Ainda que restrito à presença de uma TILSP, considero fundamental a representação destes profissionais entre os participantes da pesquisa. Não para interpretar, mas para participar dos debates, com seus conhecimentos e perspectivas específicos em relação aos surdos, contribuindo na construção da experiência curricular aqui proposta, em acordo com o que preconiza a codocência (KELMAN, 2015; COSTA; KELMAN, 2018). Diante das dificuldades de termos um TILSP para atuar exclusivamente na interpretação e intermediação de nossos encontros quando da presença do instrutor surdo, Carolina se prontificou a assumir esse papel também.

O encontro, desta vez devidamente registrado em gravação, teve um caráter mais expositivo, semelhante a uma palestra. Recebi contribuições importantes de

---

<sup>64</sup> Esse material pode ser acessado em:  
<https://docs.google.com/presentation/d/1lgjHEFivHrNKhbeEGexHjmlnv-G0aqHo/edit?usp=sharing&oid=106788149728448656696&rtpof=true&sd=true>

Carolina e Teresa, que levantaram informações adicionais e esclarecerem pontos relacionados à história dos surdos. Essas profissionais atuam mais diretamente com os alunos surdos, possuindo formação e vivência que explicam seus conhecimentos especializados sobre os temas relacionados à surdez. O mesmo não ocorreu com os professores de História, que, novamente, tiveram uma participação mais passiva na reunião, com poucas falas e interações.

### 3.6.1.3 Encontro de formação II (26 de maio de 2021)

Se o encontro de formação anterior foi voltado para “o que ensinar”, este direcionou-se ao “como ensinar”, outra demanda registrada pelos professores participantes no questionário inicial. De fato, o encontro não foi propriamente uma reunião. Por uma feliz coincidência de datas e pela pertinência à pesquisa, convidei os profissionais participantes para assistir à aula que ministrei naquele dia no âmbito do curso de extensão *Surdez: Comunicação, Educação e Inclusão, versão 2021*, organizado pelo GEPeSS. Todos estiveram presentes, inclusive o instrutor de Libras. A aula ocorreu por meio do aplicativo *Zoom* e tinha como tema as práticas de ensino de Geografia e História para surdos. A primeira parte da aula foi apresentada pela professora Dr.<sup>a</sup> Thabata Fonseca de Oliveira, docente do INES e membro do GEPeSS. Apesar de sua apresentação distinguir-se quanto à disciplina (Geografia) e ao modelo de escola para surdos (escola específica bilíngue), o cabedal teórico que envolveu concepções de Lev Vygotsky sobre a aprendizagem de surdos, a pedagogia visual, a semiótica imagética, além de práticas de ensino, pode ser aplicado e adaptado ao ensino de História. Na sequência, apresentei experiências pedagógicas no ensino de História para surdos ocorridas na própria E. M. Santa Luzia, que foram descritas e analisadas em minha dissertação (SANTOS, 2018b). Por versarem sobre metodologias de ensino e avaliações acessíveis para surdos, tais práticas vão ao encontro das demandas dos docentes observadas em suas respostas ao primeiro questionário desta pesquisa.

Ao fim das duas palestras, dado o adiantado da hora, houve pouco tempo para interagir com os alunos do curso. No único encontro em que estive o tempo todo presente, o profissional surdo convidado a participar da pesquisa foi um dos poucos que pôde perguntar. Sua pergunta foi no sentido dos limites do ensino para surdos nas escolas inclusivas. Sinalizei que, a despeito de muitas críticas, a inclusão pode ser bem-sucedida, desde que suas práticas sejam observadas por todos os

profissionais da escola, não podendo ficar restrita a experiências isoladas de um docente ou outro.

Por fazer parte do curso, cujas aulas não estavam sendo gravadas (tampouco havia autorização dos cursistas para isso), esse terceiro encontro com os profissionais participantes da pesquisa não pôde ser registrado em gravação.

#### 3.6.1.4 Encontro de planejamento I (30 de junho de 2021)

Após uma trinca de encontros de caráter sensibilizador e formativo, partimos para uma reunião mais propositiva. O encontro, gravado, contou com a presença dos professores de História e da professora do AEE. Por motivos pessoais, Carolina precisou se ausentar. Após uma recapitulação das reuniões anteriores, diversas sugestões de ações na escola para a inclusão da história dos surdos ao currículo de História foram apresentadas. Tanto por mim, como pelas participantes Ana e Teresa. Mais uma vez, Carlos pouco participou, no entanto, solicitou que as ações planejadas também se estendessem a Educação de Jovens e Adultos (EJA), segmento para o qual leciona e que também conta com estudantes surdos incluídos.

Foram ações propostas na reunião:

- Construção, nas próximas reuniões, de um documento curricular para nortear o trabalho dos professores de História da escola nas turmas com alunos surdos incluídos, com vistas à incorporação do texto produzido ao Projeto Político Pedagógico da escola em 2022.
- Inclusão nas apostilas de História de conteúdos e questões relacionados à história dos surdos. As apostilas constituíam-se na base do ensino remoto da escola em 2021. Me dispus a ajudar os colegas, caso sinalizassem interesse e necessidade, uma vez que já vinha desenvolvendo essa ação.
- Produção de vídeos pelos professores com explicações dos conteúdos e as atividades das apostilas, com acessibilidade em Libras (a proposta levava em consideração o fato de que, naquele momento, os alunos surdos dos Anos Finais encontravam-se na modalidade de ensino remoto – com algumas exceções passaram ao presencial logo no início do segundo semestre letivo, em agosto).
- Retomada da Semana dos Surdos, evento tradicional da escola, de formação de professores e valorização da comunidade surda escolar. Desta vez, o evento teria como tema a história dos surdos e, devido à pandemia, seria

realizado remotamente, por meio de uma série de *lives* exibidas na página da escola do *Facebook*.

- Produção de vídeos curtos a serem exibidos na página do *Facebook* da escola com depoimentos de ex-alunos surdos da escola, apresentando suas histórias de vida, e de alunos surdos atuais, com suas expectativas para tempos futuros, a exemplo das séries *Falas da Terra e Falas de Orgulho*, da TV Globo.<sup>65</sup>

Conforme se observa, tais propostas resultaram em um inesperado desdobramento da experiência curricular das salas de aula de História para toda a comunidade escolar. Nesse sentido, Teresa chamou a atenção para a necessidade de uma reunião mais ampla, com a equipe diretiva, de modo a buscar aprovação e apoio para a realização das ações. Também sugerimos a criação de um Grupo de Trabalho (GT) para a organização da Semana dos Surdos, com a presença dos profissionais da escola que atuam mais diretamente junto a esses alunos.

Além das propostas, durante o encontro, memórias da inclusão de alunos surdos na escola vieram à tona. A professora Ana expôs seu testemunho sobre o início da inclusão de alunos surdos nos Anos Finais da escola, que completou duas décadas em 2021. Informações importantes para redimensionarmos a história dos surdos para o local, portanto, mais próxima dos alunos no tempo e no espaço. Teresa também apresentou sua versão daqueles fatos, com divergências a respeito de alguns pontos, entre os quais a presença/ausência de intérpretes para o primeiro aluno surdo incluído.

### 3.6.1.5 Encontro com a equipe diretiva (12 de julho de 2021)

Ainda no primeiro semestre de 2021, ocorreu a reunião com a equipe diretiva proposta por Teresa. Essa reunião não compõe o conjunto daquelas realizadas especificamente com os profissionais participantes da pesquisa. Além de mim e Teresa, estiveram presentes a diretora da E. M. Santa Luzia, as orientadoras pedagógicas e educacionais e duas professoras que atuam nas classes de surdos da escola. A pauta era apresentar meu projeto de pesquisa e as sugestões para a

---

<sup>65</sup> Os especiais televisivos *Falas Femininas*, *Falas da Terra* e *Falas de Orgulho* apresentavam depoimentos de representantes de minorias sociais no Brasil, respectivamente, mulheres, indígenas e LGBTQIA+. A partir de suas próprias perspectivas, revelavam a diversidade e os desafios enfrentados por esses grupos na sociedade brasileira. Outros títulos foram lançados posteriormente, como *Falas da Vida*, com narrativas de idosos, e *Falas Negras*. Os programas podem ser acessados pela plataforma de *streaming Globoplay*.

Semana dos Surdos, buscando aprovação e apoio da equipe diretiva, no que logramos êxito. No entanto, Teresa também compartilhou com os presentes as suas preocupações e angústias a respeito dos impactos do ensino remoto para os alunos surdos. Ela vinha observando, em seus encontros virtuais com esses educandos, perdas significativas no aprendizado, no domínio da Língua Portuguesa e até de Libras (boa parte dos estudantes só se relaciona com outros surdos na escola), além da sensação de desmotivação. Nesse sentido, nossa experiência curricular, de inclusão da história dos surdos ao ensino de História, e a proposta para a retomada da Semana dos Surdos, em particular, foram apontadas como meios para tentar resgatar o interesse dos alunos pelo aprender, pela escola e por sua dinâmica.

Em relação à Semana dos Surdos, houve uma pequena divergência entre mim e Teresa, que defendeu pelo menos uma atividade exclusiva para os surdos, enquanto argumentei pela necessidade de que o evento fosse inclusivo em toda a sua totalidade, prevalecendo a posição da professora. Ainda nessa reunião, uma das orientadoras se ofereceu como elo de ligação entre a equipe diretiva e os participantes da pesquisa, reforçando o apoio da direção ao projeto. Merece registro ainda as preocupações levantadas por essa orientadora quanto ao desenvolvimento das ações da escola. Em seu entender, há muitas reuniões, muitos debates, mas muita dificuldade em efetivamente avançar, resultando em poucas mudanças nas práticas da escola. Concluímos com a criação do GT para organizar a Semana dos Surdos, composto por todos os participantes dessa reunião, por um instrutor de Libras (representando os surdos) e por uma intérprete de Libras (representando os TILSPs). Para agilizar o contato entre os membros do GT, abrimos um outro grupo específico no aplicativo *WhatsApp*.

#### 3.6.1.6 Encontro de planejamento II (11 de agosto de 2021)

Nesta reunião, retomamos os encontros virtuais com os participantes da pesquisa após um hiato em função do recesso escolar no mês de julho. Desta vez, contamos com uma presença mais reduzida. Estiveram presentes Carlos e Carolina apenas. Teresa avisou com antecedência que, por problemas em relação ao horário, não poderia participar dessa reunião. Ana não informou o motivo da falta. Atendendo à necessidade e importância da presença de um integrante da equipe diretiva da escola no grupo, conforme indicado em reunião anterior, convidei a Orientadora Pedagógica da escola, que prontamente aceitou o convite e participou do encontro. A

proposta para a reunião era de ser mais voltada à prática, pautando-se as ações específicas ao ensino de História nas turmas com alunos surdos. A fim de apontar possíveis caminhos, tomando por base as percepções e expectativas dos alunos, apresentei as respostas da pesquisa feita junto a eles, por meio do *Google Forms*, conforme acima explicado. Em seguida, solicitei aos participantes da reunião que avaliassem as respostas dadas pelos educandos.

Foi a primeira reunião com uma participação mais efetiva de Carlos, que mostrou seu entusiasmo com as ações propostas e mais segurança em relação ao trabalho com surdos. Destacou como tem aprendido e aperfeiçoado o seu fazer docente a partir da construção de apostilas adaptadas junto ao professor do AEE e às nossas reuniões (referindo-se às ações voltadas a alunos com deficiência também). As intervenções da orientadora também muito contribuíram para as reflexões a respeito das respostas dadas pelos alunos participantes da pesquisa, bem como no sentido de incremento às propostas já apresentadas para nossa experiência curricular. Nesse caso, destaco sua sugestão de espalhar pelos espaços da escola frases interrogativas a respeito da história dos surdos com o intuito de despertar a curiosidade e o interesse da comunidade escolar pela temática.

Propusemos que na reunião seguinte, programada para a segunda semana de setembro (de modo a recuperar a regularidade mensal dos encontros), cada professor de História apresentaria o seu planejamento para incorporar a história dos surdos aos conteúdos a serem abordados ainda no corrente ano. Como ainda não contávamos com informações precisas sobre a quantidade de alunos que retornariam às atividades presenciais, mantivemos a proposta de que tais conteúdos compusessem a última apostila a ser produzida e entregue aos alunos. Deixei ainda a sugestão de que a apresentação dos conteúdos se fizesse por meio de texto e imagem, nesse caso, um vídeo em Libras a ser acessado por meio de um Código QR. Solicitei ainda que, até a próxima reunião, indicássemos por postagens pelo grupo do *WhatsApp* pontos fundamentais que deveriam estar presentes no documento curricular para o ensino de História, a ser construído e incorporado ao Projeto Político Pedagógico da escola, conforme proposto anteriormente. A reunião foi gravada, com anuência dos presentes, para posterior análise das falas.

### 3.6.1.7 Reunião do GT da Semana dos Surdos (9 de setembro de 2021)

Durante o mês de setembro, não conseguimos realizar a reunião prevista para os participantes da pesquisa. Com o retorno dos professores de História às aulas presenciais (todos aderiram à Greve pela Vida, mobilizada pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro/Núcleo Duque de Caxias – SEPE/Caxias), encontramos dificuldades para fazer o encontro, devido à incompatibilidade de horários. Contudo, em 9 de setembro, houve uma reunião remota do GT de organização da Semana dos Surdos, convocada pela equipe diretiva da escola. Além dos ajustes finais, Teresa lembrou de estarmos no chamado Setembro Azul, mês de marcos históricos para os surdos e conscientização acerca de seus direitos. Ela destacou a necessidade de divulgarmos a efeméride, reforçando a importância de mobilizar a escola para a história e a cultura dos surdos.

### 3.6.1.8 Encontro de planejamento III (13 de outubro de 2021)

Só conseguimos retomar as reuniões com os profissionais participantes da pesquisa em 13 de outubro, aproveitando o horário reduzido para as atividades presenciais na escola (o que ocorreu nas semanas de planejamento e produção de apostilas). Estiveram presentes: o professor de História Carlos, a professora do AEE Teresa e a TILSP Carolina. Mais uma vez não contamos com a professora Ana, que não justificou sua ausência. Foram itens da pauta: a avaliação da Semana dos Surdos, ocorrida entre 27 de setembro e 1º de outubro; a inclusão de conteúdos relacionados à história dos surdos na apostila final e a construção do documento curricular para o ensino de História em contextos inclusivos com alunos surdos.

A respeito da avaliação da Semana dos Surdos, Teresa destacou sua grata surpresa pela expressiva e efetiva participação dos alunos surdos, bem como de seus responsáveis no evento, enquanto Carolina ressaltou a importância da representatividade, por meio das apresentações e lugares acadêmico-profissionais ocupados pelos ex-alunos palestrantes. Carlos também fez uma avaliação positiva da Semana dos Surdos. No entanto, sentiu falta de uma participação mais ampla no evento presencial, ocorrido no último dia do evento e exclusivo para surdos e profissionais que atuam nas classes de surdos, o qual “acompanhou de longe”, de acordo com a significativa expressão que usou.

Sobre a produção das apostilas, declinei da proposta de um material exclusivo sobre a história dos surdos (ideia aventada anteriormente), considerando a

necessidade de se abordar outros conteúdos de História, ainda mais em um contexto que exigiu a condensação de temáticas abordadas em duas séries. Propus então que a apostila final contivesse ao menos um item que tratasse da história dos surdos. O professor Carlos e as demais concordaram com a proposta. Teresa acrescentou a necessidade dos conteúdos e atividades da apostila serem apresentados em Libras, corroborada por Carolina. Acertamos de gravar áudios dos textos e das questões originalmente escritas para encaminhamento aos TILSPs (os áudios facilitam o trabalho como guias para a interpretação). Teresa também solicitou aos professores os objetivos dos conteúdos tratados na apostila, de modo a poder dar início ao trabalho com os alunos surdos na Sala de Recursos, direcionando o olhar desses educandos para os fatos e conceitos a serem abordados nas aulas de História.

Carlos, que já demonstrava estar sendo positivamente afetado pela experiência curricular, informou que estava selecionando material sobre a história dos surdos na Antiguidade em sua apostila destinada ao sexto ano de escolaridade. Disse estar usando como referência o material que eu lhe encaminhara anteriormente – trata-se do quadro-síntese da história dos surdos que compõe o *Caderno de orientações e sugestões para o ensino de História em classes inclusivas com alunos surdos* (SANTOS, 2018b). O professor também sugeriu o uso de imagens e linha do tempo para a apresentação dos conteúdos na apostila e de questões sobre a história dos surdos para o instrumento avaliativo do 4º bimestre (uma prova feita no *Google Forms* com duas perguntas para cada disciplina proposta pela equipe diretiva). Nesse último caso, reforcei a necessidade de trabalharmos o tema previamente, em sala de aula, para podermos chegar à avaliação. Ainda sobre as apostilas, Teresa e eu tratamos da necessidade de as questões das apostilas serem acessíveis desde a formulação das perguntas às possibilidades de respostas pelos alunos. Teresa manifestou sua aprovação com um exemplo dado por mim de uma atividade que envolvia a produção de uma história em quadrinhos, sinalizando para a possibilidade dos alunos surdos se expressarem de modo mais cômodo a eles.

Sugeri ainda a realização de uma pesquisa sobre personagens e fatos relacionados à história dos surdos a ser feita e apresentada pelos alunos, incorporando assim tanto a dimensão investigativa dos métodos da História, como a necessidade de conferir aos alunos mais protagonismo em sala de aula. Teresa assentiu com a pesquisa, tendo já manifestado em reuniões anteriores a importância de conferir a “fala” aos alunos. Consultados se tal atividade seria possível para os

atuais alunos do sexto ano, ainda imaturos, Carlos e Teresa, que os acompanham em sala de aula e no AEE, respectivamente, responderam que acreditam ser possível.

Dada a necessidade de Teresa ter que se ausentar para outros compromissos, tivemos que encerrar a reunião meia hora antes do previsto, sem poder discutir a elaboração de um documento curricular para o Ensino de História. Sugerimos retomarmos essa questão no início do ano letivo de 2022, junto com a Semana de Planejamento, costumeiramente realizada pelas escolas da rede municipal de ensino de Duque de Caxias. Apontamos ainda para uma reunião final de avaliação das ações desenvolvidas que seria realizada no mês seguinte. Entretanto, ambas não se concretizaram. Na Semana de Planejamento, já em 2022, não encontramos espaço para a discussão proposta por conta de outras agendas e demandas mais gerais da escola. Dificuldades para encontrarmos um tempo em comum para a reunião final impediram que ela acontecesse. Por entendermos a importância de avaliarmos o projeto, acordamos que essa avaliação poderia ser feita por meio de um questionário.

### **3.6.2 Realização**

Das ações planejadas para introduzirmos a história dos surdos no ensino de História, algumas ficaram pelo caminho, como a elaboração de um documento curricular específico para o ensino de História em classes com alunos surdos e a produção de vídeos com as histórias de vida dos ex-alunos surdos da escola. No entanto, realizaram-se a criação de materiais didáticos e a Semana dos Surdos. Sobre os primeiros, materializaram-se em apostilas.

#### **3.6.2.1 Apostilas**

Durante o ano letivo de 2021, utilizamos apostilas como materiais para o ensino remoto na Escola Municipal Santa Luzia. Foi uma opção coletiva dos profissionais da escola, de modo a ser acessível a todos os alunos, considerando que muitos demonstraram dificuldades de diferentes motivações quanto à veiculação de conteúdos e atividades por meio da internet, conforme realizado no ano anterior (2020). A produção dessas apostilas ficou a cargo de cada professor, responsável assim por todas as tarefas que envolviam esse processo, da pesquisa à escrita, passando pela elaboração dos textos e atividades. Totalizamos seis apostilas ao longo do ano letivo: uma diagnóstica e duas de conteúdo no 1º bimestre e uma mais extensa

para cada bimestre seguinte. Elas também serviram como material de referência para as aulas em sua modalidade presencial.

Essas apostilas seguiram um direcionamento acertado coletivamente de oferecer aos alunos uma síntese de conteúdos fundamentais de cada disciplina, contemplando, ao longo do ano letivo, aqueles que seriam relacionados a dois anos de escolaridade: o anterior e o em vigor. Isso justifica-se por avaliarmos defasagem quanto à aprendizagem dos conteúdos curriculares pelos alunos em 2020, decorrente da suspensão das atividades escolares presenciais durante aquele ano em função da pandemia da COVID-19. Dessa forma, para exemplificar, as apostilas destinadas ao oitavo ano, precisavam contemplar conteúdos do sétimo e do oitavo e as do nono ano, deveriam abordar os do oitavo e do nono.

No lugar de professor de História da E. M. Santa Luzia e participante da experiência curricular de inclusão da história dos surdos aos conteúdos da disciplina, já vinha inserindo, desde a Apostila n.º 2, textos e questões sobre essa temática tanto para o oitavo quanto para o nono ano (séries das minhas turmas). As temáticas abordadas nas apostilas foram apresentadas em vídeos por mim, também responsável pelo trabalho de edição. Com a colaboração dos TILSPs da escola, foram adicionados aos vídeos janelas de interpretação em Libras. Esses vídeos foram disponibilizados nas salas virtuais das turmas no aplicativo *Google Classroom*, criado e mantido pela escola. Posteriormente, o professor Carlos também construiu uma apostila nesses moldes para suas turmas do sexto ano de escolaridade, apresentando aspectos da história dos surdos na Antiguidade. Importante ressaltar que a história dos surdos não foi tratada de modo isolado nessas apostilas, mas sempre relacionada ao tema principal de cada uma delas. No quadro a seguir, apresento os assuntos expostos nas apostilas por ano de escolaridade (QUADRO 6).

<b>QUADRO 6 – TEMÁTICAS DAS APOSTILAS (6º, 8º &amp; 9º ANO)</b>			
<b>ANO DE ESCOLARIDADE</b>	<b>APOSTILA</b>	<b>TEMA(S) PRINCIPAL(IS)</b>	<b>TEMA(S) RELACIONADO(S) À HISTÓRIA DOS SURDOS</b>
<b>6º</b>	VI (4º Bimestre) <sup>66</sup>	Civilizações da Antiguidade: hebraica, grega e romana	A história dos surdos na Antiguidade
<b>8º</b>	I (1º Bimestre)	Apostila diagnóstica	Não abordado
	II (1º Bimestre)	Idade Média	Os surdos na Idade Média

<sup>66</sup> A temática da história dos surdos não foi abordada nas apostilas anteriores destinadas ao sexto ano de escolaridade.

	III (1º Bimestre)	Renascimento	Os surdos no Renascimento
	IV (2º Bimestre)	Expansão Marítima Europeia; Povos Indígenas da América	A Língua de Sinais Ka'apor
	V (3º Bimestre)	Revolução Industrial; Iluminismo	Os surdos e a invenção do telefone; a primeira escola pública para surdos
	VI (4º Bimestre)	Processo de Independência do Brasil; Período Imperial	Personagens surdos do século XIX: Ferdinand Berthier, Eduard Huet e Flausino Gama
9º	I (1º Bimestre)	Apostila diagnóstica	Não abordado
	II (1º Bimestre)	Revolução Industrial	Os surdos e a invenção do telefone
	III (1º Bimestre)	Iluminismo	A primeira escola pública para surdos
	IV (2º Bimestre)	Processo de Independência do Brasil; Período Imperial	A criação do INES
	V (3º Bimestre)	Guerras Mundiais; Nazifascismo; Guerra Fria; a luta pela paz e por direitos	Os surdos na Alemanha nazista; a mobilização dos surdos; a greve na Universidade Gallaudet
	VI (4º Bimestre)	Brasil República	Fundação da FENEIS; a lei de Libras e a mobilização pelas escolas bilíngues

Fonte: produzido pelo autor.

A ausência do 7º ano no quadro justifica-se pelo fato da professora Ana, responsável pelas turmas dessa série, que não abordou nenhum conteúdo relacionado à história dos surdos em suas apostilas.

### 3.6.2.2 Semana dos Surdos

Além das apostilas, outra ação que se notabilizou no projeto foi a realização do evento Semana dos Surdos, com recorte temático na história dos surdos, extrapolando o ensino de História para além da aula dessa disciplina, sensibilizando e mobilizando a comunidade escolar em torno do tema desta pesquisa. Como já colocado anteriormente, a Semana dos Surdos foi proposta nos encontros realizados com os profissionais participantes da pesquisa, durante a etapa da Construção. De fato, trata-se do resgate de um evento que costumava ser realizado anualmente na E. M. Santa Luzia, no mês de setembro. Seus principais objetivos eram destacar e valorizar os educandos surdos da escola, por meio de uma série de atividades de lazer e cultura específicas para esse grupo, além de contribuir para a formação continuada

dos profissionais da escola no que tange à educação de surdos, com a oferta de palestras de especialistas convidados. A Semana dos Surdos vinha ocorrendo com uma periodicidade irregular nos últimos anos e deixou de acontecer em 2020, devido às restrições impostas pela pandemia da COVID-19 às atividades escolares. Julgamos oportuno à nossa experiência curricular, realizar novamente esse evento, considerando ainda a efeméride dos vinte anos da inclusão de alunos surdos nos Anos Finais do Ensino Fundamental na E. M. Santa Luzia, em 2021.

A Semana dos Surdos 2021 começou a tomar forma no mês de julho de 2021, quando se estabeleceu uma comissão organizadora, composta por integrantes da equipe diretiva da escola, professores das classes de surdos e do AEE de surdos, uma TILSP, um profissional surdo (instrutor de Libras) e por mim, representando os demais professores. Nossas trocas se deram remotamente, por meio de reuniões virtuais ou pelo aplicativo *WhatsApp*, no qual criamos um grupo específico para a organização do evento. Nem sempre ocorreu a participação efetiva de todos os envolvidos na comissão organizadora. A fim de divulgar a Semana dos Surdos, criamos materiais como folder e cartazes, compartilhados com a comunidade escolar pelo já referido *WhatsApp* e pelas redes sociais da E. M. Santa Luzia (IMAGEM 15).



IMAGEM 15 – Divulgação da Semana dos Surdos 2021. Fonte: acervo do autor.

O mês escolhido para a realização da Semana dos Surdos foi setembro, marcado por importantes acontecimentos relacionados à história dos surdos, como a fundação do INES (26/09/1857) e o Congresso de Milão (06-11/09/1880). Também

são comemorados em setembro a Semana Internacional dos Surdos (20-26)<sup>67</sup>, o Dia Internacional da Língua de Sinais (23), o Dia Nacional do Surdo (26), o Dia Internacional do Surdo e do Profissional Tradutor e Intérprete (30). Dadas essas efemérides e celebrações, a comunidade surda costuma realizar uma série de ações voltadas para a visibilidade das pessoas surdas, suas conquistas históricas, desafios e demandas, sendo denominado Setembro Surdo ou Setembro Azul (cor símbolo da surdez).<sup>68</sup> Dessa forma, a Semana dos Surdos 2021 da E. M. Santa Luzia foi agendada para o período compreendido entre 27 de setembro e 1º de outubro daquele ano.

Por estarmos ainda em contexto pandêmico, sob protocolos que exigiam distanciamento social, e considerando ainda a possibilidade de alcançarmos nossos alunos que se encontravam no ensino remoto, bem como um público mais amplo, optamos por um formato híbrido para a Semana dos Surdos, com ênfase nas atividades remotas. Assim, o evento foi composto por cinco atividades principais: quatro *lives*, com transmissão pela página do *Facebook* da escola (<https://www.facebook.com/Emsantaluziadc>), entre os dias 27 e 30 de setembro de 2021, e uma atividade presencial na escola, em 1º de outubro de 2021, exclusiva para alunos surdos. Nessa última, os estudantes participaram de oficinas de Libras, de dança e de maquiagem artística cujos dinamizadores foram ex-alunos surdos ou profissionais surdos da escola.

Quanto às *lives*, foram exibidas, uma a cada dia, na faixa das 18h às 19h30min, sendo geradas pelo programa *StreamYard*, que funciona como uma espécie de estúdio virtual de gravação e com o qual já estávamos familiarizados dada a experiência de outro evento remoto realizado anteriormente pela escola, a Semana do Estudante (31/08-04/09/2020). A *live* de abertura, no dia 27 de setembro, teve como tema a história da inclusão de surdos na E. M. Santa Luzia. Foram palestrantes as ex-professoras da escola Simone Maria Pereira e Ilma Gonçalves, pioneiras na educação de surdos na UE, e Davi Lima, um dos primeiros alunos surdos da escola, primeiro incluído em turmas dos Anos Finais (2001) e, posteriormente, assistente educacional nas classes de surdos. Os convidados narraram o que vivenciaram nos

---

<sup>67</sup> A Semana Internacional dos Surdos foi instituída pela Federação Mundial dos Surdos, em 1958. A data tem como objetivo conscientizar as sociedades a respeito da língua, da história, da cultura e da educação dos surdos (SILVA et al., s.d.).

<sup>68</sup> Sobre a associação entre a cor azul e a surdez, ver Capítulo II.

primeiros tempos da inclusão de surdos na E. M. Santa Luzia, com destaque para os depoimentos da professora Ilma, que buscava relacionar os acontecimentos locais às políticas educacionais voltadas aos surdos, e de Davi, que destacou a importância da escola tanto para o seu aprendizado como para a constituição de sua identidade surda. A *live* foi mediada pela professora das classes de surdos Simone D'Ávila Almeida, doutora em Educação pela UFRJ, e contou com a interpretação em Libras das TILSPs da escola Lua Costa e Monique Evelyn. Foi visualizada por 1400 pessoas, com 370 interações, entre curtidas, comentários e compartilhamentos. Além da presença da comunidade escolar entre o público, a *live* também foi assistida por integrantes do GPeSS, que utilizaram o horário de sua reunião para prestigiar o evento, contribuindo significativamente para o debate com os palestrantes por meio de perguntas deixadas nos comentários da postagem.

A segunda *live*, realizada no dia 28 de setembro, teve como tema as memórias de ex-alunos surdos da escola. Os palestrantes convidados foram Augusto Machado (estudou na escola do quinto ao oitavo ano, posteriormente retornando como assistente educacional de alunos surdos; graduado em pedagogia pelo Departamento de Ensino Superior do INES, pós-graduado pela mesma instituição e mestrando em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense - UFF), Danielle Santos (iniciou na escola com 7 anos, na primeira série das classes especiais; cursou Letras-Libras na UFRJ, sendo monitora do projeto Cursos de Línguas Abertas à Comunidade – CLAC/UFRJ) e José Acácio (iniciou seus estudos na escola aos 17 anos, participando de um projeto de "aceleração", logo destacando-se academicamente; desconhecia Libras; atua como missionário de uma denominação religiosa cristã). Além de narrarem suas trajetórias acadêmicas e profissionais, relataram os desafios enfrentados e destacaram a excelência e a importância do trabalho realizado pelos professores da escola em suas vidas. Seus depoimentos produziram reações admiradas de surdos que interagiam nos comentários. A mediadora dessa *live* foi Joseane Trugilho, professora do AEE e implementadora da educação de surdos na rede, que fora docente desses ex-alunos. A interpretação em Libras e voz em Língua Portuguesa ficou a cargo dos TILSPs Matheus Augusto e Rubem Fernandes. A *live* teve 820 visualizações e 203 interações.

Deslocando-se de uma perspectiva mais memorialística e voltada à história local que marcaram as primeiras *lives* da Semana dos Surdos, a palestra do terceiro dia dedicou-se a uma visão mais macro da história dos surdos. Realizada em 29 de

setembro, essa *live* teve como tema a história dos surdos no Brasil e no mundo, com foco na história da educação de surdos, sendo ministrada pelo professor paraense Ernesto Padovani Netto, mestre pelo ProfHistória, sendo um dos mais prolíficos pesquisadores no campo do ensino de História para surdos, como visto no capítulo anterior desta tese. A participação do professor Padovani no evento só foi possível por ter sido realizada remotamente, com o uso da internet e de tecnologias digitais. O eixo da apresentação foi o debate entre os métodos educacionais para surdos que se configuraram a partir do século XVIII: o Método Combinado (com uso de língua de sinais) e o Método Oral Puro, já explicados no Capítulo II. A história da educação de surdos no Brasil, ganhou bastante destaque na palestra do professor Padovani, que fez a sua exposição de modo claro e acessível a um público não iniciado na temática, utilizando-se cuidadosamente de diferentes fontes, sobretudo visuais, para tecer sua narrativa. Fotografias antigas de métodos de ensino voltados à aquisição da fala causaram espanto e indignação em comentários de surdos. Tive a honra de ser o mediador dessa *live*, que obteve mais de 660 visualizações e 162 interações. A interpretação em Libras foi feita pela dupla de TILSPs Lua Costa e Matheus Augusto.

A sequência de *lives* se encerrou em 30 de setembro, com uma apresentação da professora Simone D'Ávila Almeida intitulada "Enxergando o mundo através de suas mãos". A proposta original para essa *live* contemplaria a dimensão formativa do evento, com a oferta de uma palestra de formação continuada sobre o ensino para alunos surdos autistas. Embora de temática distinta das demais *lives*, cobria uma demanda que se fazia urgente na escola, uma vez que possuía alunos com esse perfil, gerando dúvidas e insegurança dos docentes. Como a palestrante convidada acabou por declinar do convite, a comissão organizadora optou por uma apresentação feita por um profissional pesquisador da própria UE, chegando ao nome da professora Simone Almeida, então recém-doutorada. Em sua palestra, de caráter memorialístico e com grande carga emocional, a docente apresentou sua própria trajetória na educação de surdos, destacando o quanto esses sujeitos transformaram sua carreira docente e acadêmica. Essa *live* foi mediada novamente pela professora Joseane Trugilho e interpretada pelos TILPs Monique Evelyn, Priscila Nascimento e Rubem Fernandes, contando com 1200 visualizações e 246 interações, sendo uma das mais populares do evento.

As *lives* foram acompanhadas por professores, funcionários, alunos, e responsáveis da escola, além de convidados, como os integrantes do GEPeSS e

implementadoras da Coordenadoria de Educação Especial da SME-Caxias. Como ocorreram no horário do turno da noite, alguns professores se mobilizaram para que os estudantes da EJA presentes na escola pudessem acompanhar o evento, transmitindo-o durante suas aulas. As falas dos palestrantes e a interação ocorrida pelos comentários feitos na página do *Facebook* da escola durante a Semana dos Surdos se constituíram em interessantes fontes para análise, delas emergindo questões como a formação de professores em serviço, o diálogo entre a escola e a universidade, a reação dos estudantes surdos aos depoimentos dos ex-alunos, entre outras, analisadas na etapa seguinte da pesquisa.

### **3.6.3 Reflexão**

Dentre os muitos desafios da pesquisa-ação está o risco de o pesquisador perder-se na ação em si e o trabalho, enquanto produção escrita da investigação, resultar em uma mera descrição. Gatti (2008) chama a atenção para a necessidade de se ir além da superfície e produzir sentidos ao processo desenvolvido. Ainda segundo a autora, em que pese o papel do pesquisador, a atribuição de sentidos às ações desenvolvidas não compete somente a ele, mas deve ser construída a partir de reflexões coletivas junto aos participantes da pesquisa. Dessa forma, os dois grupos de participantes desta pesquisa – profissionais e alunos (surdos e ouvintes) – foram estimulados a refletir a respeito de suas ações e do projeto desenvolvido por meio de um questionário final de avaliação (um para cada grupo). Suas falas agregadas às minhas próprias considerações e confrontadas com o que dizem outros estudos, constituem-se na análise da experiência realizada que será tema do próximo capítulo.

## **CAPÍTULO IV – INCLUINDO OS SURDOS NA HISTÓRIA: RESULTADOS E REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA CURRICULAR**

Entre os meses de março e dezembro de 2021, por meio de um conjunto de atividades, a história dos surdos foi incluída aos conteúdos curriculares da disciplina História em turmas do sexto, oitavo e nono ano de escolaridade da Escola Municipal Santa Luzia (Duque de Caxias, RJ). Para além da sala de aula, presencial ou remota, essa temática acabou por mobilizar a comunidade escolar como um todo com a realização de um evento, a Semana dos Surdos. Essas ações foram planejadas e organizadas a partir de encontros regulares envolvendo os professores de História da unidade escolar, uma professora do AEE para alunos surdos e uma TILSP (a eles agregando-se algumas reuniões com integrantes da equipe diretiva da escola e outros profissionais mais diretamente envolvidos na educação de surdos). De modo a verificar os possíveis impactos da experiência entre esses profissionais e entre os educandos – surdos e ouvintes – foram utilizados questionários eletrônicos, respondidos por esses sujeitos no início e no final do processo. Dessa forma, ao longo de tais etapas, foram produzidos diversos documentos: gravações em vídeo dos encontros, materiais didáticos, respostas em formulários, postagens no *Facebook* da escola. Tais registros permitem não somente um registro dos fatos, mas uma possibilidade de reflexão sobre as ações desenvolvidas com potencial para contribuir aos estudos e práticas relacionados ao ensino de História para surdos e à educação inclusiva em geral.

Neste capítulo, a experiência curricular desenvolvida, seus desafios e repercussões serão discutidos a partir de cinco categorias: (1) Formação; (2) Acessibilidade; (3) Representatividade; (4) Consciência histórica; (5) Alteridade. Tais categorias emergiram da análise dos dados produzidos pela pesquisa empírica, examinados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2021). Seguindo essa técnica, apropriada a pesquisas de abordagem qualitativa, a análise desenvolveu-se em três etapas. Na primeira, denominada pela autora de Pré-Análise, reuni todas as fontes produzidas, assisti atentamente àquelas de natureza audiovisual, como as gravações dos encontros com os profissionais participantes da pesquisa e as *lives* da Semana dos Surdos, realizando anotações e transcrições de trechos que considere mais significativos. Todas as peças resultantes e as já disponíveis foram exaustivamente lidas. Na etapa seguinte, da Exploração do Material, passei à seleção

do *corpus* a ser analisado, escolhendo os dados mais significativos para a proposta desta tese e descartando o uso dos demais. Os dados selecionados foram organizados em unidades temáticas, considerando critérios como frequência de um assunto ou relação mais direta com as questões e objetivos da pesquisa. A partir daí foram estabelecidas as categorias de análise. Na etapa final, do Tratamento dos Resultados, as categorias constituem-se em eixos de análise, no qual construo e apresento minhas interpretações e inferências dos dados produzidos em diálogo com os referenciais teórico/conceituais, sobretudo aqueles oriundos das pesquisas no campo do ensino de História para surdos.

#### 4.1 FORMAÇÃO

Introduzir a história dos surdos como objeto de conhecimento nas aulas de História envolveu diversos desafios. O primeiro foi o engajamento à proposta. Das duas escolas convidadas a participar da pesquisa, os profissionais de somente uma delas aderiram. Há que se considerar, nesse caso, o contexto inóspito, de pandemia, no qual o estudo ocorreu. Considero que pesou também para a adesão o fato dos participantes já serem meus colegas de trabalho, o que pode ter gerado mais confiança. Desafio aceito, outros se impuseram. O *feedback* do questionário de sondagem, respondido pelos dois professores de História participantes, acabou por revelar dificuldades que iam além do desconhecimento desses docentes em relação à temática da história dos surdos (QUADRO 7).

<b>QUADRO 7 – Questionário de sondagem para professores (perguntas e respostas)</b>		
<b>Respondente</b>	<b>Professora Ana</b>	<b>Professor Carlos</b>
<b>Idade</b>	Entre 50 e 59 anos	Mais de 60 anos
<b>Tempo no magistério</b>	27 anos	28 anos
<b>Graduação (ano)</b>	Estudos Sociais (1994)	Licenciatura em História (1992)
<b>Pós-Graduação</b>	Especialização em História Social	Não possui
<b>Há quantos anos leciona para surdos?</b>	Entre 11 e 20	Entre 1 e 10
<b>Fez alguma formação continuada sobre inclusão e/ou surdez?</b>	Sim, oficina sobre inclusão (SME-Caxias)	Não
<b>Descreva em uma frase o seu conhecimento e uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras)</b>	Conhecimento quase nulo	Não tenho conhecimento nenhum
<b>Você faz uso de metodologia(s) de ensino diferenciadas ao lecionar em turmas com alunos surdos?</b>	Sim	Não

<b>Conhece a história dos surdos?</b>	Não	Não
<b>Conhece algum personagem histórico surdo?</b>	Sim	Sim
<b>Que tipo de subsídios você necessita para juntos construirmos um currículo diferenciado que inclua a história dos surdos?</b>	Leituras sobre educação de surdos, leituras sobre a história dos surdos, sugestões de metodologias e estratégias didáticas para o trabalho com alunos surdos	Leituras sobre educação de surdos, leituras sobre a história dos surdos

Fonte: produção do autor.

As respostas apresentadas permitem estabelecer um perfil destes professores de História participantes. Ambos têm mais de 50 anos de idade e estão há quase três décadas no magistério, portanto, possuindo bastante experiência e já encerrando suas carreiras. Atuam em classes com alunos surdos incluídos há pelo menos um terço desse tempo. Apesar disso, informam total desconhecimento quanto à Libras – o que soa desconcertante, considerando tanto tempo de convivência com surdos – e à história dos surdos, embora aleguem conhecer personagens históricos surdos (em suas falas, revelam ser Beethoven). Apenas Ana, a mais experiente como docente de surdos, alega fazer uso de metodologias de ensino diferenciadas, que posteriormente identificou como a utilização de textos mais resumidos. As respostas diferentes dadas por Ana e Carlos a essa questão parecem se relacionar com outra: apenas ela afirma ter formação continuada sobre a temática da inclusão, uma oficina oferecida pela SME-Caxias. Contraditoriamente, Carlos não assinalou a opção “Sugestões de metodologias e estratégias didáticas para o trabalho com alunos surdos” quando solicitados a indicar demandas para participação na experiência curricular proposta. Os dois assinalaram a necessidade de leituras sobre a educação e a história dos surdos.

Caimi (2015), em resposta aos desafios contemporâneos enfrentados pelos professores de História, postula três conjuntos de saberes necessários à prática desses docentes: saberes a ensinar, saberes para ensinar e saberes do aprender. Em síntese, saberes a ensinar se referem aos conhecimentos acadêmicos típicos da disciplina, tais como conteúdos, conceitos e historiografia. Os saberes para ensinar dizem respeito aos conhecimentos pedagógicos e ao domínio de metodologias e estratégias capazes de mobilizar intelectualmente os educandos. Já os saberes do aprender são os conhecimentos sobre os próprios alunos e os processos cognitivos que os levam a aprender. Nesse sentido, ao considerar o objetivo principal desta pesquisa de introduzir a história dos surdos no ensino de História, os professores Ana

e Carlos desconheciam os saberes específicos a ensinar, o que já era previsível, levando em conta a invisibilidade da história dos surdos na historiografia, conforme já tratado no Capítulo II. Contudo, os docentes também demonstraram desconhecer os saberes para ensinar e os saberes do aprender necessários ao ensino de alunos surdos, ou seja, como ensinar a esses estudantes de modo a atender às suas especificidades. Portanto, fez-se necessário que a primeira etapa da pesquisa fosse voltada à formação dos professores de História participantes.

É preciso que se diga que esse déficit em relação à formação dos professores de História no que diz respeito ao ensino para alunos surdos não se trata de uma particularidade do lócus da pesquisa. Em relação à formação inicial, entendida como aquela realizada no âmbito da graduação, são constantes os relatos feitos em pesquisas nos quais professores de História, de diversas regiões do Brasil, afirmam não possuir conhecimentos específicos ou sentirem-se incapacitados para a docência com alunos surdos (TEZOLIN, 2014; CUNHA, 2018; OLIVEIRA, 2018; PERALES, 2018; SANTOS, 2018b; SOTORIVA, 2021; PAIXÃO, 2022). Quanto à formação continuada, atividades formais e informais relacionadas ao desenvolvimento profissional, o quadro também é desanimador: quando não faltam cursos ou eventos, faltam recursos ou tempo disponível aos docentes. Contudo, é justamente na formação continuada que reside a possibilidade de preencher as lacunas de uma educação inicial deficitária quanto ao ensino de História para surdos e atender às demandas exigidas pelo trabalho com esses educandos.

Em uma perspectiva de formação continuada, a pesquisa que resulta nesta tese desdobrou-se em ações iniciais que buscaram oferecer aos professores de História subsídios para que pudessem não apenas serem iniciados na história dos surdos como também em meios apropriados para realizarem a mediação desse saber junto aos estudantes. Dessa forma, os encontros remotos iniciais entre os profissionais participantes da pesquisa foram planejados de modo a assumirem um caráter formativo. Destacaram-se o segundo encontro, no qual realizei uma apresentação sobre aspectos gerais da história dos surdos, e o terceiro, inserido no curso *Surdez: Comunicação, Educação e Inclusão*, do GEPeSS, onde abordei diretrizes e estratégias pedagógicas. Também encaminhei aos profissionais participantes materiais de estudo, dentre os quais o caderno de orientações e sugestões que desenvolvi no âmbito do ProfHistória (SANTOS, 2018b).

No que diz respeito ao meu papel quanto à dimensão formativa da pesquisa, coube a mim atuar também como mediador do conhecimento entre meus pares, uma vez que já domino saberes em relação à educação de surdos ainda desconhecidos por eles. Contudo, não estive só nesta tarefa, contando com as contribuições das demais profissionais participantes, a professora do AEE para surdos Teresa e a TILSP Carolina. Teresa trouxe o seu conhecimento especializado e a sua experiência como professora de surdos, enquanto Carolina a sua vivência profissional e pessoal junto à comunidade surda (além de casada com um surdo, ex-aluno da escola, é Testemunha de Jeová, mesmo segmento religioso de diversos alunos surdos e outros intérpretes da UE).

Além de cruciais à construção das ações decorrentes da pesquisa, contribuindo com saberes e perspectivas diferenciados, a participação de Teresa e Carolina sinaliza ainda para um importante fundamento da educação de surdos: a codocência. Esse conceito, desenvolvido por alguns participantes do GEPeSS (KELMAN, 2005; COSTA; KELMAN, 2018), se relaciona ao trabalho compartilhado entre o professor regente e o professor/intérprete de Libras, os quais, envolvidos e comprometidos, se tornam corresponsáveis pela aula, trabalhando juntos desde o planejamento até a execução da mesma, dessa forma trazendo avanços qualitativos ao processo ensino-aprendizagem de alunos surdos. Ao ponderar sobre as dificuldades indicadas pelos professores de História torna-se indispensável a troca e o diálogo constante não somente entre regentes e TILSPs, mas a eles agregando os demais profissionais envolvidos na educação de surdos, sem circunscrever-se à sala de aula, no que poderíamos chamar de codocência ampliada. É nessa relação que também se dá a formação continuada.

Formar, planejar, construir, desenvolver um projeto na educação de surdos requer parcerias, inclusive com outros professores e com gestores, considerando as possibilidades de interdisciplinaridade, da organização de reuniões e eventos, da cessão de espaços, da oferta de materiais, entre outros. É preciso, pois, que a escola abrace tais iniciativas, bem como as ações cotidianas. Porém, as demandas não se esgotam aqui. Esse abraço, precisa ir mais além. Deve ser dado pelas redes de ensino. Ana e Carlos, por exemplo, justificam seu desconhecimento em Libras pela ausência da oferta de curso específico pela prefeitura compatível com suas cargas horárias. Eu mesmo precisei buscar essa formação fora de meu horário de trabalho e a expensa própria, reconhecendo que isto precariza minha condição de trabalhador

da educação. O fator tempo foi mencionado por mais de um profissional participante da pesquisa como uma dificuldade para o seu envolvimento, conforme informaram no questionário de avaliação (QUADRO 8). Cabe destacar ainda que as reuniões de construção do projeto só foram possíveis por terem ocorrido fora do horário de trabalho, subtraindo o tempo de seus participantes que seria dedicado à família, ao descanso ou ao lazer. Ressaltando que o cumprimento do 1/3 da carga horária de trabalho docente para planejamento pelas redes de ensino, conforme determinado pela Lei 11.738 (BRASIL, 2008), ainda não respeitado na rede onde ocorreu a pesquisa, seria de grande contribuição e fomento à formação dos professores.

<b>QUADRO 8 – Questionário de avaliação para profissionais participantes (perguntas e respostas)</b>				
<b>Respondente</b>	<b>Prof.<sup>a</sup> Ana</b>	<b>TILSP Carolina</b>	<b>Prof. Carlos</b>	<b>AEE Teresa</b>
<b>Qual foi a sua participação no projeto? Descreva como ela ocorreu.</b>	Quase nula <sup>69</sup>	Particpei como colaboradora por ser intérprete de Libras e casada com surdo. As experiências profissionais e a visão de como o surdo vê o mundo.	A minha participação foi um tanto discreta, pois não conhecia, até superficialmente, a História dos Surdos. No entanto, graças a competência dos colegas envolvidos no projeto, consegui sair melhor do que entrei. Aprendendo a importância dos surdos na História, desde os seus primórdios.	Particpei nas reuniões junto com os professores e Intérpretes. Encontro online para tratar da temática da presença dos surdos na história. Pudemos conversar um pouco falando de nossas experiências e aprendendo um pouco sobre a história e os surdos.
<b>Quais dificuldades você encontrou para participar do projeto?</b>	A falta de tempo, pois estava muito atolada de trabalho e não consegui acessar o material disponibilizado pra trabalhar no projeto.	Nossos horários rrsrs, mas conseguimos	-Desconhecer a História dos Surdos em todos os períodos históricos; Por não dominar a LIBRA, não pude descrever algumas situações ocorridas em sala de aula; O que só enriqueceria o projeto.	Muita dificuldade com tempo. Dias corridos e muitos compromissos dificultaram mais encontro.
<b>Você abordou a história dos surdos nas</b>	Não	Não.	Sim. Abordei a História dos surdos na	Infelizmente não. Apenas reforcei os conteúdos que os

<sup>69</sup> As respostas apresentadas neste e nos demais questionários são cópias literais daquelas apresentadas pelos respondentes nos formulários eletrônicos.

<b>apostilas ou outros materiais oferecidos aos alunos? Em caso positivo, descreva a abordagem.</b>			Antiguidade, através das apostilas. Tanto os alunos surdos, como os ouvintes receberam as informações básicas da História dos Surdos	professores trabalharam nas aulas Sou professora de AEE de Surdos.
<b>Você trabalhou a história dos surdos em sala de aula? Em caso positivo, descreva detalhadamente como ocorreu esse trabalho.</b>	Não	Não estou em sala de aula no momento.	Sim. Notei uma boa aceitação por parte dos alunos presentes. O trabalho apenas se deu em uma semana. Pois já estava no final do ano letivo.	Sim, mas não com produção minha. Aproveitei material do professor de história, e reforcei alguns conceitos. Solicitei que assistissem a filmes com a temática dos surdos. Trabalhei leitura e interpretação de textos com o texto das aulas de história.
<b>Caso não tenha abordado a história dos surdos, seja nos materiais didáticos, seja durante as aulas, explique os motivos.</b>	O fato de não ter conseguido me apropriar do material e não consegui dar conta das demandas que tive no ano passado	Não estou em sala de aula no momento	EM BRANCO	Abordei como reforço, porém as demandas do AEE são específicas e o tempo de atendimento aos alunos é reduzido. Há um planejamento a seguir com base no desenvolvimento de habilidades e competências, inclui os conceitos trabalhados na classe regular, mas prioriza o desenvolvimento linguístico do aluno surdo.
<b>De que maneira os alunos surdos reagiram quando você tratou da história dos surdos? Se possível, relate episódios ocorridos em sala de aula.</b>	EM BRANCO	EM BRANCO	Reagiram de forma positiva e foram motivados pelo intérprete Matheus.	Não demonstraram muito envolvimento diferente de outros momentos da aula Mas como são participativos nas aulas do AEE se envolvem de igual modo com qualquer temática. Porém, um aluno especial, [cita o nome], demonstrou muita autonomia

				com relação aos conteúdos de história. Relata que o trabalho é "fácil" para ele. Esse fácil, acredito ser o termo usado quando ele está seguro quanto aquele conhecimento
<b>De que maneira os alunos ouvintes reagiram quando você tratou da história dos surdos? Se possível, relate episódios ocorridos em sala de aula.</b>	EM BRANCO	EM BRANCO	Os alunos ouvintes acharam interessante a História dos Surdos, pois eles desconheciam a História dos Surdos. A princípio, não lembro de nenhum fato marcante ocorrido em sala de aula.	Trabalho apenas com surdos no AEE
<b>Você considera que participar do projeto foi importante para a sua formação continuada (em serviço)? Explique.</b>	Sim, a minha participação, embora, tenha sido efetiva apenas nos encontros virtuais, ele contribuiu para um novo olhar e também foi apresentado metodologias muito boas, para o ensino dos alunos surdos	Sim. Além de aprender mais, poder contribuir foi uma experiência nova e enriquecedora	Evidentemente que sim. Mas tenho ainda que aprender com vocês.	Sim, com certeza. Todo conhecimento adquirido é muito importante na trabalho de um professor. Esse projeto trouxe um olhar mais atento a história. Buscar os surdos na história traz questionamento de que os nomes que fizeram a história não são apenas aqueles que são citados nos livros. E apresentar ao surdos sua história pelas experiências de outros Surdos é inovador.
<b>Você considera que as ações iniciadas com o projeto devem ser continuadas ou até ampliadas? Justifique.</b>	Sim, por conta das atualizações, dos encontros e novas propostas apresentadas.	Sim. Aumentar e difundir essa história é muito importante	Devem ser continuadas por enquanto. A fim de que possamos amarrar melhor os nossos objetivos.	Sim, acredito que seria bom envolver mais professores da escola. Independente da disciplina, acho importante trazer esse olhar numa escola que apesar de muitas dificuldades é uma unidade de referência em

				educação de surdos.
<b>Em caso positivo à questão anterior, de que maneira o projeto pode ser continuado? Cite ações que devem ser mantidas ou realizadas.</b>	Os encontros, quanto a história dos surdos ainda estou perdida, na continuação, vou me inteirar, para participar efetivamente do projeto	Por exemplo, como estão hoje surdos ex-alunos. Ou trazer vivência de surdos que hoje se formaram, se são professores ou atuam em outras áreas	Por eu não ter amarrado melhor os objetivos, me impede de sugerir algumas ações. Peço desculpas.	Cartilha sobre o tema para os professores trabalharem em sala utilizando a interdisciplinaridade dos conteúdos. Um grupo de estudos que pudesse ter um momento para expor esse tema. Organizar um evento de cine debate com filmes de surdos.
<b>Você considera que é necessário construirmos um documento curricular específico para o ensino de História em turmas com alunos surdos? Justifique.</b>	Acho válido, isso e Ita que esteja pecando ou pelo excesso ou pela falta	Sim. Ajuda os outros professores que não têm ainda experiência com esse público	Sim. Pois ajudaria ainda mais a integração entre alunos surdos e ouvintes.	Não apenas em turmas com alunos Surdos, todos os alunos se beneficiariam desse currículo. Aliás sei que o projeto é sobre surdos, mas acredito que futuramente poderíamos incluir outras pessoas com deficiência nesse contexto.
<b>Em caso positivo à questão anterior, quais são os elementos que devem compor o currículo para o ensino de História para surdos, considerando a inclusão da história dos surdos?</b>	O documento, além do currículo mínimo, a gente poderia também construir um material de trabalho para os surdos	Além do visual(imagens), incluir essa história no conteúdo pode despertar o interesse deles.	Cidadania, saúde, abordagem das questões sociais, ecologia, etc..	Não sei dizer.
<b>De um modo geral, como você avalia o projeto e o seu desenvolvimento?</b>	A partir do que eu participei, eu gostei muito	Maravilhoso.	Foi muito proveitoso. E parabéns, professor Paulo, pela bela iniciativa.	Ótima oportunidade de aprendizado para mim, acredito que se tivéssemos tempo teria sido mais proveitoso.

Fonte: produção do autor.

Após o fim do ano letivo de 2021 e uma vez frustradas todas as tentativas de realizarmos um último encontro, justamente por incompatibilidade de horário disponível em comum, todos os profissionais participantes foram convidados a responderem a um último questionário por meio eletrônico, de modo a poderem avaliar

o projeto e suas participações. Confirmando o que já havia observado nos encontros remotos, o envolvimento no projeto foi bastante distinto. A TILSP Carolina contribuiu com subsídios aos debates realizados em nossas reuniões, mas pouco pôde auxiliar na implementação das ações, uma vez que, no decorrer da pesquisa sua lotação foi transferida. A AEE Teresa foi a mais engajada, oferecendo sua expertise nos encontros mais diretamente voltados à formação e no processo de construção das apostilas, para o qual também concorreu o retorno que trazia dos alunos surdos. Além disso, ofereceu o suporte das atividades da Sala de Recursos e foi extremamente ativa na organização da Semana dos Surdos. Sem qualquer demérito, o engajamento de Teresa já era esperado, uma vez que o seu papel como profissional é dedicar-se exclusivamente à educação de surdos.

Considero a participação do professor Carlos como aquela que mais se destacou. Carlos começou silencioso, pouco falando nos primeiros encontros da pesquisa. Alegava ser um ignorante em relação à educação de surdos e que estava ali para aprender. Aos poucos, Carlos foi se engajando mais ativamente, o que culminou na construção de uma apostila com uma seção dedicada à história dos surdos. Para essa realização, o professor apropriou-se do material oferecido aos participantes, em particular, meu caderno de orientações e sugestões (SANTOS, 2018b). Também buscou o suporte dos professores do AEE da escola, com os quais já estava em diálogo para a produção de apostilas acessíveis. O caso dele assemelha-se àqueles relatados por Perales (2018) e Paixão (2022), nos quais, a partir de pesquisas que resultaram em intervenções pedagógicas, professoras perceberam sua ignorância quanto aos saberes envolvidos no ensino de alunos surdos e buscaram reconstruir suas práticas. O projeto, em seu viés formativo, possibilitou a Carlos um contexto para que pudesse refletir sobre o seu fazer docente, reconhecendo suas carências e se mobilizando para superá-las.

Por outro lado, a professora Ana pouco se envolveu efetivamente com o projeto, conforme ela mesma reconhece ao avaliar a sua participação. De fato, essa professora esteve presente em todos os encontros realizados durante o primeiro semestre, ausentando-se apenas nos dois últimos (QUADRO 5). Em uma postura mais passiva nas reuniões voltadas especificamente à formação, foi bastante eloquente no quarto encontro, quando iniciamos o planejamento das ações desenvolvidas, contribuindo com diversas sugestões e trazendo à tona memórias do início do processo de inclusão de alunos surdos na escola, o qual pôde presenciar.

No entanto, acabou por não desenvolver nenhuma ação para o ensino da história dos surdos, justificando-se na falta de tempo para dar conta de diferentes outras demandas. Não há motivos para dúvidas quanto a essas alegações, mas uma de suas falas durante o quarto encontro remoto parece apontar para uma possível razão oculta:

A minha dificuldade sempre foi trabalhar com os alunos especiais, não só os surdos. Os surdos é mais fácil porque eles têm um suporte melhor, entendeu? Um suporte melhor. E quando eu penso sempre nessa questão da história dos surdos, eu acho que a gente vai ter que trabalhar na construção. Na construção do próprio histórico do Santa Luzia. Porque isso sempre foi tão apagado, o aluno especial sempre foi tão apagado na História, ele sempre foi colocado de lado.  
(Professora Ana)

A professora reconhece o que chama de apagamento dos surdos da História e a necessidade de se construírem ações para reverter esse quadro, inclusive já apresentando uma proposta (que não foi posteriormente retomada). Contudo, Ana admite sua dificuldade em trabalhar com “alunos especiais”. No caso dos surdos, alega que o trabalho seria mais fácil, por haver um suporte não existente em relação aos demais. Em outro momento, afirmou também que outra diferença importante seria o fato dos surdos não terem comprometimento cognitivo, caso de alunos com deficiências intelectuais e transtornos do desenvolvimento. Ora, essa avaliação traz consigo uma cilada, pois pode deixar o professor em uma zona de conforto em relação aos surdos, acreditando não ser tão necessário deslocar-se de seu *habitus* pois o “suporte” (TILSPs, AEE) já seria suficiente.

Além dos encontros remotos que possibilitaram a troca de informações e a reflexão docente, a Semana dos Surdos também cumpriu um papel enquanto formação docente. De um modo mais formal, resgatando o próprio caráter formativo que levou à criação do evento, com a oferta de palestras sobre temas relacionados à educação de surdos. Dessa vez, com foco na temática da história desses sujeitos, em um nível macro – a história da educação de surdos, com a *live* do professor Ernesto Padovani – e em um nível micro – a história da educação e da inclusão de surdos na E. M. Santa Luzia, por meio das demais *lives*. Para além do compartilhamento de memórias e das informações históricas, a formação docente também se deu por outras dimensões. A primeira foi a dimensão do exemplo, como ocorreu na apresentação do professor Padovani, na qual utilizou como fio condutor de sua exposição um conjunto de fontes históricas, notadamente fotografias. Essa opção

didática mostrou-se muito bem-sucedida, tornando uma história complexa e ainda desconhecida, de fácil compreensão ao público bastante amplo para quem se dirigiu, notadamente os surdos, como é possível observar pelos comentários deixados na postagem da *live* no *Facebook*. Dessa forma, Padovani acabou por oferecer aos professores um modelo de abordagem que articula habilmente saberes a ensinar – a história dos surdos –, saberes para aprender – a pedagogia visual – e saberes do aprender – processos cognitivos alicerçados na visualidade.

A segunda dimensão foi a da inversão de papéis, que se deu quando os professores ouvintes puderam aprender com os ex-alunos surdos. Durante a *live* “Memórias de ex-alunos surdos da escola Santa Luzia”, os ex-estudantes da escola Augusto Machado e Danielle Santos destacaram seus professores marcantes (MONTEIRO, 2010), ou seja, aqueles docentes que, por razões específicas, tornam-se referenciais para seus alunos. No caso, o destaque foi dado às práticas desses professores que facilitavam a aprendizagem dos surdos. Augusto cita a professora de Língua Portuguesa, Quedima Soares, que era sinalizante em Libras, e a professora de Ciências Caterina Rizzo, que não sabia Libras, mas explicava por meio de desenhos feitos no quadro. Já Danielle faz referência a mim, citando a preocupação que eu demonstrava com os alunos surdos e minhas avaliações acessíveis. Importante ressaltar que não foi o domínio em Libras que tornou esses docentes marcantes para os surdos, mas o uso de estratégias diversificadas de ensino e avaliação capazes de contemplá-los. Convém assinalar também que não se trata apenas de memórias afetivas, mas de uma avaliação de caráter pedagógico, uma vez que esses ex-alunos possuem formação acadêmica no campo da Educação.

Ao avaliar a Semana dos Surdos, durante o último encontro remoto dos profissionais participantes da pesquisa, a AEE Teresa identifica nesses ex-alunos um retorno para o trabalho que desenvolvemos com eles. Dessa forma, ainda no jogo da inversão, seus depoimentos espelham a nós, os docentes, refletindo e provocando reflexões sobre nossas práticas, o que nem sempre é possível no calor e na correria do exercício do magistério. Assim, ao evocar uma espécie de micro-história dos surdos na escola, têm-se também uma possibilidade de formação pela reflexão.

Ao ser proposta, aceita pela equipe diretiva, organizada e voltada para a comunidade escolar, a Semana dos Surdos superou as próprias expectativas da pesquisa, inicialmente circunscrita às aulas da disciplina História. O evento foi mais além. Por ter sido realizado e disponibilizado por meios eletrônicos, com transmissão

pela rede social *Facebook*, a Semana dos Surdos chegou a um público bastante amplo, desde a comunidade da E. M. Santa Luzia (alunos surdos e ouvintes, professores, funcionários, equipe diretiva, responsáveis) até a comunidade acadêmica, com a participação ativa nos comentários de integrantes do GEPeSS e de professores do INES. Dessa forma, possibilitando uma interessante e importante troca entre o chão da escola e a academia. Também foram registradas presenças de representantes da SME-Caxias, ex-alunos e ex-professores da escola, assim como educadores de outras redes de ensino e unidades escolares. Viabilizou-se a possibilidade de termos palestrante de um outro estado do país (o professor Ernesto Padovani, com transmissão do Pará), o mesmo ocorrendo com o público, tendo as postagens sido visualizadas por pessoas de diferentes unidades da federação (destaque para Minas Gerais, Paraná e São Paulo) e até de outros países (destaque para Índia, Portugal e Tunísia). Pode-se afirmar dessa forma que as *lives* da Semana dos Surdos acabaram por se tornar aulas públicas, que promoveram a visibilidade da história dos surdos.

#### 4.2 ACESSIBILIDADE

Quando a pandemia da COVID-19 foi decretada pela OMS, em março de 2020, as aulas presenciais foram suspensas em todas as redes de ensino. Em Duque de Caxias, o retorno dos alunos às escolas da rede municipal só ocorreu a partir de fevereiro do ano seguinte. Ainda assim, de forma parcial, com a divisão de todas as turmas em pequenos grupos de alunos que frequentavam a escola semana sim, semana não, de modo a se evitar aglomerações e assegurar o distanciamento social exigido pelas normas sanitárias. Nem todos os alunos voltaram ao presencial, permanecendo durante parte ou até a totalidade do ano letivo de 2021 na modalidade remota, que lhes foi legalmente assegurada. Os estudantes surdos da escola só retornaram ao ensino presencial no segundo semestre.

A SME-Caxias estabeleceu o uso de apostilas como meio de oferta do ensino remoto. Importante destacar que, desde o início da pandemia, a SME delegou às suas unidades de ensino a organização e o provimento da modalidade remota de ensino. Sob o discurso da autonomia das unidades escolares, na prática, o poder público acabou por se eximir de responsabilidades. A capacitação dos profissionais para atuar no ensino remoto e a criação de apostilas e outros materiais didáticos específicos ficou a cargo das escolas e de seus profissionais. O acesso a conteúdos disponibilizados

pela internet coube às famílias dos alunos, em geral, digitalmente excluídas e já carentes de recursos financeiros (problema aprofundado com o aumento do desemprego).

Nesse contexto, propor a introdução de elementos da história dos surdos no ensino de História tornou-se ainda mais desafiador. Como ensinar tais saberes remotamente, com pouca ou nenhuma mediação, e de modo a possibilitar a aprendizagem autônoma dos mesmos? Impunha-se uma cuidadosa construção do material de estudos a ser encaminhado aos alunos. De fato, construir materiais para abordar a história dos surdos já era algo esperado e necessário, uma vez que aqueles disponíveis aos alunos, leia-se livros didáticos, não contemplam essa temática específica ou não o fazem adequadamente, conforme tratado no Capítulo II desta tese. Nesse sentido, a inadequação não passa apenas pela permanência de uma perspectiva que circunscreve os surdos à deficiência, mas também pela falta de atenção dos produtores desses materiais quanto à acessibilidade, conforme constatado por Silva (2020), que denuncia a dificuldade encontrada pelos alunos surdos para ler e entender os textos apresentados nos livros didáticos de História.

A acessibilidade é definida pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), como a:

possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2015)

No caso dos surdos, a acessibilidade diz respeito, sobretudo, ao estabelecimento de condições que possibilitem o acesso à comunicação e à informação. A questão da acessibilidade é frequente nos estudos sobre o ensino de História para surdos, os quais oferecem produtos e proposições no sentido de assegurar o seu direito a esses educandos. Padovani Netto (2018a) desenvolve um material visual com conteúdo histórico em Libras, disponibilizado ao público em canal do *YouTube* também criado pelo autor; Lima (2020) indica as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) como ferramentas para tornar o processo ensino-aprendizagem mais acessível e significativo aos surdos; já Paixão (2022) destaca o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), alertando, no entanto, que não se trata de uma utópica estratégia única para incluir todos os alunos, mas, ao contrário,

de uma diversificação pedagógica com potencial para possibilitar o acesso dos diferentes educandos em contextos de inclusão.

Dentre os meios destacados por Pletsch e Souza (2021) para garantir a acessibilidade para estudantes surdos estão a Libras e o uso de uma linguagem escrita simples. Em torno desses dois pilares constituiu-se o acesso de estudantes surdos aos conteúdos das apostilas de História. Todos os temas abordados nos textos das apostilas direcionadas ao oitavo e ao nono ano de escolaridade (QUADRO 6) foram apresentados por mim em vídeos, com a interpretação em Libras feita pelos TILSPs da escola (IMAGEM 16). Esses vídeos foram disponibilizados em salas virtuais do aplicativo *Google Sala de Aula* (*Google Classroom*), criadas por professores e pela equipe diretiva da escola.



IMAGEM 16 – Trecho de videoaula de História com acessibilidade em Libras.

Fonte: <https://youtu.be/0P3XdGjg-yQ>

Na imagem aqui destacada é possível vislumbrar o formato das videoaulas produzidas. Apesar da modificação de alguns elementos no decorrer do ano em função da busca pelo aperfeiçoamento da acessibilidade, os vídeos passaram a ter a tela dividida em dois campos. À esquerda, seguia uma gravação de narrativa oral da aula, por mim apresentada. Nesse mesmo campo alternavam-se imagens históricas que surgiam à medida que eram mencionados fatos, personagens ou conceitos a elas

relacionados. Essas imagens foram obtidas a partir de pesquisa criteriosa realizada pela internet. Seu uso justifica-se como meio de facilitar a aprendizagem dos estudantes surdos a partir da associação imagem-conteúdo, coadunando-se com pressupostos da pedagogia visual (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2014; LEBEDEFF, 2017).

O campo à direita dos vídeos era reservado à interpretação dos conteúdos em Libras pelos TILSPs da escola. Optou-se por uma janela de Libras dividindo a tela em proporções iguais ao restante da apresentação de modo a possibilitar uma melhor visualização pelos estudantes surdos. A janela de Libras é definida como um “espaço delimitado no vídeo onde as informações veiculadas na Língua Portuguesa são interpretadas para LIBRAS” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2005, p. 3). Seu tamanho e posicionamento devem seguir normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), ocupando, minimamente, a metade da altura e um quarto do canto inferior direito da tela (ABNT, 2005). A opção de janela de Libras adotada para a videoaula se justifica pela constatação de que aparelhos celulares/*smartphones* foram os suportes mais utilizado pelos alunos para acessarem conteúdos disponibilizados por meios eletrônicos.

O formato descrito permitiu a confluência da pedagogia visual e do bilinguismo, pilares da educação de surdos, conforme proposto por Lima (2020). Esse autor defende o uso das TDICs como ferramentas para a mediação de informações em Libras no ensino de História para surdos, com potencial para facilitar a aprendizagem desses educandos, o que se verificou em nossa experiência. Apesar da dificuldade para acessar materiais pela internet pelos alunos da E. M. Santa Luzia durante o período de isolamento social e aulas remotas (2020-2021), conforme pudemos observar, os alunos surdos conseguiram acessar os vídeos de História. Isso se constatou por comentários por eles deixados no *Google Sala de Aula* e pelo que a AEE Teresa informou durante nossos encontros. Por ter contato mais frequente com os estudantes surdos, por ela atendidos mesmo nos períodos de distanciamento social, as informações de Teresa constituíram-se em importante *feedback* para o trabalho desenvolvido. Ela afirmou que tanto os educandos como seus responsáveis alegaram ter sido mais fácil compreender os conteúdos das apostilas em função dos vídeos a eles associados.

Foram produzidos 11 vídeos, atualmente disponíveis em um de meus canais no *YouTube*, o qual pode ser acessado pelo endereço

<https://www.youtube.com/@prof.pauloassumpcao1545>. Para além da experiência e do contexto específico no qual foram criados, agregam-se aos materiais didáticos bilíngues (Libras-Língua Portuguesa) já desenvolvidos por outros professores/pesquisadores do campo do ensino de História para surdos, como Ernesto Padovani Netto e Jonata Lima, suprimindo-se uma carência detectada por esse último (LIMA, 2020).

No entanto, é preciso ressaltar que esses vídeos não abordaram especificamente a história dos surdos, tendo como foco principal temas mais abrangentes da História, como o processo de independência do Brasil, a Idade Média, os povos originários da América, entre outros. De fato, nos encontros de planejamento da pesquisa, propostas para a produção de vídeos específicos sobre a história dos surdos foram aventadas. Em uma delas, os professores de História fariam a narrativa em Libras, o que esbarrava na falta de domínio dessa língua por esses docentes. Em outra, a história dos surdos seria narrada pelo profissional surdo convidado a participar da pesquisa, uma possibilidade importante sob o ponto de vista da representatividade. Porém, devido ao seu afastamento da pesquisa, a ideia não se concretizou. Também foram fatores que inviabilizaram nossas propostas: a necessidade de produzir vídeos que tivessem curta duração, com conteúdos mais gerais e sintetizados, além da falta de disponibilidade dos TILSPs da escola, assoberbados com demandas de outras disciplinas.

Apesar de terem cumprido um importante papel, os vídeos eram, de fato, materiais complementares às apostilas, cujos textos e atividades propostas também necessitaram de cuidados específicos quanto à acessibilidade. Por já estar familiarizado com a produção de materiais específicos para alunos surdos e com a temática da pesquisa, abordei a história das pessoas surdas nas apostilas destinadas aos meus educandos (turmas do oitavo e do nono ano de escolaridade) desde o primeiro bimestre, sugerindo e incentivando os professores de História participantes da pesquisa a fazerem o mesmo. Os textos sobre a história dos surdos foram por mim escritos e procuraram dialogar com o tema de cada apostila. Desse modo, busquei indicar “onde estavam” os surdos em cada um dos contextos históricos apresentados. A seguir, destaco um desses textos a fim de explicar melhor como procurei torná-los acessíveis aos educandos surdos (IMAGEM 17).

A CRIAÇÃO DO INES		
<p>Em <b>1857</b>, o governo imperial aprovou a criação do <b>Instituto dos Surdos-Mudos</b>, a primeira escola para surdos do Brasil. A iniciativa partiu do professor surdo <b>Eduard Huet</b>. Ele era francês e trouxe para o Brasil a Língua de Sinais Francesa, que seria a base para a criação da <b>Língua Brasileira de Sinais (Libras)</b>.</p>	<p>A escola funcionava no <b>Rio de Janeiro</b> e recebia meninos e meninas surdos de <b>várias províncias</b>. Para <b>ensinar</b> os surdos, os professores usavam <b>língua de sinais</b>. Um de seus alunos, <b>Flausino Gama</b> criou o primeiro <b>dicionário de língua de sinais</b> do Brasil.</p>	<p><b>Hoje</b>, a escola se chama <b>Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)</b>. Atende a alunos surdos da Educação Básica ao Ensino Superior (faculdade e pós-graduação). Também é uma referência para a <b>educação de surdos</b> em todo o Brasil.</p>
		

IMAGEM 17 – Texto “A criação do INES”. Fonte: Apostila IV, 9º ano (material produzido pelo autor).

O texto “A criação do INES” (IMAGEM 17) compõe a apostila n.º 4, destinada a turmas do oitavo ano de escolaridade, cujo tema principal foi o Período Imperial da história brasileira. Conforme já mencionado anteriormente, além de Libras, outro elemento fundamental para garantir a acessibilidade de alunos surdos é o uso de uma linguagem escrita simples (PLETSCH; SOUZA, 2021). Assim, a exemplo do que pode ser visto, produzi textos curtos, considerando também a necessidade de síntese de conteúdos para todos os alunos e a dificuldade apresentada por estudantes surdos quanto à habilidade de leitura de textos escritos em Língua Portuguesa (UGRINOWITSCH, 2003; VERRI; ALEGRO, 2006; OLIVEIRA, 2012). Problema esse que se acentuou no ensino remoto, sem a presença do professor e/ou do TILSP, de acordo com o que nos relatou em reunião a AEE Teresa. Planejando em codocência, ela também nos orientou a destacar em negrito as palavras-chave de cada texto, entendendo que essa ação facilita a compreensão da leitura pelos educandos surdos. A narrativa foi fragmentada em três pequenas partes, dispostas em sequência, à semelhança da linguagem das histórias em quadrinhos, com o objetivo de permitirem mais leveza e fluidez à leitura. Imagens remetendo a personagens ou ao tema central de cada conteúdo também foram utilizadas com vistas a auxiliarem no entendimento do texto.

Além dos textos, as apostilas continham também um conjunto de atividades de fixação dos conteúdos, avaliação e reflexão. Quanto aos temas relacionados à história dos surdos, de um modo geral, as atividades propunham aos alunos que apresentassem a ideia central de cada texto, estabelecendo possíveis relações com o presente e provocando ponderações sobre o protagonismo dos surdos. Buscou-se

a diversidade nos tipos de questões apresentadas, sobretudo a partir do retorno obtido em conversa remota com uma aluna surda que demonstrou dificuldade quanto às perguntas de caráter mais dissertativo. Nem tanto por não saber o que responder, mas em como desenvolver a resposta em Língua Portuguesa. A seguir, apresento duas atividades sobre a história dos surdos contidas nas apostilas (IMAGENS 18 e 19).

**8.** A pintora surda Nancy Rourke fez uma releitura da *Mona Lisa*, criando uma **Mona Lisa Surda**. A releitura de uma obra de arte é **refazer** essa obra acrescentando algo novo. O mesmo foi feito com a imagem que está no início desta apostila de História. Escolha uma obra de arte e crie uma releitura dela. Você pode desenhar, fotografar, fazer uma colagem. Use o espaço abaixo para apresentar a sua arte.

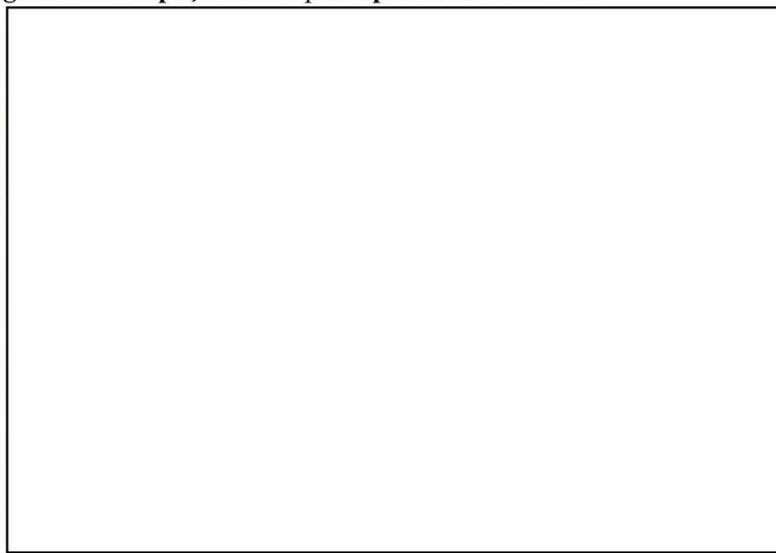


IMAGEM 18 – Atividade contida em apostila sobre o Renascimento. Fonte: Apostila III, 8º ano (material produzido pelo autor).

A atividade acima (IMAGEM 18) faz parte da Apostila n.º 3 para as turmas do oitavo ano, na qual um conteúdo da série anterior era revisto: o Renascimento. Essa atividade não se relaciona diretamente com a seção da apostila dedicada à história dos surdos, o texto “Os surdos no Renascimento”. Contudo, em um certo sentido, ela o complementa, apresentando aos alunos uma obra produzida por artista surda, a contemporânea Nancy Rourke. Neste momento, nos importa observar que a atividade intenta explorar diferentes habilidades e linguagens, que não a escrita. Proposta semelhante também foi apresentada na Apostila n.º 4, para alunos do nono ano, na qual foi solicitado que criassem uma história em quadrinhos a respeito da fundação do INES, baseando-se no texto “A criação do INES” (IMAGEM 17).

Durante a sexta reunião de planejamento (13/10/2021), em debate sobre quais atividades seriam mais apropriadas para as apostilas, considerando os alunos surdos, a AEE Teresa avalia:

Lembra quando eu falei com você que o [nome de um aluno surdo] gostou da atividade? Porque foi acessível, ele conseguiu estudar sozinho. [...] Quando você traz essa pergunta, dessa forma, eles vão ter mais liberdade de colocar no papel o que eles pensam daquele momento, sem aquela pressão de ter que achar a palavra no texto ou de ter que ficar naquela estrutura. Então, você colocou aí o que estava querendo te sugerir mesmo. Se tivessem mais atividades assim, eu acho que pra eles seria mais fácil. (AEE Teresa)

A atividade a qual se refere é a proposta de produção de história em quadrinhos. Importante notar que Teresa associa acessibilidade com autonomia. Associação que se fez ainda mais pertinente em um contexto de pandemia, no qual os estudantes ficaram privados total ou parcialmente da mediação de professores e intérpretes (no caso dos surdos) para realizarem as atividades de estudo propostas pela(s) escola(s). Para além desse contexto, do qual começamos a superar, a autonomia dos educandos deve ser o princípio da acessibilidade de educandos com necessidades educacionais especiais, como os surdos. Ao abraçarem o lúdico, por exemplo, as atividades tornam-se acessíveis aos surdos por oportunizarem a eles outras formas de desenvolvê-las autonomamente. O que não quer dizer que questões mais próximas de modelos tradicionais não possam ser acessíveis para surdos.



#### **A PRIMEIRA ESCOLA PÚBLICA PARA SURDOS**

Os **iluministas** acreditavam no poder da **educação** para **transformar** o **mundo**. De acordo com essa ideia, em **1755**, o abade (religioso) **Charles-Michel de l'Épée** criou a o **Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris**, primeira escola pública para surdos. Para **ensinar**, De l'Épée usava a **língua de sinais**, que aprendeu com moradores de rua surdos. Esta escola deu acesso ao **estudo** para **surdos pobres** e formou **professores surdos**. Anos depois, eles criaram outras **escolas** para **surdos** pelo **mundo**, inclusive o Instituto Imperial de Surdos-Mudos (atual INES), no Brasil.

7. Com base no texto “A Primeira Escola Pública para Surdos”, **identifique** informações da **imagem**.



a) Personagem histórico: \_\_\_\_\_

b) Lugar: \_\_\_\_\_

c) O que está acontecendo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

IMAGEM 19 – Texto “A primeira escola pública para surdos” e atividade. Fonte: Apostila V, 8º ano (material produzido pelo autor).

Na Apostila n.º 5, do oitavo ano de escolaridade, dedicada aos temas gerais da Revolução Industrial e do Iluminismo, há duas seções sobre a história dos surdos: “Os

surdos e a invenção do telefone” e “A primeira escola pública para surdos”.<sup>70</sup> A atividade relacionada ao segundo texto (IMAGEM 19), dialoga com o letramento visual (LEBEDEFF, 2017), estratégia de ensino pautada na experiência eminentemente visual dos surdos. Em sua dissertação, Silva (2020) aponta similaridades entre o tratamento das fontes imagéticas pelos historiadores e o letramento visual, propondo o seu uso no ensino de História para surdos. Enquanto o autor abordava charges da Primeira República brasileira (SILVA, 2020), adaptei sua proposta para a questão destacada, na qual os alunos deveriam reconhecer na imagem elementos já apresentados no texto, de modo a decodificá-lo. As perguntas combinam o objetivo com o dissertativo, possibilitando, nesse último caso, que os educandos recorram à descrição da imagem, caso ainda não consigam compreender o que está escrito no texto.

Ainda sobre as apostilas que produzi, cabe ressaltar que os cuidados com a acessibilidade não se limitaram aos textos e às atividades relacionadas à história dos surdos, mas ao material como um todo. Essas apostilas caracterizaram-se por apresentarem textos mais curtos e objetivos, com palavras-chave destacadas em negrito e propostas de atividades diversificadas (questões objetivas, dissertativas, leitura de imagens, produção textual, desenhos etc.). Todo material foi composto priorizando as necessidades dos alunos surdos, embora fosse direcionado a turmas inclusivas, de maioria ouvinte, invertendo-se assim a lógica de como costumam ser elaborados. Rejeita-se, portanto, a adaptação, indo ao encontro da proposta de Desenho Universal para a Aprendizagem (PLETSCH; SOUZA; ORLEANS, 2017), já defendida por Paixão (2022) como fundamento para a produção de materiais no ensino de História para surdos. Tal concepção acabou por tornar o material mais acessível a todos os estudantes – ouvintes, surdos e aqueles com outras necessidades especiais.

Os demais professores de História participantes da pesquisa também produziram as suas apostilas, uma vez que elas se constituíam em material para o ensino remoto durante o ano letivo de 2021. Contudo, apenas Carlos desenvolveu algo específico para abordar a história dos surdos, conforme tratei na seção anterior. A temática foi incorporada à sua última apostila, para o sexto ano de escolaridade,

---

<sup>70</sup> As mesmas seções também constam nas apostilas n.º 2 e n.º 3, respectivamente, para as turmas do oitavo ano

que tinha por tema a História Antiga, na forma de um texto e duas questões (IMAGENS 20 e 21).

TEXTO IV      A HISTÓRIA DOS SURDOS

A LINHA DO TEMPO DOS SURDOS NA ANTIGUIDADE

**Onde estão os surdos na História?**

**Séculos XXXII a.C.-VII a.C.**  
 No Egito, a língua de sinais era considerada como forma de comunicação com os deuses e os surdos eram honrados.



**Século IV a.C.**  
 O filósofo grego Aristóteles dizia que só se aprende pela audição e os surdos foram tratados como incapazes de aprender.



**Séculos XIII a.C-I d.C.**  
 Para os hebreus, a surdez era castigo de Deus e os surdos eram discriminados.



Evidências sinalizam, que a primeira forma de comunicação dos surdos, se deu na **Pré-História entre os homínidos**, através de uma linguagem gestual que antecede a linguagem oral. Já na **Antiguidade**, há registros dos povos desse período em relação aos surdos, onde existia **uma forte discriminação**. Por exemplo, para os **hebreus a surdez era vista como um castigo divino**. Já na sociedade egípcia, **os surdos eram venerados por usarem uma “linguagem misteriosa”**.

**Na Grécia**, embora **reconhecida a língua de sinais**, como forma de comunicação, os surdos eram considerados incapazes de aprender, pois a concepção aristotélica sinalizava que **a educação só podia ser obtida pela audição**.

De uma maneira geral, as sociedades na Antiguidade viam os surdos com preconceito. Mesmo com **o surgimento do cristianismo**, os surdos eram reconhecidos como filhos de Deus, mas suas **almas não estavam sujeitas à salvação, por não ouvirem a pregação e não confessarem os seus pecados**.

IMAGEM 20 – Texto “A história dos surdos”. Fonte: Apostila VI, 6º Ano (material produzido pelo professor Carlos).

### QUESTÕES SOBRE O TEXTO IV – A HISTÓRIA DOS SURDOS

**Questão1** - A respeito da História dos surdos coloque V(verdadeiro) e F(falso) para as seguintes afirmações:

- a. ( ) Na antiguidade os surdos não sofriam qualquer tipo de discriminação.
- b. ( ) A inclusão hoje é que nos permite conhecer melhor a História dos surdos.
- c. ( ) A religião na Antiguidade foi fundamental para a inclusão dos surdos.
- d. ( ) A LIBRAS é fundamental para a comunicação dos surdos.
- e. ( ) A História dos surdos sempre foi e sempre será de luta

.Questão 2 – Observando a Linha do Tempo da Antiguidade, compare a vivência dos surdos daquela época com a sua vivência atual. E cite os avanços conquistados ao longo de sua trajetória histórica..

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

IMAGEM 21 – Questões sobre o texto “A história dos surdos”. Fonte: Apostila VI, 6º Ano (material produzido pelo professor Carlos).

A seção dedicada à história dos surdos produzida pelo professor Carlos começou a ser construída durante o sexto e último encontro entre os participantes desta pesquisa, em outubro de 2021. O docente solicitou e contou com o meu suporte e da AEE Teresa. O material de referência que utilizou foi o *Caderno de orientações e sugestões para o ensino de História em classes inclusivas com alunos surdos* (SANTOS, 2018b). Observa-se a preocupação do professor com a acessibilidade em diversos elementos, alguns já tratados anteriormente, como o texto mais curto, com as informações principais destacadas e a opção por tipos distintos de questões. Uma novidade é o uso da linha do tempo, com informações enxutas e uma concepção visual que busca facilitar a localização temporal e a identificação dos temas abordados no texto. Contribuiu para que Carlos pudesse construir esse material com vistas à acessibilidade a experiência que obteve na parceria com outro professor do AEE da escola. Durante aquele ano letivo de 2021, juntos elaboraram apostilas para alunos autistas incluídos.

Convém assinalar ainda uma iniciativa inovadora de acessibilidade desenvolvida durante a Semana dos Surdos. Além de todas as *lives* do evento terem sido acessíveis em Libras, graças ao trabalho dos TILSPs da escola, o instrutor de Libras Bruno Baptista, sugeriu que viabilizássemos a possibilidade das perguntas do público também serem feitas em língua de sinais. Como as transmissões foram feitas pelo Facebook, cuja forma de interação se dá por escrito, no campo dos comentários

das postagens, Bruno sugeriu que os surdos enviassem suas perguntas em vídeo por meio do WhatsApp da escola. As perguntas enviadas em Libras seriam repassadas aos mediadores das *lives*. Apesar de termos recebido apenas uma pergunta nesse formato, o modelo foi posteriormente replicado em outros eventos, incluindo os acadêmicos, como o *Surdez em Foco*, organizado pelo GEPeSS.

#### 4.3 REPRESENTATIVIDADE

“Nos livros de história falam sobre diversos tipos de pessoas. Reis, imperadores, camponeses, mas nunca falam sobre as dificuldades físicas das pessoas.” Essa frase foi escrita por um estudante ouvinte do sétimo ano de escolaridade da E. M. Santa Luzia em sua justificativa para a pergunta “Tem interesse em conhecer ou conhecer mais sobre a história dos surdos?”, que consta no questionário de sondagem desta pesquisa destinado a alunos. Ao debatermos as respostas dos questionários no encontro entre os profissionais participantes da pesquisa, em agosto de 2021, eu e o professor Carlos concordamos que a frase destacada carrega duas dimensões fundamentais à proposta de inclusão da história dos surdos ao ensino de História. Primeiro, ainda que o aluno se refira ao silêncio dos livros de História sobre as “**dificuldades físicas** das pessoas”, ao elencar anteriormente grupos sociais, entende-se que ele constata a ausência de representação das pessoas com deficiência e, por extensão, dos surdos nas narrativas históricas. Segundo, ao falar em “dificuldades físicas” acaba, ainda que inadvertidamente, reduzindo os surdos a limitações e incapacidades. O que se pretendeu com as ações desenvolvidas pela pesquisa foi justamente buscar formas de inserção dos surdos ao currículo de História, priorizando uma representação desses sujeitos como sujeitos históricos ativos, superando concepções de deficiência.

Conforme exposto anteriormente, o principal veículo de apresentação da história dos surdos aos alunos foram as apostilas, originalmente destinadas ao ensino remoto na E. M. Santa Luzia. O tema foi abordado em 11 textos, com suas respectivas questões, distribuídos entre as apostilas do sexto, oitavo e nono ano de escolaridade que foram produzidas pelos professores e entregues aos alunos durante o ano letivo de 2021 (QUADRO 6). A seleção dos recortes temáticos seguiu parâmetros estabelecidos pelos próprios docentes, uma vez que conteúdos relacionados à história dos surdos não constam nos documentos curriculares oficiais da disciplina História,

sejam eles nacionais, como a BNCC (BRASIL, 2017), ou locais, como a matriz curricular do município de Duque de Caxias.

Em paralelo ao tempo de realização do presente estudo (2019-2022), a rede municipal de educação de Duque de Caxias realizou o seu processo de reestruturação curricular. Na primeira etapa (2019-2020), foram selecionados os professores redatores (representando diferentes modalidades de ensino, segmentos da Educação Básica e disciplinas), realizados debates nas escolas e promovidos eventos de formação (no formato de *lives* com palestras de especialistas transmitidas pelo canal da SME-Duque de Caxias, no *YouTube*). O processo, no entanto, foi comprometido pela pandemia da COVID-19, sobretudo no que diz respeito à participação mais ampla dos profissionais de educação da rede. Foi finalizado apenas um documento com os pressupostos teóricos e conceituais da matriz curricular (PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS, [2021]). Em 2022, a reestruturação foi retomada com a elaboração das matrizes curriculares das disciplinas escolares, incluindo História, as quais, até o fechamento do presente texto, haviam sido divulgadas em versões preliminares. Apesar do município de Duque de Caxias ser considerado referência na educação de surdos, com suas escolas sendo *loci* de diversas pesquisas acadêmicas (CORRÊA et al., 2002; CUNHA, 2014; CALIXTO; RIBEIRO, 2016; ALMEIDA; KELMAN, 2018; SANTOS, 2018b; SANTOS; CARVALHO FILHO; KELMAN, 2019; ALMEIDA, 2020; CASTRO, 2021; CASTRO, KELMAN, 2022), até aqui, se mantém a invisibilidade desses educandos nos novos documentos curriculares de sua rede de ensino.

A ausência dos surdos no currículo de História, sobretudo em uma escola polo na educação desses sujeitos, é grave, pois mantém o desconhecimento sobre quem são e quais são as suas necessidades, por professores, pelos próprios educandos e pelo conjunto das comunidades escolares, resultando em exclusão onde deveria haver inclusão. Para Padovani Netto (2018a), além da manutenção de práticas pedagógicas tradicionais no ensino de História para surdos, baseadas na oralidade, esses estudantes também não se reconhecem naquilo que o professor ensina. A inclusão das identidades surdas, sua história e cultura no Ensino de História são indicadas por Padovani Netto (2017a) e por Silva (2019) como necessária à qualidade de ensino de estudantes surdos. O acesso dos surdos à sua história também se constitui em direito, conforme estabelecido pela Lei n.º 14.191 (BRASIL, 2021):

Art. 78-A. Os sistemas de ensino, em regime de colaboração, desenvolverão programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos estudantes surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos surdos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura;

II - garantir aos surdos o acesso às informações e conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades surdas e não surdas (BRASIL, 2021).

Nesse sentido, os profissionais participantes da pesquisa entenderam a urgência de se construir um currículo de História que contemplasse os sujeitos surdos, incorporando a história desse grupo como objeto de conhecimento da disciplina, sem negligenciar das necessidades pedagógicas específicas desses educandos. Ao longo dos encontros, por diversas vezes aventou-se a produção de um documento curricular para a o ensino de História em classes com alunos surdos incluídos, a ser adicionado ao PPP da escola, o que acabou não se concretizando. As dificuldades para a realização de mais encontros entre os profissionais participantes da pesquisa, durante o segundo semestre de 2021, e as muitas demandas que se impuseram naquele ano letivo com o ensino híbrido (remoto e presencial) foram fatores que se constituíram em obstáculo à construção do documento. De todo modo, como indicaram na avaliação do processo da pesquisa (QUADRO 8), todos esses participantes estão de acordo quanto à necessidade de criação desse documento, embora tenham concepções distintas sobre qual deveria ser o seu caráter: lista de conteúdos específicos, orientador do trabalho docente, material didático. A AEE Teresa ampliou ainda mais esse rol, entendendo que deva ser um currículo que atenda a todos os educandos, em direção a uma inclusão escolar mais qualitativa. De fato, tais propostas não são excludentes e devem ser considerados como elementos fundamentais na elaboração de um currículo inclusivo. Em sua dimensão documental, ele ainda não se materializou na E. M. Santa Luzia, mas o debate acabou levando à inserção de conteúdos e de aspectos relacionados à história e à educação de surdos nos planejamentos de curso dos professores de História daquela escola para o ano de 2022, algo inédito.

Ao entendermos currículo como conceito que não se limita a documentos ou prescrições, mas um conjunto de “experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção

das identidades de nossos/as estudantes” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 18) é possível afirmar que as ações decorrentes da pesquisa empreendida resultaram em um movimento de constituição de um currículo de História capaz de garantir a representatividade dos surdos e uma representação positiva dos mesmos. Representar os surdos nesse currículo assinala um reconhecimento desse grupo enquanto importantes atores em uma escola inclusiva e também como sujeitos históricos. Representá-los como protagonistas significa contribuir para que possam se ver e ser vistos como coconstrutores da História e pessoas plenas de capacidades e direitos.

De modo a demonstrar como a história dos surdos foi incluída e esses sujeitos foram representados nas ações desenvolvidas em nossa experiência curricular, apresento a seguir trechos das apostilas elaboradas para as turmas de oitavo e nono ano de escolaridade durante o ano letivo de 2021 na E. M. Santa Luzia (IMAGENS 22 a 27). A esses somam-se os já apresentados na discussão sobre acessibilidade (IMAGENS 17 a 21).



**OS SURDOS NA IDADE MÉDIA**

Naquela época, os surdos eram muito discriminados e tinham poucos direitos, principalmente os que nasciam surdos e os que não oralizavam (falavam). Mas o primeiro educador de surdos que se tem notícia é da Idade Média. Foi o bispo inglês John Beverley, que, no ano 700, ensinou um surdo a falar. Ainda na Idade Média, monges católicos que praticavam o voto de silêncio, ou seja, escolhiam não falar, criaram línguas de sinais para se comunicar. Essas línguas foram usadas tempos depois na educação de surdos.

IMAGEM 22 – Texto “Os surdos na Idade Média”. Fonte: Apostila II, 8º Ano (material produzido pelo autor).



**OS SURDOS E A INVENÇÃO DO TELEFONE**

Dentre as **novas tecnologias** criadas a partir da Revolução Industrial está o **telefone**. O telefone foi criado em 1876 pelo escocês **Alexander Graham Bell**. A **mãe** e a **esposa** de Bell eram **surdas** e ele era **professor de surdos**. Bell acreditava que os surdos deveriam **aprender a falar**. Ele era **contra** o uso de **língua de sinais** por achar que o uso delas poderia excluir os surdos do resto da sociedade. Em sua tentativa de criar um **aparelho** capaz de **ampliar e transmitir a voz**, Bell acabou criando o telefone. Alguns anos mais tarde, sua defesa de que os surdos deveriam oralizar (falar) fez com que as línguas de sinais fossem **proibidas** por muitas décadas na educação de surdos.

IMAGEM 23 – Texto “Os surdos e a invenção do telefone”. Fonte: Apostila II, 9º Ano (material produzido pelo autor).



### *Os surdos no Renascimento*

A mudança de pensamento do **Renascimento** abriu possibilidades de **acesso** das **pessoas surdas** à **educação** e a alguns **direitos**. Os surdos passaram a ter o direito de **receber herança**. Mas somente se **aprendessem a falar**. O monge **Pedro Ponce de León** fundou a **Escola para Surdos** de Madri. Um **alfabeto manual** era usado para **ensinar**. Somente os **filhos dos nobres** podiam estudar.

IMAGEM 24 – Texto “Os surdos no Renascimento”. Fonte: Apostila III, 8º Ano (material produzido pelo autor).

### A LÍNGUA DE SINAIS KA'APOR



Você sabia que Libras não é a única língua de sinais usada no Brasil? Pois é. **Temos** pelo menos mais uma **outra língua de sinais** registrada, que é a **Língua de Sinais Ka'apor**. Essa língua é usada pela etnia indígena **urubu-ka'apor**, que vive no **Maranhão**. Originalmente, os ka'apor viviam na região Norte do Brasil e há mais de um século migraram para o Nordeste. Como existem muitos surdos ka'apor, eles criaram uma língua de sinais própria, que é muito **diferente de Libras**. Os ka'apor **respeitam** tanto os **surdos** que **todos**, inclusive os indígenas ouvintes, **aprendem** e se **comunicam em língua de sinais**. Uma importante lição para nós, não?

IMAGEM 25 – Texto “A Língua de Sinais Ka'apor”. Fonte: Apostila IV, 8º Ano (material produzido pelo autor).

### A LUTA PELA PAZ E POR DIREITOS



O sofrimento provocado pelas guerras e o medo de um conflito nuclear acabar com a humanidade levou muitas pessoas a se mobilizar pela paz. Jovens foram às ruas para protestar por um mundo melhor na década de 1960. Essa época também foi marcada pelo **Movimento pelos Direitos Civis** dos negros, nos Estados Unidos.



Os negros lutaram contra o racismo e pediam por igualdade de direitos. Um dos principais líderes desse movimento foi o reverendo **Martin Luther King Jr.** A luta dos negros mudou as leis nos EUA e inspirou manifestações de outras minorias por seus direitos, como as mulheres, os homossexuais e os surdos.



Os surdos queriam reconhecimento das línguas de sinais e acesso às informações. Para conseguir seus direitos, se organizaram em associações. Exemplo da mobilização dos **surdos** foi o **protesto** pela eleição de um reitor surdo na **universidade** para surdos de **Gallaudet** (EUA). A partir desse fato, a sociedade prestou mais atenção aos surdos e outros direitos foram conquistados.

IMAGEM 26 – Texto “A luta pela paz e por direitos”. Fonte: Apostila V, 9º Ano (material produzido pelo autor).



IMAGEM 27 – Linha do tempo “Onde estão os surdos na História?” Fonte: Apostila VI, 9º Ano (material produzido pelo autor).

Em comum, essas inserções buscaram ser acessíveis aos estudantes (conforme discutido na categoria anterior) e responder à indagação que dá título a esta tese e ao projeto desenvolvido: “Onde estão os surdos na História?” Todas as temáticas apresentadas dialogaram com os conteúdos de História já estabelecidos nos documentos curriculares da disciplina, de modo a indicar como viviam, como eram socialmente tratados e o que realizaram nos contextos históricos mais amplos relacionados. Isso fica bastante explícito em “Os surdos na Idade Média” (IMAGEM 22) e “Os surdos no Renascimento” (IMAGEM 24). “Os surdos e a invenção do telefone” (IMAGEM 22) e “A língua de sinais ka’apor” (IMAGEM 25) estão inseridos, respectivamente, nas apostilas que abordam a Revolução Industrial e os povos indígenas da América. “A luta pela paz e por direitos” (IMAGEM 26), apesar de fazer parte de apostila sobre o contexto global do século XX, apresenta um recorte narrativo mais específico, tratando das mobilizações dos grupos minoritários, incluindo os surdos. Já a linha do tempo “Onde estão os surdos na História?” (IMAGEM 27) compõe a apostila sobre a história do Brasil republicano. Apesar de termos sugerido uma apostila exclusiva para tratar da história dos surdos, acabamos por concluir que a abordagem adotada se mostrou mais acertada. Afinal, não há uma história dos surdos e uma história dos ouvintes apartada. Elas coexistem e se conectam. Entendemos também que separar tornaria a compreensão dos conteúdos conceituais e factuais descontextualizadas, dificultando assim a sua compreensão.

As inserções sobre a história dos surdos procuraram suprir lacunas e falhas dos materiais didáticos de História, conforme visto no Capítulo 2, nos quais esses sujeitos seguem inviabilizados ou reduzidos à surdez/deficiência. Não deixamos de abordar toda sorte de violência, preconceito e estigmatização que sofreram ao longo da História, como em “Os surdos na Idade Média”, “Os surdos e a invenção do telefone” e “A história dos surdos”, da apostila produzida pelo professor Carlos (IMAGEM 20). Contudo, procuramos enfatizar o papel de protagonistas que os surdos tiveram, não raro silenciado pelas narrativas dos ouvintes (PERLIN, 2002; STROBEL, 2009). É o caso dos textos “A luta pela paz e por direitos” e “A criação do INES” (IMAGEM 17). Esse último, bastante emblemático, por “devolver” a Eduard Huet o seu papel de criador da primeira instituição de ensino para surdos no Brasil, erroneamente atribuída a D. Pedro II (MAZOTTA, 2011). Aliás, durante as *lives* da Semana dos Surdos, uma das palestrantes convidadas chega a dar vivas ao último imperador do Brasil, responsabilizando-o pela criação do INES e, indiretamente, pelo surgimento da Língua Brasileira de Sinais. O episódio só reforça o compromisso que a História e o Ensino de História precisam assumir com os surdos, pesquisando e promovendo a visibilidade da história desse grupo.

Dentre os cuidados que tivemos nas inserções sobre a história dos surdos estiveram: não adicioná-la aos objetos de conhecimento da História tão somente para garantir a representatividade de mais uma minoria; não reduzi-la a um adendo, incorporando-a ao tema principal de cada apostila; não folclorizá-la, como curiosidade ou anedota histórica; e não encapsulá-la no tempo, empenhando-se, sempre que possível, ao diálogo entre o passado e o presente, um dos fundamentos da História e do Ensino de História. Assim o fizemos, para citar um exemplo, no texto “A língua de sinais ka’apor” (IMAGEM 24), que traz para a atualidade a questão indígena, entrelaçando-a com a cultura surda. A potencialidade desse texto extrapola em muito o seu tamanho e pouco pôde ser explorada, dado o contexto do ensino remoto. No entanto, ele permite discussões que vão da diversidade cultural à interseccionalidade. A identidade surda é plural – há os que não ouvem nada e os que ouvem alguma coisa, os que usam a língua de sinais, os que a desconhecem, o que a rejeitam, os que oralizam, os que ouvem por meio de próteses e aparelhos auditivos – e atravessada por outras identidades: os surdos indígenas, os surdos negros, as mulheres surdas, os surdos LGBTQIA+... Portanto, há que se ter atenção em não essencializá-la.

A partir dessa perspectiva socioantropológica da surdez foi pensada a atividade sobre o Renascimento (IMAGEM 18), na qual os alunos são brevemente apresentados a Nancy Rourke, artista plástica surda estadunidense. Abre-se uma porta à cultura surda, desconhecida ou não reconhecida pelos estudantes, inclusive os próprios surdos. A cultura surda é definida por Strobel (2008) como

o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008, p. 59).

Reconhecer na escola inclusiva com alunos surdos a presença da cultura surda nos conduz a uma perspectiva multicultural ou intercultural. Ivenicki (2018) identifica pelo menos dois grupos de significados atribuídos para essa perspectiva: o primeiro enfatiza a valorização de culturas em um contexto de diversidade. A autora adverte para os riscos desse ponto de vista reduzir-se à celebração de manifestações culturais e a concepções essencializadoras. Já o outro enfoca os processos de construção das diferenças e o combate às desigualdades e diferenças, se distanciando de dicotomias e destacando as hibridizações. É nesse sentido que se alinharam nossas ações de inclusão da história dos surdos ao currículo da disciplina História. Não se trata de um adendo ao currículo, mas de uma possibilidade de revelar uma cultura invisibilizada na escola inclusiva, contribuindo para a abertura de um diálogo com a cultura ouvinte hegemônica e a efetivação de uma inclusão mais plena.

Importante ressaltar que, apesar de todo cuidado em sua elaboração, as inserções sobre a história dos surdos nas apostilas não estão isentas de equívocos. Para a redação dos textos, foram utilizadas referências que embasaram o Capítulo I desta tese, sobretudo Cabral (2005), Carvalho (2007), Oliveira (2012), Sacks (2005), Strobel (2009) e a síntese histórica contida em minha dissertação (SANTOS, 2018b). Entretanto, avaliações feitas na qualificação desta tese e o aprofundamento dos estudos com a incorporação de outras leituras feitas posteriormente à produção das apostilas, acabaram por revelar a repetição de uma visão canônica da história dos surdos (LAGE, 2019), atravessada por mitos, alguns dos quais construídos pelos próprios surdos. Em "A criação do INES" (IMAGEM 17), por exemplo, designamos Flausino Gama como criador do primeiro dicionário de uma língua de sinais brasileira, o que, conforme tratado no Capítulo I, foi contestado pelo estudo de Sofiato e Reily (2011). Ainda assim, independente do *status* do material produzido por Flausino, ele

serviu de referência para a educação de surdos no Brasil durante o século XIX, portanto mantém-se a relevância do personagem. Mais do que corrigir informações, importa também assinalar, inclusive aos alunos, a mutabilidade da História, enquanto produção de conhecimento sobre o passado, sempre aberta a novos olhares, dentre os quais os de grupos outrora dela marginalizados, como os surdos.

Se as apostilas empenharam-se em destacar o protagonismo de surdos desconhecidos pela historiografia, como Flausino Gama e Eduard Huet, a Semana dos Surdos, evento que espalhou nossa experiência curricular a toda comunidade escolar, distinguiu e reconheceu o papel fundamental de outros surdos mais próximos no tempo e no espaço. Enquanto os textos e atividades sobre a história dos surdos foram produzidos por ouvintes, muito embora tenham considerado as contribuições de profissionais envolvidos na educação de surdos e ter autores surdos entre suas referências, a Semana dos Surdos possibilitou aos surdos narrarem a sua própria história.

Nas *lives História da inclusão de surdos na escola Santa Luzia*, sobre o início da inclusão de surdos naquela unidade de ensino, e *Memórias de ex-alunos surdos da escola Santa Luzia*, a história da educação de surdos e da inclusão, apresentada nos textos das apostilas, foi encarnada na escola a partir das memórias de seus alunos surdos egressos. Em geral, narrada por professores e pesquisadores ouvintes, essa história foi compartilhada com a comunidade escolar a partir das memórias dos ex-alunos Augusto Machado, Davi Lima, Danielle Santos e José Acácio Junior, que puderam expressar o ponto de vista dos surdos sobre o processo de inclusão.

Davi Lima já havia relatado sua experiência como primeiro aluno surdo incluído nas turmas dos Anos Finais da E. M. Santa Luzia em um artigo da revista *Forum*, publicada pelo INES (CORRÊA et al., 2002). Na Semana dos Surdos, retomou essa narrativa, ampliando-a com informações sobre as dificuldades que enfrentou em seus primeiros anos na escola, destacando o empenho de seus professores, para quem a educação de surdos era uma novidade, e a importância do convívio com seus pares, viabilizado pela escola. Davi desconhecia Libras, como parcela significativa das crianças surdas, que vêm de famílias ouvintes (KELMAN et al., 2011). Aprendeu essa língua com a assistente educacional surda Cristiane Alves Santanna. Em dado momento, ele declarou sobre o impacto que o encontro com Cristiane lhe causou: "Não era normal pra mim, um surdo inteligente". A frase se assemelha ao depoimento de Sandrine Hermanse, atriz surda francesa, feita no documentário *Sou surda e não*

*sabia* (2009), no qual diz que só foi descobrir que surdos não morriam crianças aos nove anos, quando viu um adulto surdo pela primeira vez ao ser matriculado em uma instituição de ensino para surdos. Ambas as falas revelam o isolamento social de jovens surdos, imersos em uma cultura ouvinte, sem acesso a referências surdas, evidenciando o quanto a promoção da representatividade surda se faz fundamental para a autoestima e a construção identitária desses sujeitos.

Nesse sentido, ao escolhermos os ex-alunos surdos para as palestras das *lives* da Semana dos Surdos, buscamos aqueles que estivessem inseridos no mercado de trabalho e no meio acadêmico (Danielle cursou Letras-Libras, na UFRJ, e Augusto é mestrando em Diversidade e Inclusão, na UFF). Não pretendemos mascarar a exclusão dos surdos que persiste em nossa sociedade, mas destacar referências palpáveis, capazes de desconstruir concepções limitadoras sobre as pessoas surdas e despertar perspectivas de futuro para a atual geração de alunos. Os impactos dessa e das demais iniciativas de promoção da representatividade dos surdos, junto aos educandos da E. M. Santa Luzia, serão analisados nas próximas categorias.

#### 4.4 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A fim de verificarmos se e como os alunos dos Anos Finais da E. M. Santa Luzia foram afetados pelas ações desenvolvidas pela presente pesquisa, eles foram convidados a responder a dois questionários: um, de sondagem, no início do processo, e outro, de avaliação, ao término do ano letivo de 2021. Conforme detalhado no Capítulo III desta tese, os questionários foram produzidos no aplicativo *Google Formulários* e disponibilizados aos estudantes por meios eletrônicos (*Facebook*, *Google Sala de Aula* e *WhatsApp*). As respostas dadas pelos estudantes participantes foram organizadas em quatro quadros (QUADROS 9, 10, 11 e 12). Dois correspondentes aos alunos surdos participantes e dois aos ouvintes. Cada um desses grupos com um quadro para o questionário de sondagem e outro para a avaliação. Nos quadros, em respeito ao anonimato, os nomes dos participantes foram substituídos pelas letras S, designando estudantes surdos, e O, estudantes ouvintes, seguidas por um número. As respostas são apresentadas exatamente como escritas pelos alunos. Nesta categoria, trato das respostas dos questionários respondidos pelos estudantes surdos (QUADROS 9 e 10).

<b>QUADRO 9 – Questionário de sondagem para alunos - surdos (perguntas e respostas)</b>		
<b>Aluno</b>	<b>S1</b>	<b>S2</b>
<b>Série</b>	8º	7º
<b>O que é ser surdo?</b>	Pq eu sou surdo-mudo	EM BRANCO
<b>Os surdos fazem parte da História?</b>	Sim	Sim
<b>Conhece algum personagem surdo da História? Qual?</b>	Eu conheço uma história Cerdos	Ñ lembro
<b>Conhece alguma informação sobre a história dos surdos ou a participação dos surdos na História? Conte o que conhece.</b>	Só pq conheço uma história Cerdos e estava explicando vídeos	EM BRANCO
<b>Se você respondeu SIM em pelo menos uma das duas questões anteriores, onde conheceu?</b>	Em filmes, nas aulas de História, nas aulas de Libras	Conversando com outras pessoas, nas aulas de Libras
<b>Tem interesse em conhecer ou conhecer mais sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	Pq Tenho interessada muito mais q surdos e surdas gosto falar todos surdos e ouvir tbm	Sim, sou surdo
<b>Você acha importante aprender sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	Pq eu aprendí com histórias mas menos q sei fazer muito difícil aprender na verdade gosto Prof.Paulo era são bom cuidar aulnos e aulnas, era são bom surdos e surdas, mas queremos aprender mais q surdos e ouvir.	Sim
<b>As aulas de História seriam mais interessantes para você se o(a) professor(a) ensinasse sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	Pq estou interessa aprender o surdos no Renascimento.	EM BRANCO

Fonte: produção do autor.

<b>QUADRO 10 – Questionário de avaliação para alunos - surdos (perguntas e respostas)</b>					
<b>Aluno</b>	<b>S1</b>	<b>S3</b>	<b>S4</b>	<b>S5</b>	<b>S6</b>
<b>Série</b>	8º	7º	7º	8º	6º
<b>De que maneira seu professor/sua professora de História lhe apresentou a história dos surdos.</b>	Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula.	Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula.	Por meio de textos e atividades nas apostilas.	Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula.	Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula.
<b>A forma de apresentação da história dos surdos feita por seu professor possibilitou que fosse mais fácil para você aprender? Justifique.</b>	Sim. Meu Profesor Paulo era ótimo Aulas historias Mas aprendemos Um pouco com Professor Paulo	Sim. Porque se eu não tivesse uma pessoa pra me ajudar eu não ia saber me comunicar com minha família	Sim.	Sim, um pouco	Sim. Mas tenho gosto escola

<b>Qual foi o tema ou atividade relacionada à história dos surdos que mais lhe interessou? Justifique.</b>	Eu estou interessado histórias dos surdos e tbm era surda-cega. Já falamos lá acima não tem outro jeito para mim falar sobre surda-cega.	Me comunicar com meus amigos e família. Se eu não tivesse ido estudar numa escola própria eu não teria conseguido	EM BRANCO	História da educação de surdos no Brasil. Pq eu achei a história boa, e quero aprender mais das histórias	Gosto mais. Que eu gosto históricos de [nome do professor]
<b>Complete a frase: Ser surdo é...</b>	Surdo é difícil. Mas é normalmente.	Especial	EM BRANCO	Não ouvir	Surda
<b>Cite um personagem surdo da História que lhe inspira ou que você considere importante.</b>	Na verdade eu gosto ouvir melhor e só posso sentir ouvir melhor q surdo	Halley Berry.	EM BRANCO	Conheça alguns personagens importantes para a história dos surdos nacional e internacionalmente. A maioria das pessoas que merecem destaque ...	Tô mas o história escola mais Sim.
<b>Qual é a importância do personagem surdo que você citou?</b>	Eu ajudo pessoas, e tbm amoo ajudar de pessoas para aprender libras melhor.	Para humanidade	EM BRANCO	surdo é tão antiga quanto a humanidade. ... ou seja, há a língua de sinais chilena, a uruguaia, a Venezuela tem muita coisa aqui	Sim
<b>Foi importante conhecer a história dos surdos? Justifique.</b>	Sim. Minha opinião é para ser surdos e Inês escola ã é igual para mim.	Sim. Se não tivesse conhecido eu não ia entender ele	Sim	Sim, e importante para aprender e entender	Sim. Tô meus amigas conversar com bom
<b>Seu interesse pela matéria História mudou a partir das aulas sobre a história dos surdos? Justifique.</b>	Sim. Meu professor Paulo foi a ultimamente que vi aula vídeos mas só não me lembro aquele dia tava engraçado é Feilz e triste tem mais coisas para fazer.	Sim. Pude me comunicar melhor	Não	Sim. Quero aprender mais	Sim. Meus amigas foi conversar menina só

<b>Participou da Semana dos Surdos?</b>	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook e participei das oficinas na escola.	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook e participei das oficinas na escola.	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook e participei das oficinas na escola.	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook e participei das oficinas na escola.	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook e participei das oficinas na escola.
<b>O que você aprendeu sobre os surdos na Semana dos Surdos?</b>	Eu aprendi só net ou dentro sala de aula com professor Paulo	Temos oportunidade para aprender libras com eles	EM BRANCO	Só participei na escola, eu aprendi	Minha amiga só surda
<b>Para terminar, o que mais gostaria de expressar sobre as aulas e atividades a respeito da história dos surdos.</b>	Já fiz 10 vezes por aí mas Não tenho certeza q fiz diferença entra em mim. Estão eu respeito muito que surdo era são comunicar dos surdos	São ótimas, só tenho que agradecer a todos vcs obrigada	EM BRANCO	eu respeito os surdos e ouvintes, e ensinar libras sinais para os ouvintes também é bom para conversar com os surdos.	História como tô fazer gosta escola sim

Fonte: produção do autor.

A baixa adesão à participação na pesquisa, cujas possíveis causas já foram abordadas no Capítulo III, chama a atenção, sobretudo em relação ao questionário de sondagem, o qual contou com apenas dois respondentes. Para o questionário de avaliação, o quantitativo se ampliou, devido à divulgação ativa da AEE Teresa junto aos alunos por ela atendidos. Há apenas um respondente em comum aos dois questionários (S1). Contudo ao considerar o universo de possíveis estudantes surdos participantes da pesquisa (16 alunos), em termos percentuais há uma participação maior de surdos (37,5 % dos alunos surdos dos Anos Finais) do que de ouvintes (7,4% dos alunos ouvintes dos Anos Finais), apesar do quantitativo desses últimos ser maior (18 alunos). Esses dados são significativos para indicar os limites da pesquisa realizada e relativizar as considerações que serão feitas, mas, ressalto novamente que por ser do tipo qualitativo, importa mais as reflexões que podem ser feitas a partir das fontes produzidas.

Cabe ainda sinalizar que não foram trabalhados com os alunos do 7º ano de escolaridade conteúdos relacionados à história dos surdos. Isso porque a professora Ana, responsável pelas turmas dessa série, não produziu nenhum material específico sobre essa temática ou chegou a abordá-la em suas aulas quando do retorno dos

professores de História e dos alunos surdos ao ensino presencial no segundo semestre de 2021. No caso desses estudantes, ao responderem que foram apresentados à história dos surdos “por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula” ou “por meio de textos e atividades nas apostilas” (a questão era objetiva com respostas previamente apresentadas para seleção), a informação não confere com o que de fato ocorreu (QUADRO 10). Houve uma provável incompreensão da pergunta feita, apesar do cuidado com a acessibilidade do formulário, apresentado em Libras e em Língua Portuguesa. Ressalto, no entanto, que todos os alunos surdos participaram da Semana dos Surdos, conforme eles mesmos indicam no questionário de avaliação, tendo, portanto, participado de pelo menos uma das ações da pesquisa.

Isso posto, uma primeira reflexão se coloca: ao introduzirmos a história dos surdos como objeto de conhecimento da História realizamos uma importante modificação no currículo dessa disciplina. Ora, considerando que o currículo produz identidades (SILVA, 2014), teria a experiência realizada afetado a forma como os estudantes surdos se identificam? No questionário de sondagem, ao serem perguntados “o que é ser surdo?”, apenas um dos alunos responde, S1, definindo-se como “surdo-mudo”, expressão em desuso e que, muitas vezes, reduz os surdos às limitações sensoriais. No questionário de avaliação, quando solicitados a completar a frase “ser surdo é...” mantém-se palavras e termos relacionados à deficiência, como “especial” e “não ouvir”. Segundo Lopes e Veiga-Neto (2006), na relação com os ouvintes, os surdos acabam sendo marcados no espectro da deficiência. Nesse sentido, o ouvinte torna-se uma referência para os surdos, que pautam sua identidade como oposta àquele outro sujeito. Os autores defendem a ideia de que é preciso romper com esse olhar. De modo que, ao introduzirmos a história dos surdos, esses tornam-se referências de si mesmos.

Chama a atenção a resposta do aluno S1, quando reconhece que ser surdo é difícil “mas é normalmente”. S1 é um estudante usuário de Libras, porém oralizado; muito bem entrosado com seus pares surdos, mas ouve música com *headfone* e gosta de dançar, características mais associadas à cultura ouvinte. De acordo com Perlin (2016),<sup>71</sup> poderia ser caracterizado como um surdo de identidade surda flutuante,

---

<sup>71</sup> Perlin identifica pelo menos cinco identidades surdas: identidades surdas – “os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita”; identidades surdas híbridas – “os surdos que nasceram ouvintes, e que com o tempo se tornaram surdos”; identidades surdas de transição – “surdos que foram mantidos sob o cativeiro da hegemônica experiência ouvinte que passam para a comunidade surda”; identidade surda incompleta – “surdos que vivem sob uma ideologia ouvintista latente que trabalha para

definida pela autora como aquela dos surdos que “vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes” (PERLIN, 2016, p. 65). Daí as respostas de S1 serem fortemente dominadas por uma referência pautada nos ouvintes, a julgar por expressões como “gosto **falar** todos surdos e ouvir<sup>72</sup> tbm” (QUADRO 9), “eu gosto ouvir”, “ouvir melhor q surdo”, “Inês [INES] escola ã é igual para mim” (QUADRO 10). Nesse sentido, o “normalmente” a que se refere S1 pode estar mais próximo da forma como ele se entende, no meio do caminho entre ser surdo e ser ouvinte, porém mais próximo dessa condição. Contudo pode indicar também um deslocar do seu olhar.

Durante a apresentação do surdo Augusto Machado, na *live Memórias de ex-alunos surdos da escola Santa Luzia*, após relatar sua trajetória acadêmica, que inclui graduação, pós-graduação e mestrado, S1 escreve nos comentários: "Isso foi impressionante Augusto". Uma frase simples, porém, muito significativa. Ela expressa a admiração de um estudante surdo por um outro surdo que se destaca por suas realizações acadêmicas. Embora a presença surda no Ensino Superior já tenha alguma expressão, nem sempre alunos surdos que estão na Educação Básica têm conhecimento disso. Augusto (assim como Davi, Danielle e José Acácio) apresentava-se como um protagonista de sua própria história e de uma história mais ampla, a da inclusão educacional, na qual os surdos se fazem presentes. Desta forma, o “normalmente” da definição de surdo feita por S1 pode resultar de um olhar no espelho, no qual um surdo tem como referência outro surdo, um herói surdo, não escrito nos livros (ou apostilas) mas palpável (ou quase), a um olhar de distância, modelo acessível para nele se inspirar e se reconhecer. O “normalmente” seria um entender os surdos (no caso, entender a si mesmo) fora do âmbito limitador da deficiência.

Evidencia-se o reconhecimento do protagonismo surdo, mas, considerando os objetivos propostos para esta pesquisa, cabe examinar ainda se abordar a temática da história das pessoas surdas tornou a disciplina História mais significativa para os alunos surdos e se contribuiu para se percebessem como sujeitos históricos. Quanto ao primeiro ponto, voltemos ao questionário de avaliação (QUADRO 10). Ao serem indagados se o interesse deles pela História se modificou a partir das aulas sobre o

---

socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante”; identidades surdas flutuantes – “surdos vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes” (PERLIN, 2016, p. 63-67). Cabem ressalvas a essas tipologias, uma vez que parecem enquadrar e hierarquizar a diversidade surda.

<sup>72</sup> “Ouvir” aqui corresponderia a “ouvinte”.

ensino de História para surdos, com uma exceção, os alunos participantes responderam que sim. Cabe ressaltar que a pergunta se refere explicitamente a “aulas”, o que, a rigor, só aconteceu em turmas do sexto, oitavo e nono ano de escolaridade. No caso do sexto ano, o professor Carlos, responsável pelas turmas dessa série informou que abordou o tema somente no final do ano letivo de 2021 (QUADRO 8); no oitavo e no nono ano, trabalhei os textos e atividades contidos nas apostilas a partir do meu retorno às aulas presenciais, no segundo semestre daquele ano. As duas respostas dadas por alunos do sétimo ano não foram invalidadas porque as *lives* da Semana dos Surdos também podem ser consideradas aulas, em particular, a palestra do professor Ernesto Padovani Netto sobre a história da educação de surdos.

Apesar das respostas positivas, as justificativas pouco esclarecem se de fato a temática da história dos surdos ampliou o interesse dos alunos referidos pela disciplina. De fato, as respostas desses questionários como um todo são atravessadas por incompreensões. Por não terem a Língua Portuguesa como principal, nem sempre é possível compreender o que de fato os participantes surdos tentaram escrever em suas respostas. A AEE Teresa mostrou-se bastante preocupada em nossas reuniões com retrocessos na aprendizagem dos alunos surdos, incluindo no domínio da escrita e até mesmo no uso da Libras (ressaltando que o isolamento social os afastou do convívio com outros surdos). Ainda assim, dentro do que pude entender, parece haver também uma falta de compreensão de alguns desses estudantes em relação às questões feitas e até mesmo à proposta de avaliar o trabalho desenvolvido. Apesar de todo o cuidado dispensado à acessibilidade dos formulários eletrônicos utilizados, que contaram com as perguntas apresentadas em Libras, é preciso ressaltar que a tradução/interpretação nem sempre é suficiente, tornando-se necessária a mediação, de modo a auxiliar os surdos para que melhor entendam uma dada informação, ou seja, transformar um conjunto de sinais em significados.

Mas insisto na questão do interesse dos alunos pela História. Como a pergunta queria saber se esse havia mudado, mesmo um “não” pode ser uma resposta positiva, caso entendido que o aluno já se interessava pela disciplina. Dentre os que responderam “sim”, duas respostas parecem não se relacionar com o que foi inquirido, uma vez que se referem a comunicação (“pude me comunicar mais”; “meus amigos foi conversar”). Das restantes, a resposta de S1 destaca os vídeos, se referindo àqueles que foram produzidas com os conteúdos das apostilas em Libras. Esse

mesmo aluno já havia manifestado à AEE Teresa que estaria sido fácil entender História graças aos vídeos. Nesse caso, pode se dizer que se a temática da história dos surdos não foi assinalada como um fator de aproximação maior com a disciplina História, o meio acessível como os conteúdos foram apresentados acabou cumprindo esse papel, facilitando ainda a aprendizagem. Em outra resposta, S5 escreve “quero aprender mais”. Novamente, não está claro o que necessariamente o aluno deseja aprender. Porém, considerando a pergunta, pode estar sinalizando que quer conhecer mais sobre a história dos surdos (demonstrou isso de forma mais evidente em outra resposta) ou que, ao conhecer essa história, ampliou o seu interesse pelo conhecimento histórico de um modo geral. Em ambas as hipóteses é possível afirmar que há indícios de que o ensino da história dos surdos pode sim tornar a disciplina mais significativa para educandos surdos.

Padovani Netto (2018a) identifica desinteresse dos alunos surdos pela História e aponta como uma de suas razões o fato deles não se reconhecerem nessa disciplina. Ao percebermos o interesse, invertamos a equação. A experiência curricular desenvolvida possibilitou aos alunos surdos que se reconhecessem como sujeitos históricos? A questão nos leva ao conceito de consciência histórica. Costa (2009), partindo de definições de Jörn Rüsen, entende que consciência histórica é uma atividade cognitiva baseada na memória, que possibilita aos indivíduos se orientarem e atribuírem sentidos ao tempo. Em outras palavras, não seria somente saber que o tempo passou, mas, sobretudo, que as coisas se passaram no tempo e configuraram a nossa realidade. Graças à consciência histórica, sabemos que estamos em uma trama que vem do passado, que subsiste no presente e se abre para o futuro. Por meio da comunicação e do aprendizado, adquirimos a consciência histórica e entrelaçamos nossa história à história mais ampla (COSTA, 2009). Refazendo a pergunta, abordar a história dos surdos possibilitou o desenvolvimento da consciência história entre os estudantes surdos?

No questionário de sondagem (QUADRO 9), os respondentes reconhecem que os surdos fazem parte da História. No entanto, logo a seguir, não conseguem citar personagens ou informações históricas a respeito dos surdos. De fato, S1 até apresenta uma resposta, porém bastante confusa, mencionando os “Cerdos”. Suponho que se tratem dos “servos”, uma vez que, àquela altura, o aluno já havia tido contato com pelo menos duas apostilas, uma sobre a Idade Média e outra sobre o Renascimento. Essa por sua vez, despertou o interesse do aluno em conhecer sobre

os surdos no Renascimento, como responde em outra questão mais adiante. Importante destacar que as citações feitas por S1 se referem a conteúdos com os quais teve contato por meio das apostilas, indício animador quanto ao sucesso pedagógico do material produzido, mas que parece ser indício do desconhecimento prévio dos estudantes surdos em relação a elementos da cultura surda, inserindo-se aí a história desse grupo.

Tal constatação ficou ainda mais evidente durante um episódio ocorrido na Semana dos Surdos. Naquele contexto, já de volta às aulas presenciais (que seguiam com rodízio de grupos de alunos), trabalhei o *quiz Verdades e Mentiras sobre os Surdos*<sup>73</sup> com um grupo de alunos surdos e ouvintes do oitavo ano. Esse jogo foi elaborado em um *Formulário Google* e é composto por dez perguntas de múltipla escolha com duas opções – “verdade” ou “mentira”. As questões foram inspiradas no livro *Libras? Que língua é essa?* (GESSER, 2009). Elas versam sobre concepções do senso comum sobre a surdez, tais como “todos os surdos são mudos” e “Libras é uma língua de sinais universal”. Durante a atividade, observei que os alunos surdos apresentaram mais dificuldade para responder e obtiveram menos acertos do que os ouvintes. O jogo que procurava verificar o conhecimento dos alunos sobre as pessoas surdas, procurando desconstruir mitos a elas associadas, acabou por revelar o quanto os alunos surdos encontram-se distantes de muitos elementos que constituem a cultura surda, incluindo a sua história e até mesmo a língua de sinais (vide o depoimento de Davi Lima). O que só reforça a necessidade das escolas com alunos surdos de promoverem ações que evidenciem essa cultura.

Um olhar sobre o questionário de avaliação permite afirmar que as ações que desenvolvemos por meio desta pesquisa foram bem-sucedidas enquanto aproximação dos alunos surdos de elementos associados ao que se entende como cultura surda. Percebe-se uma ampliação do repertório dos alunos nesse sentido, com mais citações a personagens e à história dos surdos. O aluno S1 faz referências ao INES e em “falar sobre surda-cega”. Embora não a nomeie, muito provavelmente se trata de Helen Keller. Não houve oportunidade para abordarmos essa personagem nas aulas e materiais desenvolvidos, contudo, a AEE Teresa informou que tratou

---

<sup>73</sup> Esse jogo foi originalmente produzido por mim, pela professora de Ciências Sabrina Feitosa e pela TILSP Priscila Nascimento, da E. M. Santa Luzia, durante as atividades letivas exclusivamente remotas do ano de 2020. Na ocasião, o material foi compartilhado com os alunos pelo grupo “Santa Luzia – 2º Segmento e EJA”, do *Facebook*, por ocasião do Setembro Surdo. O quiz pode ser acessado pelo link <https://forms.gle/E1kMxSCi1ZsNPWgw7>

dessa personagem em atividades específicas com alunos surdos na Sala de Recursos. O que revela que a proposta de promover o ensino da história dos surdos não se limitou ou esgotou nas aulas de História ou nas ações planejadas para compor a pesquisa.

O aluno S3 cita “Halley Berry” como personagem surdo da História que o inspira. De fato, ele se refere à atriz estadunidense Halle Berry, vencedora do prêmio Oscar em 2002. Ela perdeu parte da audição como consequência de certa violência doméstica que sofreu (MOREIRA, 2015). Contudo, essa informação é pouco conhecida e também não faz parte de nenhuma das ações realizadas na escola. O que faz supor que ou o aluno S3 já a conhecia ou realizou uma pesquisa para apresentar sua resposta. Nesse caso, poderíamos entender como mais uma contribuição da experiência desenvolvida, no sentido de mobilizar os alunos a buscar conhecimento sobre os surdos. Cabe ressaltar ainda que Halle Berry não é propriamente uma personagem histórica surda (o aluno entende esse conceito?), mas uma personalidade surda. Ainda assim, seu nome pode ser interessante para futuras discussões com os alunos sobre diferentes identidades surdas (ela é parcialmente surda e não se comunica por língua de sinais) e a presença de interseccionalidades (surda, mulher, negra).

O aluno S5 é o que mais identifica aspectos relacionados à presença surda na História. Sobre o tema relacionado à história dos surdos que mais o interessou, responde que foi “a história da educação de surdos no Brasil”, abordado na Semana dos Surdos pelo professor Ernesto Padovani Netto em sua *live*. Não à toa, uma das palestras mais acessíveis aos surdos daquele evento, na qual a apresentação apoiou-se no uso de fontes históricas imagéticas. Mais adiante no questionário, o aluno S5, afirma que “surdo é tão antiga quanto a humanidade” e em seguida elenca línguas de sinais em outros países, no que parece ser um reconhecimento da presença surda no tempo (na História) e no espaço (pelo mundo). Presença que não seria apenas no estar presente, mas também no marcar presença, no ser protagonista, como pode ser entendido no cruzamento dessa resposta com a anterior, no qual o aluno alega conhecer “alguns personagens **importantes** para a história dos surdos nacional e internacionalmente. A maioria das pessoas que **merecem destaque**” (grifos meus).

Os surdos se veem representados na História, mas se veem como parte dela? Um episódio pode encaminhar a uma possível resposta. Mais uma vez, retorno à Semana dos Surdos e à *live História dos surdos no Brasil e no Mundo*, do professor

Ernesto Padovani Netto. O público que a assistiu contava com professores, funcionários, responsáveis, alunos surdos e ouvintes e ex-alunos surdos da E. M. Santa Luzia. Dentre esses, Ryan Azevedo, que concluiu sua passagem pela escola ao terminar o nono ano em 2019. Atualmente, cursa o Ensino Médio, com uma rápida passagem pelo INES (não teria se adaptado a essa instituição de ensino). Durante a *live*, quando o professor Padovani abordou os métodos de ensino oralistas, mostrando fotografias de alunos surdos cercados por aparelhos fonoaudiológicos, submetidos a testes e ensinados a falar, Ryan deixou nos comentários da postagem a seguinte mensagem: “Isso tão real! Horrível! 😞”

Posteriormente, no encerramento do evento, em uma atividade presencial que reuniu alunos e ex-alunos surdos da escola, a *live* foi tema de conversa entre eles, o que demonstra o impacto que provocou. Segundo relatos da AEE Teresa, organizadora da atividade, os surdos mostraram surpresa e indignação com o tratamento outrora dispensado aos estudantes surdos. Para ela, isso revela que o objetivo da Semana dos Surdos (e da pesquisa) foi alcançado: os alunos conseguiram se colocar na História. A reação de Ryan e dos demais alunos surdos expressa muito mais do que sensibilidade empática. Houve uma conexão com a História. Suas reações indicam que, por meio daquela verdadeira aula pública, internamente, se colocaram no lugar daqueles surdos de um outro tempo, jovens como eles, estudantes como eles, surdos como eles, sujeitos históricos como eles.

#### 4.5 ALTERIDADE

De um modo geral, as pesquisas sobre a educação de surdos em contextos inclusivos costumam se esquecer de um outro ator de grande importância na escola regular: o aluno ouvinte. Nos estudos sobre o ensino de História para surdos, por exemplo, são poucos os trabalhos que apresentam a perspectiva de estudantes ouvintes envolvidos em processos de inclusão (MESQUITA et al., 2009; SÁ et al., 2017; PADOVANI NETTO, 2018a). Ao considerar que a experiência curricular aqui analisada ocorreu em uma escola regular inclusiva considero fundamental verificar de que maneira os educandos da E. M. Santa Luzia foram por ela afetados. Usando como chave a alteridade, enquanto olhar sobre a diferença, refletimos a respeito das respostas dadas por alunos ouvintes aos questionários que se constituíram em instrumentos desta pesquisa.

Esses questionários foram os mesmos respondidos pelos alunos surdos. As respostas de surdos e ouvintes foram posteriormente separadas para efeito de análise. A organização dessas respostas segue os mesmos parâmetros já apresentados em relação àquelas dadas pelos alunos surdos. Dessa forma, são apresentadas em dois quadros, um para o questionário de sondagem (QUADRO 11) e outro para o de avaliação (QUADRO 12). Os alunos participantes recebem pseudônimos formados pela letra O (Ouvinte) acompanhada por um número. Inversamente ao que ocorreu com os alunos surdos, a participação dos ouvintes foi maior na sondagem do que na avaliação. Por uma questão de limitação do espaço para as colunas, o Quadro 11 precisou ser dividido em duas partes. As respostas dos alunos O1 até O7 são apresentadas na metade superior do quadro e as de O8 até O14 na metade inferior.

<b>QUADRO 11 – Questionário de sondagem para alunos – ouvintes (perguntas e respostas)</b>							
<b>Aluno</b>	<b>O1</b>	<b>O2</b>	<b>O3</b>	<b>O4</b>	<b>O5</b>	<b>O6</b>	<b>O7</b>
<b>Série</b>	6º	7º	7º	9º	9º	7º	9º
<b>O que é ser surdo?</b>	e não escutar <sup>74</sup>	portadora de surdez e que possui uma identidade, uma cultura, uma história e uma língua próprios	EM BRANCO	ser surdo é ser uma pessoa com incapacidade de ouvir ou até mesmo dizer algo	Pessoas que não ouvem	Não poder escutar	Pessoas com deficiência auditiva e modos diferentes de vida
<b>Os surdos fazem parte da História?</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	EM BRANCO
<b>Conhece algum personagem surdo da História? Qual?</b>	sim tamara menina surda que queria ser balarina	Nao	Não	Hellen Keller e Mabel Gardiner Hubbard	Beethoven	Só personagens de tv e filme	Infelizmente não
<b>Conhece alguma informação sobre a história dos surdos ou a</b>	a menina era surda mas queria se torna uma balairina	Não	EM BRANCO	conheço a história de Alexander Graham Bell, o inventor	Sim, a primeira escola de surdos	Não	Não lembro

<sup>74</sup> Da mesma forma que ocorreu na apresentação das respostas dadas pelos alunos surdos, aqui e no quadro seguinte (QUADRO 12), mantém-se as respostas na forma como foram escritas pelos estudantes, sem correções ortográficas e gramaticais.

participação dos surdos na História? Conte o que conhece.				do telefone. Sua esposa e sua mãe eram surdas e ele sempre foi contra a língua de sinais. por muitas décadas os surdos não puderam usar a língua de sinais.			
<b>Se você respondeu SIM em pelo menos uma das duas questões anteriores, onde conheceu?</b>	Em livros	EM BRANCO	Conversando com outras pessoas, em programas de TV, em sites da internet, nas aulas de Libras	Nas aulas de História	Em sites da internet, nas aulas de História, nas aulas de Libras	Em filmes, em programas de TV	EM BRANCO
<b>Tem interesse em conhecer ou conhecer mais sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	sim porque e bom aprender mas sobre eles	Sim porque é interessante	sim, porque eu acho interessante .	Tenho, porque desde criança sempre me perguntei bastante se existiam surdos em história ou se tinha algum livro sobre, sempre quis aprender libras para me comuni-	Sim, eu acho muito importante!	Sim. Nos livros de história falam sobre diversos tipos de pessoas. Reis, Imperadores, camponeses, mas nunca falam sobre as dificuldades física das pessoas	Sim , porque sempre é bom ter mais conhecimentos sobre esse assunto

				car com eles.			
<b>Você acha importante aprender sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	sim porque aprender a se relacionar com eles melhor	Sim seria importante caso agenda encontrar algum sudor ne	sim	Porque é sempre bom saber da trajetória deles, do que eles passaram , como tudo evoluiu e agora quase tudo está adptado para eles.	Para termos consciência de tudo que eles já passaram!	Sim. Para melhorar a comunicação e mostrar que limitações físicas não impedem as pessoas de ser o que quiserem.	Sim , porque ajuda a saber o que é ser surdo e suas dificuldades
<b>As aulas de História seriam mais interessantes para você se o(a) professor(a) ensinasse sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	sim	Acho que sim pra aprender mais	sim	Porque acho muito interessante e gostaria de aprender muito mais sobre, a trajetória dos surdos sempre foi algo que me interessou bastante!	Sim! Eu amo história, me interessa por todos assuntos !	Sim. Porque fazem parte da História.	Depende da forma que é ensinado e explicado
<b>Aluno</b>	<b>O8</b>	<b>O9</b>	<b>O10</b>	<b>O11</b>	<b>O12</b>	<b>O13</b>	<b>O14</b>
<b>Série</b>	7º	9º	7º	6º	7º	7º	8º
<b>O que é ser surdo?</b>	Infelizmente não sei como é ser porque não sou surdo.	Ser incapaz de ouvir qualquer tipo de ruído ou voz.	E poder demonstrar o que sente com ações	nao escutar	Não poder escutar os sons	Ter uma deficiência, no caso, auditiva.	EM BRANCO
<b>Os surdos fazem parte da História?</b>	Sim	Sim	Talvez	Sim	Sim	Talvez	EM BRANCO
<b>Conhece algum personagem surdo da História? Qual?</b>	Nao	Sim, Silas Alves, arquiteto, ator, humorista, poeta, diretor e coordenador da	Não conheço	a menina	Sim. Efatá	Não	Sim

		Palavras Visíveis no grupo Moitara					
<b>Conhece alguma informação sobre a história dos surdos ou a participação dos surdos na História? Conte o que conhece.</b>	Nao	Sim.Na época dos Hebreus, no Egito, os surdos eram adorados, como se fossem deuses, serviam de mediadores entre os deuses e os faraós, sendo temidos e respeitados pela população. Na Antiguidade, alguns povos os lançavam ao mar ou em penhascos .	Não conheço	ela queria ser balairina	Ao longo das eras, os surdos travaram grandes batalhas pela afirmação da sua identidade da comunidade surda	Não	Os surdos na época de feudalismo
<b>Se você respondeu SIM em pelo menos uma das duas questões anteriores, onde conheceu?</b>	EM BRANCO	Em filmes, em livros, em sites da internet, nas aulas de História	Em filmes, nas aulas de Libras	Em filmes	Bíblia	EM BRANCO	Nas aulas de História
<b>Tem interesse em conhecer ou conhecer mais sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	Sim.porque deve ser completamente diferente de pessoas que conseguem escutar	Sim,pois quero saber mais sobre eles e quem foi o primeiro surdo da história	Mais ou menos, gostaria de saber como eles se sentem	sim e bom aprender sobre eles	Sim. Porque é legal	Sim. Porque eles tem importância, mas há muito preconceito.	Sim, porque eu acho bem interessante
<b>Você acha importante</b>	Talvez.porque pode aver	Sim,os surdos conquistar	Um pouco,	sim pra compreender	Sim. Para conhecer	Sim. Porque também	Sim, porque eu gosto

<b>aprender sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	varios momentos da vida que possamos e vamos falar com surdos e devemos aprender as libras.	am bastante coisas para poderem ser independentes e acho importante que todos saibam disso. Para que todos tenham consciência de tudo que os surdos passaram e ainda passam	para saber interagir	melhor eles	os surdos melhores	são pessoas que fazem parte da nossa sociedade .	de saber sobre nossa história e os surdos fazem parte dela
<b>As aulas de História seriam mais interessantes para você se o(a) professor(a) ensinasse sobre a história dos surdos? Por quê?</b>	Sim.Porque eles tem mais tempo de aprendizagem sobre coisas desse tipo	Sim,porque existem pessoas com preconceito e indiferença com os surdos e acho que eles deviam se conscientizar sobre isso. Para descobriremos mais sobre o assunto e sobre nossos colegas	Não sei,tem aluno(a) que não acha muito interessante esse tipo de ensino	sim	Sim. Porquê os poderiam se achar especiais	Sim. Iria me acrescentar culturalmente.	Sim, porque eles fazem parte da história

Fonte: produção do autor.

<b>QUADRO 12 – Questionário de avaliação para alunos - ouvintes (perguntas e respostas)</b>				
<b>Aluno</b>	<b>O15</b>	<b>O16</b>	<b>O17</b>	<b>O18</b>
<b>Série</b>	8º	7º	8º	8º
<b>De que maneira seu professor/sua professora de História lhe apresentou a história dos surdos.</b>	Por meio de textos e atividades nas apostilas. Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula.	Por meio de textos e atividades nas apostilas.	Por meio de textos e atividades nas apostilas. Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula.	Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula. Por meio de pesquisas.

<p><b>A forma de apresentação da história dos surdos feita por seu professor possibilitou que fosse mais fácil para você aprender? Justifique.</b></p>	<p>Sim. Eu não fazia ideia e nunca nem havia parado pra refletir sobre o tema. Nunca tive aulas com outro professor que de fato nos ensinasse sobre tudo isso e portanto, não tinha dimensão da importância que os surdos tem. Através das aulas do professor Paulo, eu pude compreender o quão é necessário discutir a respeito desse assunto. Me fez entender e despertou ainda mais interesse. E mesmo que o conteúdo não fosse tão explicativo (o que era raro), era fácil e divertido de entender nos debates que ocorriam na sala de aula. O professor sempre permitiu que fizéssemos perguntas e nos explicava de forma clara.</p>	<p>Não.</p>	<p>sim,a didática do professor foi muito boa para a minha compreensão.</p>	<p>Sim porque não sabia de muitas coisa sobre os surdos e aprendi muitas coisas</p>
<p><b>Qual foi o tema ou atividade relacionada à história dos surdos que mais lhe interessou? Justifique.</b></p>	<p>Onde estão os surdos na história. Achei muito interessante pois nunca havia escutado ninguém falar sobre as pessoas que foram apresentadas na apostila. Elas foram</p>	<p>EM BRANCO</p>	<p>O início da história dos surdos no Brasil. Acho que foi muito importante pros surdo e pra humanidade essa luta.</p>	<p>O trabalho dos surdos. Porque eu pesquisei mas fundo e descobrir mas coisa que não sabia</p>

	extremamente importantes e não tem muita visibilidade. Isso despertou a curiosidade para procurar por mais surdos que tiveram uma grande participação significativa na história, mas que por algum motivo, não se ouve falar deles.			
<b>Complete a frase: Ser surdo é...</b>	EM BRANCO	EM BRANCO	ser capaz	Capaz
<b>Cite um personagem surdo da História que lhe inspira ou que você considere importante.</b>	EM BRANCO	EM BRANCO	Ernest Huet	Eduard Huetel
<b>Qual é a importância do personagem surdo que você citou?</b>	EM BRANCO	EM BRANCO	foi importante na educação de surdos na França e principalmente no Brasil	Ele criou a primeira escola de surdos na França eu penso assim os surdos não tinha nada e um professor surdos deu esperança para eles
<b>Foi importante conhecer a história dos surdos? Justifique.</b>	Sim. Como já citei, é importante pois precisamos ser mais inclusivos e reconhecer o importante papel deles na sociedade.		sim, entender como eles estão localizados na história é muito importante e legal já que não são todos os professores que abordam esses temas	Eu tenho irmão surdos e bom conhecer mas sobre o mundo dele
<b>Seu interesse pela matéria História mudou a partir das aulas sobre a história dos surdos? Justifique.</b>	Sim	Sim	não, eu já tinha muita interesse antes por influência da minha mãe que é apaixonada por história, só aprendi mais com as aulas	Sim. Todas pessoas são iguais não importa se é ouvinte ou surdas e todos têm que conhecer mas um do outro
<b>Participou da Semana dos Surdos?</b>	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook, mas não participei	Não participei de nenhuma atividade.	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook, mas não participei	Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook e participei das oficinas na escola.

	das oficinas na escola.		das oficinas na escola.	
<b>O que você aprendeu sobre os surdos na Semana dos Surdos?</b>	EM BRANCO	EM BRANCO	EM BRANCO	Que os surdos são iguais nos ouvintes mas sem a audição
<b>Para terminar, o que mais gostaria de expressar sobre as aulas e atividades a respeito da história dos surdos.</b>	EM BRANCO	EM BRANCO	acho muito legal o professor apresentar esse tipo de conteúdo, porque não é, infelizmente, tão comum, falarem ou comentarem sobre esse assunto dos surdos na história com tanta dedicação, como eles também são importantes, acho muito legal a forma inclusiva que não só a escola mas também os professores tem com os surdos.	EM BRANCO

Fonte: produção do autor.

No início da pesquisa, os alunos ouvintes participantes apresentaram definições de surdo que se relacionam com concepções de deficiência. Dez das 14 respostas apresentaram frases que enfatizam a falta de capacidade para ouvir, tais como “não escutar”, “incapacidade de ouvir ou até mesmo dizer algo”, “ter uma deficiência, no caso, auditiva”. O aluno O2 escreveu que os surdos são “portadores de surdez” e que possuem identidade, cultura, história e língua próprias (copiando textualmente descrição da Wikipédia<sup>75</sup>), enquanto O7 fala em “pessoas com deficiência auditiva e **modos diferentes de vida**” (grifo meu), nesses dois casos, sinalizando com concepções mais distantes do senso comum e próximas do que definimos como socioantropológicas, mas sem abandonar conceitos de deficiência. Duas outras respostas diferenciam-se das demais. O aluno O8, não apresenta definição justificando-se pelo fato de não ser surdo. Já O10 traz a resposta mais original, dizendo que ser surdo é “poder demonstrar o que sente com ações”, talvez

<sup>75</sup> <https://pt.wikipedia.org/wiki/Surdo>

numa referência ao expressarem-se por meio de Libras (as ações). Apesar disso, a predominância de respostas que enquadram os surdos no espectro da deficiência pode ser explicada a partir da constatação feita por Skliar (1999). Segundo o autor

os surdos, como toda a alteridade deficiente, têm sido permanentemente inventados e excluídos. Seus corpos foram moldados a partir do ouvido incompleto e da fala insuficiente. Suas identidades, pensadas como pedaços desfeitos. Suas mentes, como obscuras e silenciosas cavernas (SKLIAR, 1999, p. 28).

Quando os currículos e as obras didáticas de História silenciam sobre os sujeitos surdos ou mantém-se em conformidade com perspectivas que deveriam já estar superadas sobre a surdez, reforçando e perpetuando essa “alteridade deficiente”. Ao introduzirmos a história dos surdos, destacando o seu papel de protagonismo, buscamos produzir uma outra alteridade, nos alinhando a proposições do próprio Skliar (1999):

em vez de entender a surdez como uma exclusão e um isolamento no mundo do silêncio, defini-la como uma experiência e uma representação visual; em vez de representá-la através de formatos médicos e terapêuticos, quebrar essa tradição por meio de concepções sociais, linguísticas e antropológicas; em vez de submeter aos surdos a uma etiqueta de deficientes da linguagem, compreendê-los como formando parte de uma minoria linguística; em vez de afirmar que são deficientes, dizer que estão localizados no discurso da deficiência (SKLIAR, 1999, p. 23-24).

Após a realização de nossa experiência curricular, por meio de ações como a inserção de textos e atividades sobre a história dos surdos nas apostilas, a Semana dos Surdos e outras ações mais pontuais, situam-se as respostas dadas pelos alunos ao questionário de avaliação (QUADRO 12). Nele, quando solicitados a definir os surdos, temos apenas duas respostas, por sinal, muito similares. Ambas dizem que ser surdo é ser “capaz”. Apesar da simplicidade do que foi respondido, temos aqui uma inversão daquelas definições apresentadas no questionário de sondagem, nas quais ser surdo foi associado a incapacidades (de ouvir, de falar). Portanto, têm-se aqui um outro olhar sobre os surdos que supera a deficiência. O “ser capaz” parece encerrar em si também um indício de aprendizado e reconhecimento a respeito do papel de protagonismo desempenhado pelos surdos ao longo da História.

No questionário de sondagem, praticamente todos os alunos respondentes afirmaram reconhecer a presença dos surdos na História, porém, apenas dois conseguiram citar nomes de personagens históricos surdos: Helen Keller e Mabel Gardiner Hubbard, esposa de Alexander Graham Bell (O4) e Beethoven (O5). Até há

outras citações, mas se tratam de personagens fictícios ou personalidades surdas. Nesse caso, é preciso considerar que a pergunta não esclarece o conceito de personagem histórico, o que pode justificar a confusão. Por outro lado, o pouco conhecimento prévio dos alunos se confirma quando menos da metade dos participantes consegue apresentar alguma informação que de fato diz respeito à história dos surdos. Considerando o vocabulário e o nível de conhecimento, parte dessas respostas não parece espontânea, mas encontrada em pesquisa feita provavelmente pela internet. Outras já demonstram um *feedback* das ações que começaram a ser implementadas pela experiência curricular, por conterem informações presentes nas apostilas elaboradas para as turmas do oitavo e nono ano.

O questionário de avaliação, mesmo contando com poucas respostas, mostra uma ampliação do conhecimento dos alunos a respeito da história dos surdos e o amadurecimento de uma perspectiva sobre as pessoas surdas que reconhece o seu papel ativo no passado e no presente, aquela “outra alteridade” postulada por Skliar (1999). O aluno O16 constitui-se em exceção, pois, ao contrário do que informa, não foram apresentados textos ou atividades sobre a temática em questão para a sua turma. Ele também assinala que não participou da Semana dos Surdos. Nas demais respostas, embora tenhamos a referência a apenas um personagem histórico surdo – Eduard Huet (nomeado de forma diferente e cujas ações foram confundidas com a de outro importante educador para os surdos: o abade de l’Epée) –, os alunos se referem ao papel histórico dos surdos com expressões que reconhecem o seu protagonismo (“surdos que tiveram uma grande participação”, “foi importante na educação de surdos”, “um professor surdos [surdo] deu esperança para eles”). Além disso, a introdução da história dos surdos propiciou interesse pela ampliação do conhecimento sobre o assunto e provocou questionamentos a respeito do porquê não é abordado pela História, como se observa em “por algum motivo, não se ouve falar deles” (O15).

Ao ser perguntado qual foi o tema ou atividade relacionada à história dos surdos que mais lhe interessou, o aluno O18 se refere a um “trabalho”, para o qual teria pesquisado “mais fundo” e descoberto “coisas que não sabia”. Esse trabalho foi uma atividade de pesquisa proposta como atividade da última apostila. Foi idealizada nos encontros entre os profissionais participantes, tendo como objetivo mobilizar os alunos para a busca de informações sobre a presença surda na História, uma vez que reconhecemos que os textos das apostilas tinham o limite de um aprendizado muito passivo. Devido ao calendário apertado do final do ano letivo, com foco nas avaliações

finais, e o rodízio dos alunos nas aulas presenciais, essa atividade de pesquisa foi realizada apenas por uma turma do oitavo ano.

Por ser o personagem surdo mais popularmente conhecido, Beethoven foi tema de mais de uma das pesquisas feitas. Contudo, Eduard Huet, Ferdinand Berthier e Flausino da Gama, brevemente apresentados nas apostilas, também foram pesquisados (IMAGEM 28), demonstrando aquele interesse por aprender mais sobre “surdos que tiveram uma participação significativa na História” indicado nas respostas ao questionário de avaliação. Houve ainda um trabalho sobre o escritor irlandês Jonathan Swift, autor de *As Viagens de Gulliver*, que propicia um debate sobre as identidades surdas mascaradas. Esse conceito de Strobel (2007) se refere a personagens históricos surdos, enquadrados pela memória como ouvintes, uma vez que contradiziam concepções de surdez pautadas pela anormalidade e incapacidade. Os trabalhos desenvolvidos e apresentados pelos alunos, que demonstraram muito engajamento na realização da atividade, foram expostos no Núcleo de Memórias da escola, espaço dedicado à conservação do acervo histórico da E. M. Santa Luzia e a eventuais exposições. O objetivo foi promover a visibilidade aos personagens históricos surdos para os alunos de outras turmas e para a comunidade escolar como um todo.



IMAGEM 28 – Apresentação de pesquisa sobre personagens históricos surdos. Em 19 de novembro de 2021. Fonte: acervo do autor.

Não havia alunos surdos incluídos naquela turma, o que não impediu os alunos de demonstrarem muito interesse e engajamento na realização da atividade. Por conviverem com surdos, observou-se nos estudantes ouvintes da escola respeito e

curiosidade em relação aos seus colegas ouvintes. O que foi um elemento facilitador da aceitação da experiência que realizamos. Entendo ainda que o ensino da história dos surdos não deva ser restrito a surdos. Como afirma a historiadora Ana Gabriela Vieira, “aprender história não é somente aprender sobre si, mas também aprender sobre o outro” (VIEIRA, 2018, p. 18). Se a autora usou essa frase para sustentar seu argumento de que o ensino de História para surdos não deveria passar apenas pela história dos surdos, defendo que ele deva fazer parte do ensino de História para ouvintes. O “outro” do qual fala a autora é o ouvinte, cuja história já é hegemônica. O “outro” do qual falo é o surdo, cuja história precisa ser conhecida pelos próprios surdos e pelos ouvintes também. Quanto mais conhecerem os surdos e sua história maior é o potencial para que esses sejam de fato reconhecidos como sujeitos históricos e cidadãos plenos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos.”*

(Charles Dickens)

A tese, que aqui se conclui, teve como objetivo principal realizar e analisar uma experiência curricular em escola pública com alunos surdos incluídos na qual são introduzidos elementos da história dos surdos, buscando-se identificar seu potencial para o incremento de práticas pedagógicas inclusivas, bem como para a promoção da representatividade e da alteridade em relação aos sujeitos surdos. Para atingir esse intento, um longo caminho foi percorrido, ora já pavimentado pelos estudos que me precederam, ora sendo desbravado. Percalços já eram previstos, mas jamais imaginaria que o trajeto seria obstaculizado pelos flagelos de uma pandemia. Foram tempos de morte, de ansiedade, de medo, de incertezas. Perdi familiares, perdi colegas, convivi com a perda temporária da sanidade de quem me é muito caro. Mas esses tempos também foram os da resiliência. Da necessidade de prosseguir em meio a tantas e tamanhas limitações, nunca mobilizamos tanto a criatividade. O trabalho, o estudo e a vida foram reinventados. Esta pesquisa e todo o potencial nela contidos se constituíram em luz, a me animar em prosseguir enquanto as trevas se impuseram.

Nessas circunstâncias, a pesquisa e o presente texto foram construídos. Antes de chegarmos à experiência curricular proposta, de imediato, busquei responder à questão-título “Onde estão os surdos na História?”. Tendo por base referências mais canônicas da história dos surdos (CABRAL, 2005; CARVALHO, 2007; SACKS, 2005), pesquisas mais problematizadoras (LAGE, 2019; LAGE; KELMAN, 2019a; 2019b; LAGE; CRUZ, 2022; LOPES, 2011; PADOVANI NETTO, 2017a, 2021a; REILY, 2007; ROCHA, 2007, 2009, 2018; SOFIATO; REILY, 2011) e sempre considerando a perspectiva dos próprios surdos (BERTHIER, 1840; PERLIN, 2002; STROBEL, 2007, 2008, 2009), apresentei um panorama da trajetória histórica das pessoas surdas. A opção por uma abordagem mais totalizante da História, abrangendo tempos e temas tão amplos, deixa em aberto inúmeras lacunas. Contudo, considero ter sido necessária pelas seguintes razões: fornecer substratos às ações que seriam posteriormente desenvolvidas na pesquisa; situar o leitor a respeito da presença dos surdos na História e oferecer um texto que possa servir de base tanto para professores

de História que se interessem em abordar a história dos surdos nas salas de aula, como para pesquisadores que venham a aprofundar o tema em futuros estudos.

Cabe frisar que a história tal qual explanada não pretendeu fornecer dados novos ou promover debates mais intensos em relação à sua temática. Procurei, sobretudo, defender uma linha narrativa pautada pela presença e pelo protagonismo desses sujeitos na História, destacando o papel de personagens históricos (Pierre Desloges, Ferdinand Berthier, Eduard Huet, Flausino Gama, George Veditz, Helen Keller) e movimentos (os Banquetes Surdos, o Deaf President Now, o Movimento Surdo em Favor da Educação e Cultura Surda) na secular luta pelo reconhecimento e pelos direitos das pessoas surdas. Cuidados foram tomados para não se repetirem mitos e cânones comumente atribuídos à história dos surdos, os quais foram cautelosamente desconstruídos.

Verifiquei que a história dos surdos vem sendo narrada sobretudo por autores do campo da Educação, daí enfatizar aspectos educacionais, sendo (ainda) negligenciada pela historiografia. Em decorrência disso, os surdos e sua história acabaram invisibilizados nos currículos da disciplina História. O vácuo deixado pela História, como ciência de referência, evidencia-se na ausência dos surdos ou na manutenção de concepções que relegam os surdos ao espectro da deficiência em documentos norteadores das matrizes curriculares das disciplinas escolares, com destaque para a BNCC, e nos livros didáticos, principal recurso pedagógico utilizado pelos professores que atuam na Educação Básica. Ao expor esse quadro, enfatiza-se a necessidade de introduzir a história dos surdos como objeto do conhecimento da disciplina História, não somente para suprir uma carência, mas para garantir aos estudantes surdos o acesso ao passado de seu grupo identitário e o direito a também serem historicamente representados, em consonância com o que estabelece a recente Lei n.º 14.191 (BRASIL, 2021).

Em um movimento inverso ao seu campo de referência acadêmico, o Ensino de História vem, por outro lado, visibilizando os surdos, problematizando a(s) forma(s) como tem se dado a educação escolar desses sujeitos e indicando possibilidades de aperfeiçoá-la. Em levantamento bibliográfico realizado por meios eletrônicos, identifiquei 21 trabalhos acadêmicos (monografias/TCCs, dissertações) e 57 publicações que têm como objeto o ensino de História para surdos. Esses estudos seguiram apresentados em quadros contendo informações como título, autoria e síntese. Dentre os trabalhos acadêmicos, sobressaíram-se as dissertações

desenvolvidas no Mestrado Profissional em Ensino de História, o qual tem se firmado como ponta de lança na pesquisa e no incremento às práticas de ensino dessa disciplina voltadas para educandos surdos.

De um modo geral, escritas por professores que já atuam na Educação Básica com alunos surdos, as pesquisas identificadas demonstram uma preocupação desses docentes com desafios enfrentados no chão da escola, em ambientes inclusivos ou nas instituições específicas: formação docente deficitária, métodos de ensino inadequados, falta de conexão discente com a disciplina. Sem se limitar à diagnose, esses trabalhos buscam ainda compartilhar práticas de ensino bem-sucedidas e propor estratégias pedagógicas inovadoras no ensino de História para surdos. Outro ponto em comum entre esses estudos é que, em relação aos aspectos teóricos, situam-se em uma “tríplice fronteira”, numa alusão ao conceito de lugar de fronteira (MONTEIRO; PENNA, 2011), mobilizando conceitos e teorias oriundos das áreas da História, da Educação e dos Estudos Surdos. Serviram de base para as reflexões acerca do processo e dos resultados da experiência curricular que realizamos.

A pesquisa empreendida seguiu uma abordagem qualitativa (IVENICKI; CANEN, 2016; LÜDKE; ANDRÉ, 2016), optando-se pela metodologia da pesquisa-ação (GATTI; 2008; GLAT; PLETSCHE, 2011; IVENICKI; CANEN, 2016; TRIPP, 2005). O lócus do estudo foi a Escola Municipal Santa Luzia, unidade de ensino regular que é polo na educação de surdos, localizada no município de Duque de Caxias (Rio de Janeiro, Brasil). Os participantes da pesquisa foram organizados em dois grupos: 1) profissionais participantes (dois professores de História, uma professora do AEE de surdos e uma TILSP), que, de modo a garantir o anonimato, foram identificados na pesquisa com nomes que homenageiam cientistas surdos (Carolyn McCaskill, Charles-Jules-Henri Nicolle, Annie Jump Cannon e Gladis Perlin); 2) alunos participantes (6 surdos e 18 ouvintes, estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental).

Questionários aplicados a esses grupos, um, de sondagem, no início da pesquisa empírica (a partir de fevereiro de 2021) e outro, de avaliação, ao final do processo (a partir de novembro de 2021), constituíram-se em instrumentos da pesquisa. Esses questionários foram desenvolvidos, divulgados e respondidos por meios eletrônicos, com uso de aplicativos diversos (*Google Formulários, Google Sala de Aula, Facebook, WhatsApp*). Outros instrumentos importantes foram as gravações das seis reuniões com os profissionais participantes pelo *Google Meet*; as falas e

comentários feitos durante as transmissões do evento Semana dos Surdos, pelo *Facebook*, e eventuais observações de episódios ocorridos presencialmente em aulas de História.

Adaptando o ciclo da pesquisa-ação proposto por Tripp (2005), a presente pesquisa foi delineada em três etapas. Na primeira, denominada Construção, foram realizados seis encontros com os profissionais participantes por meios eletrônicos. Esses encontros, descritos no Capítulo III, ocorreram entre os meses de março e outubro de 2021. A partir das demandas da pesquisa e de seus participantes, bem como das características das reuniões, elas podem entendidas como dois blocos distintos: os três encontros iniciais voltaram-se à formação, sobretudo dos professores de História, enquanto os três finais direcionaram-se para o planejamento das ações de introdução da história dos surdos ao ensino de História e de avaliação contínua do processo. Dessa primeira etapa também fez parte a aplicação dos questionários de sondagem.

A segunda etapa, da Realização, correspondeu à implementação das ações planejadas durante a Construção. A elas corresponderam a criação de conteúdos específicos sobre a história dos surdos, apresentados na forma de pequenos textos e atividades em apostilas. De fato, houve uma adaptação a uma proposta de trabalho em vigor na escola (e na rede de ensino), na qual apostilas seriam desenvolvidas para o ensino remoto (direito garantido aos estudantes durante todo ano letivo de 2021) e como material didático básico das aulas presenciais (que seguiram com o revezamento de grupos de alunos). Nessas apostilas, a história dos surdos foi apresentada de modo a relacionar-se com o tema principal de cada uma delas, sendo abordados os seguintes conteúdos específicos: a história dos surdos na Antiguidade; os surdos na Idade Média; os surdos no Renascimento; a Língua de Sinais Ka'apor; os surdos e a invenção do telefone; a primeira escola pública para surdos; personagens surdos do século XIX; a criação do INES; os surdos na Alemanha nazista; a mobilização dos surdos por direitos; a greve na Universidade Gallaudet; a fundação da FENEIS; a Lei de Libras; e a mobilização pelas escolas bilíngues.

Outra importante ação da pesquisa foi a Semana dos Surdos, um evento no qual a história dos surdos, mais especificamente da educação de surdos, foi apresentada à comunidade escolar por meio de um conjunto de *lives*, transmitidas entre os dias 27 e 30 de setembro de 2021. Dela também fez parte uma atividade específica para surdos, ocorrida presencialmente em 1º de outubro, com oficinas

mediadas por ex-alunos surdos. Considero a Semana dos Surdos a mais importante realização desta pesquisa, pois recuperou um evento de formação docente e promoção da autoestima dos estudantes surdos que já havia sido realizado pela escola; sinalizou um apoio da equipe diretiva da E. M. Santa Luzia ao projeto que estava sendo desenvolvido; extrapolou as expectativas para o mesmo, a princípio, limitado às aulas de História; redimensionou a ideia de história dos surdos, da abordagem macro, vinculada a um passado mais distante, para uma história mais local e memorialística, entrelaçando tais dimensões; além de ter possibilitado que os próprios surdos, representados pelos ex-alunos da escola, pudessem narrar a si mesmos.

A terceira e última etapa foi a Reflexão. Nela, os participantes da pesquisa puderam avaliar as ações realizadas, por meio dos questionários *online*. Nessa etapa, esses e outros dados produzidos foram examinados por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2021), donde se constituíram as cinco categorias discutidas no Capítulo IV desta tese: (1) Formação; (2) Acessibilidade; (3) Representatividade; (4) Consciência Histórica e (5) Alteridade. Tais categorias corresponderam aos principais temas que emergiram das fontes. Ao refletir sobre elas, procurei responder aos objetivos específicos do presente estudo. Retomo esses objetivos de modo a verificar se e como foram alcançados:

**A) Desenvolver, em conjunto com professores de História e outros profissionais que atuam na educação de surdos, ações pedagógicas destinadas ao ensino da história dos surdos, verificando os desafios decorrentes desse processo.**

As ações pedagógicas desenvolvidas incluem a introdução da história dos surdos aos alunos por meio de inserções feitas em apostilas e à comunidade escolar com a realização da Semana dos Surdos, conforme anteriormente explicado. Essas ações foram planejadas e organizadas pelos profissionais participantes da pesquisa, posteriormente, a eles se juntando membros da equipe diretiva e outros professores de surdos, TILSPs e profissionais surdos (GT responsável pela Semana dos Surdos), num abraçar da escola à pesquisa. Foram desafios ao processo: as limitações impostas pela pandemia; o engajamento parcial dos participantes; o desconhecimento dos professores de História em relação ao tema e a especificidades pedagógicas dos estudantes surdos; e a necessidade de construção de materiais didáticos de História que abordassem a história dos surdos de modo acessível.

A esses dois últimos pontos relacionam-se as categorias Formação, Acessibilidade e Representatividade. Quanto à formação, a pesquisa evidenciou o despreparo de professores de História para o ensino de alunos surdos em uma escola inclusiva, problema gravíssimo – diria, inadmissível –, porém ainda crônico e já apontado por outros estudos (TEZOLIN, 2014; CUNHA, 2018; OLIVEIRA, 2018; PERALES, 2018; SANTOS, 2018b; SOTORIVA, 2021; PAIXÃO, 2022). A partir dessa constatação, antes de introduzir a história dos surdos aos alunos, fez-se necessário apresentá-la aos próprios docentes. Não foram somente os conteúdos em si que precisaram ser explicados e discutidos, mas também as estratégias de ensino específicas que possibilitariam fazê-los chegar aos alunos surdos. Como pesquisador da temática, pude contribuir, dessa maneira, na formação continuada de meus colegas, para a qual também muito concorreram a expertise da AEE de surdos e a experiência da TILSP participantes da pesquisa. Foi especialmente gratificante observar as mudanças produzidas no professor Carlos, que mesmo em fim de carreira, se sensibilizou com a proposta e se reinventou como docente de surdos.

Em relação à acessibilidade, buscamos garanti-la em nossas ações, uma vez que se constitui em direito fundamental das pessoas surdas (BRASIL, 2015). Essa preocupação se fez ainda mais necessária considerando o contexto pandêmico, no qual os alunos não puderam contar plenamente com a mediação de professores e TILSPs. Planejando em uma versão ampliada da codocência (KELMAN, 2005; COSTA; KELMAN, 2018), na qual destacaram-se as orientações da AEE de surdos, construímos os conteúdos relacionados à história dos surdos (e as apostilas como um todo). Para tal, nos pautamos no uso de linguagem simples e de Libras, conforme indicado por Pletsch e Souza (2021) e em parâmetros do Desenho Universal para a Aprendizagem (PLETSCH; SOUZA; ORLEANS, 2017; PAIXÃO, 2022). Os materiais não foram criados para ouvintes e adaptados para surdos. Ao contrário, foram prioritariamente pensados para surdos, com textos mais curtos e objetivos; palavras-chave destacadas; associações entre imagens e conteúdos; atividades diversificadas, de modo a explorar diferentes habilidades e linguagens. Desta forma, puderam também facilitar a aprendizagem de ouvintes.

Sobre a representatividade, o desafio foi construir narrativas capazes de promover a visibilidade dos surdos em diferentes contextos históricos, destacando, sempre que possível, o papel de protagonismo que tiveram esses sujeitos. A síntese da história dos surdos contida na dimensão propositiva de minha dissertação

(SANTOS, 2018b) e as versões preliminares do primeiro capítulo desta tese embasaram os textos produzidos para as apostilas. Como contraponto às poucas referências aos surdos existentes nos livros didáticos de História, marcadas pela ênfase na surdez e na deficiência, buscou-se no material produzido apresentar os surdos a partir do viés socioantropológico (LOPES, 2011; SKLIAR, 2016), que entende os surdos a partir de elementos linguísticos, culturais e identitários. Procuramos, dessa forma, reconhecer e promover o reconhecimento da presença ativa dos surdos na História. Entre eles, incluem-se os ex-alunos surdos da E. M. Santa Luzia, que ao compartilharem suas memórias na Semana dos Surdos encarnaram a recente história da inclusão escolar de estudantes surdos, espelhando os atuais educandos, atores dessa mesma história no tempo presente.

**B) Identificar de que maneira a abordagem da história dos surdos pode tornar a disciplina História mais significativa para alunos surdos e contribuir para que esses educandos se percebam como sujeitos históricos.**

Esse foi o objetivo cujo alcance foi o de mais difícil identificação. A partir das respostas dadas por alunos ao questionário de avaliação e do cruzamento desses dados com outros instrumentos da pesquisa (questionário de sondagem, interações durante a Semana dos Surdos, informações de outros participantes), buscou-se entender de que maneira foram afetados pelas ações desenvolvidas. No caso dos surdos, não há clareza quanto a passarem a considerar a História mais significativa. Isso porque as respostas apresentadas estão envoltas em incompreensões, tanto para quem as lê como para os próprios respondentes, que talvez não tenham entendido o que de fato estava sendo perguntado. Apesar da acessibilidade em Libras, o preenchimento dos questionários não foi mediado. Há indícios, no entanto, de que as ações desenvolvidas despertaram um maior interesse pela História entre alguns alunos participantes, os quais manifestaram querer aprender mais sobre a história (dos surdos). O cuidado maior com a acessibilidade também pode ser entendido como um fator de aproximação com a disciplina, conforme se depreende de respostas aos questionários e de depoimentos de outros participantes.

É possível observar que esses estudantes surdos reconhecem os surdos como sujeitos históricos, embora tenham ainda dificuldade em identificar fatos e personagens relacionados à história dos surdos. Ainda assim, aos identificados atribuem um papel de relevância, respondendo, dessa forma, positivamente à abordagem assertiva dos surdos proposta por esta pesquisa. Há evidência de que as

ações realizadas contribuíram para a construção de uma consciência histórica por alunos surdos participantes. O conceito pode ser entendido como um perceber-se como parte de uma trama que entrelaça o que somos no presente ao que outros fizeram no passado (COSTA, 2009). O que se verificou em episódio da Semana dos Surdos, no qual estudantes surdos demonstraram profunda identificação com a sua contraparte no passado ao exprimirem reações empáticas quando foram apresentados à violência experienciada por surdos submetidos a métodos de ensino oralistas.

**C) Analisar como a abordagem de conteúdos relacionados à história dos surdos também afeta as concepções que estudantes ouvintes têm a respeito dos sujeitos surdos.**

Ao considerar que a pesquisa seria realizada em uma escola regular com alunos surdos incluídos, julguei necessário verificar e refletir de que forma os demais estudantes – ouvintes – também seriam afetados ao serem apresentados à história dos surdos. Para os ouvintes, as ações desenvolvidas buscaram ser um exercício de reconhecimento da diferença surda a partir de sua presença ativa na História, de modo a se constituir uma alteridade não deficiente (SKLIAR, 1999). Considerando as respostas dadas pelos estudantes ouvintes aos questionários, apesar do baixíssimo quantitativo de participantes, percebo que a experiência curricular realizada contribuiu para provocar um deslocamento da forma como entendem os surdos. De incapazes, com a maioria dos respondentes da sondagem inicial associando os surdos à ausência de sentidos e à deficiência, para capazes, conforme literalmente definidos no questionário de avaliação. Relacionando outras respostas e reações, constatei que os ouvintes se mostraram muito curiosos e abertos quanto ao conhecimento sobre os surdos e sua história, identificando seus personagens e eventos, para os quais atribuíram um papel de relevância, além de um olhar mais sensível e empático.

Não obstante, é preciso relativizar os méritos dessa pesquisa, uma vez que, mesmo sem estar prescrito em documento, já se inscreve na escola Santa Luzia um currículo vivo, muito marcado pela presença surda. Foi o que revelaram, por exemplo, as memórias dos ex-alunos surdos, com relatos de trocas constantes entre professores e alunos: docentes que buscam intuitivamente formas mais adequadas para ensinar, ouvintes (estudantes e professores) que aprendem Libras com os surdos... Portanto, as ações dessa pesquisa precisam ser entendidas como sementes que, apesar das intempéries, foram plantadas em solo fértil.

Ainda que os objetivos tenham sido parcial ou totalmente atingidos, essa pesquisa termina inacabada. Não porque faltou a este autor terminar o que se propôs. Na verdade, trago o termo inacabado em uma concepção freiriana. Freire afirmou que “onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 2011, p. 38). Nesse sentido, o inacabado contém uma ideia de movimento, de algo que não se completa, por estar em constante transformação. Para a escola que foi lócus da pesquisa, as ações desenvolvidas despertaram mudanças entre docentes e discentes. Mas o baixo engajamento desses últimos, sobretudo os ouvintes, aos principais instrumentos da pesquisa, nos deixam uma visão muito limitada sobre o real alcance das ações empreendidas. Outro fator limitante foi a necessidade de distanciamento social que reduziu e circunscreveu ao remoto boa parte das interações entre os participantes.

Um legado foi deixado à escola Santa Luzia, é bem verdade: os profissionais participantes mantiveram uma troca constante de informações sobre os temas tratados durante a pesquisa; conteúdos relacionados à história dos surdos foram incorporados aos planejamentos de História; retomou-se a Semana dos Surdos, que ganhou uma nova edição em 2022. Contudo, muito ainda precisa ser feito. Ações devem ser mantidas para promover a visibilidade da cultura surda, ainda pouco conhecida pelos próprios alunos surdos, conforme esta pesquisa constatou. Urge ainda um documento curricular norteador para o ensino de História (e de outras disciplinas) centrado na presença surda, considerando se tratar de uma escola polo, na qual ainda persistem dúvidas entre professores quanto aos saberes necessários à educação de surdos e inserida em uma rede que ainda não reconheceu esses sujeitos em sua matriz curricular. No caso específico da disciplina História, proponho que esse currículo não se restrinja a uma listagem de conteúdos, mas que também possa nortear práticas pedagógicas mais acessíveis aos surdos e aos demais educandos.

Esse estudo abriu muitas portas e, reconheço, nem sempre explorou a contento o que encontrou ao atravessá-las. O que aqui se fez foi algo introdutório, uma começar a pensar na presença surda na História. Tendo em vista o seu caráter pioneiro – primeira tese no campo do Ensino de História para surdos –, talvez a contribuição primordial desse trabalho seja justamente o de indicar alguns caminhos que possam ser replicados e expandidos em práticas pedagógicas e/ou aprofundados em futuras pesquisas. É necessário que a pesquisa sobre a história dos surdos, nesta tese apenas sintetizada, seja ampliada, de preferência por historiadores, uma vez que as pessoas surdas permanecem invisibilizadas pela historiografia. Aconselho também

que essa história seja apresentada em meios e formatos mais didáticos e acessíveis, de modo a poder ser utilizada para fins pedagógicos. Recomendo ainda que os professores de História incorporem fontes relacionadas à história dos surdos, de preferência, as imagéticas, a fim de construírem esse conhecimento junto a seus alunos, de forma mais instigante. Abordagem que gostaria de ter realizado, que mais se coaduna com uma pesquisa que já começa interrogativa no título, mas que carecia de uma mediação dificultada pelo contexto pandêmico. Ademais, indico a realização de investigações que ampliem a discussão sobre a presença/ausência dos surdos nos currículos e materiais didáticos de História, de maneira a contribuir para o estabelecimento de um aporte teórico específico, mas que também possuam um caráter propositivo. Sugiro ainda que grupos como o das pessoas com deficiência (física, intelectual) ou com transtorno do espectro autista (TEA), presentes na escola inclusiva e igualmente sujeitos da História, também possam ser representados como objetos do conhecimento dessa disciplina.

Finalizo com um episódio ocorrido algum tempo depois do término da etapa empírica desta pesquisa. Em maio de 2022, acompanhei um grupo de alunos surdos e ouvintes do nono ano de escolaridade da escola Santa Luzia em uma aula-passeio pelo circuito da Pequena África, no centro da cidade do Rio de Janeiro. O circuito engloba espaços históricos relacionados à história dos negros no Brasil, incluindo o Museu dos Pretos Novos, antigo cemitério de escravos, e o Cais do Valongo, local onde desembarcavam os africanos escravizados, hoje, Patrimônio Histórico e Artístico da Humanidade. Logo no início da atividade, uma aluna surda, participante da pesquisa em 2021, indagou quando visitaríamos o INES. Na superfície, pareceu uma pergunta despropositada e fora do contexto da atividade que então realizávamos. Refletida com mais atenção, ela carrega uma relação com a experiência curricular que vivenciamos em 2021. Mobilizada pela consciência histórica, a aluna surda entendeu que estávamos conhecendo lugares de memória (NORA, 1993), embora de todos nós, mais especificamente associados às populações negras. Reconhecendo-se como surda, que os surdos estão na História e possuem também os seus lugares de memória – o INES, primeira e mais antiga instituição de educação de surdos do Brasil –, a aluna apropriadamente reivindicou que também buscássemos o conhecimento na/da herança surda.

Uma pedrinha foi lançada no lago. Vejamos até onde as ondas formadas irão se propagar.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Marcia; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 21-39.

\_\_\_\_\_. “Regimes de Historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de história”. In: **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história**. GABRIEL, Carmen Teresa; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. (Orgs.) Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p. 21-42.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Surdos & inclusão educacional**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010.

ALMEIDA, Luiz Gustavo Paulino de; CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo. **O Congresso de Milão**. Araraquara: Letraria, 2018.

ALMEIDA, Simone D’Avila. **Atendimento educacional especializado: análise das concepções de bilinguismo por profissionais da Escola Municipal Santa Luzia em Duque de Caxias/RJ**. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014.

\_\_\_\_\_. **O ensino de língua portuguesa e as práticas de letramento em escolas polo para alunos surdos**. 2020. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

\_\_\_\_\_; KELMAN, Celeste Azulay. Pesquisa colaborativa e produção de instrumentos de avaliação: parceria entre o professor especialista e o regente. In: KELMAN, Celeste Azulay; OLIVEIRA, Thabata Fonseca de; ALMEIDA, Simone D’Avila (Orgs.). **Surdez: comunicação, educação e inclusão**. Curitiba: CRV, 2018, p. 201-220.

**ARARIBÁ Mais: História: manual do professor**. São Paulo: Moderna, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15290: Acessibilidade em comunicação na televisão**. Rio de Janeiro, 2005.

AUSUBEL, David; NOVAK, Joseph; HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

AZEVEDO, Patrícia Bastos de; MATTOS, Camila Oliveira. Aspectos teóricos na relação entre linguagem, surdez, letramento e ensino de história. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 25, n. 1, p. 135-148, mar. 2020. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5708>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Ensino de história para alunos surdos: a construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas. **Revista Per Cursos**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 112-133, set./dez. 2017.

BAIENSE, Ana Elena dos Santos. Percentual de alunos matrículas com deficiência em classes comuns ou especiais exclusiva no Brasil – 2015 a 2019. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24763>>. Acesso em: 26 set. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2021.

BARROS, Eudenia Magalhães. Mobilizações políticas e o movimento surdo: sobre os (novos) arranjos das ações coletivas contemporâneas. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal/RN. **29ª Reunião Brasileira de Antropologia: diálogos antropológicos expandindo fronteiras**. Brasília/DF: ABA – Associação Brasileira de Antropologia, 2014. Disponível em: <[http://www.29ba.abant.org.br/resources/anais/1/1402002726\\_ARQUIVO\\_EUDENI\\_AMAGALHAESArtigoCompleto.pdf](http://www.29ba.abant.org.br/resources/anais/1/1402002726_ARQUIVO_EUDENI_AMAGALHAESArtigoCompleto.pdf)> Acesso em: 15 jul. 2022.

BARROSO, Raphael Henrique Dias. A utilização do Prezi em sala de aula: uma proposta de inclusão no ensino de História. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis/RJ, n. 12, jan. 2014. Disponível em: <<https://editora-ararazul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C3%82%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2012%20%5BBARROSO%5D.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BECKER, Laércio. O conde d'Eu na Guerra do Paraguai. **Web Artigos**, Curitiba-PR, 06 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-conde-d-eu-na-guerra-do-paraguai/130976>>. Acesso em: 09 ago. 2022.

BENTO, Ricardo Ferreira. A surdez de Beethoven, o desafio de um gênio. **Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, v. 13, n. 3, p. 317-321, 2009.

BERNARDELLI, Rosy M. C. **Experiência no ensino de História para alunos surdos**. 2000. Monografia (Especialização em Ensino de História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

BERTHIER, Ferdinand. **Les Sourds-Muets avant et depuis L'Abbé de L'Épée**. Paris: Chez J. Ledoyen, 1840.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens segundo o método documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 114-134.

BOM DIA RIO. Alunos surdos de escolas municipais de Caxias continuam sem intérprete de libras. **Globoplay**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6974613/>>. Acesso em: 31 out. 2021.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania**: manual do professor. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

BRAICK, Patrícia Ramos; BARRETO, Anna. **Estudar História**: das origens do homem à era digital: manual do professor. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 23 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n.º 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em 19 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n.º 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11)>. Acesso em: 30 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em 05 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em 19 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 14 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)>. Acesso em: 14 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 11.738**, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea "e" do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm)>. Acesso em: 06 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>>. Acesso em: 08 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em 29 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 14.191**, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm)>. Acesso em 03 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.º 466**, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 29 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

BRITO, Larissa da Silva; KELMAN, Celeste Azulay. Sons em um sentir singular: um refletir pedagógico sensível sobre educação musical a estudantes surdos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee7/trabalhos/sons-em-um-sentir-singular-um-refletir-pedagogico-sensivel-sobre-educacao-musical-a-estudantes>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

CABRAL, Eduardo. Para uma cronologia da educação dos surdos. **Revista de Comunicação**, APECDA-Porto, n. 3, p. 35-53, 2005.

CAIMI, Flávia. O que precisa saber um professor de História? **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

CALIXTO, Hector Renan da Silveira; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. A educação de surdos em Duque de Caxias: marcos históricos. **Revista Periferia**, Duque de Caxias, v. 8, n. 2, p. 45-65, jul./dez. 2016.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A volta do termo surdos-mudos: sob uma perspectiva cultural e de identidade. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 55, p. 69-95, jan./jun. 2020.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História: escola e democracia**: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2018.

CANTIN, Angélique; CANTIN, Yann. Quem é Ferdinand Berthier? In: SOUZA, Regina Maria de; RODRIGUES, José Raimundo. **Ferdinand Berthier (1803-1886)**: edrudito, professor, ativista surdo e suas contribuições para o nosso presente. Curitiba: CRV, 2021, p. 41-61.

CARVALHO, Michele Elias de; CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves; SILVA, Josiane Almeida da. Ensino de Língua Portuguesa para surdos: uma revisão integrativa da literatura. **Revista CEFAC**, v. 21, n. 5, p. 1-11, 2019.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve história dos surdos no mundo e em Portugal**. Lisboa: Surd'Universo, 2007.

CASTRO, Mariana Gonçalves Ferreira de. **Análise sobre ensino de Língua Portuguesa para surdos: um estudo em dois municípios fluminenses**. 2021. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

\_\_\_\_\_. O ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. In: KELMAN, Celeste Azulay; OLIVEIRA, Thabata Fonseca de; ALMEIDA, Simone D'Avila (Orgs.). **Surdez**: comunicação, educação e inclusão. Curitiba: CRV, 2018, p. 135-148.

\_\_\_\_\_; KELMAN, Celeste Azulay. Práticas pedagógicas inclusivas bilíngues de letramento para estudantes surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 28, p. 155-168, mar. 2022.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Kátia Regina de Oliveira Rios Pereira. Ensino de leitura e escrita de alunos surdos estudantes do Ensino Fundamental: um relato de experiência. In: GUILHERME, Willian Douglas. **Educação inclusiva e contexto social**: questões contemporâneas 2. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019, p. 193-206.

CHAVES, Eduardo dos Santos. Os desafios do ensino de História para surdos. In: BUENO, André; CAMPOS, Carlos Eduardo; GONÇALVES, Dilza Porto. (Org.) **Ensino de História**: Teorias e Metodologias. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2020, p. 192-198.

COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. A lei n.º 10.639/03 e consciência histórica: ensino de História e os desafios da diversidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH-Brasil, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364074796\\_ARQUIVO\\_TEXTO\\_ANPUH-NATAL2013-MAUROCEZARCOELHOeWILMABAIACOELHO.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364074796_ARQUIVO_TEXTO_ANPUH-NATAL2013-MAUROCEZARCOELHOeWILMABAIACOELHO.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2022.

CORRÊA, Vera Lúcia Alvos dos S. *et al.* Possibilidades e desafios no trabalho de inclusão nas escolas municipais Olga Teixeira de Oliveira e Santa Luzia de Duque de Caxias. **Forum**. Rio de Janeiro: INES, v. 6, p. 7-13, jul./dez. 2002.

COSTA, Fernando Sánchez. La cultura histórica. Una aproximación diferente a la memoria colectiva. **Pasado y Memoria**. Revista de Historia Contemporánea, n. 8, p. 267-286, 2009.

COSTA, Renata dos Santos; KELMAN, Celeste Azulay. A atuação do professor intérprete de Libras em escolas do estado do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.galoa.com.br/cbee7/trabalhos/a-atuacao-do-professor-interprete-de-libras-em-escolas-do-estado-do-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar: ensino fundamental: anos finais**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

COUTINHO, Maria Angélica da Gama Cabral; GOMES, Fábio da Silva (Orgs.). **Dos manuais aos livros didáticos de História: reflexões do ProfHistória**. Curitiba: CRV, 2020.

CUNHA, Bianca Langhinrichs. **O ensino de História em uma escola bilíngue para surdos como ponto de partida para a descrição de um cenário**. 2018. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, 2018.

CUNHA, Letícia Peçanha Medeiros da. **Teste de Análise de Leitura e Escrita para Surdos - TALEs**: auxiliando o processo de aprendizagem da leitura e escrita de alunos surdos. 2014. 196 f. Dissertação (Mestrado em Informática) – Instituto de Matemática, Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

DEAF Person of the Month: Angela McCaskill. **DeafPeople.com**, 2019. Disponível em: <[https://www.deafpeople.com/dp\\_of\\_month/AngelaMcCaskill.html](https://www.deafpeople.com/dp_of_month/AngelaMcCaskill.html)>. Acesso em: 19 out. 2022.

DEL PRIORE, Mary. **O Castelo de Papel**: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orleans, conde d'Eu. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

DELGADO, Cesar. Eduard Huet (1827-1822). [sic] **Revista da Feneis**, ano IV, n. 13, p. 2, jan./mar. 2002.

EIRAS, Juliana Maria Cardoso. **Educação Física escolar e inclusão de surdos: diálogo entre corpos, línguas e emoções**. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ELIAS, Tania Maria. O início do trabalho de História na 5ª série. **Arqueiro**, Rio de Janeiro: INES, v. 3, p. 23-24, jan./jun. 2001.

FELTEN, Eduardo Felipe. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil**. Brasília, 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

\_\_\_\_\_; GROKOSKI, Leonardo. Ensino de História para Surdos no Brasil: reflexões sobre a formação docente e particularidades linguísticas. In: VIGATA, Helena Santiago; ALVES, Soraya Ferreira (Orgs.). **Tradução e acessibilidade: métodos, técnicas e aplicações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021, p. 261-282.

FENEIS. **Revista da Feneis**, ano IV, n. 13, p. 2, jan./mar. 2002.

FERNANDES, Sueli. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FONSECA, André Dione; CALIXTO, Hector Renan da Silveira; BAIA, Lino Arlem Azevedo. A História em silêncio: o ensino de História para alunos surdos em Santarém-PA. **EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 257-282, jan./dez., 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/340005336\\_A\\_historia\\_em\\_silencio\\_o\\_ensino\\_de\\_historia\\_para\\_alunos\\_surdos\\_em\\_Santarem-PA](https://www.researchgate.net/publication/340005336_A_historia_em_silencio_o_ensino_de_historia_para_alunos_surdos_em_Santarem-PA)>. Acesso em: 01 jul. 2022.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GATTI, Bernadete A. Pesquisa em ação: produção de conhecimentos e produção de sentidos como desafio. In: SEMINÁRIO: PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – UNISINOS, 2008, São Leopoldo, RS. **Anais...** Disponível em: <[https://portal.uneb.br/gestec/wp-content/uploads/sites/69/2018/02/Gatti-Pesquisa-em-a%C3%A7%C3%A3o\\_UNISINOS.pdf](https://portal.uneb.br/gestec/wp-content/uploads/sites/69/2018/02/Gatti-Pesquisa-em-a%C3%A7%C3%A3o_UNISINOS.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2021.

GLADIS Perlin. **Pesquisas sobre surdez**, s.d. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/pesquisassobresurdez/gladis-perlin>>. Acesso em: 19 out. 2022.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Marcia Denise. **Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Felix. Construção social da diferença e culturalização da surdez no Brasil. In: FELIX, Gil; LAGE, Aline (Orgs.). **Capitalismo e surdez**. Bremen (GER): El Tiple, 2021, p. 183-196.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil: e de uma estada nesse país durante os anos de 1821, 1822 e 1823.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

GREGORIO, Guilherme Brenner Oliveira; CECILIO, Diogo de Souza; ANCHIETA, Ester Vitória Basilio. História em silêncio: as dificuldades a percorrer no ofício do professor de História no ensino de alunos surdos em Itaboraí. In: FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes; SÁ, Tatiane Militão de (Orgs.). **Língua Brasileira de Sinais: produzindo conhecimento e integrando saberes.** Rio de Janeiro: UFF, 2017, p. 302-317.

HERÓDOTO. **Histórias.** Ed. eBooksBrasil, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>>. Acesso em: 06 set. 2022.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 9-23.

HOTT, Bruna Silva *et al.* Trajetória da educação dos surdos e os desafios e possibilidades para o ensino de História. **Episteme Transversalis**, Volta Redonda-RJ, v. 13, n. 1, p. 101-123, abr. 2022. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/2602>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Duque de Caxias.** Panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/duque-de-caxias/panorama>>. Acesso em: 14 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas de gênero: Deficiência auditiva.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>>. Acesso em: 18 out. 2022.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Pesquisas Estatísticas e Indicadores Educacionais: IDEB: Resultados.** Brasília: INEP, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>>. Acesso em: 14 out. 2022.

INES – INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Espaço:** edição comemorativa 140 anos, Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.

IVENICKI, Ana. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 1151-1167, jul./set. 2018.

\_\_\_\_\_. Perspectivas multiculturais para o currículo de formação docente antirracista. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 32, p. 30-45, mar./mai. 2020.

\_\_\_\_\_; CANEN, Alberto. **Metodologia da pesquisa**: rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.

JALES, Luanna. Visibilidade histórica para mulheres, negros e indígenas. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos combates pela História**: desafios - ensino. São Paulo: Contexto, 2021, p. 201-223.

KELMAN, Celeste Azulay. **A importância da pedagogia visual no ensino para o aluno surdo** – Relatório final da pesquisa (Edital FAPERJ n. 21/2010/Processo E-26/110.105/2011). [Rio de Janeiro, 2012].

\_\_\_\_\_. **“Aqui tudo é importante!”** Interações de alunos surdos com professores e colegas em espaço escolar inclusivo. 2005. 173 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Brasília, Brasília/DF, 2005.

\_\_\_\_\_. Multiculturalismo e surdez: respeito às culturas minoritárias. In: LODI, Ana Claudia; MÉLO, Ana Dorziat; FERNANDES, Eulalia (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 49-69.

\_\_\_\_\_; BRANCO, Angela Uchôa. (Meta)Communication strategies in inclusive classes for deaf students. **American annals of the deaf**, v. 154, n. 4, p. 371-381, 2009.

\_\_\_\_\_; BRITO, Larissa da Silva. Culturas e identidades surdas refletidas a partir da interculturalidade. In: KELMAN, Celeste Azulay; OLIVEIRA, Thabata Fonseca de; ALMEIDA, Simone D’Avila (Orgs.). **Surdez**: comunicação, educação e inclusão. Curitiba: CRV, 2018, p. 13-28.

\_\_\_\_\_; BUZAR, Edeilce Aparecida Santos. A (in)visibilidade do aluno surdo em classes inclusivas: discussões e reflexões. **Espaço**, Rio de Janeiro: INES, n. 37, p. 4-13, jan./jun. 2012.

\_\_\_\_\_ et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 349-365, mai./ago. 2011.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Paulo José Assumpção dos. EM OUTRAS PALAVRAS: Um currículo intercultural no ensino de História para alunos surdos. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. Especial, p. 808–819, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54416>. Acesso em: 6 jul. 2021.

LAFUENTE, Lilian Signorini. **O ensino de História para alunos com surdez**. 2014. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

LAGE, Aline Lima da Silveira. **Professores surdos na casa dos surdos**: “Demorou muito, mas voltaram”. Rio de Janeiro, 2019. 514 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

\_\_\_\_\_; CRUZ, Maurício Rocha. A formação de professores de surdos no INES: qual o seu lugar na História da Educação brasileira? In: ECAR, Ariadne Lopes; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Orgs.). **História da Educação, formação docente e a relação teoria-prática**. São Paulo: FEUSP, 2022, p. 213-233.

\_\_\_\_\_; KELMAN, Celeste Azulay. Educação de surdos pelo professor surdo, Ferdinand Berthier: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019a.

\_\_\_\_\_; KELMAN, Celeste Azulay. Mimografia ou dos Rastros da Língua de Sinais como patrimônio cultural. **The Specialist**, v. 40, n. 3, 2019b.

LAMEIRÃO, Tuanny Dantas. **Imagens, Ensino de História e Surdez**: como a história é vista nas imagens históricas pelos surdos. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

\_\_\_\_\_. Letramento visual e uso de imagens nas aulas de História. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História**: História e o futuro da educação no Brasil. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: <[https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553557067\\_ARQUIVO\\_LETRAMENTOVISUALEUSODEIMAGENSNASAULASDEHISTORIA.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553557067_ARQUIVO_LETRAMENTOVISUALEUSODEIMAGENSNASAULASDEHISTORIA.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2020.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (Org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p. 226-251.

LEMOS, Evelyse dos Santos. A aprendizagem significativa: estratégias facilitadoras e avaliação. **Aprendizagem significativa em revista**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2011.

LIEBEL, Vinícius. A análise de charges segundo o método documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 182-196.

LIMA, Jonata de Souza. **Os surdos e o uso de práticas digitais na Amazônia**: experiências e desafios no ensino de História. 2020. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2020.

\_\_\_\_\_; MUNIZ, Érico Silva. História além do escrito: o currículo para surdos e as práticas digitais no cotidiano escolar. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 178-192, mai./ago. 2020.

LLORENTE, Analía. Por que a origem da linguagem ainda é uma incógnita para a ciência. **BBC News - Brasil**, 14 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55985319>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da História: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a *Política Nacional de Educação Especial* e o Decreto n.º 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, jan./mar. 2013.

\_\_\_\_\_; MÉLO, Ana Dorziat; FERNANDES, Eulalia (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

\_\_\_\_\_; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 81-100, jul./dez. 2006.

LÓPEZ, Alberto. Charles Michel de l'Épée, o pai da educação pública para surdos. **El País** [online], 24 nov. 2018. Cultura. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/cultura/1543042279\\_562860.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/cultura/1543042279_562860.html)>. Acesso em: 05 ago. 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

LUPETINA, Raffaella. **Histórias de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida**. Curitiba: Appris, 2020.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 55-58.

MATTOS, Camila Oliveira. **Sinais do tempo: construção de significados de tempo histórico para alunos surdos em uma perspectiva de letramento histórico em Libras**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

\_\_\_\_\_; AZEVEDO, Patrícia Bastos. Aspectos teóricos na relação entre linguagem, surdez, letramento e ensino de História. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 25, n.1, p. 135-148, mar. 2020.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MEC nega fechamento de escolas especiais. **Jusbrasil**, 2011. Disponível em: <<https://anadef.jusbrasil.com.br/noticias/2628619/mec-nega-fechamento-de-escolas-especiais>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MENDES, Breno. Ensino de História, historiografia e currículo de História. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 18, abr. 2020. Disponível em: <Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. Acesso em: 13 set. 2022.

MENEZES, Patrícia. Práticas de ensino de História e Geografia para surdos nas séries iniciais. **Revista Forum**, Rio de Janeiro, n. 38, jul./dez. 2018.

MENEZES, Rogério; LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa; RODRIGUES, Bárbara Suellen Ferreira Rodrigues. Ensino de História: uma proposta de aula na perspectiva da inclusão. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 8, ago. 2019.

MESQUITA, Vanda Sarmiento Borges *et al.* A exclusão do incluído: a busca pelo equilíbrio. **Fazendo História**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ano 2, n. 3, p. 39-47, 2009.

MILLER, Ryan W. Gallaudet eyes more progress for deaf community 30 years after 'Deaf President Now' protest. **USA Today**, 03 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/nation/2018/04/03/gallaudet-deaf-president-now-30-anniversary/464611002/>>. Acesso em 14 set. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de história: entre saberes e práticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

\_\_\_\_\_; PENNA, Fernando Araújo. Ensino de História: saberes em lugares de fronteira. **Educação e Realidade**, v. 36, n. 1, p. 191-211, 2011.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MOREIRA, Paula Pfeifer. Famosos que são surdos: conheça vários atores e cantores. **Crônicas da surdez**, 2015. Disponível em: <<https://cronicasdasurdez.com/famosos-que-tem-deficiencia-auditiva/>>. Acesso em: 07 jan. 2023.

MUNIZ, Érico Silva; LIMA, Jonata Souza de. Usos da cultura digital na educação de surdos: a BNCC e as práticas no ensino de História. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 52, p. 107-127, jul./dez. 2019.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 92/ago. 93.

\_\_\_\_\_; BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de história e a construção do fato**. São Paulo: Contexto, 1988, p. 73-92.

NAVEGANTES, Eva; KELMAN, Celeste; IVENICKI, Ana. Perspectivas multiculturais na educação de surdos. **Arquivos Analíticos de Políticas Educacionais**, v. 24, n. 76, jul. 2016.

NEVES, Gabriele Vieira. Ensino de História para alunos de Ensino Médio: desafios e possibilidades. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE III, 9., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009, p. 7903-7912.

NOGUEIRA, André. Triângulos do Holocausto: o cruel sistema de identificação nos campos da morte nazistas. **Aventuras na História** [online], 27 nov. 2019. Matérias/Nazismo. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-que-eram-os-triangulos-do-holocausto.phtml>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993.

OLIVEIRA, Bruna Corrêa de. **Ensino de História e estudantes surdos: concepções das professoras e intérpretes em duas escolas públicas de Criciúma**. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2018.

OLIVEIRA, Liliane Assumpção. **Fundamentos Históricos, Legais e Biológicos da Surdez**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2012.

OLIVEIRA, Thabata Fonseca. **A construção do conhecimento geográfico com alunos surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2019. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

\_\_\_\_\_; ARRUDA, Guilherme Barros. Geografia, surdez e linguagem: apontamentos sobre a alfabetização geográfica de alunos surdos. In: KELMAN, Celeste Azulay; OLIVEIRA, Thabata Fonseca de; ALMEIDA, Simone D’Avila (Orgs.). **Surdez: comunicação, educação e inclusão**. Curitiba: CRV, 2018, p. 167-181.

\_\_\_\_\_; EIRAS, Juliana Maria Cardoso; KELMAN, Celeste Azulay. Surdez, prática docente e recursos: uma análise das publicações dos Congressos de Educação Especial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.galoa.com.br/cbee7/trabalhos/surdez-pratica-docente-e-recursos-uma-analise-das-publicacoes-dos-congressos-de-educacao-especial>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

\_\_\_\_\_; KELMAN, Celeste Azulay; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. Criatividade no ensino de Geografia para surdos: propostas para uma aprendizagem melhor. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 25, n. 1, p. 63-77, jan./mar. 2018.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca

(Espanha). Genebra: UNESCO, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

PADOVANI NETTO, Ernesto. À margem da historiografia e sem acesso às aulas de História: cultura e identidade surda na luta pelas conquistas de direitos. **História e Diversidade**. Cárceres-MT, v. 9, n. 1, p. 126-143, 2017a.

\_\_\_\_\_. Canal História em Libras: De produto do ProfHistória a um projeto do governo do Pará. In: CONGRESSO NACIONAL DO PROFHISTÓRIA: A Pesquisa em Ensino de História e a Formação de Professores no contexto do ProfHistória, 1., 2019, Salvador. **Anais do I Congresso Nacional do ProfHistória**, Even3, 2019a. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/congressonacionalprofhistoria/158545-canal-historia-em-libras--de-produto-do-profhistoria-a-um-projeto-do-governo-do-para/>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Consciência histórica e identidade surda: uma busca pelo direito ao ensino de História. In: FERREIRA, Rafael Elias de Queiroz (Org.). **Entre a academia e a sala de aula: propostas e discussões sobre o ensino de História**. Belém: Ximango, 2017b, p. 36-48.

\_\_\_\_\_. Ensino de História para diferentes sujeitos: a construção de conceitos históricos para alunos surdos. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANPUH/SEÇÃO PARÁ: As crises da República e o ensino de História: a democracia brasileira em questão, 10., 2017, Belém. **Anais do X Simpósio de História Anpuh/Seção Pará: as crises da República e o ensino de História: a democracia brasileira em questão**. Belém: Paka-Tatu, 2017c. p. 1031-1040.

\_\_\_\_\_. Ensino de História para surdos: uma experiência na escola inclusiva. **Revista Forum**, Rio de Janeiro, n. 37, jan./jun. 2019b.

\_\_\_\_\_. Ensino de História, oralidade, alteridade e surdez. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria (Org.). **Um Pé de História: estudos sobre aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição Especial Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2017d, p. 97-99.

\_\_\_\_\_. **Ensino para diferentes sujeitos: as aulas de História e a inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino**. Belém: Paka-Tatu, 2019c.

\_\_\_\_\_. **Ensino para diferentes sujeitos: o acesso de alunos surdos às aulas de História**. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2018a.

\_\_\_\_\_. Experiências no espaço escolar: intervenções pedagógicas para alunos surdos no ensino de História. In: IX FÓRUM DE PESQUISA E EXTENSÃO DA ESCOLA DE APLICAÇÃO. XIV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: Por uma sociedade inclusiva. I COLÓQUIO EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL., 2018, Belém. **Anais...** Belém: Editora Açaí, 2018b, p. 166-173.

\_\_\_\_\_. História da educação de surdos: as disputas entre o falar e o sinalizar e as práticas no imperial instituto de surdos-mudos (1857-1957). **História & Ensino**, Londrina, v. 27, n. 02, p. 186-211, jul./dez. 2021a.

\_\_\_\_\_. O Atendimento Educacional (AEE) e o Processo de Inclusão: Diálogo entre a História, a Literatura e a prática escolar na educação de surdos. In: ENCONTRO AMAZÔNICO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE SURDOS, 1., 2013, Vigia.

\_\_\_\_\_. O ensino de História no contexto de uma escola inclusiva: entre o tradicional e as possibilidades de acessibilidade. In: PADOVANI NETTO, Ernesto. **Historiografia e ensino de história: a sala de aula em questão**. Belém: Amazônica Bookshelf, 2018c, p. 15-33.

\_\_\_\_\_. O *youtuber* como professor de História: diálogos entre a História Pública e a História Digital na educação de surdos. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 14, p. 196-217, jul./dez. 2019c.

\_\_\_\_\_. Possibilidades de ensino de História para alunos(as) surdos(as): vídeos e exercícios. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 12., 2021, Belém. **Anais do XII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: Ensino de História do Tempo Presente: Dilemas e Perspectivas**. Belém: Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História - ABEH, 2021b. Disponível em: <[https://www.perspectivas2021.abeh.org.br/resources/anais/10/epeh2021/16358100\\_18\\_ARQUIVO\\_849356426759db46ba8291c846576470.pdf](https://www.perspectivas2021.abeh.org.br/resources/anais/10/epeh2021/16358100_18_ARQUIVO_849356426759db46ba8291c846576470.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Respeitando as diferenças: a Sala de Recursos Multifuncionais como espaço de construção de materiais didáticos de História para alunos surdos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais do 30° Simpósio Nacional de História: História e o futuro da educação no Brasil**. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019d. Disponível em: <[https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1549742690\\_ARQUIVO\\_TrabalhoCompletoErnestoPadovaniNetto.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1549742690_ARQUIVO_TrabalhoCompletoErnestoPadovaniNetto.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Surdos e ouvintes: uma experiência inclusiva a partir das redes sociais na escola Luiz Nunes Direito. **Entre Saberes**, v. 2, n. 3, p. 39-51, ago. 2019e. Disponível em: <[https://issuu.com/entresaberes/docs/revista\\_entre\\_saberes\\_atualizada](https://issuu.com/entresaberes/docs/revista_entre_saberes_atualizada)>. Acesso em: 30 ago. 2020.

PAIXÃO, Indinéia Ramos. Letramento visual e outras estratégias para o ensino de História para pessoas surdas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais do 31° Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia**. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: <[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1618432410\\_ARQUIVO\\_fab19c7b21dc3f3dedf0987c59b25f17.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1618432410_ARQUIVO_fab19c7b21dc3f3dedf0987c59b25f17.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Por outras formas de falar: estratégias pedagógicas para discentes surdos (as) no Ensino de História**. 2022. 179 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino

de História) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador/BA, 2022.

PEDROSA, Leyberson. Telefone faz 145 anos: brasileiros contam histórias sobre o aparelho. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-03/historias-que-se-contam-ao-telefone>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PÉLISSIER, Pierre. **Iconographie des signes faisant partie de “l’Enseignement primaire des sourds-muets”**. Paris: Imprimerie et librairie de Paul Dupont et chez l’auteur, 1856.

PELLEGRINI, Marco; GRINBERG, Keila; DIAS, Adriana Machado. **Vontade de Saber: História: ensino fundamental: anos finais**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

PERALES, Heloisa Lima. Desafios do professor de História com aluno surdo. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 3., 2016, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Realize, 2016, v. 1. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA3\\_ID12614\\_17082016235135.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA3_ID12614_17082016235135.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Práticas pedagógicas do professor de História de Ensino Médio em turma regular com a presença de aluno surdo**. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

\_\_\_\_\_; AZEVEDO, Crislane Barbosa. Docência em História no Ensino Médio, em turma regular, com a presença de aluno surdo. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 10, n. 1, p. 01-30, 2020. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/96>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

PEREGRINO, Giselly dos Santos. **Secreto e revelado, tácito e exposto: o preconceito contra/entre alunos surdos**. 2015. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PEREIRA, Alex Sandrelanio dos Santos. **Cultura e educação Sociocomunitária: uma perspectiva para o ensino de História e surdez**. 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2015.

PEREIRA, Carlos Cesar Almeida Furquim. Ensino de História para surdos: práticas educacionais em escola pública de educação bilíngue. **Educação Básica Revista**, v. 3, n. 1, p. 129-140, 2017.

\_\_\_\_\_. Ensino de História para alunos surdos: práticas educacionais em escola pública de educação de surdos de São Paulo. **História & Ensino**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 159-172, jan./jun. 2017.

\_\_\_\_\_; POKER, Rosimar Bortolini. O ensino de História para surdos: análise da situação de escolas especiais e de escolas regulares. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 73-78, jul./dez. 2012.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 20 ago. 2015. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9965241502111110>>. Acesso em: 19 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **História dos surdos**. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

\_\_\_\_\_. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016, p. 51-74.

PINHO, Sara Alexandra Santos; MENEZES, Isabel. Associativismo surdo: história e atualidade. In: COELHO, Orquídea; KLEIN, Madalena (Coord.). **Cartografias da Surdez**. Comunidades, línguas, práticas e pedagogia. Porto: Livpsic, 2013, p. 285-298.

PLETSCH, Márcia Denise; SOUZA, Flávia Faissal; ORLEANS, Luis Fernando. A diferenciação curricular e o desenho universal na aprendizagem como princípios para a inclusão escolar. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 14, p. 264-281, 2017.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Izadora Martins da Silva de. Diálogos entre acessibilidade e Desenho Universal na aprendizagem. In: PLETSCHE, Márcia Denise *et al.* **Acessibilidade e Desenho Universal na Aprendizagem**. Campos dos Goitacazes (RJ): Encontografia, 2021, p. 13-25.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS. Secretaria Municipal de Educação. **Reestruturação curricular**: texto introdutório. Duque de Caxias, 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. Escola Municipal Santa Luzia. **PPP - Projeto Político Pedagógico**. Duque de Caxias, 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. Subsecretaria Pedagógica. **Documento curricular da rede municipal de ensino de Duque de Caxias**: pressupostos teóricos e conceituais. Duque de Caxias, [2021].

REILY, Lúcia. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 308-326, mai./ago. 2007.

RJ1. Pais de alunos surdos de Caxias denunciam falta de intérprete de libras. **Globoplay**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 02 mai. 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6705616/programa/>>. Acesso em: 31 out. 2021.

ROCHA, Solange Maria da. A História encontra-se desfavorável ao “se”. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 283-292, jan./jul. 2021.

\_\_\_\_\_. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos:** um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961). 2009. 163 f. Tese Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. **Instituto Nacional de Educação de Surdos:** uma iconografia dos seus 160 anos. Rio de Janeiro: MEC/INES, 2018.

\_\_\_\_\_. **O INES e a educação de surdos no Brasil:** aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, 2007.

RODRIGUES, Carla Renata Vieira. **Cidadania e igualdade como projeto:** o Ensino de História em uma escola inclusiva. 2020. 205 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SÁ, Tatiane Militão de *et al.* O ensino de História em Libras e sua viabilidade. In: FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes; SÁ, Tatiane Militão de (Orgs.). **Língua Brasileira de Sinais: produzindo conhecimento e integrando saberes.** Rio de Janeiro: UFF, 2017, p. 384-397.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANCHES, Danielle. História silenciosa. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, 12 set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/historia-silenciosa>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** Canção Nova, 2007. Livro digital. Disponível em: <[https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537\\_SantoAgostinho-Confissoes.pdf](https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2022.

SANTOS, Naiara da Silva Dias dos. **O ensino de História para surdos na educação bilíngue:** um estudo de caso no Centro Educacional Sons do Silêncio (CESS) em Salvador/BA. 2017. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina/BA, 2017.

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. Como ensinar os alunos surdos em contextos inclusivos. **Ciência Hoje**, n. 371, nov. 2020. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/como-ensinar-os-alunos-surdos-em-contextos-inclusivos/>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Desafios do ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria (Orgs.). **Aprendizagens históricas:** gêneros e etnicidades. União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018, p. 176-181. Ebook. Disponível em: <[www.revistasobreontens.site](http://www.revistasobreontens.site)>. Acesso em: 23 abr. 2018a.

\_\_\_\_\_. **Ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas: práticas e propostas.** 2018. 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018b.

\_\_\_\_\_. "Tenho um aluno surdo, e agora?" no ensino de História. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais do 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia.** São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: <[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628112802\\_ARQUIVO\\_12b14b9b0a6957e47e30e96eb6556f0a.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628112802_ARQUIVO_12b14b9b0a6957e47e30e96eb6556f0a.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2021.

\_\_\_\_\_; CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; KELMAN, Celeste Azulay. Desafios do ensino de História para alunos surdos em uma escola inclusiva da Baixada Fluminense. **Revista Transversos**, n. 15, p. 518-539, abr. 2019.

\_\_\_\_\_; KELMAN, Celeste Azulay. Onde estão os surdos na História? **Ciência Hoje**, n. 383, dez. 2021. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/onde-estao-os-surdos-na-historia/>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Orientações para o ensino de História em classes com alunos surdos incluídos. In: BUENO, André; CREMA, Everton; NETO, José Maria (Org.) **Ensino de História e Diálogos Transversais.** Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, p. 210-217.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: da integração à inclusão. **Bengala Legal**, 2011. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/nada-sobre-nos>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

SELLERS, Frances Stead. How America developed two sign languages – one white, one black. **The Washington Post** [online], Washington, D.C., 21 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/nation/2020/02/21/how-america-developed-two-sign-languages-one-white-one-black/>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

SERIACOPI, Reinaldo; AZEVEDO, Gislane. **Inspire História: ensino fundamental: anos finais.** São Paulo: FTD, 2018.

SILVA, Bárbara Vitor et al. A história do Setembro Azul ou Setembro Surdo: lutas e conquistas da comunidade surda. **Espaço do Conhecimento UFMG**, s.d. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/a-historia-do-setembro-azul-ou-setembro-surdo/>>. Acesso em: 26 out. 2022.

SILVA, Berenice. A construção dos conceitos de identidade e história: um estudo com imagens com alunos do sexto ano do Colégio Estadual do Instituto de Educação de Surdos – ILES. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense.** Curitiba: SEED/PR., 2012. V. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2012/2012\\_uel\\_hist\\_artigo\\_berenice\\_ribeiro\\_da\\_silva.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_hist_artigo_berenice_ribeiro_da_silva.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SILVA, Danilo da; SPELLING, Germano Weniger. Práticas e discursos aplicados pelo regime nazista sobre surdos na Segunda Guerra Mundial. **Re-Unir**, v. 5, n. 2, p. 157-168, 2018.

SILVA, Deivid França da. Tecnologia e ensino de história: uma proposta pedagógica para alunos surdos inclusos do Ensino Médio. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2020, Maceió. **Anais VII CONEDU** - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/69577>>. Acesso em: 29/01/2022.

SILVA, Laionel Mattos da. Ensino de História para os surdos: um estudo de caso na Escola Especial Keli Meise Machado. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História: História e o futuro da educação no Brasil**. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: <[https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565802869\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH\(1\).pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565802869_ARQUIVO_ArtigoANPUH(1).pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Ensino de História para surdos: Massacre de Porongos, uma nova resignificação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais do 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia**. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: <[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1618423410\\_ARQUIVO\\_8a4b5f6326f3f6528950d230270c38a9.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1618423410_ARQUIVO_8a4b5f6326f3f6528950d230270c38a9.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Ensino de História para surdos: Porongos, vamos jogar?** Santa Maria, 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2021.

\_\_\_\_\_ *et al.* Ensino de História para surdos: ProfHistória na vanguarda. In: GALASSO, Bruno; BATTISTELLO, Viviane Cristina de Mattos (Orgs.). **Inclusão e educação: avanços e desafios**. Maringá, PR: Uniedusul, 2021, p. 137-143. *E-book*. Disponível em: <<https://www.uniedusul.com.br/publicacao/inclusao-e-educacao-avancos-e-desafios/>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SILVA, Paulo Roberto Martins da. **Ensinando História para educandos surdos em uma escola inclusiva: um ensino possível**. 2020. 296 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

\_\_\_\_\_. Ensino de História para educandos surdos em escolas inclusivas: uma prática possível. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 19., 2020, Rio de Janeiro. **Anais do XIX Encontro de História da Anpuh-Rio**. História do Futuro: ensino, pesquisa e divulgação científica. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2020. Disponível em: <[https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600209564\\_ARQUIVO\\_a33405b6a31bc4985a5bd996075e2f8c.pdf](https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600209564_ARQUIVO_a33405b6a31bc4985a5bd996075e2f8c.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Ensino de História para surdos através da análise de charge histórica: Primeira República. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais do 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia.** São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: <[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1617814954\\_ARQUIVO\\_8ccabc619b66a71accb84a3f435a73b8.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1617814954_ARQUIVO_8ccabc619b66a71accb84a3f435a73b8.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 73-102.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. **Educação & Realidade**, v. 24, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 1999.

\_\_\_\_\_. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016, p. 7-32.

SMITH, Chad E.; BORGMAN, Jennifer. Annie Jump Cannon. **Deaf scientist corner**, s.d. Disponível em: <[https://twu.edu/dsc/jump\\_cannoni.htm](https://twu.edu/dsc/jump_cannoni.htm)>. Acesso em: 19 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Charles Nicolle. **Deaf scientist corner**, s.d. Disponível em: <<https://twu.edu/dsc/nicollei.htm>>. Acesso em: 19 out. 2022.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. “Companheiros de infortúnio”: a educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, p. 625-640, set./dez. 2011.

SOTORIVA, Maicon. **Ensino de História para surdos: perspectivas e possibilidades.** 2021. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, RS, 2021.

SOU surda e não sabia. Direção: Igor Ochronowicz. França: France 5/Point de Jour, 2009. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Vw364\\_Oi4xc](https://www.youtube.com/watch?v=Vw364_Oi4xc)>. Acesso em: 03 jul. 2019.

SOUZA, Regina Maria de. Ferdinand Berthier e a organização do movimento surdo: resistência aos desafios e polarizações políticas na França no século XIX. In: SOUZA, Regina Maria de; RODRIGUES, José Raimundo. **Ferdinand Berthier (1803-1886): erudito, professor, ativista surdo e suas contribuições para o nosso presente.** Curitiba: CRV, 2021, p. 17-40.

SOUZA, Regina Maria de; RODRIGUES, José Raimundo. **Ferdinand Berthier (1803-1886): erudito, professor, ativista surdo e suas contribuições para o nosso presente.** Curitiba: CRV, 2021.

SPELLING, Germano Weiger; CEZAR, Kelly Priscilla Lódodo; SILVA, Danilo. **A mulher surda na Segunda Guerra Mundial.** Araraquara: Letraria, 2019.

STIPP, Paulo Eduardo de Mattos. **A História muda: o uso de imagens no ensino de História para surdos**. 2019. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

STORM, Catalleya. Famous deaf black individuals you should know about. **Hearing Like Me**, 2021. Disponível em: <<https://www.hearinglikeme.com/famous-deaf-black-people-to-know/>>. Acesso em: 19 out. 2022.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

\_\_\_\_\_. História dos surdos: representações "mascaradas" das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

\_\_\_\_\_. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SYLVAN, Edward. Social impact authors: how & why Dr Carolyn McCaskill is helping to change our world. **Medium**, 2021. Disponível em:<<https://medium.com/authority-magazine/social-impact-authors-how-why-dr-carolyn-mccaskill-is-helping-to-change-our-world-a560387b61e6>>. Acesso em: 19 out. 2022.

TANAJURA, Laudelino Luiz Castro; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 07, n. 13, p. 10-23, jan./jun. 2015.

TEZOLIN, Heloísa Tamiris Oliveira; CAVALCANTE, Simone Joaquim. Ensino de História: uma prática inclusiva para alunas e alunos com deficiência auditiva no município de Guarabira/PB. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 1., 2014, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Realize, 2014, v. 1. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_13\\_08\\_2014\\_18\\_04\\_50\\_idinscrito\\_33019\\_44a25ebdbb7f8edc42eb9eb38de67faa.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_13_08_2014_18_04_50_idinscrito_33019_44a25ebdbb7f8edc42eb9eb38de67faa.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **O ensino de História para as alunas e alunos com deficiência auditiva no município de Guarabira (PB): uma experiência inclusiva (?)**. 2014. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

THE DEAF Holocaust: deaf people and nazy germany. Direção: Rachel Scarrott. Produção: David Horbury. Londres: BBC, 2004. Publicado pelo canal Webvisualtv. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=R\\_UvIMjDtOE](https://www.youtube.com/watch?v=R_UvIMjDtOE)>. Acesso em: 12 ago. 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

UGRINOWITSCH, Mônica. Reflexões de uma professora de História sobre o desenvolvimento linguístico em alunos surdos e ouvintes. **Arqueiro**, Rio de Janeiro: INES, v. 7, p. 31-39, jan./jun. 2003.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História.Doc**: ensino fundamental: anos finais. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

VERRI, Célia Regina; ALEGRO, Regina Célia. Anotações sobre o processo de ensino e aprendizagem de história para alunos surdos. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, n. 2, p. 97-114, 2006.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Teláris História**: ensino fundamental: anos finais. São Paulo: Ática, 2018.

VIEIRA, Ana Gabriela da Silva. Diálogos entre o ensino de História e o uso do português escrito: reflexões em uma escola de surdos. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 6, n. Especial, p. 155-166, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/544>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. O ensino de História para alunos surdos: uma experiência de escola bilíngue na cidade de Pelotas – RS. In: NUNES, Francivaldo; KETTLE, Wesley (Orgs.). **Desafios do Ensino de História e prática docente**. Pará de Minas: VirtualBooks, 2018a, p. 99-105.

\_\_\_\_\_. **Um olhar sobre o Ensino de História em classes de alunos surdos do Ensino Fundamental**: o caso da escola Alfredo Dub. 2018. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018b.

WHAT is the Americans with Disabilities Act (ADA)? **ADA National Network**, 2022. Disponível em: <<https://adata.org/learn-about-ada> >. Acesso em: 16 ago. 2022.

YOKOYAMA, Lia Cazumi. Reflexões sobre o ensino de história para alunos surdos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História** – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005.

## APÊNDICE 1

01/11/2021 15:55

Onde estão os surdos na História?

### Onde estão os surdos na História?

Prezado(a) colega, você está sendo convidado(a) para participar do meu projeto de pesquisa de Doutorado intitulado "Onde estão os surdos na História? Cultura e história dos surdos como conteúdos curriculares". Pretendo realizar, junto a você e a outros professores de História, uma experiência curricular com a introdução de elementos da história e da cultura dos surdos aos conteúdos da nossa disciplina em turmas com alunos surdos incluídos. Sua participação será de fundamental importância para o desenvolvimento deste projeto e, quiçá, para a inclusão escolar de alunos surdos. Caso aceite participar da pesquisa, solicito que preencha esse formulário até o fim. Ele é composto por algumas questões que me permitirão conhecê-lo melhor e dar um encaminhamento mais apropriado às ações a serem desenvolvidas no decorrer do projeto. A formalização do seu aceite se dará por meio do documento denominado Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, a ser por nós assinado. Peço que envie as suas respostas até 31 de março. Coloque-me à disposição para maiores esclarecimentos pelo e-mail [pejotassumpcao@gmail.com](mailto:pejotassumpcao@gmail.com) ou pelo WhatsApp (21)99299-1975. Desde já, muito obrigado.

\*Obrigatório

#### Resumo do Projeto

A ausência das pessoas surdas no currículo da disciplina História, sobretudo em escolas que os têm incluído no seu alunado, contribui para perpetuar na memória dos educandos uma percepção equivocada de irrelevância ou mesmo invisibilidade dos surdos na história das sociedades, afetando a forma como se identificam ou são identificados no presente. Os surdos são aqui entendidos a partir da perspectiva socioantropológica, na qual a surdez é concebida como diferença linguística, implicando no reconhecimento das identidades e da cultura surda. Como fundamentação teórica da tese, pretende-se estabelecer um diálogo com o multiculturalismo e as pesquisas empreendidas no campo do ensino de História para surdos. A metodologia empregada será a pesquisa-ação, por entender que esse projeto envolverá um diálogo constante entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados – professores de História e seus alunos –, levando à construção de conteúdos, recursos e estratégias didáticas capazes de viabilizar o ensino de cultura e história dos surdos, além de pretender despertar novas perspectivas entre os participantes.

#### Objetivo Geral da Pesquisa

Realizar uma experiência curricular com a introdução de elementos da história e da cultura dos surdos aos conteúdos curriculares da disciplina História em classes com alunos surdos incluídos, buscando construir junto aos educandos uma perspectiva que valorize os sujeitos surdos e retire-os de uma condição de invisibilidade.

1. Nome \*

---

01/11/2021 15:55

Onde estão os surdos na História?

## 2. Escola \*

*Marcar apenas uma oval.* Escola Municipal Professora Olga Teixeira de Oliveira Escola Municipal Santa Luzia

## 3. Aceita participar da pesquisa "ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA? Cultura e história dos surdos como conteúdos curriculares"? \*

*Marcar apenas uma oval.* Sim *Pular para a pergunta 4* Não *Pular para a seção 2 (Que pena!)*Que  
pena!

Caso sua decisão tenha se baseado em eventuais dúvidas sobre o projeto, reafirmo minha disposição para esclarecê-las. De todo modo, agradeço por sua atenção até aqui.

Que  
ótimo!

Mais uma vez, muito obrigado por sua participação! Para prosseguirmos, peço que responda às questões seguintes.

## 4. Nome completo \*

---

## 5. Telefone/WhatsApp \*

---

## 6. E-mail \*

---

01/11/2021 15:55

Onde estão os surdos na História?

7. Além da rede municipal de educação de Duque de Caxias, leciona em outra(s) rede(s)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

8. Caso leccione em outra(s) rede(s), escreva em qual(is).

---

9. Qual é a sua idade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Entre 20 e 29 anos

Entre 30 e 39 anos

Entre 40 e 49 anos

Entre 50 e 59 anos

Mais de 60 anos

10. Há quantos anos está no magistério? \*

---

11. Qual é a sua graduação? Em qual instituição e ano se formou? \*

---

---

---

---

---

01/11/2021 15:55

Onde estão os surdos na História?

12. Possui Pós-Graduação? (Pode assinalar mais de uma opção) \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Sim, Especialização  
 Sim, Mestrado  
 Sim, Doutorado  
 Não

13. Caso possua Pós-Graduação, informe o(s) nome(s) do(s) curso(s), a(s) instituição(ões) e o(s) ano(s) de conclusão.

---

14. Há quantos anos leciona para alunos surdos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Menos de 1  
 Entre 1 e 10  
 Entre 11 e 20  
 Mais de 20

15. Fez alguma formação continuada sobre inclusão e/ou surdez? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

01/11/2021 15:55

Onde estão os surdos na História?

16. Caso tenha feito alguma formação continuada sobre inclusão e/ou surdez, qual(is)? Onde e quando fez?

---

---

---

---

---

17. Descreva em uma frase o seu conhecimento e uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). \*

---

---

---

---

---

18. Você faz uso de metodologia(s) de ensino diferenciadas ao lecionar em turmas com alunos surdos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

19. Conhece a história dos surdos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

01/11/2021 15:55

Onde estão os surdos na História?

20. Conhece algum personagem histórico surdo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

21. Qual é a sua disponibilidade de horário para participar das nossas reuniões (dia da semana e parte do dia)? \*

\_\_\_\_\_

22. Que tipo de subsídios você necessita para, juntos, construirmos um currículo diferenciado que inclua a história dos surdos? (Pode assinalar mais de uma opção) \*

*Marque todas que se aplicam.*

Leituras sobre educação de surdos

Leituras sobre a história dos surdos

Sugestões de metodologias e estratégias didáticas para o trabalho com alunos surdos

Outro:  \_\_\_\_\_

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE 2

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

# ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

Olá! Sou Paulo José Assumpção dos Santos, professor de História da Escola Municipal Santa Luzia e estudante de Doutorado na Faculdade de Educação da UFRJ. No Doutorado, estou fazendo uma pesquisa intitulada "Onde estão os surdos na História? Cultura e história dos surdos como conteúdos curriculares". Por meio dessa pesquisa pretendo construir, junto a outros professores e profissionais da nossa escola, um currículo diferenciado para as aulas de História nas turmas com alunos surdos. Inicialmente, gostaria de saber qual é o conhecimento e a opinião dos alunos da E. M. Santa Luzia sobre o tema pesquisado. Para isso, conto com você. Peço que responda a esse questionário. Fique tranquilo(a)! São poucas perguntas, não precisa estudar para respondê-las, não há respostas certas ou erradas e também não é uma avaliação. Antes de responder ao questionário é importante que você e seu responsável leiam e concordem com o Termo de Assentimento, que pode ser acessado pelos links abaixo. Se vocês concordarem, clique em "Eu e meu responsável lemos e concordamos com o Termo de Assentimento". Para responder ao questionário, clique em PRÓXIMO (NEXT). Quando chegar ao final do questionário, clique no botão ENVIAR (SUBMIT) para que eu receba as suas respostas. Desde já, agradeço por seu interesse e participação.

Termo de Assentimento:

<https://drive.google.com/file/d/1PF83IUSjbd6XiELYUfJ6RfPmj8z6cLbx/view?usp=sharing>

Termo de Assentimento em Libras: <https://youtu.be/zsUuTvHcJYo>

\*Obrigatório



[http://youtube.com/watch?v=\\_9PjR5itBs](http://youtube.com/watch?v=_9PjR5itBs)

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

[v=tV1\\_YcXFck0](http://youtube.com/watch?v=tV1_YcXFck0)<http://youtube.com/watch?>

1. Nome completo do(a) aluno(a)

---

[v=AuNn1g5vhB0](http://youtube.com/watch?v=AuNn1g5vhB0)<http://youtube.com/watch?>

2. Nome completo do responsável

---

[v=0EGAQqASWa0](http://youtube.com/watch?v=0EGAQqASWa0)<http://youtube.com/watch?>

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

3. \*

*Marcar apenas uma oval.* Eu e meu responsável lemos e concordamos com o Termo de Assentimento.

Questionário



<http://youtube.com/watch?v=3pUx2Y5yzcs>

4. Turma

*Marcar apenas uma oval.*

- 601
- 602
- 701
- 702
- 801
- 802
- 901
- 902

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?



<http://youtube.com/watch?v=-4lBmXfSFLQ>

5. Você é surdo(a)?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não



<http://youtube.com/watch?v=g-PX8Hd-C0>

6. O que é ser surdo? Responda com uma pequena frase.

---

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

[v=PxczC7y\\_DBg](http://youtube.com/watch?v=PxczC7y_DBg)[http://youtube.com/watch?](http://youtube.com/watch?v=PxczC7y_DBg)

7. Os surdos fazem parte da História?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Talvez

[v=blTETndKHIM](http://youtube.com/watch?v=blTETndKHIM)[http://youtube.com/watch?](http://youtube.com/watch?v=blTETndKHIM)

8. Conhece algum personagem surdo da História? Qual?

---

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?



<http://youtube.com/watch?v=Fub6frtrdGc>

9. Conhece alguma informação sobre a história dos surdos ou a participação dos surdos na História? Conte o que conhece.

---

---

---

---

---



<http://youtube.com/watch?v=z-ovpjBbr4Y>

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

10. Se você respondeu SIM em pelo menos uma das duas questões anteriores, onde conheceu? (Pode marcar mais de uma)

*Marque todas que se aplicam.*

- Conversando com outras pessoas
- Em filmes
- Em livros
- Em programas de TV
- Em sites da internet
- Nas aulas de História
- Nas aulas de Libras

Outro:  \_\_\_\_\_



<http://youtube.com/watch?v=a346PubNxb8>

11. Tem interesse em conhecer ou conhecer mais sobre a história dos surdos? Por quê?

---

---

---

---

---

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

[v=7xYLPABYz9U](http://youtube.com/watch?v=7xYLPABYz9U)<http://youtube.com/watch?>

12. Você acha importante aprender sobre a história dos surdos? Por quê?

---

---

---

---

---

[v=1sfWeUeFx5g](http://youtube.com/watch?v=1sfWeUeFx5g)<http://youtube.com/watch?>

13. As aulas de História seriam mais interessantes para você se o(a) professor(a) ensinasse sobre a história dos surdos? Por quê?

---

---

---

---

---

01/11/2021 17:18

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

Obrigado!



---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE 3

### TERMO DE ASSENTIMENTO

Olá! Você está sendo convidado a participar da minha pesquisa. Sua participação não é obrigatória, mas será muito importante. Caso aceite, você e seu responsável precisarão concordar com este documento. Nele, trago as principais informações que precisa saber sobre a pesquisa que estou desenvolvendo. O texto do documento também está disponível em Libras, caso necessite. Se precisar de mais explicações ou tiver alguma dúvida, estarei à disposição para responder. Mesmo após a concordância com este documento, pode desistir e deixar a pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a você ou ao seu responsável. Destaco que a participação na pesquisa não resulta em gastos financeiros para você e nem no recebimento de qualquer remuneração. Importante mencionar ainda que sua participação será lida, registrada, estudada e analisada por mim. A descrição, os resultados e as análises da pesquisa resultarão em uma tese, que é um trabalho obrigatório para a conclusão do curso de Doutorado. Podendo também a pesquisa resultar em outras produções do pesquisador, como apresentações em congressos e artigos publicados em revistas científicas. A fim de lhe proteger, fica garantido que o seu nome não aparecerá na tese e nos trabalhos resultantes desta pesquisa, permanecendo no anonimato. Seguem as informações gerais sobre a pesquisa:

- **Título da pesquisa:** *Onde estão os surdos na História? Cultura e história dos surdos como conteúdos curriculares*
- **Autor/pesquisador:** Paulo José Assumpção dos Santos, professor de História da rede municipal de educação de Duque de Caxias e aluno do Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- **Contato:** [pejotassumpcao@gmail.com](mailto:pejotassumpcao@gmail.com)
- **Justificativa (motivo da pesquisa):** A necessidade de reconhecer e valorizar a participação dos surdos na História; além de potencializar a inclusão escolar por meio do ensino de História em turmas comuns com alunos surdos.
- **Objetivo principal (para que serve essa pesquisa):** Introduzir elementos da história e da cultura dos surdos aos conteúdos curriculares de História em classes com alunos surdos incluídos.
- **Benefícios da pesquisa:** A pesquisa pretende contribuir para melhorar a qualidade da inclusão de alunos surdos, por meio da adição da história e da cultura dos surdos aos conteúdos da disciplina História e do desenvolvimento de práticas de ensino apropriadas

a esses estudantes. Pretende-se ainda formar cidadãos conscientes de seu passado, capazes de valorizar e respeitar as diferenças humanas no presente.

- **Riscos e cuidados:** Os riscos são mínimos. Talvez você sinta algum desconforto ou constrangimento. Caso isso ocorra, você deve me informar. Tomarei todos os cuidados para que não haja riscos, respeitando todas as regras éticas (aquilo que é correto) exigidas para a realização de pesquisas que envolvem seres humanos.
- **Metodologia (como será a participação na pesquisa):** A princípio, você responderá a um questionário sobre seus conhecimentos e opiniões a respeito da história dos surdos. Futuramente, a depender do desenvolvimento da pesquisa, você poderá ser convidado(a) a participar de aulas/atividades propostas por seu professor de História sobre a cultura e a história dos surdos e a responder a outro questionário no final da pesquisa.
- A pesquisa está submetida às normas estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde, que disponibiliza uma cartilha com informações aos participantes pelo endereço: [www.saude.gov.br/plataformabrasil](http://www.saude.gov.br/plataformabrasil)
- Caso precise de informações adicionais ou se identificar alguma violação ao presente registro, você também pode contatar o Conselho de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP-CFCH/UFRJ), órgão responsável pela avaliação dos padrões éticos dos projetos de pesquisa daquela universidade, resguardando os pesquisados de eventuais riscos. O atendimento do CEP-CFCH é realizado de segunda à sexta-feira, das 10h às 16h, na Avenida Pasteur, n.º 250, Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, sala 30, Rio de Janeiro, RJ, ou pelo telefone (21) 3938-5167 ou pelo e-mail [cep-cfch@gmail.com](mailto:cep-cfch@gmail.com).

## APÊNDICE 4

16/11/2021 11:36

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

# ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

Olá, aluno(a)! Ao longo deste ano, procuramos mostrar a presença e a participação dos surdos na história da nossa escola, do Brasil e do mundo. Para terminar nosso trabalho e pesquisa, contamos mais uma vez com você. Pedimos que responda a este último questionário. Suas respostas nos ajudarão a entender o que aprenderam e a avaliar o trabalho que juntos realizamos. Até aqui sua participação foi muito importante. Estamos bastante gratos por isso. Após responder, não esqueça de clicar no botão ENVIAR (SUBMIT) para que possamos receber as suas respostas. O preenchimento deste questionário não é obrigatório. Para respondê-lo, você e seu responsável devem ler e concordar com o Termo de Assentimento, que pode ser acessado abaixo. Desde já, muito obrigado!

Termo de Assentimento:

<https://drive.google.com/file/d/1PF83lUSjbd6XiELyUfJ6RfPmj8z6clbx/view?usp=sharing>

Termo de Assentimento em Libras: <https://youtu.be/zsUuTvHcJYo>

**\*Obrigatório**

1. Nome completo do(a) aluno(a)

\_\_\_\_\_

2. Nome completo do responsável

\_\_\_\_\_

3. \*

*Marcar apenas uma oval.*

Eu e meu responsável lemos e concordamos com o Termo de Assentimento.

QUESTIONÁRIO

16/11/2021 11:36

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

## 4. Você é surdo(a)?

*Marcar apenas uma oval.* Sim Não

## 5. Idade

*Marcar apenas uma oval.* 11 anos 12 anos 13 anos 14 anos Menos de 11 anos Mais de 14 anos

## 6. Turma

*Marcar apenas uma oval.* 601 602 701 702 801 802 901 902

16/11/2021 11:36

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

7. Em 2021, você estudou em qual modalidade?

*Marcar apenas uma oval.*

- Somente no presencial (na escola).  
 Somente no remoto (em casa).  
 Uma parte do ano no remoto e a outra no presencial.

8. De que maneira seu professor/sua professora de História lhe apresentou a história dos surdos: (Pode marcar mais de uma opção)

*Marque todas que se aplicam.*

- Por meio de textos e atividades nas apostilas.  
 Por meio de explicações e/ou atividades em sala de aula.  
 Por meio de pesquisas.  
 Meu professor/minha professora não apresentou esse tema.

Outro:  \_\_\_\_\_

9. A forma de apresentação da história dos surdos feita por seu professor possibilitou que fosse mais fácil para você aprender?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

10. Justifique a sua resposta à pergunta anterior.

---

---

---

---

---

16/11/2021 11:36

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

11. Qual foi o tema ou atividade relacionada à história dos surdos que mais lhe interessou?

---

12. Justifique a escolha feita na resposta anterior.

---

---

---

---

---

13. Complete a frase: Ser surdo é...

---

---

---

---

---

14. Cite um personagem surdo da História que lhe inspira ou que você considere importante.

---

15. Qual é a importância do personagem surdo que você citou? (Seja para a humanidade, seja para você ou ambas)

---

---

---

---

---

16/11/2021 11:36

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

16. Foi importante conhecer a história dos surdos?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

17. Justifique sua resposta à questão anterior.

---

---

---

---

---

18. Seu interesse pela matéria História mudou a partir das aulas sobre a história dos surdos?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

19. Justifique sua resposta à questão anterior.

---

---

---

---

---

16/11/2021 11:36

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

20. Participou da Semana dos Surdos (27/09-01/10/2021)?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook e participei das oficinas na escola.
- Sim, assisti a pelo menos uma live no Facebook, mas não participei das oficinas na escola.
- Sim, participei somente das oficinas na escola.
- Não participei de nenhuma atividade.

21. O que você aprendeu sobre os surdos na Semana dos Surdos?

---

---

---

---

---

22. Para terminar, o que mais gostaria de expressar sobre as aulas e atividades a respeito da história dos surdos.

---

---

---

---

---

16/11/2021 11:36

ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA?

Obrigado!



---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE 5

20/10/2022 19:21

Avaliação do Projeto "Onde Estão os Surdos na História?"

### Avaliação do Projeto "Onde Estão os Surdos na História?"

Prezadas(os), ao longo do ano de 2021, realizamos uma série de encontros e ações buscando promover o conhecimento sobre a presença dos surdos na História junto aos nossos alunos e à comunidade escolar como um todo. Chegamos ao momento de avaliarmos o que foi realizado. Para isso, apresento este instrumento de avaliação. Peço que o preencham e me enviem até o dia 31 de março de 2022. Minha gratidão pelo apoio e pela participação de vocês.

1. Nome completo

---

2. Qual foi a sua participação no projeto? Descreva como ela ocorreu.

---

---

---

---

---

3. Quais dificuldades você encontrou para participar do projeto?

---

---

---

---

---

20/10/2022 19:21

Avaliação do Projeto "Onde Estão os Surdos na História?"

4. Você abordou a história dos surdos nas apostilas ou outros materiais oferecidos aos alunos? Em caso positivo, descreva a abordagem.

---

---

---

---

---

5. Você trabalhou a história dos surdos em sala de aula? Em caso positivo, descreva detalhadamente como ocorreu esse trabalho.

---

---

---

---

---

6. Caso não tenha abordado a história dos surdos, seja nos materiais didáticos, seja durante as aulas, explique os motivos.

---

---

---

---

---

7. De que maneira os alunos surdos reagiram quando você tratou da história dos surdos? Se possível, relate episódios ocorridos em sala de aula.

---

---

---

---

---

20/10/2022 19:21

Avaliação do Projeto "Onde Estão os Surdos na História?"

8. De que maneira os alunos ouvintes reagiram quando você tratou da história dos surdos? Se possível, relate episódios ocorridos em sala de aula.

---

---

---

---

---

9. Você considera que participar do projeto foi importante para a sua formação continuada (em serviço)? Explique.

---

---

---

---

---

10. Você considera que as ações iniciadas com o projeto devem ser continuadas ou até ampliadas? Justifique.

---

---

---

---

---

11. Em caso positivo à questão anterior, de que maneira o projeto pode ser continuado? Cite ações que devem ser mantidas ou realizadas.

---

---

---

---

---

20/10/2022 19:21

Avaliação do Projeto "Onde Estão os Surdos na História?"

12. Você considera que é necessário construirmos um documento curricular específico para o ensino de História em turmas com alunos surdos? Justifique.

---

---

---

---

---

13. Em caso positivo à questão anterior, quais são os elementos que devem compor o currículo para o ensino de História para surdos, considerando a inclusão da história dos surdos?

---

---

---

---

---

14. De um modo geral, como você avalia o projeto e o seu desenvolvimento?

---

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE 6

### REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_  
(nome), \_\_\_\_\_ (nacionalidade), \_\_\_\_\_ (estado civil),  
\_\_\_\_\_ (profissão), documento de identidade n.º \_\_\_\_\_, emitido  
por \_\_\_\_\_, CPF n.º \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste registro, que  
concordo em participar da pesquisa intitulada **Onde estão os surdos na História? Cultura e  
história dos surdos como conteúdos curriculares**, desenvolvida por Paulo José Assumpção  
dos Santos, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/FE/UFRJ), sob orientação da  
professora Dra. Celeste Azulay Kelman. Entendo que poderei contatar/consultar o pesquisador  
a qualquer momento que julgar necessário, pessoalmente, no local de trabalho, a Escola  
Municipal Santa Luzia, localizada à Rua Marquês de Lafaiete, n.º 70, Parque Equitativa, Duque  
de Caxias, RJ, ou através dos telefones (21) 3258-1622 / (21) 99299-1975 ou, ainda, pelo e-  
mail pejetassumpcao@gmail.com. Fui informado(a) de que este estudo se justifica pela  
necessidade de reconhecer e valorizar o protagonismo surdo na História, além de potencializar  
a inclusão escolar por meio do ensino de História em classes regulares com alunos surdos. O  
estudo tem por objetivos: introduzir elementos da história e da cultura dos surdos aos conteúdos  
curriculares de História em classes com alunos surdos incluídos; realizar pesquisa bibliográfica  
com o intuito de identificar e revelar o protagonismo surdo na trajetória humana, contribuindo  
assim para subsidiar o trabalho dos professores de História de alunos surdos; desenvolver  
estratégias e materiais didáticos, em conjunto com professores docentes e tradutores intérpretes  
de Libras e Língua Portuguesa, a ser utilizados para o ensino da história e da cultura dos surdos  
no componente curricular História; identificar de que maneira a abordagem da história e da  
cultura dos surdos em aulas de História pode tornar essa disciplina mais significativa para  
alunos surdos e contribuir para que esses educandos se percebam como sujeitos históricos;  
analisar como a inclusão de conteúdos relacionados à história e à cultura dos surdos também  
afeta as concepções que estudantes ouvintes têm a respeito dos sujeitos surdos. Fui esclarecido  
a respeito dos possíveis benefícios e riscos (desconforto, constrangimento) desta pesquisa,  
sendo mínimas as possibilidades de ocorrência destes últimos, uma vez que serão respeitadas  
as normas éticas exigidas para a realização de pesquisas que envolvem seres humanos. Aceito  
participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer

ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima, se assim eu decidir a partir da assinatura desta autorização. Ela se dará por meio de reuniões periódicas, nas quais participarei, em conjunto com o pesquisador e com outros profissionais (professores e intérpretes de Libras), da construção e da avaliação de um currículo específico para o ensino de História em classes inclusivas com alunos surdos. Fui informado(a) de que poderei me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer sanções ou constrangimentos. Fui comunicado de que as reuniões serão registradas e as aulas/atividades que realizar acerca da temática da pesquisa serão registradas pelo pesquisador. Tais registros serão posteriormente por ele analisados, garantindo-se o sigilo dos mesmos. Terei livre e total acesso aos resultados da pesquisa, configurados na tese ou em futuras produções acadêmicas dela resultantes. Ainda fui esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde, que disponibiliza uma cartilha com informações aos participantes de pesquisa pelo endereço [www.saude.gov.br/plataformabrasil](http://www.saude.gov.br/plataformabrasil). Em caso de necessitar de informações adicionais ou se identificar alguma violação ao presente registro, também poderei contatar o Conselho de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP-CFCH/UFRJ), órgão responsável pela avaliação dos padrões éticos dos projetos de pesquisa daquela universidade, resguardando os pesquisados de eventuais riscos. O atendimento do CEP-CFCH é realizado de segunda à sexta-feira, das 10h às 16h, na Avenida Pasteur, n.º 250, Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, sala 30, Rio de Janeiro, RJ, ou pelo telefone (21) 3938-5167 ou pelo e-mail [cep-cfch@gmail.com](mailto:cep-cfch@gmail.com). Atesto recebimento de uma via assinada deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## ANEXO 1

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA? Cultura e história dos surdos como conteúdos curriculares

**Pesquisador:** PAULO JOSE ASSUMPCAO DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 42441021.2.0000.5582

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.536.058

**Apresentação do Projeto:**

A proposta insere-se na linha de pesquisa Inclusão, Ética e Interculturalidade. Seu autor busca realizar uma experiência curricular com a introdução de elementos da história e da cultura dos surdos como conteúdos da disciplina História em classes regulares inclusivas com alunos surdos.

**Objetivo da Pesquisa:**

O projeto de pesquisa tem como objetivo geral realizar uma experiência curricular com a introdução de elementos da história e da cultura dos surdos aos conteúdos curriculares da disciplina História em classes com alunos surdos incluídos, buscando construir junto aos educandos uma perspectiva que valorize os sujeitos surdos e retire-os de uma condição de invisibilidade. São objetivos específicos do projeto: a) empreender pesquisa bibliográfica com o intuito de identificar o protagonismo surdo na trajetória humana, contribuindo assim para subsidiar o trabalho dos professores de História de alunos surdos; b) desenvolver estratégias e materiais didáticos, em conjunto com professores docentes e tradutores intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, a ser utilizados para o ensino da história e da cultura dos surdos no componente curricular História; c) identificar de que maneira a abordagem da história e da cultura dos surdos em aulas de História pode tornar essa disciplina mais significativa para alunos surdos e contribuir para que esses educandos se percebam como sujeitos históricos; d) analisar como a inclusão de conteúdos relacionados à história e à cultura dos surdos também afeta as concepções

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA

**CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167

**E-mail:** cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 4.536.058

que estudantes ouvintes têm a respeito dos sujeitos surdos. Do ponto de vista teórico, a pesquisa assume perspectiva socioantropológica, pretendendo estabelecer um diálogo com o multiculturalismo e as pesquisas empreendidas no campo do ensino de História para surdos. A metodologia empregada será a pesquisa-ação, em face do entendimento de que o projeto envolverá um diálogo constante entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados – professores de História e seus alunos –, levando à construção de conteúdos, recursos e estratégias didáticas com potencial para viabilizar o ensino de cultura e história dos surdos, além de pretender despertar entre os participantes novas perspectivas a respeito dos sujeitos surdos que não aquelas relacionadas a concepções de incompletude e deficiência.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O proponente considera que a possibilidade de riscos aos participantes envolvidos na pesquisa será mínima. Eventuais sensações de desconforto ou constrangimento podem ocorrer, uma vez que que professores deverão reelaborar suas habituais estratégias e metodologias no trabalho com classes inclusivas, além de serem apresentados aos alunos temas mais sensíveis da História (sofrimento e exclusão dos surdos no passado). Com o fim de evitar riscos, o pesquisador seguirá as normas e os procedimentos éticos determinados pelas resoluções do Conselho Nacional de Saúde, tais como os devidos esclarecimentos aos entrevistados acerca da natureza da pesquisa, o respeito à confidencialidade e privacidade dos participantes da pesquisa e a assinatura do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) e do Registro de Assentimento (necessário quando entre os sujeitos da pesquisa estão menores de idade, caso da pesquisa submetida). Será respeitado ainda o direito que têm os participantes da pesquisa de se retirarem da mesma a qualquer momento, sem sofrer sanções ou constrangimentos. As etapas da pesquisa empírica considerarão ainda as recomendações das autoridades governamentais, científicas, médicas e sanitárias em relação à pandemia da COVID-19. Desta forma, ações e encontros presenciais com os participantes da pesquisa só ocorrerão após a reabertura das escolas, respeitando-se o distanciamento entre os indivíduos e o uso de máscara de proteção facial, preferencialmente após a vacinação dos membros das comunidades escolares envolvidas que estejam entre aqueles previstos para serem vacinados de acordo com o estabelecido pelo Ministério da Saúde. Quanto aos benefícios, a pesquisa proposta pretende ser um contributo para que se potencialize a inclusão de educandos surdos, por meio da inserção de sua história e cultura nos conteúdos

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA

**CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167

**E-mail:** cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.536.058

disciplinares da História e do incremento de práticas docentes apropriadas que lhes possibilitem acesso significativo a esses conteúdos. Para além de aspectos conceituais e factuais, o pesquisador pretende concorrer para a formação de cidadãos conscientes de seu passado, capazes de valorizar e respeitar as diferenças humanas no presente. O mesmo acredita no potencial da inclusão escolar enquanto embrião de uma sociedade mais inclusiva.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é meritória, possui amparo teórico e encontra-se bem justificada.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos obrigatórios estão em conformidade com a legislação, encontram-se bem elaborados e caracterizam-se por ser claros, em linguagem adequada.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto está aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1639812.pdf	25/01/2021 16:11:07		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	25/01/2021 16:09:34	PAULO JOSE ASSUMPCAO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento.pdf	25/01/2021 16:08:50	PAULO JOSE ASSUMPCAO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE.pdf	25/01/2021 16:06:10	PAULO JOSE ASSUMPCAO DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	25/01/2021	PAULO JOSE	Aceito

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA

**CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167

**E-mail:** cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 4.536.058

Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	16:02:20	ASSUMPCAO DOS SANTOS	Aceito
----------------	------------------	----------	----------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 11 de Fevereiro de 2021

---

**Assinado por:**  
**ERIMALDO MATIAS NICACIO**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA

**CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167

**E-mail:** cep.cfch@gmail.com

## ANEXO 2



ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
 PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS  
 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
 SUBSECRETARIA DE ENSINO  
 CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO CONTINUADA PAULO FREIRE

Duque de Caxias, 19 de março de 2021

**Parecer nº: 08/21 – CPFPP/SME-DC**

**Requerente:** PAULO JOSÉ DE ASSUMPTÃO DOS SANTOS

**Universidade ou agência associada:** UNIVERSIDADE DO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

**Assunto:** Autorização de pesquisa

#### DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com as atribuições deste Centro de Pesquisa, destacamos que as autorizações em nossa Rede são concedidas na condição de que sejam respeitadas as normas de decoro e de adequabilidade estabelecidas pela Unidade Escolar, assim como pelo CONEP.

#### DA ANÁLISE

Após a análise do projeto de pesquisa intitulado “ONDE ESTÃO OS SURDOS NA HISTÓRIA? Cultura e história dos surdos como conteúdos curriculares”, cujo objetivo geral é “**Realizar uma experiência curricular com a introdução de elementos da história e da cultura dos surdos aos conteúdos curriculares da disciplina História em classes com alunos surdos incluídos, buscando construir junto aos educandos uma perspectiva que valorize os sujeitos surdos e retire-os de uma condição de invisibilidade.**”, constatou-se a necessidade da pesquisa de campo.

Ressalta-se que, para a realização de entrevistas, aplicação de questionários e/ou atividades com estudantes ou qualquer profissional da educação, uso de imagens ou quaisquer práticas outras relacionadas à pesquisa, deverão ser solicitadas autorizações de todos os envolvidos permitindo a utilização dos dados para fins acadêmicos e/ou científicos (termo de consentimento). No caso de menores, **solicita-se a inclusão de uma autorização de seu responsável.**

#### DA CONCLUSÃO

Com base na avaliação criteriosa das informações apresentadas nos documentos apresentados, **AUTORIZA-SE** a realização da pesquisa. Vale ressaltar que as informações fornecidas ao pesquisador deverão ser arquivadas pelo tempo que determina a legislação e não poderão ser utilizadas em detrimento da Unidade Escolar, Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e/ou indivíduos participantes, inclusive na forma de dano à estima, prestígio e/ou agravo econômico/financeiro. Outrossim, o anonimato de tais informações deverá ser garantido durante e após a pesquisa. Caso necessário, a qualquer momento poderemos revogar esta autorização se comprovadas atividades que causem prejuízo às instituições e/ou pessoas envolvidas.

Cordialmente,

DIRETORA DO CENTRO DE PESQUISAS E FORMAÇÃO CONTINUADA (CPFPP/SME)  
 GLACIONE RIBEIRO DA SILVA  
 MATRICULA 21134-8